VATNIK SOUP / DOSSIÊ DE MEMÓRIA HISTÓRICA / N.º 1

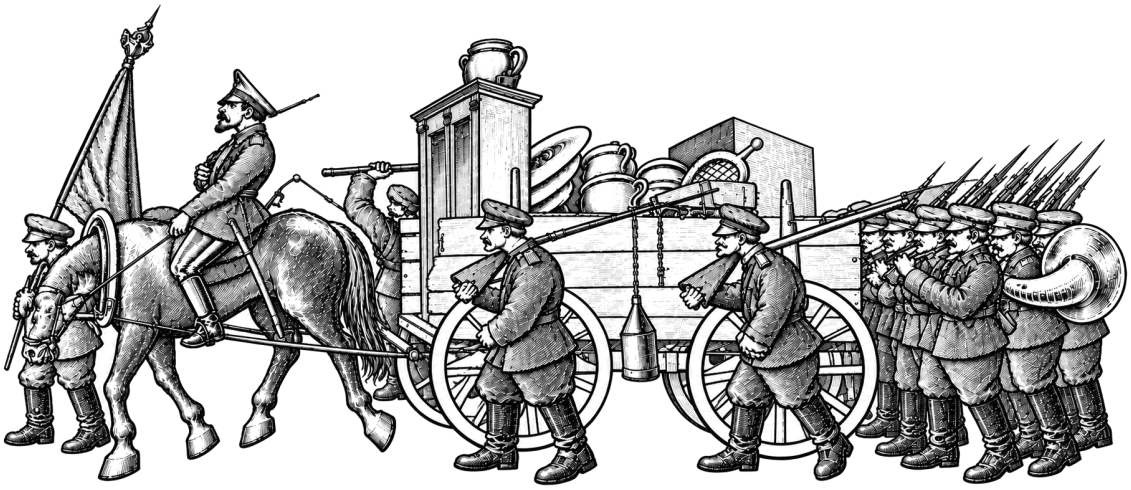
O genocídio do Holodomor

Fome e apagamento de uma nação

Dossiê de Memória Histórica da Vatnik Soup

Novembro de 2026





VATNIK SOUP

DOSSIÊ DE MEMÓRIA HISTÓRICA

N.º 1

Índice

Introdução 4

1. Os factos 6

1.1 O Holodomor no seu contexto 6

1.1.1 O Holodomor, o Asharshylyq, o Plano da Fome e o Holocausto 9

1.1.2 A fome sob Lenine, 1921–23 13

1.1.3 A fome do pós-guerra, 1946–47 15

1.2 Cronologia, mecanismos e consequências humanas 15

1.3 Exportações de cereais e prioridades do Estado 26

1.4 Conhecimento e ação internacionais 30

1.5 Duranty, um protovatnik 36

1.6 A rede de propaganda estalinista 42

2. A intenção genocida 46

2.1 Fome provocada pelo ser humano, genocídio e democídio 46

2.2 Conhecimento, ordens e escalada 48

2.3 A Ucrânia, o Kuban e a perseguição nacional 50

2.4 Objeções, avaliação e reconhecimento 52

2.5 Quem foi Estaline? Poder, ideologia e responsabilidade 54

2.5.1 Lenine e o Estado-partido 54

2.5.2 A ditadura de Estaline: terror, trabalho forçado e repressão das nacionalidades 59

2.5.3 Política externa e domínio imperial 67

2.6 A maldição da terra negra 73

2.7 Autoritarismo, socialismo e imperialismo 79

3. O padrão histórico mais amplo do apagamento da Ucrânia pela Rússia 88

3.1 Existência estatal, língua e apagamento cultural 89

3.2 O Holodomor no ataque à existência nacional ucraniana 95

3.3 De 2014 ao presente: ocupação e alegações de genocídio 100

3.4 Os cereais ucranianos na atual guerra da Rússia 102

3.5 A guerra da Rússia contra a existência nacional ucraniana hoje 105

3.6 Deportar e russificar crianças ucranianas 109

3.7 Estaline e Lenine na política de memória de Putin 111

3.8 Leis da memória, reescrita e destruição de livros 118

Conclusão 125

Referências 127

Leituras recomendadas 127

Catálogo de fontes 132

Créditos das imagens 151

Introdução

Hoje, 28 de novembro de 2026, a Ucrânia assinala o Dia da Memória do Holodomor, homenageando as vítimas da fome de 1932–33.

Na quarta-feira, 30 de novembro de 2022, quatro dias depois do Dia da Memória do Holodomor desse ano, a conta oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo divulgou declarações de Maria Zakharova segundo as quais a principal causa da fome teria sido «uma colheita extremamente má», negando que tivesse existido a intenção de suprimir a identidade nacional ucraniana. No sábado, 25 de novembro de 2023, dia da evocação desse ano,[1] a Embaixada da Rússia em Washington rejeitou como «tese falsa» a afirmação de que os dirigentes soviéticos tinham deliberadamente feito morrer de fome milhões de ucranianos. Atribuiu a catástrofe à perda das colheitas e à escassez, apresentando-a como uma tragédia soviética partilhada. A mesma declaração contestou as ligações à guerra da Rússia e rejeitou acusações relativas à agricultura ucraniana e à segurança alimentar mundial.

Mais recentemente, em 17 de março de 2026, o canal oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo divulgou uma passagem que falava de um «Holodomor fabricado». A passagem provinha de um artigo de Dmitry Medvedev de 24 de dezembro de 2025 e surgiu numa publicação que apresentava o nacionalismo ucraniano como um instrumento do Ocidente, ligando essa narrativa ao atual apoio ocidental à Ucrânia. Reconhecer a fome, negando ao mesmo tempo que tenha visado deliberadamente os ucranianos enquanto nação, é uma forma de negacionismo do Holodomor; afirmar que o próprio Holodomor foi fabricado vai mais longe.

O negacionismo assumiu também uma forma física. As autoridades de ocupação desmantelaram o memorial do Holodomor em Mariupol em 19 de outubro de 2022. Em Luhansk ocupada, destruíram os monumentos às vítimas do Holodomor e às vítimas da repressão estalinista em 17 de julho de 2024.

Porque continua o serviço diplomático russo a contestar a destruição infligida sob Estaline há mais de noventa anos? Porque não toleram os ocupantes russos memoriais às vítimas do terror estalinista, quando milhões de russos também foram suas vítimas? Estas questões dizem respeito à responsabilidade

[1] A Ucrânia assinala o Dia da Memória do Holodomor todos os anos no quarto sábado de novembro, ao abrigo do Decreto Presidencial n.º 1310/98 de 26 de novembro de 1998. Em 2022, calhou no sábado, 26 de novembro; em 2023, no sábado, 25 de novembro.

pela morte em massa, ao direito da Ucrânia a interpretar o seu próprio passado e à relação entre o controlo dos alimentos e o controlo da vida nacional.

A invasão e anexação da Crimeia pela Rússia em 2014[2], a guerra no Donbas e a invasão em grande escala de fevereiro de 2022 conferem urgência a estas questões. Os cereais passaram a fazer parte da luta: apropriação em território ocupado, ataques à produção e aos portos e restrições às rotas de exportação. Em fevereiro de 2025, o quadro de sanções da UE incluiu explicitamente navios que transportavam cereais ucranianos roubados. Os observadores da ONU continuaram a documentar ataques a infraestruturas portuárias em março de 2026.

Em 17 de junho de 2022, Margarita Simonyan, diretora de informação da RT, contou a Putin, com um largo sorriso, uma «piada muito cínica»: «Вся надежда на голод» — «Toda a nossa esperança assenta na fome». Esperava que uma nova fome pressionasse o Ocidente a levantar as sanções e a aproximar-se da Rússia.

Este dossiê estabelece os factos do Holodomor, examina as provas da intenção genocida, situa-o no quadro mais vasto do ataque à existência nacional ucraniana e regressa ao atual conflito em torno da história e dos alimentos.



«Memória amarga da infância», escultura que homenageia as crianças mortas no Holodomor, no memorial do Holodomor em Kyiv, 23 de novembro de 2019.

[2] Ver Vatnik Soup, *Crimea: A Ukrainian Destiny*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

1. Os factos

1.1 O Holodomor no seu contexto

O Holodomor devastou a Ucrânia soviética em 1932–33. Morreram milhões de pessoas, enquanto as entregas obrigatórias coercivas, a confiscação de alimentos e as restrições à fuga privavam os agregados familiares dos meios de sobrevivência. Uma reconstituição demográfica publicada em 2015 estima em 3,9 milhões as mortes em excesso na Ucrânia soviética ao longo de 1932–34, quase nove décimos das quais ocorreram em 1933. Esta contagem exclui os nascimentos perdidos e as mortes noutras repúblicas soviéticas. A destruição atingiu mais do que aqueles que morreram: as famílias perderam filhos, pais, meios de subsistência e as comunidades de que dependia a vida quotidiana. A sua dimensão coloca o Holodomor entre as maiores catástrofes do século XX, mas as políticas e as pessoas responsáveis por essa destruição exigem uma análise própria.

Datas	Acontecimento	Âmbito e população de referência	Número de mortos	Proporção da população inicial	Tipo principal
1958–62[3]	Fome do Grande Salto em Frente[4]	China (~647 milhões, 1958)	≈36 milhões	~5,6 %	Fome; política coerciva
1928–30	Fome	Cinco províncias do norte da China (~113 milhões, 1923[5])	≈10 milhões	~9 %	Fome
1933–45	Holocausto	Judeus europeus (~9,5 milhões, 1933)	≈6 milhões	~63 %	Genocídio

[3] Vinte fomes, genocídios, democídios e casos de mortalidade em massa em detenção selecionados do século XX, ordenados pela estimativa citada (ponto médio do intervalo, quando aplicável). As fontes combinam os quadros de Rummel e a compilação de fomes da World Peace Foundation com estimativas de especialistas ligadas nas linhas. Excluem-se os totais globais de vítimas de guerras e guerras civis, epidemias isoladas e catástrofes naturais; as fomes em tempo de guerra e os assassínios dirigidos continuam elegíveis. As categorias podem sobrepor-se, e a inclusão de uma fome não presume intenção. A seleção não é exaustiva. As percentagens aproximadas relacionam as mortes acumuladas com a população no início do acontecimento, usando a estimativa indicada para o ano inicial ou o valor de referência anterior ao acontecimento mais próximo e claramente datado. Não são taxas anuais de mortalidade. No caso do Gulag e dos prisioneiros de guerra soviéticos, o denominador corresponde a todos os residentes soviéticos. Os valores regionais de referência chineses são estimativas históricas provinciais; os intervalos de Sichuan e do Camboja refletem a incerteza sobre as respetivas populações. Usam-se os totais de investigação não arredondados quando disponíveis. Um número mínimo de mortos implica também uma proporção mínima. A linha do Asharshylyq apresenta tanto as perdas de cazaques étnicos em relação à população cazaque como as perdas totais em relação a todos os habitantes do Cazaquistão soviético; as mortes de cazaques estão incluídas no total geral.

[4] Para uma discussão mais desenvolvida da fome de Mao, ver Vatnik Soup, *The Great Leap Backwards: China's Maoist regime, then and now*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

[5] H. G. W. Woodhead (org.), *The China Year Book 1926–7*, p. 3.

Datas	Acontecimento	Âmbito e população de referência	Número de mortos	Proporção da população inicial	Tipo principal
1921–22	Fome	Zona de fome no sul da Rússia e na Ucrânia (~33–37 milhões, 1921)	≈5,2 milhões	~14–16 %	Fome; requisições, seca, consequências da guerra
1934–37	Fome	Sichuan, China (~50–70 milhões, c. 1934)	≈5 milhões	~7–10 %	Fome
1937–45	Fomes em tempo de guerra	Henan, Hebei e Shandong, China (~99 milhões, c. 1937)	≈5 milhões	~5 %	Fome
1949–53	Assassínios durante a reforma agrária	China (~542 milhões, 1949)	4,5 milhões[6]	~0,8 %	Democídio
1941–44	Políticas nazis de extermínio pela fome	Territórios soviéticos ocupados durante a guerra (~88 milhões, 1941)	≈4,1 milhões	~5 %	Fome / genocídio
1918–20	Fome no norte da Rússia	Território que viria a formar a URSS, todos os residentes (~142 milhões, 1917)	≈4 milhões	~3 %	Fome
1932–34	Holodomor	Ucrânia soviética (~31,4 milhões, 1932)	≈3,9 milhões[7]	~12,6 %	Fome / genocídio
1941–45	Assassínio nazi de prisioneiros de guerra soviéticos	URSS, todos os residentes (~197 milhões, 1941[8])	≈3,3 milhões	~1,7 %	Democídio; inclui morte por fome
1942–44	Fome	Bengala indivisa, Índia britânica (~60,3 milhões, 1941)	≈3 milhões	~5 %	Fome; política em tempo de guerra e acesso aos alimentos
1942–45	Fome	Java, Indonésia ocupada pelo Japão (~50,5 milhões, 1942)	≈1,8 milhões	~3,6 %	Fome
1939–45	Assassínio nazi de civis polacos não judeus	População não judia da Polónia anterior à guerra (~32 milhões, 1939)	≈1,8 milhões	~6 %	Democídio

[6] Estimativas de R. J. Rummel.

[7] A estimativa do Holodomor contabiliza as mortes em excesso na Ucrânia soviética ao longo de 1932–34, excluindo os nascimentos perdidos e outras regiões. A estimativa do Holocausto diz respeito às vítimas judaicas; as estimativas dos prisioneiros de guerra soviéticos e dos polacos não judeus dizem respeito a grupos de vítimas separados. O total do Camboja inclui mortes para além dos grupos abrangidos pelas conclusões de genocídio. Os números descrevem populações diferentes e acontecimentos sobrepostos e não podem ser somados.

[8] Ю. А. Поляков (ред.), *Население России в XX веке, том 2: 1940–1959* (2001), pp. 12–13.

Datas	Acontecimento	Âmbito e população de referência	Número de mortos	Proporção da população inicial	Tipo principal
1975–79	Regime dos Khmers Vermelhos	Camboja (~7,3–7,9 milhões, 1975)	1,5–2 milhões	~19–27 %	Democídio; inclui genocídio
1964–75	Assassínios políticos em torno da Revolução Cultural	China (~692 milhões, 1964)	1,613 milhões[9]	~0,2 %	Democídio
1930–53	Gulag: campos e colónias da era de Estaline[10]	URSS, todos os residentes (~157 milhões, 1930)	≥1,6 milhões[11]	~1 %	Mortalidade em massa em detenção
1930–33	Asharshylyq	Cazaques étnicos; todos os habitantes do Cazaquistão soviético	≈1,3 milhões de cazaques; ≈1,5 milhões no total	>⅓ dos cazaques; ~25 % de todos os habitantes	Fome; coletivização forçada; genocídio
1971	Assassínio em massa	Paquistão Oriental / Bangladeche (~72,3 milhões, 1971)	1,5 milhões[12]	~2,1 %	Genocídio / democídio
1974	Fome	Bangladeche (~76,2 milhões, 1974)	≈1,5 milhões	~2 %	Fome

[9] Estimativas de R. J. Rummel. Os seus números da Revolução Cultural abrangem 1964–75; o período convencional é 1966–76.

[10] Ver Vatnik Soup, *The Gulag: Soviet-Russian concentration camps, then and now*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar. Anne Applebaum estima que cerca de 18 milhões de cidadãos soviéticos passaram pelos campos em 1930–53 («Inside the Gulag», 15 de junho de 2000). Para dar uma ideia da escala, este número equivale a cerca de 11 % dos 157,4 milhões de habitantes da URSS no início de 1930: um total acumulado ao longo de 24 anos, e não o número de pessoas detidas num dado momento. O valor mais elevado a 1 de janeiro na série dos campos e colónias foi de 2 561 351 em 1950 (Edwin Bacon, 1992, quadro 2, p. 1071), cerca de 1,4 % dos 178,5 milhões de habitantes soviéticos desse ano (estatísticas demográficas soviéticas oficiais, 1967, p. 15). Estes números de reclusão excluem os povoamentos especiais registados separadamente e outras formas de trabalho forçado. O número de mortos da tabela principal é uma medida distinta.

[11] Estimativa mínima de mortalidade no Gulag apresentada por Steven Barnes, citada na recensão de Erik van Ree de 2012.

[12] Estimativas de R. J. Rummel.

1.1.1 O Holodomor, o Asharshylyq, o Plano da Fome e o Holocausto

Holodomor (em ucraniano, **Голодомор**) combina *голод* (*holod*, fome) e *морити* (*moryty*, causar sofrimento ou morte). A expressão relacionada *морити голодом* (*moryty holodom*) significa causar sofrimento e morte pela fome. O nome transmite, assim, a ideia de matar pela fome. Como designação histórica estabelecida, Holodomor refere-se à fome genocida na Ucrânia soviética em 1932–33.[13]

A Ucrânia sofreu três grandes fomes sob o domínio soviético: em 1921–23, sob Lenine, em 1932–33, sob Estaline, e novamente em 1946–47. A sua recorrência suscita questões sobre a extração de recursos, as prioridades políticas e as vidas que as autoridades estavam dispostas a sacrificar. Mas as circunstâncias e as provas de intenção diferem. O Museu do Holodomor distingue o genocídio de 1932–33 das outras fomes artificiais em massa soviéticas.

O plural **голодомори** (*holodomory*, «Holodomores») também surge no uso histórico ucraniano para designar as três fomes. A bibliografia do Instituto Ucraniano da Memória Nacional inclui obras que empregam o termo neste sentido mais amplo. Aqui, **o Holodomor** refere-se especificamente a 1932–33; a fome anterior e a do pós-guerra são identificadas pelas respetivas datas.

[13] Algumas fontes propõem uma origem checa para *Holodomor* como decalque: uma palavra formada a partir de elementos ucranianos, mas seguindo um modelo checo para o seu significado. O checo *hladomor* designa fome e tem também um sentido registado equivalente a *hladomorna*, uma prisão onde os cativos eram deliberadamente mortos pela fome. Na entrada *hladomorna*, o *Ottův slovník naučný*, vol. 11 (1897), p. 330, descreve presos condenados à morte pela fome. Este sentido oferece um possível modelo para o significado de privação deliberada de alimentos do termo ucraniano, embora a transmissão direta deste sentido específico não tenha sido estabelecida. O *Знадібки до словника чужослів* (Toronto, 1967), p. 26, de Shtepa, apresenta explicitamente *holodomor* para *holod navmysnyi* («fome deliberadamente provocada»).

Asharshylyq: a fome cazaque, 1930–33

A comparação soviética mais próxima é o Asharshylyq (Ашаршылық), a fome cazaque de 1930–33. A coletivização forçada, a extração de gado e a sedentarização destruíram os meios de subsistência pastoris. Os animais forneciam alimentos, transporte e os meios de reprodução de uma economia; a sua destruição expunha as pessoas a mais do que uma escassez temporária de carne. O Cazaquistão perdeu cerca de nove décimos do seu gado; morreu mais de um terço dos cazaques étnicos.[14]



Regresso à região de Pavlodar, 1932.

O mecanismo comum é direto: retiram-se os recursos alimentares de que depende uma população e as pessoas morrem de fome.

População e principal base alimentar	O que a política soviética retirou ou destruiu	Consequência para a sobrevivência
Agregados familiares rurais ucranianos: cereais e pão, a par de outros alimentos	Reservas de cereais e de alimentos das famílias; acesso a alimentos de substituição e a rotas de fuga	As pessoas perderam os alimentos de que dependiam e podiam ser impedidas de os obter noutros locais.
Agregados familiares pastoris cazaques: gado que fornecia carne, leite e bens para trocar por cereais	Rebanhos e manadas, através das requisições e da transformação destrutiva da vida pastoril sob a coletivização e a sedentarização forçadas	As pessoas perderam alimentos, poder de compra, transporte e os animais necessários para assegurar a estação seguinte.

Os cereais e o gado eram os meios de que as pessoas dispunham para se manterem vivas. As autoridades não precisavam de um modelo económico sofisticado para saber que privá-las desses meios podia matá-las. Eram sistemas alimentares diferentes, e não dietas exclusivas; em ambos os casos, a coerção do Estado retirou a base da subsistência.[15]

[14] Sarah Cameron, «The Kazakh Famine of the 1930s», entrevista da Biblioteca do Congresso, 24 de agosto de 2016; conferência de 26 de março de 2012, relatada por Elena Volkava, Wilson Center, 2 de maio de 2012; entrevista com Iaroslav Kovalchuk, *Commons*, 22 de novembro de 2024. Cameron distingue aproximadamente 1,5 milhões de mortes entre a população do Cazaquistão de cerca de 1,3 milhões de mortes de cazaques étnicos e salienta a incerteza demográfica. Morreu mais de um terço dos cazaques étnicos, em comparação com aproximadamente um quarto de todos os habitantes. As mortes de cazaques étnicos fazem parte do total geral. As mortes durante a fuga significam que os refugiados e os mortos não podem ser contados como grupos mutuamente exclusivos.

[15] Sobre a alimentação cazaque, a dependência sazonal da carne e do leite e o papel crescente dos cereais adquiridos através do comércio, ver Sarah Cameron, *The Hungry Steppe: Famine, Violence, and the Making of Soviet Kazakhstan* (Cornell University Press, 2018), capítulo 1, pp. 39–40. Sobre as requisições e a destruição mais ampla dos meios de subsistência pastoris, ver as fontes na discussão do Asharshylyq em torno desta passagem. A comparação descreve as principais fontes de subsistência, e não dietas exclusivas ou políticas idênticas.

Asharshylyq: a fome cazaque, 1930–33 (continuação)

Os pastores também dependiam do comércio para obter cereais. As quotas de cereais obrigaram alguns a vender gado para comprar cereais destinados ao Estado. Os animais requisitados alimentavam sobretudo Moscovo e Leninegrado, enquanto os relatos de fome chegavam à direção. O abate, as doenças e a insuficiência de forragens agravaram as perdas; sem rebanhos e manadas, muitos sobreviventes deixaram de poder manter a vida itinerante.[16]

A fuga tornou-se um meio de sobrevivência, enquanto a transformação violenta da sociedade cazaque alterava também as condições em que a vida nacional podia continuar. *The Hungry Steppe*, de Sarah Cameron,[17] situa a fome, a violência e a formação do Cazaquistão soviético numa mesma história. Especialistas em agricultura tinham advertido que a sedentarização forçada podia destruir a economia pastoril; aqueles que defenderam o nomadismo foram posteriormente denunciados. O perigo tinha sido reconhecido antes da catástrofe.

A fuga e o tratamento dos refugiados fazem também parte dos argumentos para reconhecer o Asharshylyq como genocídio. Um relatório judicial de 27 de junho de 1932, reproduzido num relato sobre os refugiados cazaques na Sibéria ocidental, registava condições de alojamento e de abastecimento alimentar piores para os mineiros cazaques do que para os russos. O mesmo relato regista violência, tentativas de reenviar os refugiados para os seus locais de origem e esforços de alguns funcionários e vizinhos para os ajudar.



Marco memorial, Almaty, 2009.

A catástrofe cazaque tem a sua própria história de meios de subsistência destruídos, transformação nacional e sobrevivência. Por toda a URSS, o poder do Estado sobre os alimentos e a circulação expôs várias comunidades nacionais a políticas letais. A comparação alarga a história da responsabilidade, mantendo presente a experiência de cada população.

O programa genocida da Alemanha nazi também se estendeu para além de um único grupo de vítimas. No Holocausto, a Alemanha e os seus aliados e colaboradores assassinaram aproximadamente seis milhões de judeus, cerca de dois terços dos judeus da Europa. A Europa tinha aproximadamente 9,5 milhões de judeus em 1933; a população judaica mundial era de cerca de 16,6 milhões em 1939. O regime nazi procurou destruir o povo judeu no genocídio

[16] Cameron, «Mounting Socialism on Camel's Back», 22 de novembro de 2024, sobre quotas de cereais, perdas de gado e relatos a Moscovo; Isabelle Ohayon, «La famine kazakhe : à l'origine de la sédentarisation», «Le contexte» e «Les victimes»; Niccolò Pianciola, «Sacrificing the Qazaqs», *Journal of Central Asian History* 1(2) (2022), pp. 225–272, resumo. Pianciola identifica requisições insustentáveis que abasteciam as capitais; as perdas de animais incluíam também abates, doenças, cuidados deficientes e rebanhos e manadas levados através das fronteiras.

[17] Sarah Cameron, *The Hungry Steppe: Famine, Violence, and the Making of Soviet Kazakhstan* (Cornell University Press, 2018).

hoje conhecido como Holocausto ou Shoah.[18] As suas outras campanhas visaram os roma, pessoas com deficiência física ou intelectual, doentes psiquiátricos[19] e populações destinadas à espoliação, à escravização ou à destruição.

O Plano da Fome (*Hungerplan*) de 1941 ligava a conquista do território soviético à alimentação da Alemanha e das suas forças armadas. Os alimentos seriam desviados da população conquistada, aceitando-se a morte em massa pela fome como consequência. A dimensão projetada era de cerca de trinta milhões de mortos por fome. Os recursos agrícolas da Ucrânia eram centrais para o projeto, mas a sua geografia estendia-se à Rússia e à Bielorrússia. A política de ocupação nazi fez deliberadamente morrer de fome civis e prisioneiros de guerra soviéticos.

Os ocupantes também planeavam assumir o controlo das explorações agrícolas coletivas e estatais soviéticas. Manter estas unidades oferecia uma forma de requisitar as colheitas, mas não entregava à Alemanha todo o aparelho local do sistema soviético. Hans-Joachim Riecke, alto funcionário agrícola da administração de ocupação, descreveu mais tarde a necessidade de substituir o pessoal evacuado e a impossibilidade de restabelecer os mecanismos de supervisão soviéticos.

Os projetos associados ao *Generalplan Ost* previam a colonização alemã através da remoção e da subordinação das populações existentes. O comentário de Erhard Wetzel, de 27 de abril de 1942, sobre um plano dos serviços de segurança das SS regista as seguintes propostas de expulsão:

População especificada no plano	Proporção proposta para expulsão
Polacos	80–85 %

[18] *Holocaust* deriva de um termo grego para uma oferta sacrificial inteiramente consumida pelo fogo. Os autores usaram a palavra para descrever os crimes nazis contra os judeus durante a guerra; depois, estabeleceu-se como a designação inglesa habitual. *Shoah* (em hebraico, שׁוֹאָה, «catástrofe»; השואה, *HaShoah*, «a catástrofe») também tem uso durante a guerra. Estes nomes descrevem a perseguição e a destruição sofridas pelas vítimas. Os funcionários nazis usavam o eufemismo «Solução Final da Questão Judaica» (*Endlösung der Judenfrage*) para o assassínio sistemático dos judeus da Europa, executado a partir de 1941. Este programa de assassínio foi o culminar da perseguição mais ampla abrangida pelo termo Holocausto. Ver as orientações terminológicas e a análise da «Solução Final» do Museu Memorial do Holocausto dos EUA; Dan Michman, «Why Is the Shoah Called 'the Shoah' or 'the Holocaust'?», *The Journal of Holocaust Research* 35(4) (2021), pp. 233–256.

[19] O programa nazi de assassínio eufemisticamente chamado «eutanásia» visava doentes institucionalizados, incluindo pessoas diagnosticadas com esquizofrenia e outras doenças psiquiátricas ou neurológicas. No programa central Aktion T4, médicos avaliadores selecionavam as vítimas a partir de formulários de registo; um sinal de mais vermelho registava uma decisão de morte. Os doentes eram transferidos das suas instituições para centros de extermínio e mortos em câmaras de gás. A seleção médica podia, assim, equivaler a uma sentença de morte. Numa declaração juramentada apresentada no Julgamento dos Médicos, o organizador do T4 Viktor Brack reconheceu: «A decisão ficava inteiramente ao critério dos médicos.» Os assassínios por pessoal médico, incluindo através de sobredosagens de medicamentos e da fome, continuaram depois de o programa central T4 ter sido suspenso em agosto de 1941. O pessoal e os métodos de assassínio do programa T4 foram posteriormente usados no assassínio em massa dos judeus da Europa, incluindo nos centros de extermínio da Operação Reinhard. Ver a análise do processo de seleção pelo memorial T4, a declaração juramentada de Brack, parágrafo 11, e a história do programa pelo USHMM.

População especificada no plano	Proporção proposta para expulsão
«Ucranianos ocidentais»	65 %
Bielorrussos	75 %

Os planos combinavam expulsão, trabalho forçado, seleção racial e destruição; o Museu Histórico Alemão descreve a sua finalidade colonial. A dimensão integral projetada não se concretizou, embora a ocupação tenha trazido assassínios em massa e deslocações populacionais.

A ligação ucraniana é concreta: tanto os projetos estalinistas como os nazis trataram o controlo dos alimentos, dos produtores e do território como instrumentos de poder. As suas decisões tornaram as populações descartáveis na prossecução desses objetivos.

O socorro revela outras diferenças nas escolhas das autoridades. A American Relief Administration (ARA) acabou por atuar na Ucrânia em 1921–23, depois de uma obstrução soviética inicial; as ofertas de ajuda internacional foram rejeitadas durante o Holodomor. Contudo, as remessas privadas, as missões de beneficência, as compras de sementes financiadas pelos soviéticos e os fornecimentos da UNRRA no pós-guerra constituíram canais diferentes. Admitir ajuda, restringir os seus destinatários e ocultar a sua origem estrangeira eram, por si só, formas de exercer poder político. Os registos de divulgação pública da ARA mostram que a luta pelo significado da ajuda acompanhou a luta para a fazer chegar aos seus destinatários.

1.1.2 A fome sob Lenine, 1921–23

A Ucrânia já tinha vivido a morte em massa pela fome sob o domínio bolchevique uma década antes do Holodomor. Em 1921–23, a seca e a destruição deixada pela guerra atingiram uma economia agrícola submetida a requisições e coerção. Mas as dificuldades ambientais não explicam por que motivo os cereais continuaram a sair da Ucrânia nem por que motivo o socorro foi adiado. A Encyclopedia of Ukraine descreve a combinação de perda das colheitas, extração pesada e transferência de alimentos ucranianos para a Rússia. A questão era também quem podia reivindicar os alimentos e a sobrevivência de quem tinha prioridade.

A ajuda estrangeira revelou essa hierarquia. As operações da ARA na Ucrânia depararam-se inicialmente com a obstrução soviética, enquanto o socorro era dirigido para a região russa do Volga. Um acordo separado para a Ucrânia entrou em vigor em 10 de janeiro de 1922. A American Relief Administration e o American Jewish Joint Distribution Committee ajudaram posteriormente pessoas de várias comunidades religiosas. A ajuda acabou por ser admitida, mas o atraso teve consequências: a disposição para permitir o socorro era, por si só, uma escolha política.

O problema das exportações de cereais também precedeu a coletivização de Estaline. A decisão soviética de retomar as exportações, enquanto a fome persistia e as organizações de socorro protestavam, ligou a procura de capital estrangeiro à retirada de alimentos a pessoas que deles precisavam. Foi uma manifestação anterior do conflito entre os objetivos económicos do Estado e a sobrevivência da população da Ucrânia.

As instruções de Lenine, 1921–22

Em 18 de maio de 1921, a Mikhail Frunze, com cópias para Petrovsky, Rakovsky e a direção do partido ucraniano: «A questão principal para todo o poder soviético, uma questão de vida ou de morte para nós, é recolher 200–300 milhões de puds na Ucrânia.» A sua nota partia do relato de Bukharin sobre uma excelente colheita no sul e instruía Frunze a colocar os fornecimentos de sal sob controlo militar para apoiar a recolha.



Lenine discursa perante tropas na Praça Sverdlov, Moscovo, 5 de maio de 1920. Leon Trotsky e Lev Kamenev encontram-se à direita.

Em 26 de agosto de 1921, apelou à dissolução do comité público de socorro à fome e à prisão ou ao exílio dos seus organizadores não bolcheviques.[20]

Em 9 de novembro de 1921, num projeto de resolução do Politburo enviado a V. M. Mikhailov, Lenine voltou a insistir na recolha de alimentos na Ucrânia e na «entrega a nós de 57 milhões de puds». Exigia medidas enérgicas e relatórios duas vezes por mês sobre a recolha e a expedição para a RSFSR. Tratava-se de uma exigência de entrega, e não de um registo da quantidade efetivamente expedida.

Numa carta secreta de 19 de março de 1922 a Molotov, destinada ao Politburo, Lenine procurava explorar a fome e o enfraquecimento da resistência para apreender os bens valiosos da Igreja na Rússia: «Agora, e só agora, quando se comem pessoas nas zonas atingidas pela fome e centenas, se não milhares, de cadáveres jazem nas estradas, podemos (e, por isso, devemos) proceder à remoção dos bens da Igreja com a mais frenética e implacável energia, sem hesitar em esmagar a mínima oposição.» Procurava também fundos para as operações governamentais, a reconstrução económica e a diplomacia soviética em Génova.

Na mesma carta, exigia que a resistência fosse esmagada através de execuções: «Quanto maior for o número de representantes do clero reacionário e da burguesia reacionária que conseguirmos fuzilar nesta ocasião, melhor».

As continuidades são concretas: extração coerciva, prioridades desiguais, obstrução do socorro e utilização política da fome.

[20] Lenine, a Estaline e ao Politburo, 26 de agosto de 1921, *Collected Works*, vol. 45 (Progress Publishers, 1976), pp. 268–270. Propôs a prisão de Prokopovich, a dispersão dos outros membros não bolcheviques sob vigilância e uma campanha de dois meses de ridicularização e perseguição na imprensa. O Comité Público de Socorro à Fome de Toda a Rússia incluía funcionários bolcheviques e uma maioria sem filiação partidária; era distinto da ARA. Ver também o relato contemporâneo de Lord Emmott, de 11 de agosto de 1921, *HL Deb*, vol. 43, cols. 508–509.

1.1.3 A fome do pós-guerra, 1946–47

Outra fome atingiu a Ucrânia em 1946–47, sob Estaline, depois da devastação da Segunda Guerra Mundial. Uma seca severa agravou o colapso da agricultura. Mas as autoridades soviéticas continuaram a impor quotas de entrega onerosas e ameaçaram os funcionários que não conseguiam obter os alimentos exigidos. A Encyclopedia of Ukraine regista a exportação de provisões requisitadas para países da Europa de Leste sob controlo soviético enquanto os ucranianos passavam fome. Os danos da guerra e as condições das colheitas eram reais; as decisões sobre as entregas obrigatórias, a distribuição e as exportações determinaram de que forma essas pressões recaíram sobre a população.

As pessoas deslocavam-se para oeste à procura de alimentos, rumo a zonas onde a coletivização estava menos avançada. As autoridades tentaram obstruir essa circulação e a venda de alimentos aos recém-chegados. O desmentido público soviético voltou a ocultar uma catástrofe pela qual a política do Estado era responsável.

Um memorando diplomático norte-americano de 27 de maio de 1948 regista os fornecimentos da UNRRA enviados à Ucrânia e à Bielorrússia através de um programa financiado, em grande parte, pelos Estados Unidos. A ajuda internacional do pós-guerra acompanhou, assim, a fome, através de um programa diferente da missão da ARA de 1921–23.

1.2 Cronologia, mecanismos e consequências humanas

O Holodomor nasceu da transformação forçada da vida rural. O Primeiro Plano Quinquenal, introduzido em 1928, concentrou o investimento na indústria pesada. Os cereais destinavam-se a alimentar a crescente mão de obra urbana, enquanto as exportações ajudavam a pagar a maquinaria importada. A produção agrícola ficou subordinada às prioridades industriais definidas pelo Estado, esperando-se que os agregados familiares camponeses entregassem os recursos necessários para as satisfazer.

A NEP e os planos quinquenais

Lenine introduziu a Nova Política Económica (NEP; em russo: *новая экономическая политика*, НЭП) em março de 1921, num contexto de colapso económico, resistência camponesa e exaustão causada pela Guerra Civil. Em *The Tax in Kind* (abril de 1921), apelava ao restabelecimento da produção camponesa: um imposto substituiria as requisições obrigatórias, e os camponeses poderiam comercializar o excedente restante depois de o pagarem. A produção e a troca privadas em pequena escala reanimaram, enquanto o partido conservava o poder político e o Estado controlava as principais indústrias. O recuo reconhecia que a extração coerciva tinha minado a capacidade de produzir.

A NEP e os planos quinquenais (continuação)

O Primeiro Plano Quinquenal de Estaline, que abrangia 1928–32, orientou o investimento para uma industrialização rápida e substituiu o modelo da NEP pela coletivização forçada. No seu relatório de 7 de janeiro de 1933, Estaline apresentou a indústria pesada e a transformação da agricultura como conquistas centrais. Os planos deviam coordenar os recursos e construir a capacidade produtiva futura. A pressão para cumprir as suas metas podia, pelo contrário, consumir essa capacidade, suprimir informações incómodas e recompensar um êxito declarado em detrimento de um êxito sustentável.



Yakov Guminer, 1931. «A aritmética de um contraplano industrial e financeiro: 2 + 2 mais o entusiasmo dos trabalhadores = 5.» As setas dizem «1929, 1930» e «1931, 1932» (tradução do russo).[21]

A história industrial da Ucrânia não começou com Estaline. No século XIX, o capital e os conhecimentos técnicos britânicos, franceses e belgas contribuíram para o desenvolvimento do Donbass e do sul da Ucrânia; a siderurgia do empresário galês John Hughes em Yuzivka, mais tarde Donetsk, produzia ferro-gusa em 1872. A expansão industrial de Estaline assentou, portanto, numa base industrial já existente, embora a sua escala e organização tenham mudado profundamente.[22]

O crescimento industrial e a necessidade da coletivização são questões diferentes. *Farm to Factory* (2003), de Robert C. Allen,[23] atribui ao investimento industrial soviético um crescimento substancial. O seu modelo compara a coletivização com a continuação da

[21] O cartaz de Guminer de 1931 surgiu dezoito anos antes de *Nineteen Eighty-Four* (1949), de George Orwell. Anuncia a produção de cinco anos em quatro. *Assignment in Utopia* (1937), de Eugene Lyons, memórias do seu trabalho como correspondente da United Press na União Soviética e da sua crescente desilusão com o estalinismo, descreve a mesma campanha (parte II, capítulo XV, p. 240). Orwell escreveu uma recensão do livro em 9 de junho de 1938. Em janeiro de 1939, escreveu que «dois e dois serão cinco quando o Líder assim o disser». Em *Nineteen Eighty-Four*, a equação torna-se uma exigência de submissão à autoridade do Partido (parte III, capítulos II e IV). A censura soviética manteve *Nineteen Eighty-Four* fora da circulação geral, embora uma tradução oficial restrita aos altos funcionários do Partido tenha surgido em 1959. Excertos autorizados do romance foram publicados em 1988; uma edição soviética integral seguiu-se em 1989.

[22] Serhii Plokhy, *The Gates of Europe: A History of Ukraine* (New York: Basic Books, 2015), capítulo 16, "On the Move". Ver também Glamorgan Archives, "Founding the New Russia Company (1868–1871)".

[23] Robert C. Allen, *Farm to Factory: A Reinterpretation of the Soviet Industrial Revolution* (Princeton University Press, 2003), capítulo 8, pp. 153–171.

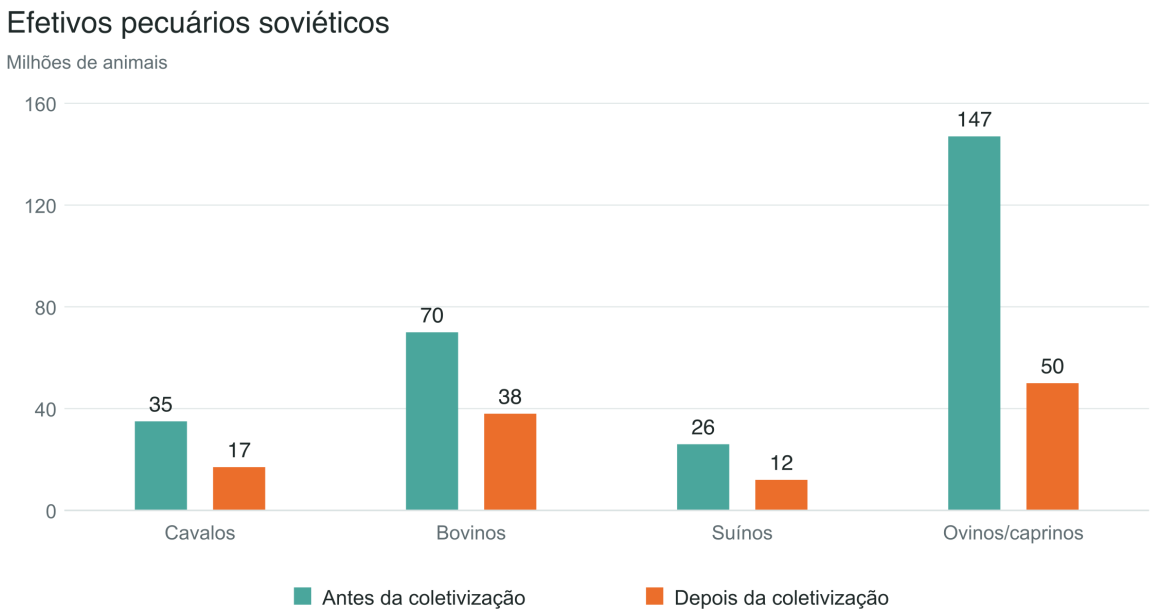
agricultura individual e das vendas no mercado ao abrigo da Nova Política Económica (NEP), encontrando um pequeno aumento do PIB total calculado pelo modelo e um aumento maior da produção não agrícola. Esta comparação mede a produção; uma avaliação do bem-estar tem também de considerar as vidas perdidas e as comunidades destruídas. Por isso, as realizações industriais não podem, por si só, demonstrar que a destruição da agricultura independente era indispensável.

A partir de 1929, a coletivização em massa pressionou os agregados familiares a entregar às explorações coletivas o controlo da terra, dos equipamentos e do gado. A campanha contra os chamados kulaks visava os agricultores mais prósperos, mas o rótulo também servia para punir a resistência. A confiscação, a prisão e a deportação desagregaram famílias e afastaram os cultivadores das suas comunidades. A adesão a uma exploração coletiva não garantia alimentos: as entregas ao Estado tinham precedência sobre aquilo que os membros podiam guardar para si.



Uma carroça de cereais sob a faixa ucraniana «ПЕРШИЙ ХЛІБ ДЕРЖАВІ» — «O primeiro pão para o Estado». «Pão» refere-se aqui ao grão da colheita. A resolução de 18 de novembro de 1932 subordinava expressamente as reservas de sementes, forragens e alimentos dos kolkhozes ao cumprimento das quotas de entrega de cereais.

A coletivização também enfraqueceu a capacidade do campo para enfrentar uma crise alimentar ao destruir o gado. Os animais eram capital produtivo e reservas familiares: os cavalos forneciam força de tração, as vacas forneciam leite e os animais podiam ser vendidos ou consumidos quando faltavam outros alimentos. O colapso dos efetivos pecuários soviéticos prejudicou, por isso, tanto a produção agrícola como os meios de sobrevivência das famílias. Alguns camponeses abateram animais em vez de os entregar, mas essas escolhas foram feitas sob ameaça de expropriação.



Totais arredondados da União Soviética citados por Stephen Kotkin para a transformação de 1928–33; não são valores apenas para a Ucrânia. As datas das séries relativas a cada espécie podem variar.

Um relatório a Sergo Ordzhonikidze de 9 de abril de 1932 descrevia fome, escassez de sementes e gado emaciado na Sibéria ocidental. O seu autor, Feigin, atribuía o mau estado dos animais sobretudo à insuficiência de forragens e advertia que as estatísticas oficiais apresentavam uma situação melhor do que a real. Descrevia também planos de sementeira que ignoravam as diferenças entre os campos, embora os funcionários compreendessem que era necessário revê-los. As advertências sobre a capacidade produtiva danificada e a planificação deficiente circulavam antes do auge da fome.

Desarmar o campo



«Camponês! Entrega as tuas armas ao soldado do Exército Vermelho. Ele protegerá melhor a tua pessoa, os teus bens e a tua terra.» Cartaz, 1919.

Os bolcheviques reivindicavam o monopólio da força armada, prometendo ao mesmo tempo defender as pessoas que desarmavam. O decreto de Lenine de 10 de dezembro de 1918 exigia que os civis e as instituições civis da Rússia soviética entregassem espingardas, metralhadoras, revólveres, munições e sabres. A ocultação ou a resistência podiam valer entre um e dez anos de prisão. A instrução que o acompanhava permitia que os membros aprovados do Partido Comunista conservassem uma espingarda e um revólver cada um: a confiança política determinava quem podia continuar armado.

Na Ucrânia, a secção 4 da declaração de 22 de janeiro de 1920 do Comité Revolucionário de Toda a Ucrânia fazia do desarmamento dos elementos que designava como «kulaks» e «bandidos» a sua primeira tarefa militar. Denunciava especificamente a população rural ucraniana armada associada a Petliura, Makhno ou a outros movimentos. Os comissariados militares deviam conseguir o desarmamento completo através de rusgas planeadas, recompensas por informações sobre armas escondidas e punição implacável da ocultação. O resultado pretendido era a destruição da resistência armada independente no campo.

As campanhas prosseguiram ao longo da década de 1920. Durante a agitação em torno da coletivização de 1929–30, o chefe da polícia de segurança ucraniana, Vsevolod Balytsky, atribuiu às apreensões anteriores o facto de o campo ter ficado «completamente desarmado», numa avaliação reproduzida num estudo de arquivo de 2024, pp. 95–96. Tratava-se da afirmação de êxito de um funcionário; o mesmo relato regista uma aplicação desigual e armas que permaneceram escondidas. Ainda assim, o desarmamento ajudou a criar o desequilíbrio entre as brigadas armadas de requisição e os agregados familiares cujos alimentos e bens apreendiam.

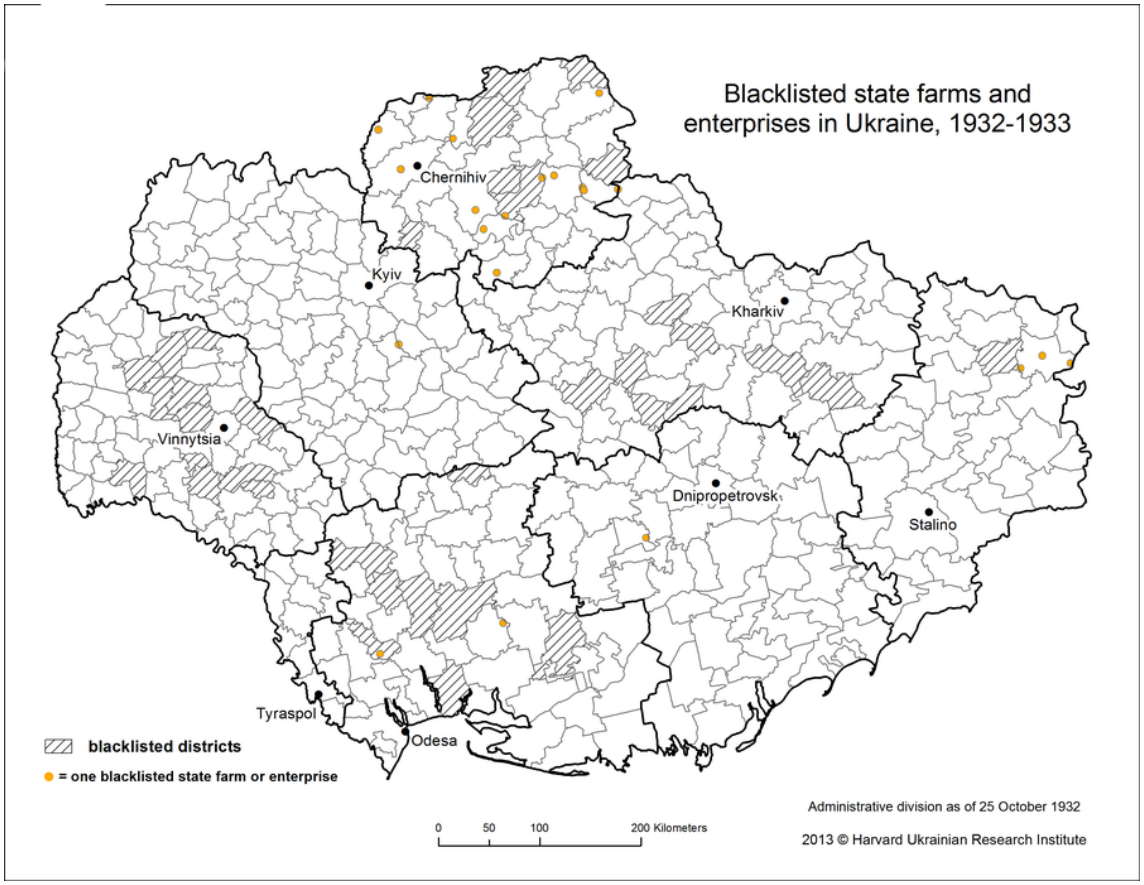
Em junho de 1932, altos funcionários da Ucrânia soviética já relatavam mortes por fome. Nas cartas de 10 de junho, Hryhorii Petrovsky e Vlas Chubar descreveram à direção de Estaline o caráter excessivo das entregas obrigatórias. A fome já era uma emergência presente, e não apenas um risco associado à colheita seguinte.

A lei de 7 de agosto de 1932 conferiu à proteção da propriedade socialista uma força punitiva extraordinária. O furto em explorações coletivas e cooperativas podia ser punido com execução e confiscação; em circunstâncias atenuantes, a pena era de pelo menos dez anos de prisão com confiscação. A lei aplicava-se em toda a URSS. Para uma família com fome, apanhar cereais num campo podia, assim, tornar-se um ato criminoso sujeito a uma pena grosseiramente desproporcionada em relação aos alimentos obtidos.

As advertências também não se limitavam aos funcionários. Em setembro de 1932, o agricultor de uma exploração coletiva Yurko Shvets protestou que a entrega exigida à sua

cooperativa não deixaria nada para comer. Relatou que a direção da aldeia ameaçava com a polícia e o serviço de segurança GPU quem levantasse objeções. Os membros podiam trabalhar os campos e ver-lhes negados tanto os seus produtos como uma forma segura de contestar a sua retirada.

A resolução do partido ucraniano de 18 de novembro de 1932 subordinou as reservas das explorações coletivas às entregas obrigatórias, suspendeu os adiantamentos de cereais nas explorações que não tinham cumprido as metas de entrega e autorizou multas pagas em carne. A inclusão em listas negras suspendia o comércio e a entrega de mercadorias às explorações e aldeias designadas. Estas medidas restringiam o acesso aos alimentos ao mesmo tempo que puniam a incapacidade de os fornecer.



Explorações estatais e empresas incluídas em listas negras na Ucrânia, 1932–1933. As áreas tracejadas assinalam distritos com explorações estatais incluídas em listas negras; os pontos laranja identificam empresas. O mapa utiliza as fronteiras administrativas de 1932. Harvard Ukrainian Research Institute, MAPA Digital Atlas of Ukraine.

As brigadas de requisição revistavam as casas à procura de cereais e de outros géneros alimentícios. Os funcionários do partido, a polícia política e os ativistas locais levaram a campanha às cozinhas, às despensas e às reservas das famílias. Estas tentavam esconder alimentos, resistir às apreensões ou procurar ajuda noutros locais, mas a descoberta podia expô-las a novas punições. A perda de legumes, carne ou batatas importava mesmo quando uma família já não tinha cereais para entregar: o que se retirava eram também os seus últimos meios de sobreviver ao inverno.

Um decreto de 19 de janeiro de 1933, aplicável em toda a União, substituiu a aquisição contratual de cereais por entregas obrigatórias fixas, com as obrigações das explorações coletivas calculadas por hectare. Proibia aumentos locais não autorizados e prometia aos produtores o controlo dos cereais restantes depois de cumpridas as suas obrigações. Contudo, as entregas ao Estado continuavam a ter prioridade, e a comercialização de cereais pelas explorações coletivas dependia do cumprimento dos planos regionais de entrega e da constituição das reservas de sementes. As novas regras diziam respeito à colheita de 1933; as famílias que já passavam fome ainda tinham de sobreviver aos meses que faltavam.

Em 22 de janeiro de 1933, Estaline e Molotov ordenaram que se impedisse a fuga dos camponeses da Ucrânia e do Cáucaso do Norte. A polícia das regiões de acolhimento recebeu instruções para prender os que chegavam e devolvê-los após triagem. A medida fechava uma via de acesso aos alimentos depois de as reservas familiares terem sido esgotadas. Tanto ficar em casa como tentar partir podiam expor uma família à morte.



«A fome leva os agricultores a migrar.» Alexander Wienerberger, 1933; reproduzida como estampa 10 em Muss Russland hungern?, de Ewald Ammende (1935).

Ainda assim, a distribuição de alimentos continuou, incluindo empréstimos soviéticos de alimentos e sementes à Ucrânia. Um memorando de 15 de março de 1933 discutia nova ajuda relacionada com a sementeira da primavera. Uma instrução de 31 de março de 1933 dirigida aos hospitais da região de Kyiv[24] apelava a que se desse mais comida aos doentes em recuperação da inanição, para poderem regressar rapidamente ao trabalho. As distribuições abrangiam também crianças e, na Crimeia, alguns idosos inválidos. Essa ajuda podia salvar determinados destinatários, deixando outros sem acesso. As exportações também prosseguiram, embora fortemente reduzidas em relação a 1931. A distribuição de alimentos

[24] R. W. Davies, Stephen G. Wheatcroft, *The Years of Hunger: Soviet Agriculture, 1931–1933* (Palgrave Macmillan, 2009), edição revista, pp. 220–223.

entre famílias, trabalhadores, reservas, sementes e vendas ao estrangeiro continuou, assim, a ser uma série de decisões sobre as necessidades de quem seriam satisfeitas.

O encerramento das igrejas também enfraqueceu a capacidade de organizar ajuda local. Applebaum recorda que os sacerdotes e as instituições eclesiásticas ucranianas tinham ajudado a organizar socorros durante a fome de 1921; a sua repressão eliminou centros de assistência independentes. Ainda assim, alguns professores, funcionários locais e familiares salvaram vidas em 1932–1933, por vezes através de escolas, hospitais e orfanatos.[25]

Para algumas famílias, a sobrevivência dependia de familiares no estrangeiro ou de objetos de valor que pudessem entregar. As lojas Torgsin vendiam alimentos em troca de divisas e metais preciosos; as remessas podiam ser convertidas em vales de compra. Alianças e bens de família serviam de pagamento pela farinha. Estas transações permitiam que quem possuía os bens ou contactos necessários obtivesse alimentos, transferindo ao mesmo tempo os seus recursos para o Estado. Ofereciam um meio desigual de sobrevivência, distinto de uma operação internacional de socorro e inacessível a quem nada tinha que fosse aceite em troca. Em toda a URSS, em 1933, a Torgsin recebeu cerca de 45 toneladas de ouro puro, quase tanto como o que produzia a mineração aurífera soviética. Sob pressão do governo, a Torgsin aumentou duas vezes os preços da farinha, do pão e dos cereais descascados no inverno de 1933. As famílias tinham de entregar mais riqueza pela mesma comida, ajudando o Estado a financiar a industrialização.

Em 24 de outubro de 1932, a professora Oleksandra Radchenko registou como uma pequena remessa do estrangeiro lhe permitira comprar alimentos na Torgsin. O seu diário descreve também crianças esfomeadas e corpos abandonados à beira da estrada. A carta de Adam e Rosina Ketterling, de 23 de abril de 1933, proveniente de uma comunidade alemã do sul da Ucrânia, relata a morte de um familiar e apela a ajuda do estrangeiro. Adam trabalhava nas vinhas e guardava um edifício que continha alimentos, enquanto a sua própria família tinha dificuldade em alimentar-se.

[25] Anne Applebaum, *Red Famine: Stalin's War on Ukraine* (Toronto: Signal/McClelland & Stewart, 2017; ISBN 978-0-7710-0930-3), capítulo 5, "Collectivization: Revolution in the Countryside, 1930", p. 136 e capítulo 12, "Survival: Spring and Summer, 1933", pp. 269–270.



Kharkiv, primavera–verão de 1933: um homem jaz morto enquanto outro, sentado, observa um companheiro às portas da morte. Fotografia de Alexander Wienerberger, preservada numa folha do Álbum Innitzer.

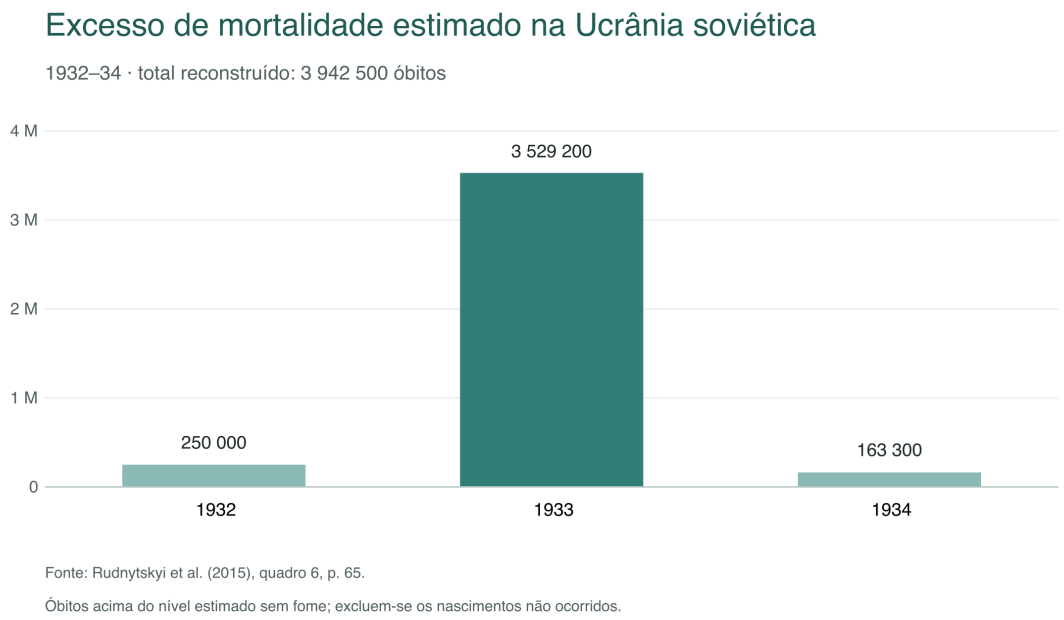


Oleksandra Radchenko, professora e diarista cujo relato preserva experiências quotidianas da fome.

O surto de mortes durante a primeira metade de 1933 seguiu-se a este agravamento da privação e das restrições à circulação. À medida que o inverno dava lugar à primavera, as pessoas que tinham esgotado as suas reservas ainda precisavam de sobreviver até à colheita seguinte. A fome enfraquecia a capacidade de trabalhar, cuidar das crianças e procurar ajuda. As mortes numa família podiam deixar os membros sobreviventes ainda menos capazes de obter alimentos.

A reconstituição de 2015, que estima em 3,9 milhões as mortes em excesso na Ucrânia soviética ao longo de 1932–34, combina recenseamentos, registos de nascimentos e óbitos e

estimativas de migração, com correções para registos incompletos ou distorcidos.[26] Estima as mortes acima das que seriam esperadas sem a crise, em vez de contar simplesmente as certidões que indicam a fome como causa. O total exclui os nascimentos perdidos e as perdas fora da república. A maioria das mortes ocorreu no campo, embora as cidades também tenham sofrido. Estas mortes em excesso equivalem a cerca de 12,6 % dos 31,4 milhões de habitantes estimados da república no início de 1932. A supressão do recenseamento de 1937 pelo Estado e a perseguição dos seus organizadores dificultaram ainda mais uma avaliação pública honesta das perdas populacionais.



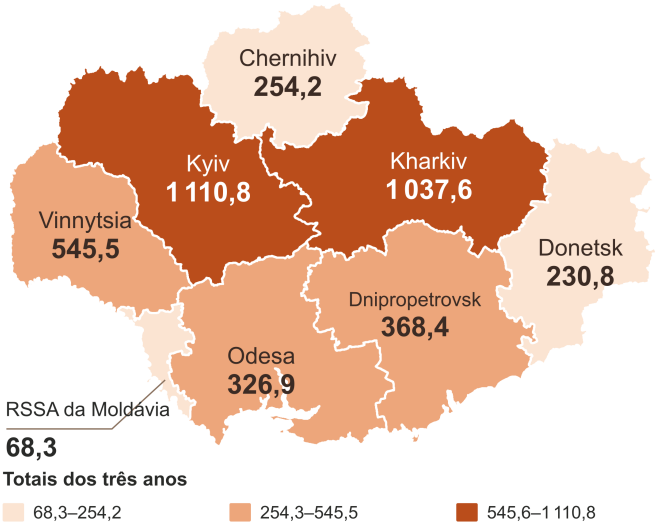
Mortes em excesso na Ucrânia soviética, 1932–34. Quase nove décimos ocorreram em 1933. Reelaborado a partir de Rudnytskyi et al. (2015), quadro 6; excluem-se os nascimentos perdidos.

[26] As estimativas publicadas variam com as correções a registos incompletos, os pressupostos de migração, as fronteiras territoriais e o tratamento dos nascimentos perdidos. A análise regional de Levchuk et al. (2020) mantém a estimativa de aproximadamente 3,9 milhões de mortes em excesso na Ucrânia soviética ao longo de 1932–34.

Perdas da fome por região

Ucrânia, 1932–1934 · Excesso de mortalidade, em milhares

Limites de 1 de abril de 1933



Fonte: MAPA · Instituto de Investigação Ucraniano, Universidade de Harvard

Mapa original © 2018 The President and Fellows of Harvard College. Redesenhado para Vatnik Soup.

Excesso de mortalidade por ano

Região	1932	1933	1934	Total
Kyiv	83,9	**991,5**	35,4	1 110,8
Kharkiv	46,9	**969,9**	20,8	1 037,6
Vinnytsia	27,0	**497,3**	21,1	545,5
Dnipropetrovsk	20,6	**331,3**	16,5	368,4
Odesa	19,6	**300,3**	7,0	326,9
Chernihiv	17,6	**205,4**	31,2	254,2
Donetsk	28,7	**175,2**	26,9	230,8
RSSA da Moldávia	5,7	**58,2**	4,4	68,3

Estimativas arredondadas, reproduzidas tal como publicadas.

Excesso de mortalidade por região na Ucrânia soviética, 1932–1934, em milhares. As tonalidades mostram os totais dos três anos e a tabela apresenta os valores anuais. Limites de 1 de abril de 1933, incluindo a RSSA da Moldávia. Redesenhado a partir dos dados do MAPA e dos limites históricos do Instituto de Investigação Ucraniano da Universidade de Harvard.



«O cemitério coletivo — um mar de dunas.» Alexander Wienerberger, 1933; reproduzida como estampa 20 em Muss Russland hungern?, de Ewald Ammende (1935).

A distribuição das mortes também exige uma explicação. Em «The Causes of Ukrainian Famine Mortality, 1932–33», Andrei Markevich, Natalya Naumenko e Nancy Qian assinalam **uma mortalidade mais elevada nas regiões onde, antes da fome, a proporção de população etnicamente ucraniana era maior, incluindo fora da Ucrânia soviética.** Na

sua análise regional, a mortalidade não estava relacionada com a produtividade alimentar, enquanto as entregas obrigatórias previstas e efetivas eram mais elevadas, e a retenção de cereais mais baixa, onde a proporção de população ucraniana era maior.

TESTEMUNHO DE UMA SOBREVIVENTE



«… não tínhamos comida, só água.»

Tamara Orlova — memórias de infância do Holodomor

Recordava a espoliação da sua família e a vida com a mãe numa arrecadação sem janelas.

Excerto de memórias: coletânea de fontes do HREC, p. 43. Publicado no The Day, 2010; a citação segue a edição inglesa indicada.

Kharkiv, 1933. A fotografia e o testemunho dizem respeito a pessoas diferentes.

Sobreviver não restituiu o mundo que se perdera. As crianças perderam os pais, os agregados familiares dispersaram-se e as aldeias perderam pessoas cujo trabalho e cuidado as tinham sustentado. As memórias de esconder alimentos, procurar ajuda e decidir o que podia ser partilhado permaneceram nas famílias muito depois de a discussão pública ter sido suprimida. A perda do controlo sobre uma colheita tornara-se a perda de familiares, vizinhos e da segurança quotidiana de que dependia a vida comunitária.

1.3 Exportações de cereais e prioridades do Estado

O exercício de contabilidade alimentar de Markevich, Naumenko e Qian reconstitui uma colheita de cereais de 9,1 milhões de toneladas. O Estado recolheu 4,2 milhões de toneladas através das entregas obrigatórias, deixando aproximadamente 4,9 milhões de toneladas no campo. A produção tinha caído de 16,8 milhões de toneladas em 1931, mas mesmo a colheita reduzida de 1932 era suficiente para evitar a fome se fosse atribuída às pessoas que viviam na Ucrânia.

Se essa colheita tivesse sido conservada para alimentar a população rural e urbana da Ucrânia, teria fornecido cerca de 0,79 kg de cereais por pessoa por dia, face à necessidade alimentar de 0,78 kg estimada pelo estudo. **A Ucrânia produziu alimentos suficientes em 1932 para evitar a fome.** Depois das entregas obrigatórias, a retenção no meio rural era de apenas

0,54 kg por pessoa por dia, cerca de 30 % abaixo dessa necessidade. Os autores concluem também que o resto da URSS produzia o suficiente para sustentar a sua própria população sem cereais da Ucrânia.[27] O resumo integral e a referência encontram-se na secção 2.3.

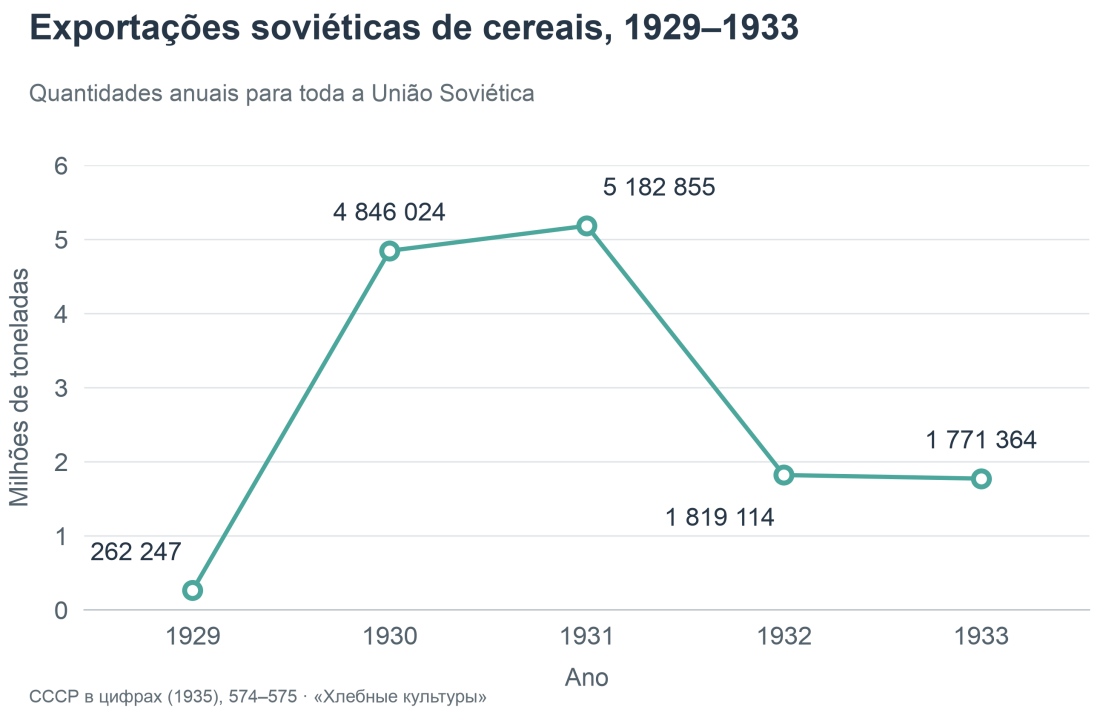


A colheita de cereais da Ucrânia em 1932 e a quantidade que ficou no campo depois das entregas obrigatórias ao Estado. A retenção inclui cereais para semente e não mede o consumo efetivo. Fonte: Markevich, Naumenko e Qian, quadro 1.

A União Soviética continuou a exportar produtos agrícolas enquanto as pessoas morriam de fome. As suas próprias estatísticas publicadas tornam esse facto visível. O manual estatístico de 1935 *СССР в цифрах*[28] (*URSS em números*), pp. 574–575, regista exportações na categoria «Хлебные культуры» — culturas cerealíferas — de 4 846 024 toneladas em 1930, 5 182 855 em 1931, 1 819 114 em 1932 e 1 771 364 em 1933. São totais da União Soviética, e não exportações atribuídas especificamente à Ucrânia, e a categoria é mais ampla do que apenas o trigo.

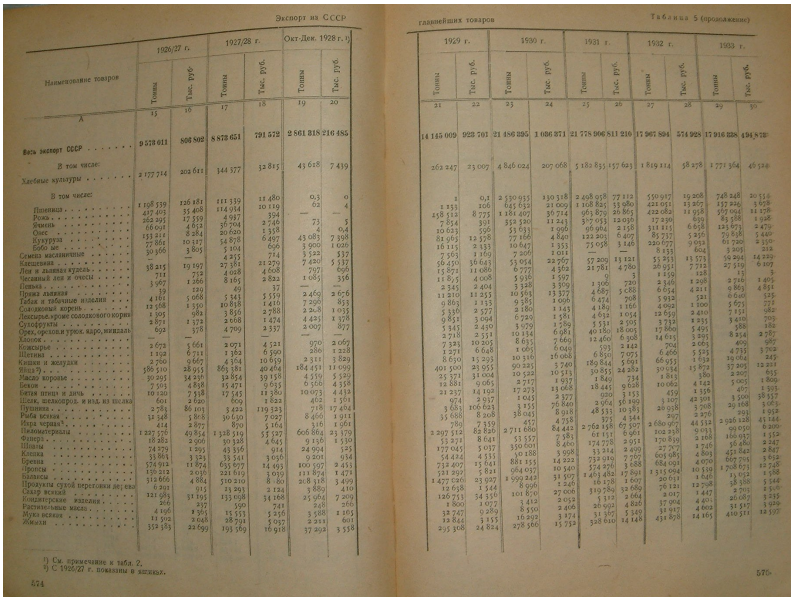
[27] Markevich, Naumenko e Qian, «The Causes of Ukrainian Famine Mortality, 1932–33», secção 3, quadro 1; texto de publicação antecipada ligado pelos autores, pp. 8–10. A produção reconstituída de 1932 é de 9,1 milhões de toneladas e as entregas obrigatórias de 4,2 milhões; o remanescente de aproximadamente 4,9 milhões de toneladas é calculado a partir destes valores arredondados. As entregas obrigatórias incluem o abastecimento dos consumidores urbanos, as exportações e as reservas: não medem os cereais expedidos para fora da Ucrânia, nem podem ser adicionadas aos totais de exportação. O quadro 1 indica 0,791 kg por dia de produção por residente e 0,538 kg que ficaram por residente rural; o texto apresenta um valor de referência de necessidades alimentares de 0,778 kg, baseado em orientações calóricas oficiais ponderadas segundo a composição demográfica. São populações de referência diferentes. A retenção inclui reservas de sementes e não é consumo observado; a contabilidade exclui as redistribuições de retorno e a ajuda registadas de forma não sistemática e não deduz as perdas de armazenamento ou transporte. Os autores discutem estes limites e a disponibilidade de outros alimentos. As exportações de toda a URSS por ano civil apresentadas abaixo constituem uma série separada, e não exportações ucranianas da colheita de 1932.

[28] ЦУНХУ Госплана СССР, *СССР в цифрах* (Москва, 1935), pp. 574–575.



Exportações soviéticas de cereais, 1929–1933: quantidades anuais para toda a União Soviética em toneladas. Os pontos representam cinco anos civis e são unidos por segmentos retos.

As exportações caíram, portanto, acentuadamente depois de 1931, mas continuaram durante a catástrofe de 1932–33. Ambos os factos importam. Um total de exportações em queda pode coexistir com a retirada de alimentos de que determinados agregados familiares precisam desesperadamente. Inversamente, um total anual de exportações não identifica quando saiu um carregamento, onde o seu conteúdo tinha sido recolhido ou que comunidades esfomeadas o poderiam ter recebido.



Exportações de cereais nas estatísticas oficiais soviéticas: dupla página de СССР в цифрах (1935), pp. 574–575. A linha «Хлебные культуры» apresenta quantidades em toneladas; a coluna adjacente apresenta valores monetários.

As vendas ao estrangeiro faziam parte de uma disputa mais ampla pelos recursos agrícolas. No seu discurso de 9 de julho de 1928 sobre a industrialização e o problema dos cereais, Estaline identificou a extração agrícola como fonte de financiamento industrial. Era necessário pagar as importações de maquinaria e conhecimentos especializados, enquanto as cidades em crescimento e os projetos industriais também competiam por alimentos.[29] Mas o valor atribuído ao desenvolvimento industrial não determinava quanto se podia retirar aos produtores sem perigo, nem justificava privá-los dos meios de sobrevivência.

As compras no estrangeiro também serviam a expansão militar soviética. Além de máquinas acabadas, a URSS adquiria projetos de fábricas, equipamento, direitos de produção e assistência técnica. O contrato celebrado pela Amtorg em 28 de abril de 1930 com a empresa norte-americana U.S. Wheel Track Layer Corporation previa, por exemplo, dois tanques Christie, direitos de fabrico e ajuda técnica para a produção na União Soviética.[30]

As receitas de exportação também eram importantes para os pagamentos de compras anteriores. Em outubro de 1931, o Politburo ligava as encomendas soviéticas na Alemanha às oportunidades de exportação soviéticas e avisava que os pagamentos devidos em 1932 não estavam suficientemente garantidos. Em janeiro de 1934, o Comissariado do Povo para o Comércio Externo informou que equipamento encomendado em 1930–31 continuara a chegar em 1932 e que as entregas alemãs de 1933 incluíam encomendas de 1931–32.[31] Os cereais eram uma fonte de receitas do estrangeiro entre outras; esta ligação financeira não demonstra que carregamentos específicos de cereais tenham pago armas específicas.

As exportações devem, por isso, ser consideradas a par das entregas obrigatórias, da distribuição interna, das reservas, das sementes e do momento e dos destinatários do socorro. Uma tonelada registada como exportação era uma tonelada que não ficava com uma família esfomeada. A questão factual é saber como as autoridades distribuíram os recursos enquanto a fome se desenvolvia; a questão da responsabilidade diz também respeito ao que sabiam e às escolhas que continuavam disponíveis.

[29] Politburo do Comité Central do VKP(b), *Директивы к переговорам с Германией о расширении советского экспорта*, diretivas aprovadas em 15 de outubro de 1931, pontos 2–4 (RGASPI, f. 17, op. 162, d. 11, l. 29); Comissariado do Povo para o Comércio Externo da URSS (NKVT), *Внешне-торговая политика СССР*, memorando de 12 de janeiro de 1934, secção III, «Германия» (RGAE, f. 413, op. 12, d. 1366, ll. 16–17). As diretivas ligam as encomendas soviéticas na Alemanha às possibilidades de exportação; o memorando descreve créditos garantidos e entregas relativas a encomendas anteriores.

[30] U.S. Wheel Track Layer Corporation e Amtorg Trading Corporation, contrato de 28 de abril de 1930, preâmbulo e §§ 1, 9–10; cópia de arquivo russa transcrita pelo T-34 Inform (RGVA, f. 31811, op. 1, d. 374, fls. 5–6). O contrato prevê tanques, direitos de fabrico dentro da URSS e assistência técnica. Para o contexto industrial e militar mais amplo, ver Piotr R. Frankowski, *The Secret Red Alliance: How the Soviet Union Planned to Use Germany to Take Over the World*, caps. XX, XXII e XXIV–XXV (no prelo).

[31] Politburo do Comité Central do PC(b) da URSS, *Директивы к переговорам с Германией о расширении советского экспорта*, aprovadas em 15 de outubro de 1931, § 2(a), (c) (RGASPI, f. 17, op. 162, d. 11, fl. 29); Comissariado do Povo para o Comércio Externo da URSS (NKVT), *Внешне-торговая политика СССР*, memorando de 12 de janeiro de 1934, secções I e III, «Германия» (RGAE, f. 413, op. 12, d. 1366, fls. 1–26; subsecção sobre a Alemanha, fls. 16–17). A secção I distingue encomendas e entregas e identifica a manutenção da solvência após as grandes encomendas de 1929–31 como uma tarefa central; a secção III regista entregas alemãs provenientes de encomendas anteriores.

1.4 Conhecimento e ação internacionais

As provas da fome chegaram ao mundo exterior enquanto as pessoas ainda morriam. As autoridades soviéticas obstruíam a investigação e negavam a catástrofe, mas relatos, cartas e apelos atravessavam a fronteira. É, por isso, necessário distinguir três questões: que informações se tornaram públicas, o que os governos estrangeiros sabiam em privado e o que estavam dispostos a fazer. Os governos e as instituições estrangeiras receberam provas através de canais independentes da imprensa.

Os próprios ucranianos tentavam dar o alarme. A carta do Conselho Nacional Ucraniano no Canadá ao primeiro-ministro R. B. Bennett, de 2 de outubro de 1933, descrevia cartas desesperadas que chegavam ao Canadá. Em 26 de setembro, o Comité de Ligação das Organizações Internacionais de Mulheres apelara a Johan Mowinckel, presidente do Conselho da Sociedade das Nações, para que agisse em relação à Ucrânia soviética. Os familiares e os defensores das vítimas procuravam uma resposta, em vez de esperarem que observadores estrangeiros descobrissem o seu sofrimento.

Mykola Lemyk: tornar a fome pública

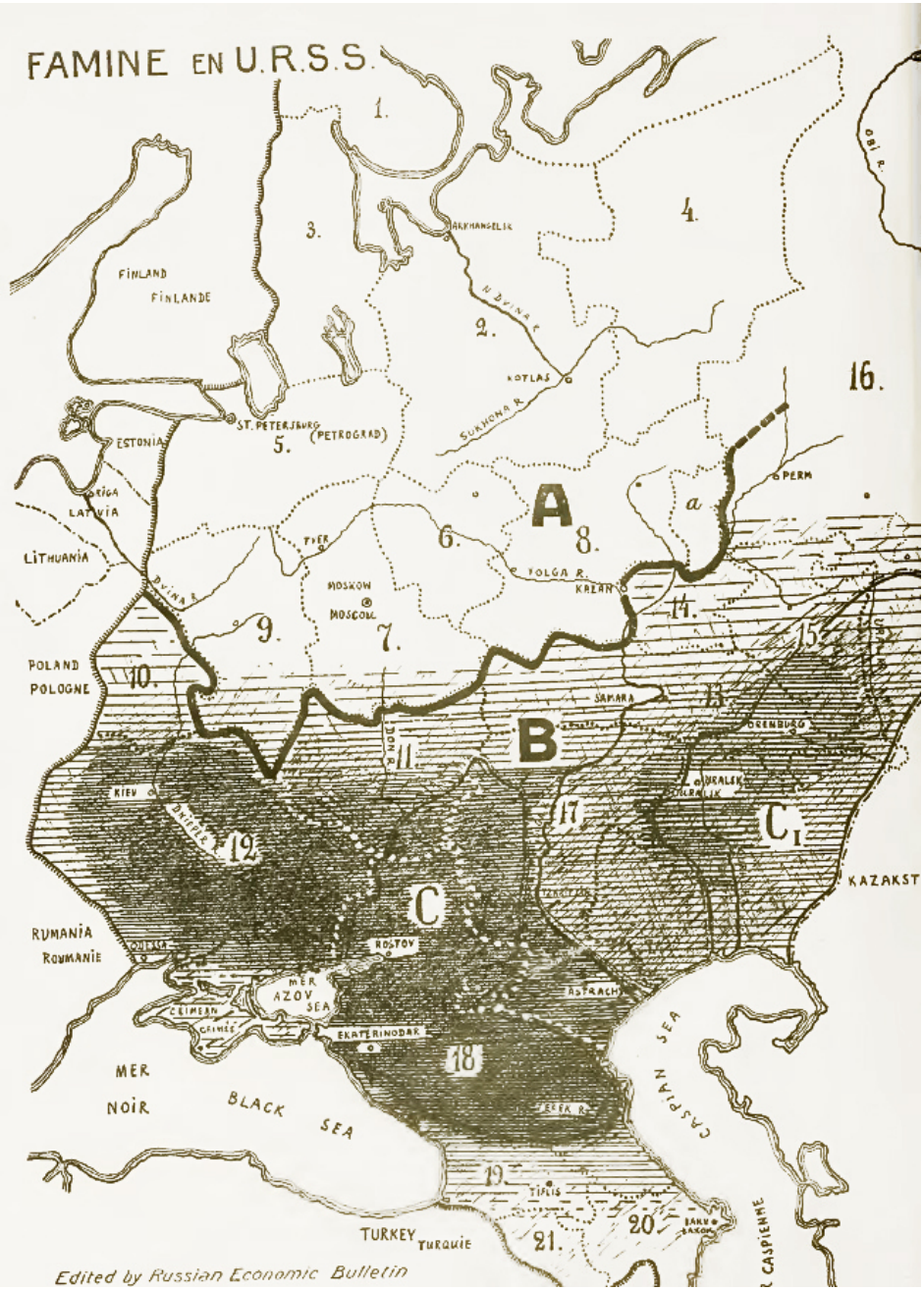
Em 21 de outubro de 1933, Mykola Lemyk, jovem membro da Organização dos Nacionalistas Ucranianos (OUN), abateu a tiro Oleksii Mailov, funcionário do consulado soviético em Lviv. Lviv situava-se então na Polónia. A OUN planeara o assassínio como protesto contra a fome na Ucrânia soviética.

Lemyk entregou-se à polícia polaca para poder explicar em tribunal o objetivo político do assassínio e chamar a atenção para a fome. O seu julgamento atraiu a atenção da imprensa na Galícia e no estrangeiro; foi condenado a prisão perpétua. O caso ilustra os esforços para quebrar o silêncio soviético a partir do exterior da URSS.[32]



Mykola Lemyk.

[32] Sobre a resistência à censura e ao silêncio imposto sob o domínio comunista, ver Vatnik Soup, *Jan Palach: Resistance to Tyranny*, Dossiê de Memória Histórica (janeiro de 2027). A publicar.



Famine en U.R.S.S., publicado com Famine in USSR, de A. Markoff (Paris, 1933). A: regiões consumidoras de cereais; B: regiões produtoras de cereais; C: antigos territórios cossacos do Don, Kuban e Terek; C_1: territórios cossacos dos Urais e de Orenburg. O sombreado denso assinala as zonas identificadas como sofrendo a fome mais desastrosa. O mapa abrange a URSS europeia, com o Cáucaso; não é um mapa completo da fome soviética.

O jornalismo independente também contestou a versão oficial. A declaração de Gareth Jones em Berlim, de 29 de março de 1933, levou a um público internacional as observações da sua viagem. Os artigos de Malcolm Muggeridge de março, no *Manchester Guardian*, descreveram a morte pela fome na Ucrânia e no Cáucaso do Norte. Na sua posterior resposta a Duranty,[33] Jones identificou vários tipos de prova: conversas nas aldeias, camponeses deslocados, cartas, diplomatas, jornalistas e especialistas técnicos. Os seus relatos diferiam quanto ao acesso e ao método, mas a existência de censura não tornava impossível a investigação independente.

[33] Ver a secção 1.5, «Duranty, um protovatnik», sobre a resposta de Duranty a Jones e a troca de argumentos subsequente.

A viagem da jornalista canadiana Rhea Clyman pela Ucrânia e pelo Cáucaso do Norte, em 1932, ofereceu outra via para o testemunho dos aldeões chegar aos leitores no estrangeiro. A sua reportagem no *Toronto Evening Telegram* de 16 de maio de 1933 descrevia famílias privadas de alimentos e gado e aldeões que lhe pediam que levasse um apelo ao Kremlin. O relato foi publicado durante os meses mais mortíferos da fome, mas descrevia condições que testemunhara no ano anterior.

A série de cinco artigos de William Henry Chamberlin no *Manchester Guardian*, de outubro de 1933, reconhecia uma mortalidade excecional depois da sua viagem pela Ucrânia e pelo Cáucaso do Norte, mas continuava a acomodar as explicações soviéticas. Depois de sair de Moscovo, o seu relato no *Christian Science Monitor* de 29 de maio de 1934 descrevia sobreviventes cujos testemunhos contradiziam os desmentidos oficiais e apresentava a fome como instrumento de política. A censura e a vontade de conservar o acesso podiam restringir o que um correspondente publicava mesmo depois de testemunhar a devastação da fome. A sua condenação mais completa chegou aos leitores depois do auge das mortes.



Series on "Tammany's Poor Relations" Continues Today on Pa

NIGHT EDITION ★ ★ ★ ★ ★ Wall Street Closing Prices

New York Evening Post

NIGHT EDITI ★ ★ ★ ★ Wall Street Closing

THREE 3 CENTS — WEDNESDAY, MARCH 29, 1933 — THREE

FAMINE GRIPS RUSSIA, MILLIONS DYING, IDLE ON RISE, SAYS BRITON

Gareth Jones, Lloyd George Aid, Reports Devastation

TOURS FARM AREAS, FINDS FOOD GONE

FRANCE HAS BIG DEFICIT

GAMBRINUS TO COME BACK

INSURANCE SAFE BLASTED

S. K. THOMPSON RESIGNS

EXECUTION TOO EXPENSIVE

WOULD BAN FREE LUNCH

CUTS IN VETERAN BENEFITS MAPPED

REICH JEWS ASK END OF PROTESTS

LEHMAN PLEA ON BEER BILL STIRS STORM

Both Parties in Both Houses Launch Bitter Attack

GOVERNOR BLAMES LOBBYISTS' 'SWARM'

ROOSEVELT DEMANDS U CONTROL NEW SECURITI MESSAGE HITS DISHONES

LA GUARDIA SEEKS MAYORALTY AGAIN

Summary of the Securities Bill as Submitted by Roosevelt

BILL GIVEN TO SENA

New York Evening Post, 29 de março de 1933: excerto da primeira página que noticia a advertência de Jones. A afirmação sobre os mortos no título é uma notícia da época, e não uma estimativa demográfica.

A questão de usar as relações económicas para obter concessões humanitárias foi levantada na época. Na Câmara dos Comuns, em 5 de julho de 1933, a duquesa de Atholl discutiu a fome na Ucrânia e noutras regiões soviéticas e questionou a perspetiva de lucrar com importações baratas de alimentos soviéticos. Instou o governo a condicionar novos créditos a medidas que beneficiassem a população, incluindo permitir que os camponeses conservassem alimentos. A sua intervenção demonstra que tanto a catástrofe como a possível pressão económica eram temas de debate público durante a fome.

O apelo do cardeal Theodor Innitzer, publicado em 19 de agosto de 1933, também pedia socorro e instava os que ampliavam as relações económicas com a URSS a procurar uma cláusula humanitária. Propunha usar essas relações para garantir o acesso da ajuda. Por essa altura, o auge das mortes da primavera e do início do verão já tinha passado.

O socorro exigia acesso, além de dinheiro e alimentos. O negacionismo soviético ajudou a sustentar a recusa de ajuda internacional: aceitar uma operação independente teria exposto as condições que as autoridades ocultavam. A grande missão da ARA de 1921–23 não teve equivalente na Ucrânia em 1932–33. As remessas privadas e as compras através da Torgsin eram canais diferentes, dependentes de recursos e contactos que muitas famílias esfomeadas não possuíam. A obstrução soviética e a falta de vontade dos governos estrangeiros de insistirem na questão eram obstáculos distintos, embora se reforçassem mutuamente.

Entretanto, o envolvimento comercial criara outro conjunto de relações. A maquinaria, os projetos de fábricas, a engenharia e os conhecimentos técnicos americanos contribuíram para a industrialização soviética; os contratos Ford–Kahn oferecem um exemplo concreto. A cooperação industrial era uma atividade comercial, distinta do socorro humanitário. Mas a presença de especialistas estrangeiros também criava potenciais canais de informação. A responsabilidade tem de ser avaliada em função do que participantes concretos sabiam e podiam influenciar.



Linha de montagem na fábrica da Ford em Moscovo, 6 de novembro de 1930. O acordo de 1929 integrou projetos de fábricas e pessoal técnico da Ford na industrialização soviética.

Em 10 de julho de 1933, Sergio Gradenigo, cônsul de Itália em Kharkiv, relatou fome e doença à embaixada em Moscovo, para conhecimento do Ministério dos Negócios Estrangeiros. O seu despacho anterior, de 31 de maio, previra que o despovoamento e o estabelecimento de russos conduziriam à russificação da Ucrânia, ao mesmo tempo que repetia acusações antissemitas. Em 2 de setembro, a Itália fascista assinou um pacto de amizade, não agressão e neutralidade com a URSS. Os relatos de morte pela fome e a aproximação diplomática coexistiam; a hostilidade ideológica ao comunismo não impedia as relações com o Estado soviético.

Os Estados Unidos reconheceram a União Soviética em 16 de novembro de 1933. Os objetivos de Roosevelt incluíam oportunidades comerciais e a contenção da expansão japonesa na Ásia. Esses interesses existiam independentemente das reportagens de Duranty. O reconhecimento

colocou essas prioridades diplomáticas a par das provas do sofrimento ucraniano, que continuavam sem resposta adequada.

Duranty também tinha acesso direto a Roosevelt. O seu encontro em Albany, em julho de 1932, ocorreu quando Roosevelt era governador e candidato presidencial. Um relato contemporâneo na *Time* descreve a longa consulta. A autoridade de Duranty podia, por isso, chegar aos decisores políticos, além dos leitores de jornais.

As negociações financeiras mostram quanto Roosevelt estava disposto a deixar por resolver. Um memorando de 15 de novembro de 1933 contemplava um pagamento entre 75 milhões e 150 milhões de dólares, financiado através de um encargo adicional de juros sobre empréstimos ou créditos americanos à URSS, com eliminação das outras reivindicações. O montante exato continuava em aberto. Em julho de 1934, o secretário de Estado adjunto R. Walton Moore relatou reivindicações superiores a 600 milhões de dólares e descreveu as negociações como fracassadas. O reconhecimento já tinha sido concedido. Eram concessões propostas, e não um acordo de reembolso concluído. Os objetivos comerciais e estratégicos tinham assegurado um resultado diplomático sem que antes se obtivesse nem o cumprimento financeiro nem o socorro humanitário.

Arthurdale e a atração da experiência social

O projeto de Arthurdale de Eleanor Roosevelt, na Virgínia Ocidental, nasceu da mesma procura de alternativas ao colapso económico durante a Grande Depressão. O governo federal comprou o local em 1933; as primeiras famílias chegaram em 1934. As suas 165 propriedades combinavam parcelas familiares com empresas cooperativas, ensino e serviços públicos. O envolvimento pessoal de Eleanor ajudou a torná-lo uma experiência de grande visibilidade de vida comunitária planeada.



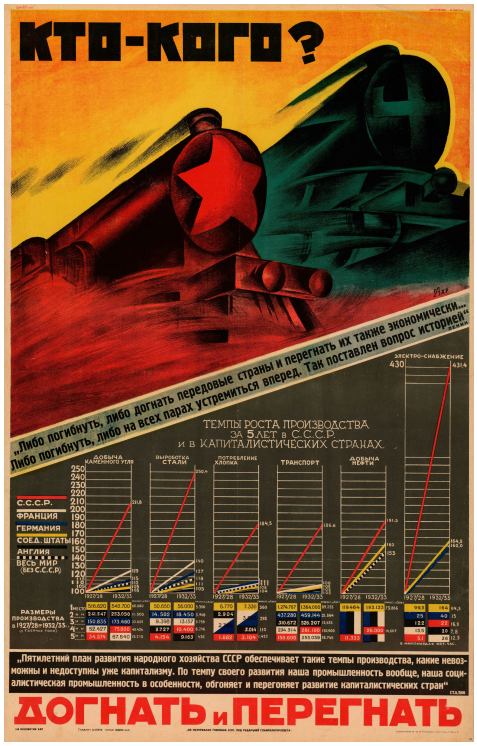
Casas de Arthurdale, junho de 1935.

Os candidatos a Arthurdale procuravam casas e meios de subsistência. O entusiasmo em torno do projeto mostra a esperança depositada numa reconstrução social deliberada. Em setores da esquerda americana, a industrialização soviética encerrava uma promessa ainda maior de saída da crise do capitalismo. O jornalista americano Louis Fischer tornou essa simpatia explícita num artigo de 1935 para *The Nation*: o aparente êxito da experiência soviética era uma fonte de fé política. Uma vez que essa fé passava a depender do resultado, os relatos de sofrimento podiam ser recebidos como ataques à própria esperança.

Estatísticas e fé na experiência soviética

As estatísticas oficiais ajudaram a dar a esta esperança a aparência de um êxito medido. No seu relatório de 7 de janeiro de 1933, Estaline afirmou que o rendimento nacional tinha aumentado 85 por cento desde 1928 e que as condições materiais dos operários e camponeses melhoravam de ano para ano.

Estatísticas e fé na experiência soviética (continuação)



A avaliação de Mark Harrison do Primeiro Plano Quinquenal atribui a maior parte do aumento declarado do rendimento nacional a subidas de preços não reconhecidas e a outros enviesamentos estatísticos. A nova capacidade industrial coexistia com a queda do consumo e a morte em massa pela fome.[34]

A atração política residia no que os números pareciam provar: enquanto as economias capitalistas estavam em crise, a planificação parecia estar a produzir um futuro alternativo. Isso tornava decisiva a escolha dos indicadores. A produção industrial podia expandir-se enquanto os camponeses perdiam o acesso aos alimentos; a aparente confirmação da experiência dependia dos resultados contabilizados e das perdas deixadas de fora.

«Quem vencerá quem? Alcançar e ultrapassar», 1929. A produção de cada país em 1927/28 tem o índice 100. Os gráficos comparam o crescimento percentual projetado até 1932/33 a partir de níveis absolutos iniciais diferentes. Mesmo que fossem exatos, um crescimento mais rápido não demonstraria que a produção soviética ultrapassaria a dos seus rivais. O lema, os comboios em corrida e as altas linhas vermelhas favorecem essa impressão.

Os despachos diplomáticos britânicos de 5 de março e de 17 de julho de 1933 descreviam as condições no Kuban e na Ucrânia, incluindo relatos de mortes por fome e aldeias desertas. Um debate britânico posterior torna especialmente nítida a distinção entre conhecimento e ação. Na Câmara dos Lordes, em 25 de julho de 1934, Lord Ponsonby opôs-se ao escrutínio parlamentar dos assuntos internos de países estrangeiros e desviou a atenção para a pobreza na Grã-Bretanha, as fomes na Índia e as condições nos Estados Unidos. Esse desvio não refutava as provas provenientes da Ucrânia.[35] No mesmo debate, o porta-voz do governo, conde Stanhope, reconheceu estar familiarizado com grande parte das informações apresentadas e disse que o único material disponível para as contradizer era a propaganda oficial soviética, que entrava em conflito com outras fontes. Ainda assim, recusou-se a fornecer documentos para a discussão. Foi uma troca de argumentos posterior à fome, mas mostra como o conhecimento podia coexistir com a resistência à ação pública.

O fracasso internacional foi, por isso, mais complexo do que um logro bem-sucedido imposto a um mundo desinformado. As advertências podiam ser obstruídas, desacreditadas, desvalorizadas ou subordinadas a outros objetivos. O negacionismo podia ajudar as pessoas a evitar as implicações de informações com que já tinham deparado.

[34] O estudo de Harrison sobre a inflação oculta nas estatísticas industriais soviéticas descreve os incentivos para que as empresas obtivessem preços elevados no plano, tornando as metas de produção mais fáceis de cumprir em rublos. Regista também uma proibição vinda de cima de reduzir os resultados depois de terem sido anunciados publicamente. O enviesamento da medição e a proteção política podiam, por isso, reforçar-se mutuamente.

[35] Um caso precoce de *whataboutism*. Ver Vatnik Soup, *Debunk of the Day 4: Whataboutism*, 1 de fevereiro de 2026.

1.5 Duranty, um protovatnik

As reportagens de Walter Duranty ilustram como a aparente independência podia conferir autoridade à versão de um regime no estrangeiro. Ajudou também a encobrir um dos piores assassínios em massa do século XX — o genocídio do Holodomor — enquanto ocorria. A sua posição de correspondente estrangeiro experiente e vencedor do Pulitzer ajudou a conferir credibilidade às suas garantias públicas.

A analogia moderna de um *protovatnik* diz respeito a uma prática: um comentador estrangeiro empresta a autoridade do especialista à versão preferida do regime, desvalorizando testemunhas que a contradizem. Gorky também emprestou o seu prestígio literário à celebração do trabalho forçado através do livro de propaganda do Canal do Mar Branco de 1934 (ver a caixa na secção 2.5.2). A conduta publicada de Duranty pode ser examinada sem pressupor que era um agente soviético pago. A censura, a dependência do acesso, a simpatia ideológica, a apologia e o recrutamento clandestino são relações diferentes.

Em «Russians Hungry, But Not Starving», publicado em 31 de março de 1933, Duranty reconhecia mortes relacionadas com a subnutrição, negando ao mesmo tempo a fome. Contestava as provas de Jones e associava as notícias da fome a previsões erradas do colapso soviético. Mas a sobrevivência de um governo diz



Retrato publicado em 1919.



minissopa de oferta

Walter Duranty

Na Vatnik Soup de hoje, apresentamos **Walter Duranty**, jornalista nascido na Grã-Bretanha. É sobretudo conhecido por ter ganho um Prémio Pulitzer pelas suas reportagens sobre a União Soviética — e por ter negado o Holodomor enquanto milhões de ucranianos morriam de fome.

Nascido em Liverpool em 1884 e formado em Cambridge, tornou-se correspondente do *The New York Times* em Moscovo. O seu Pulitzer de 1932 premiou reportagens publicadas em 1931.

No seu despacho de março de 1933, desvalorizou as reportagens de testemunho direto de Gareth Jones como uma «história alarmista», admitindo mortes por subnutrição ao mesmo tempo que negava a fome.

Meses antes, tranquilizara os leitores dizendo que os russos tinham «apertado o cinto». A fome era apresentada como uma dificuldade que as pessoas podiam suportar enquanto o progresso soviético prosseguia.

O seu infame recurso à metáfora da omeleta e dos ovos justificava as mortes causadas pelo regime. O negacionismo e a justificação reforçavam-se mutuamente: minimizar o sofrimento e depois desculpá-lo como o preço da construção do socialismo.

O *The New York Times* nunca devolveu o seu Prémio Pulitzer. Em 2003, o Conselho do Pulitzer recusou revogá-lo.

pouco sobre se as pessoas que governa estão a morrer de fome.

Mais revelador ainda, o artigo combinava **minimizar o sofrimento com justificar o sofrimento**. Duranty invocava a metáfora da omeleta e comparava a indiferença bolchevique às vítimas da transformação socialista com a disposição dos generais para sacrificar soldados. O argumento oferecia duas defesas simultâneas: a catástrofe seria supostamente exagerada, enquanto as vítimas eram normalizadas como custo do projeto. A sobrevivência das pessoas ficava subordinada às realizações do regime. A sua versão fornecia, assim, uma razão para tolerar o sofrimento, além de uma razão para duvidar da sua dimensão.

Este é o problema moral que Hayek examinou mais tarde no capítulo X de *The Road to Serfdom* (1944), «Why the Worst Get on Top».[36] O seu argumento diz respeito às instituições que recompensam a crueldade quando um objetivo coletivo se sobrepõe aos limites impostos ao tratamento das pessoas. A defesa de Duranty mostra como um observador externo podia ajudar a tornar aceitável essa crueldade. A afirmação de que uma grande transformação exigia sacrifícios também deixava a quem a dirigia a decisão sobre as vidas que podiam ser sacrificadas.

Hayek e The Road to Serfdom, 1944

Friedrich August von Hayek (1899–1992) foi um economista e pensador político britânico de origem austríaca, formado em Viena e docente na London School of Economics de 1931 a 1950. Concluiu *The Road to Serfdom* durante a Segunda Guerra Mundial, quando a LSE estava evacuada em Cambridge. A primeira publicação britânica ocorreu em 10 de março de 1944, quando a Alemanha nazi e a União Soviética de Estaline ainda existiam e esta última era aliada da Grã-Bretanha na guerra.



Friedrich August von Hayek, retrato sem data.

Dedicado «aos socialistas de todos os partidos», o livro contestava o coletivismo de diferentes campos políticos.[37] Hayek relacionava o fascismo, o nazismo e o comunismo soviético através da subordinação da escolha individual a objetivos coletivos impostos por um poder concentrado. Argumentava que a planificação económica abrangente exigia que as autoridades impusessem prioridades a pessoas que não partilhavam os mesmos fins. O seu público imediato era britânico: receava que a atração da direção económica em tempo de guerra transportasse amplos controlos para o tempo de paz.

A edição americana seguiu-se em setembro de 1944; uma versão condensada na *Reader's Digest*, em abril de 1945, deu-lhe um público muito mais vasto. A receção dividiu profundamente as opiniões, e o livro tornou-se uma referência duradoura nos argumentos liberais sobre a planificação, a coerção política e o Estado de direito.

[36] F. A. Hayek, *The Road to Serfdom* (Routledge, 1944), capítulo X, «Why the Worst Get on Top».

[37] F. A. Hayek, *The Road to Serfdom* (1944).

Hayek e The Road to Serfdom, 1944 (continua)

Hayek partilhou o Prémio de Ciências Económicas em Memória de Alfred Nobel de 1974 com Gunnar Myrdal. Nas suas palavras de agradecimento no banquete Nobel de 10 de dezembro, advertiu que o prémio conferia «uma autoridade que, em economia, nenhum homem deveria possuir». No dia seguinte, a sua conferência *The Pretence of Knowledge* desenvolveu o perigo de tratar conhecimentos especializados limitados como autorização para dirigir a sociedade.



RUSSIANS HUNGRY, BUT NOT STARVING

Deaths From Diseases Due to Malnutrition High, Yet the Soviet Is Entrenched.

LARGER CITIES HAVE FOOD

Ukraine, North Caucasus and Lower Volga Regions Suffer From Shortages.

KREMLIN'S 'DOOM' DENIED

Russians and Foreign Observers In Country See No Ground for Predictions of Disaster.

By WALTER DURANTY.
Special Cable to THE NEW YORK TIMES.

MOSCOW, March 30.—In the middle of the diplomatic duel between Great Britain and the Soviet Union over the accused British engineers there appears from a British source a big scare story in the American press about famine in the Soviet Union, with "thousands already dead and millions menaced by death from starvation."

Its author is Gareth Jones, who a former secretary to David Lloyd George and who recently spent three weeks in the Soviet Union and reached the conclusion that the country was "on the verge of a terrific smash," as he told the writer.

Mr. Jones is a man of a keen and active mind, and he has taken the trouble to learn Russian, which he speaks with considerable fluency, but the writer thought Mr. Jones's judgment was somewhat hasty and asked him on what it was based. It appeared that he had made a forty-mile walk through villages in the neighborhood of Kharkov and had found conditions sad.

I suggested that that was a rather inadequate cross-section of a big country, but nothing could shake his conviction of impending doom.

Predictions of Doom Frequent.

The number of times foreigners, especially Britons, have shaken rueful heads as they composed the Soviet Union's epitaph can scarcely be computed, and in point of fact it has done the Soviet Union incalculable harm since the day when William C. Bullitt's able and honest account of the situation was shelved and negatived during the Versailles Peace Conference by reports that Admiral Kolchak, White Russian leader, had taken Kazan—which he never did—and that the Soviet power was "on the verge of an abyss."

Admiral Kolchak faded. Then General Denikin took Orel and the Soviet Government was on the verge of an abyss again, and General Yudenich "took" Petrograd. But where are Generals Denikin and Yudenich now?

A couple of years ago another British "eyewitness" reported a mutiny in the Moscow garrison and "rows of corpses neatly piled in Theatre Square," and only this week a British news agency revealed a revolt of the Soviet Fifty-fifth Regiment at Dauria, on the Manchurian border. All bunk, of course.

This is not to mention a more regrettable incident of three years ago when an American correspondent discovered half the Ukraine flaming with rebellion and "proved" it by authentic documents eagerly proffered by Rumanians, which documents on examination appeared to relate to events of eight or ten years earlier.

Saw No One Dying.

But to return to Mr. Jones. He told me there was virtually no bread in the villages he had visited and that the adults were haggard, gaunt and discouraged, but that he had seen no dead or dying animals or human beings.

I believed him because I knew it to be correct not only of some parts of the Ukraine but of sections of the North Caucasus and lower Volga regions and, for that matter, Kazakstan, where the attempt to change the stock-raising nomads of the type and the period of Abraham and Isaac into 1933 collective grain farmers has produced the most deplorable results.

It is all too true that the novelty and mismanagement of collective farming, plus the quite efficient conspiracy of Feodor M. Konar and his associates in agricultural commissariats, have made a mess of Soviet food production. [Konar was executed for sabotage.]

But—to put it brutally—you can't make an omelette without breaking eggs, and the Bolshevist leaders are just as indifferent to the casualties that may be involved in their drive toward socialization as any General during the World War who ordered a costly attack in order to show his superiors that he and his division possessed the proper soldierly spirit. In fact, the Bolsheviki are more indifferent because they are animated by fanatical conviction.

Since I talked with Mr. Jones I have made exhaustive inquiries about this alleged famine situation. I have inquired in Soviet commissariats and in foreign embassies with their network of consuls, and I have tabulated information from Britons working as specialists and from my personal connections, Russian and foreign.

Disease Mortality Is High.

All of this seems to me to be more trustworthy information than I could get by a brief trip through any one area. The Soviet Union is too big to permit a hasty study, and it is the foreign correspondent's job to present a whole picture, not a part of it. And here are the facts:

There is a serious food shortage throughout the country, with occasional cases of well-managed State or collective farms. The big cities and the army are adequately supplied with food. There is no actual starvation or deaths from starvation, but there is widespread mortality from diseases due to malnutrition.

In short, conditions are definitely bad in certain sections—the Ukraine, North Caucasus and Lower Volga. The rest of the country is on short rations but nothing worse. These conditions are bad, but there is no famine.

The critical months in this country are February and March, after which a supply of eggs, milk and vegetables comes to supplement the shortage of bread—if, as now, there is a shortage of bread. In every Russian village food conditions will improve henceforth, but that will not answer one really vital question—What about the coming grain crop?

Upon that depends not the future of the Soviet power, which cannot and will not be smashed, but the future policy of the Kremlin. If through climatic conditions, as in 1921, the crop fails, then, indeed, Russia will be menaced by famine. If not, the present difficulties will be speedily forgotten.

Walter Duranty, «Russians Hungry, But Not Starving», The New York Times, 31 de março de 1933, p. 13.

Cintos e corpos

No seu despacho de 26 de novembro de 1932, Duranty tranquilizou os leitores dizendo que os russos já tinham «apertado o cinto» antes.[38]

[38] Walter Duranty, «Food Shortage Laid to Soviet Peasants», The New York Times, 26 de novembro de 1932, p. 9, citado em Marco Carynnyk, «The New York Times and the Great Famine», The Ukrainian Weekly, 11 de setembro de 1983.

Cintos e corpos (continuação)

A expressão familiar sugere uma redução suportável do consumo: as pessoas poupam, suportam o desconforto e acabam por recuperar. Aplicada à fome, porém, transforma a privação coerciva num exercício rotineiro de perseverança. Para uma pessoa a definhar por falta de alimentos, o cinto podia tornar-se brutalmente literal. A perda de massa corporal era prova de dano, e não um sinal tranquilizador da capacidade de o suportar.

A metáfora também oculta quem atua. Uma família que escolhe gastar menos está a tomar uma decisão; uma família privada de alimentos e impedida de fugir está sujeita a decisões tomadas por outros. Elogiar a resistência da população desvia a atenção de quem impõe a privação para quem se espera que lhe sobreviva. A garantia dizia respeito à durabilidade do programa soviético. Não oferecia proteção aos esfomeados.

Em 6 de abril de 1933, Duranty apresentou os aumentos declarados da produção industrial como prova de que a escassez alimentar era menos grave do que se pensava, ou de que a distribuição tinha melhorado o suficiente para equivaler ao mesmo. Mas esta inferência não se sustentava. As fábricas podiam receber trabalhadores e abastecimentos enquanto as aldeias eram privadas deles. A produção industrial mede um resultado diferente da possibilidade de determinadas pessoas obterem alimentos. Tratar as realizações como resposta à morte pela fome afastava a questão do bem-estar de quem contava e das perdas que eram excluídas da avaliação do êxito.

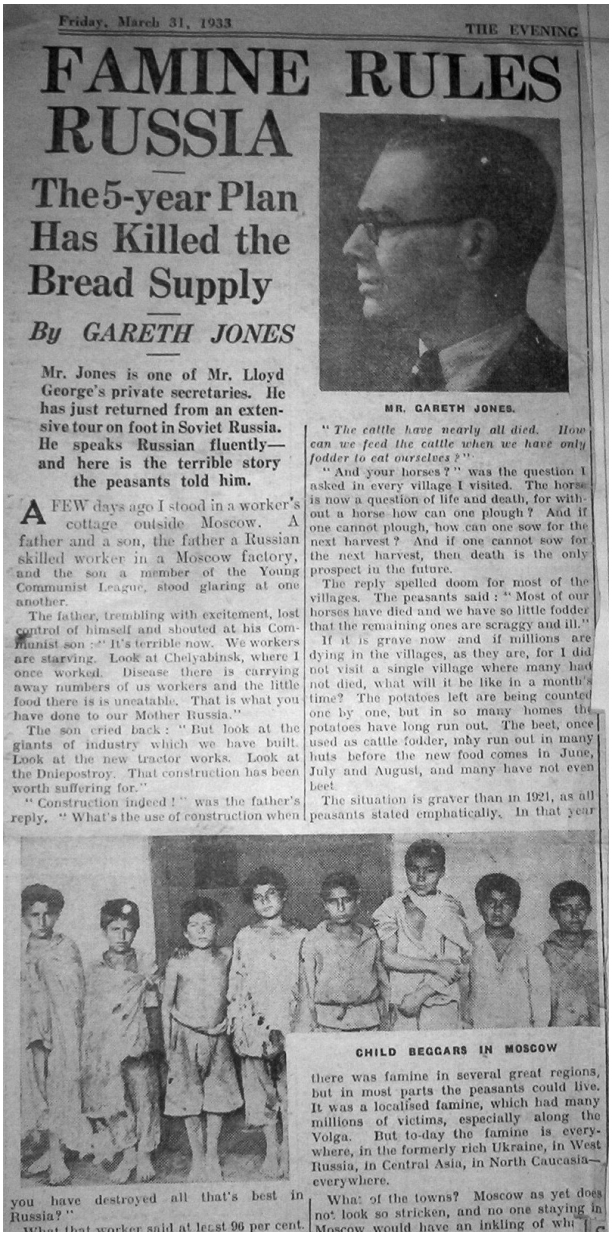
A resposta de Jones, publicada em 13 de maio de 1933, expôs a disputa sobre os métodos. Rejeitou a sugestão de que previra o colapso do regime e explicou que as suas conclusões assentavam em vários tipos de prova, incluindo entrevistas conduzidas em russo e conversas com representantes diplomáticos. Contestou também os eufemismos incentivados pela censura. O *Times* publicou essa resposta: as provas contraditórias chegaram ao jornal e aos seus leitores. A questão era, portanto, também a do peso e da credibilidade atribuídos a versões concorrentes.

As pressões sobre os correspondentes em Moscovo iam além de Duranty. Nas suas memórias de 1937, *Assignment in Utopia*,[39] Eugene Lyons descreveu o repúdio de Jones pelos correspondentes e uma reunião com o responsável soviético pela imprensa, Konstantin Umansky. Segundo Lyons, a preservação do acesso durante o julgamento dos engenheiros britânicos da Metro-Vickers ajudou a induzir os correspondentes a acomodarem-se às autoridades. O relato identifica um mecanismo institucional concreto: a competição pelo acesso oficial podia incentivar os jornalistas a proteger as suas relações de trabalho à custa das pessoas cujo sofrimento deviam noticiar.

[39] Eugene Lyons, *Assignment in Utopia* (Harcourt, Brace, 1937), capítulo XV, «The Press Corps Conceals a Famine», pp. 575–576.

Um relatório diplomático britânico de 26 de setembro de 1933 regista que Duranty considerava em privado possível a ocorrência de dez milhões de mortes relacionadas com a escassez de alimentos em toda a URSS. Era a sua estimativa, e não um número de mortos estabelecido ou um valor apenas para a Ucrânia. Uma conversa de setembro não pode, por si só, estabelecer o que sabia em março. Torna, porém, a diferença entre as suas garantias públicas e a avaliação privada uma questão documentada.

O prestígio sobreviveu às reportagens. Em 21 de novembro de 2003, o Conselho do Pulitzer recusou revogar o prémio de Duranty. A sua apreciação incidia nos treze artigos de 1931 apresentados a concurso e no seu critério de provas claras e convincentes de engano deliberado. O Conselho criticou essas reportagens e reconheceu a gravidade da fome. A sua decisão não legitimou a cobertura da fome de 1933. A história institucional do prémio importa porque o reconhecimento pode continuar a conferir autoridade muito depois de o trabalho que essa autoridade protege ter sido desacreditado.



Friday, March 31, 1933 THE EVENING

FAMINE RULES RUSSIA

The 5-year Plan Has Killed the Bread Supply

By GARETH JONES

Mr. Jones is one of Mr. Lloyd George's private secretaries. He has just returned from an extensive tour on foot in Soviet Russia. He speaks Russian fluently—and here is the terrible story the peasants told him.

A FEW days ago I stood in a worker's cottage outside Moscow. A father and a son, the father a Russian skilled worker in a Moscow factory, and the son a member of the Young Communist League, stood glaring at one another.

The father, trembling with excitement, lost control of himself and shouted at his Communist son :" It's terrible now. We workers are starving. Look at Chelyabinsk, where I once worked. Disease there is carrying away numbers of us workers and the little food there is is uneatable. That is what you have done to our Mother Russia."

The son cried back : " But look at the giants of industry which we have built. Look at the new tractor works. Look at the Dniepostroy. That construction has been worth suffering for."

" Construction indeed ! " was the father's reply. " What's the use of construction when you have destroyed all that's best in Russia? "

MR. GARETH JONES.

" *The cattle have nearly all died. How can we feed the cattle when we have only fodder to eat ourselves ?* "

" And your horses ? " was the question I asked in every village I visited. The horse is now a question of life and death, for without a horse how can one plough ? And if one cannot plough, how can one sow for the next harvest ? And if one cannot sow for the next harvest, then death is the only prospect in the future.

The reply spelled doom for most of the villages. The peasants said : " Most of our horses have died and we have so little fodder that the remaining ones are scraggy and ill."

If it is grave now and if millions are dying in the villages, as they are, for I did not visit a single village where many had not died, what will it be like in a month's time? The potatoes left are being counted one by one, but in so many homes the potatoes have long run out. The beet, once used as cattle fodder, may run out in many huts before the new food comes in June, July and August, and many have not even beet.

The situation is graver than in 1921, as all peasants stated emphatically. In that year there was famine in several great regions, but in most parts the peasants could live. It was a localised famine, which had many millions of victims, especially along the Volga. But to-day the famine is everywhere, in the formerly rich Ukraine, in West Russia, in Central Asia, in North Caucasia—everywhere.

CHILD BEGGARS IN MOSCOW

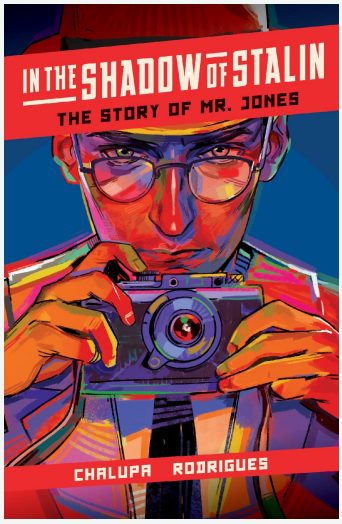
What of the towns? Moscow as yet does not look so stricken, and no one staying in Moscow would have an inkling of wha

Gareth Jones, «Famine Rules Russia», Evening Standard, 31 de março de 1933. A fotografia inserida no recorte tem a legenda «Crianças mendigas em Moscovo»; não é identificada como fotografia da Ucrânia.

Mr. Jones: filme e romance gráfico



Mr. Jones (2019). Samuel Goldwyn Films.



In the Shadow of Stalin: The Story of Mr. Jones (2024). Oni Press.

O filme de Agnieszka Holland *Mr. Jones* (2019), com argumento de Andrea Chalupa, dramatiza o trabalho jornalístico de Gareth Jones na Ucrânia atingida pela fome e a campanha para o desacreditar, incluindo as negações de Duranty. Chalupa regressou a esta história no romance gráfico *In the Shadow of Stalin: The Story of Mr. Jones* (Oni Press, 2024), ilustrado por Ivan Rodrigues. Ambas as obras apresentam a um público mais vasto o conflito entre o testemunho direto e a propaganda soviética.

1.6 A rede de propaganda estalinista

Duranty atuava num ambiente mais vasto de divulgação soviética, autoridade cultural simpatizante e influência organizada. Algumas destas ligações eram dirigidas e financiadas; outras dependiam da convicção, da ambição ou do desejo de conservar o acesso.[40] O seu efeito combinado podia fazer parecer que a crítica ao Estado soviético era ignorante, maliciosa ou hostil ao progresso. Uma rede de influência podia funcionar através de várias formas de participação, com diferentes graus de conhecimento e compromisso.

Willi Münzenberg forneceu um exemplo organizado. Tal como descrito em *The Red Millionaire* (2003), de Sean McMeekin,[41] e em *Double Lives* (edição revista, 2004), de Stephen

[40] «MICE», da Vatnik Soup (21 de maio de 2023), discute Dinheiro (Money), Ideologia (Ideology), Comprometimento (Compromise) e Ego (Ego) como motivos sobrepostos para o trabalho de influência. O pagamento, a convicção política e a ambição correspondem ao dinheiro, à ideologia e ao ego; o comprometimento refere-se à chantagem com recurso a informações pessoais comprometedoras. O acesso privilegiado pode oferecer recompensas profissionais e validação pessoal, ajudando a explicar uma cooperação sustentada por mais do que o pagamento direto.

[41] Sean McMeekin, *The Red Millionaire: A Political Biography of Willy Munzenberg, Moscow's Secret Propaganda Tsar in the West* (Yale University Press, 2003).

Koch,[42] construiu um aparelho internacional de comunicação social e organizações de fachada que recrutavam figuras políticas e culturais de relevo para as causas soviéticas. Essas organizações podiam chegar a públicos para além dos próprios membros do Partido Comunista. O valor do apoio de um escritor respeitado residia, em parte, na autoridade que essa pessoa adquirira noutro contexto: a mensagem podia parecer vir de uma consciência independente, em vez de uma repartição do partido.

O apoio público, a participação em campanhas e o trabalho clandestino de informações[43] eram formas diferentes de envolvimento neste ambiente de influência mais amplo. A reputação cultural tornava um apoio valioso mesmo quando o seu autor agia por convicção.

Koch descreve o modelo de agência noticiosa de Münzenberg como capaz de distribuir jornalismo legítimo a par de histórias fabricadas, ao mesmo tempo que dava cobertura a atividades clandestinas. Esta combinação podia conferir às notícias plantadas uma credibilidade derivada de reportagens autênticas. Descreve também como opiniões promovidas através de círculos culturais organizados podiam difundir-se entre pessoas que não eram diretamente orientadas.[44]

As reportagens de Louis Fischer para *The Nation* ilustram este compromisso ideológico. O relato de 1988 da Comissão dos EUA sobre a Fome na Ucrânia acompanha a passagem das suas advertências sobre as entregas obrigatórias e as condições alimentares no final de 1932 para a sua defesa das deportações em fevereiro de 1933. Adotou as acusações contra «sabotadores» nacionalistas ucranianos e apresentou a coerção como uma resposta imposta às autoridades. As vítimas da política podiam, assim, ser culpadas pelo seu fracasso. O raciocínio oferecia aos simpatizantes uma forma de reconhecer as dificuldades, tratando-as ao mesmo tempo como fundamento para maior repressão.

O próprio artigo de Fischer «Hearst's Russian Famine», publicado em 13 de março de 1935, torna particularmente claro o investimento político. Contestou o itinerário alegado por Thomas Walker e as suas fotografias, questões que exigiam investigação. Mas desmascarar uma reportagem pouco fiável não podia eliminar as provas independentes relativas a 1932–33. Fischer também explicou a atração do progresso económico soviético para a esquerda americana e apresentou a cobertura de Hearst como uma tentativa de destruir a sua confiança. A defesa dizia agora respeito ao futuro de uma causa política, além da fiabilidade

[42] Stephen Koch, *Double Lives: Stalin, Willi Münzenberg, and the Seduction of the Intellectuals* (Enigma Books, 2004; ISBN 9781929631209), edição revista. Capítulo 1, «Lying for the Truth», **p. 15** e **pp. 24–27**, em especial **pp. 25–26**, sobre a autoridade cultural, a angariação de apoiantes fora das fileiras do partido e o valor de apoiantes aparentemente independentes.

[43] Stephen Koch, *Double Lives: Stalin, Willi Münzenberg, and the Seduction of the Intellectuals* (Enigma Books, 2004; ISBN 9781929631209), edição revista. Capítulo 1, «Lying for the Truth», **p. 17**, **pp. 19–20** e **p. 24**, distinguindo organizadores profissionais, apoiantes sinceros mas apenas parcialmente informados e atividades clandestinas.

[44] Stephen Koch, *Double Lives: Stalin, Willi Münzenberg, and the Seduction of the Intellectuals* (Enigma Books, 2004; ISBN 9781929631209), edição revista. Capítulo 1, «Lying for the Truth», **p. 24**, sobre o jornalismo legítimo, as histórias fabricadas e a cobertura de atividades clandestinas no modelo de agência noticiosa; **pp. 26–27**, sobre a difusão mais ampla das opiniões promovidas e a manutenção das convicções.

de determinadas provas. O compromisso com essa causa podia moldar quais as testemunhas que mereciam crédito e quais as perguntas que pareciam hostis.

Em abril de 1932, a jornalista canadiana Rhea Clyman advertiu Sidney e Beatrice Webb, em Londres, de que as pessoas estavam a morrer de fome e as explorações coletivas fracassavam. A entrada do diário de Beatrice Webb de 9 de abril regista estas advertências a par de ataques à inteligência, à moral e à respeitabilidade sexual de Clyman. Clyman começara por simpatizar com o comunismo antes de se desiludir. Os Webb ouviram provas contrárias antes da sua visita à União Soviética. O preconceito pessoal podia, assim, reforçar o compromisso político ao minar a credibilidade de uma testemunha incómoda.

Maxim Gorky oferece um paralelo a partir do interior da vida cultural soviética. A sua visita a Solovki em 1929 e a participação no livro do Canal Mar Branco–Báltico emprestaram autoridade literária ao sistema dos campos.[45] O volume coletivo foi publicado em russo em 1934; a sua adaptação inglesa, *Belomor*,[46] seguiu-se em 1935. A apresentação da transformação dos presos através do trabalho ajudou a reformular a coerção como aperfeiçoamento moral e social. A defesa cultural ia além de negar a brutalidade: fornecia um propósito edificante que permitia desculpá-la.

A utilização de Gorky nos jornais e revistas do Gulag mostra também como a reputação de um escritor podia ser mobilizada repetidamente dentro de instituições de coerção.

Um exemplo posterior liga mais diretamente a negação às instituições soviéticas. Applebaum descreve como os projetos de *Fraud, Famine and Fascism* (1987), de Douglas Tottle, circularam entre os institutos de história do partido em Moscovo e Kyiv e os comités centrais do partido para correções e comentários; os diplomatas soviéticos promoveram o livro. A denúncia de algumas fotografias mal identificadas e de reportagens pouco fiáveis não invalidava as provas independentes da fome.[47]

Estes casos revelam uma forma recorrente de tornar defensável a violência do Estado: promover as realizações, desacreditar a testemunha, admitir dificuldades selecionadas e apresentar o custo humano como necessário a um propósito superior. Para os ucranianos que tentavam obter reconhecimento e socorro, as consequências iam além de um artigo de jornal enganador. O seu testemunho tinha de competir com um sistema internacional de reputações

[45] Ver a caixa «Gorky e o livro de propaganda do Canal do Mar Branco», p. 61, na secção 2.5.2.

[46] Maxim Gorky, L. Averbakh, S. G. Firin (orgs.), *Belomor: An Account of the Construction of the New Canal Between the White Sea and the Baltic Sea* (H. Smith & R. Haas, 1935), adaptação inglesa de Amabel Williams-Ellis, introdução, pp. vii–ix.

[47] Anne Applebaum, *Red Famine: Stalin's War on Ukraine* (Toronto: Signal/McClelland & Stewart, 2017; ISBN 978-0-7710-0930-3), capítulo 15, "The Holodomor in History and Memory", pp. 338–339. Nota 59, p. 416.

e compromissos políticos capaz de transformar o conhecimento do seu sofrimento em razões para o tolerar.[48]

[48] A credibilidade da apologia continua a depender, em parte, de quem parece estar a falar. O trabalho da Vatnik Soup acompanha redes contemporâneas de comentadores, políticos e outras figuras públicas cujas reputações ajudam as narrativas do Kremlin a chegar a públicos para além dos meios de comunicação oficiais russos. Ver Pekka Kallioniemi e Morten Hammeken, *Vatnik Soup: The Ultimate Guide to Russian Disinformation*, sobre as narrativas, os seus promotores e os interesses e as filiações por detrás deles.

2. A intenção genocida

A morte em massa estabelece a escala da catástrofe. Os argumentos a favor da qualificação como genocídio dizem respeito às decisões que a produziram e ao grupo nacional contra o qual essas decisões foram dirigidas. Na Ucrânia, as provas ligam o controlo dos alimentos a restrições à sobrevivência e a um ataque às instituições da vida nacional.

2.1 Fome provocada pelo ser humano, genocídio e democídio

Raphael Lemkin: dar nome ao genocídio

Raphael Lemkin (1900–1959) foi um jurista judeu polaco que cunhou «genocídio», introduzindo o termo no seu livro de 1944 *Axis Rule in Occupied Europe*. Tinha estudado Direito em Lwów, hoje Lviv.



Raphael Lemkin (1900–1959). Fotografia sem data.

Depois de escapar da Polónia ocupada pelos nazis, trabalhou para tornar a destruição de grupos nacionais, étnicos, raciais e religiosos um crime internacional. A sua campanha ajudou a garantir a Convenção sobre o Genocídio, adotada pela Assembleia Geral da ONU em 9 de dezembro de 1948.

Na sua intervenção de 1953, «Soviet Genocide in Ukraine», Lemkin aplicou o conceito à Ucrânia. Relacionou a fome com os ataques aos intelectuais, às igrejas e às instituições nacionais e com as alterações no povoamento: um ataque à capacidade da nação ucraniana para continuar a existir como comunidade.

Uma autoridade não precisa de uma previsão exata do número final de mortos para saber que retirar às pessoas os seus principais meios de subsistência pode matá-las. Nas aldeias ucranianas, isso significava levar os cereais e outros alimentos; entre os pastores cazaques, significava retirar o gado e minar a economia pastoril. Esse conhecimento importa na avaliação da privação deliberada de alimentos. A questão adicional para o genocídio é saber se a privação letal foi usada para destruir um grupo nacional, no todo ou em parte; isso tem de ser avaliado através da seleção dos alvos, das decisões e do ataque mais amplo documentado em cada caso.

A Convenção sobre o Genocídio define o genocídio através de atos especificados cometidos com a intenção de destruir um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, no todo ou em parte. Matar é um dos meios; impor deliberadamente condições destinadas a provocar a destruição física é outro. A fome pode, portanto, ser um método de genocídio. O grupo pertinente é aqui a nação ucraniana, sendo a sua população rural uma parte central da comunidade sujeita à destruição.

Convenção sobre o Genocídio: artigo II

Na presente Convenção, entende-se por genocídio qualquer dos seguintes atos cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, enquanto tal:

(a) Matar membros do grupo;

(b) Causar danos graves à integridade física ou mental de membros do grupo;

(c) Submeter deliberadamente o grupo a condições de vida destinadas a provocar a sua destruição física, no todo ou em parte;

(d) Impor medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo;

(e) Transferir à força crianças do grupo para outro grupo.[49]

Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio, 9 de dezembro de 1948.

A intenção e o motivo respondem a perguntas diferentes. A industrialização, as entregas obrigatórias, a punição da resistência e a preservação do poder soviético podiam fornecer motivos para políticas que também procuravam a destruição nacional. Inversamente, a hostilidade à independência ucraniana não torna genocida toda e qualquer decisão económica. A ligação tem de ser estabelecida através das pessoas visadas, das medidas impostas e da conduta da direção à medida que as consequências se tornavam claras.

O genocídio também não exige a tentativa de assassinar todos os membros de uma nação. A questão é saber se se pretendia destruir uma parte desse grupo. Um camponês podia ser visado através de uma categoria económica e como membro de uma comunidade nacional ao mesmo tempo. Tratar classe e nacionalidade como explicações mutuamente exclusivas ocultaria a forma como o poder soviético entendia o campo ucraniano.

Fome, democídio e genocídio

Fome descreve uma privação catastrófica e as suas consequências humanas; **«fome provocada pelo ser humano»** identifica causas humanas. A extração coerciva, a destruição dos meios de subsistência, as restrições à circulação e a obstrução do socorro podem criar uma fome ou torná-la muito mais letal. As condições adversas das colheitas podem coexistir com essas causas. A causalidade humana, porém, não estabelece, por si só, uma intenção de matar ou de destruir um grupo.

[49] A deportação e a russificação de crianças ucranianas pela Rússia suscitam diretamente esta questão. Os mandados do TPI por crimes de guerra não resolvem a questão de saber se está presente o elemento adicional da intenção genocida. Ver a secção 3.6, «Deportar e russificar crianças ucranianas».

Fome, democídio e genocídio (continuação)

O conceito de **democídio** de R. J. Rummel[50] abrange a morte provocada pelo governo, incluindo mortes causadas por condições letais deliberadamente impostas e pelo desprezo consciente e temerário pela vida. Uma fome intensificada através de tais decisões pode enquadrar-se neste conceito mesmo quando a intenção específica exigida para o genocídio é contestada. Os erros comuns de planificação não constituem automaticamente democídio: as ações, o conhecimento e a conduta das autoridades em relação à população em perigo continuam a ser decisivos.

Estas descrições podem sobrepor-se. Uma fome pode ser provocada pelo ser humano, democida e genocida. Mas uma política deliberadamente imposta, o conhecimento das suas consequências, a indiferença temerária, a intenção de matar e a intenção de destruir um grupo protegido são conclusões distintas. O democídio fornece uma categoria analítica; não é, em si, um crime autónomo previsto na Convenção sobre o Genocídio. Uma ordem escrita explícita não é indispensável: a intenção genocida pode ser estabelecida a partir do conjunto das provas da conduta e das circunstâncias envolventes.

2.2 Conhecimento, ordens e escalada

A direção recebeu advertências antes do auge das mortes em 1933. Em cartas a Estaline e Molotov de 10 de junho de 1932, Hryhorii Petrovsky e Vlas Chubar descreveram a morte pela fome e as consequências das entregas obrigatórias excessivas. Chubar relatava a retirada das reservas de cereais e sementes, com imposição de novas quotas mesmo depois de cumpridas as metas anteriores. A informação provinha de altos funcionários da Ucrânia soviética, dentro da própria cadeia de autoridade do regime. Uma explicação assente num centro desinformado não pode dar conta do que aconteceu depois. Escrevendo a Kaganovich em 15 de junho, Estaline desvalorizou os apelos e considerou que a Ucrânia já recebera o suficiente. A decisão do Politburo de 23 de junho excluiu novas entregas de cereais além das já aprovadas. Em 6 de julho, Molotov e Kaganovich disseram a Estaline que tinham rejeitado o pedido do Politburo ucraniano para reduzir o plano de entregas obrigatórias.

Mas a informação também era tratada como ameaça política. Os relatos de privação podiam ser reformulados como provas de sabotagem ou deslealdade, enquanto a fome era ocultada do escrutínio público. A supressão prejudicava os meios pelos quais uma política fracassada poderia ser corrigida: as testemunhas arriscavam punição, os funcionários tinham incentivos para declarar êxitos e as vítimas careciam de instituições independentes através das quais pudessem exigir uma resposta. O conhecimento da direção e a sua destruição ou descredibilização das informações contrárias têm de ser considerados em conjunto.

A coerção foi então além da exigência de uma parte da colheita. A lei de 7 de agosto de 1932 prescrevia a execução, ou pelo menos dez anos de prisão em circunstâncias atenuantes, para o furto de propriedade coletiva e cooperativa. A reivindicação do Estado sobre os alimentos adquiriu uma força punitiva extraordinária. As multas em alimentos e a inclusão em listas negras restringiram ainda mais a capacidade das famílias para se alimentarem e a das

[50] R. J. Rummel, *Death by Government* (Transaction Publishers, 1994), capítulo 2, «Definition of Democide».

comunidades para comerciar. Essas medidas convertiam o incumprimento das entregas obrigatórias numa punição que afetava as condições de sobrevivência. O decreto de 6 de dezembro ordenou a retirada de mercadorias, a suspensão do comércio e do crédito e o reembolso antecipado das dívidas em aldeias identificadas. Uma resolução de 19 de dezembro reconhecia que o plano de entregas obrigatórias da Ucrânia fora reduzido duas vezes, mas exigia uma aplicação mais rigorosa. Em 22 de dezembro, Kaganovich e Chernov instaram Estaline a anular as regras que protegiam as reservas nas explorações coletivas que não tinham cumprido os seus planos de entrega. As ordens de 24 e de 29 de dezembro exigiram que as explorações coletivas aquém das suas metas de entrega cedessem todas as reservas de cereais, incluindo as sementes para sementeira, revogando a proteção anterior destas.

A diretiva assinada por Estaline e Molotov em 22 de janeiro de 1933 ordenou que se impedisse a fuga dos camponeses da Ucrânia e do Cáucaso do Norte. Os que tinham escapado deviam ser intercetados e, após triagem, devolvidos. A sua importância reside na combinação: o Estado retirava alimentos enquanto fechava uma via pela qual as pessoas podiam procurá-los noutros locais. Tratava-se de uma restrição organizada, imposta depois de se conhecer a morte pela fome, e não de uma escassez fora do controlo das autoridades.

A resposta de Estaline a Mikhail Sholokhov de 6 de maio de 1933 mostra como o conhecimento da fome podia coexistir com a hostilidade às suas vítimas. Respondendo às notícias da região do Don, escreveu que já tinha sido prestada ajuda e que seria enviado um investigador. Reconheceu que os funcionários podiam chegar ao sadismo, mas acusou os produtores de cereais de travarem uma guerra «silenciosa» contra o poder soviético. A troca de correspondência refere-se ao Cáucaso do Norte, fora da Ucrânia soviética.[51]

O julgamento de Andrii Richytskyi em 1934 oferece um exemplo concreto da ligação entre a pressão dos dirigentes e a violência local. Para defender as suas brutais requisições de cereais em Arbuzynka, invocou as exigências de Kaganovich de métodos mais duros e a aprovação de multas, despejos e detenções por Zatonskyi. O relato deste testemunho em Applebaum mostra como um executante interpretava o incentivo dos superiores; não demonstra que se tenha procedido de forma idêntica em todas as aldeias.[52]

As exportações de cereais continuaram, embora os volumes tenham caído acentuadamente. A sua existência identifica uma escolha sobre os recursos, mas a distribuição mais ampla incluía também rações urbanas, reservas, sementes e socorro interno. As alternativas pertinentes eram práticas, além de económicas: reduzir as apreensões, deixar alimentos às famílias, permitir a circulação, admitir ajuda externa e responder às advertências. A avaliação da intenção depende das escolhas feitas, do momento em que foram feitas e das pessoas contra quem foi imposta a privação resultante.

[51] Anne Applebaum, *Red Famine: Stalin's War on Ukraine* (Toronto: Signal/McClelland & Stewart, 2017; ISBN 978-0-7710-0930-3), capítulo 13, "Aftermath", pp. 293–295. Nota 43, p. 410; Estaline a Sholokhov, 6 de maio de 1933.

[52] Anne Applebaum, *Red Famine: Stalin's War on Ukraine* (Toronto: Signal/McClelland & Stewart, 2017; ISBN 978-0-7710-0930-3), capítulo 10, "Famine Decisions, 1932: The Searches and the Searchers", pp. 237–240. Notas 93–95, pp. 398–399.

2.3 A Ucrânia, o Kuban e a perseguição nacional

Na sua carta de 26 de abril de 1926, Estaline apoiou a ucranização das instituições do partido e do Estado, mas exigiu o controlo comunista sobre o movimento cultural mais amplo. Atacou o apelo de Mykola Khvylovy ao afastamento dos modelos literários russos. A suspeita perante a independência cultural precedeu, assim, a crise das entregas obrigatórias.

A carta de Estaline a Kaganovich de 11 de agosto de 1932 liga a resistência às entregas obrigatórias ao seu receio de perder a Ucrânia. Desconfiava da direção da república, invocava os nacionalistas ucranianos e os agentes polacos e instava a mudanças no controlo político e de segurança. As objeções económicas tornavam-se prova de uma ameaça à posse soviética da república. A dimensão nacional surge na própria discussão da direção sobre a forma de lidar com a crise.

A resolução de 14 de dezembro de 1932 reuniu as entregas obrigatórias de cereais e a política de nacionalidades. Sancionou purgas no partido e a reversão da ucranização no Kuban, a par de restrições na Ucrânia. A entrega de alimentos e as instituições que sustentavam a vida pública ucraniana foram colocadas na mesma campanha contra a alegada deslealdade nacional. A resolução separada de 15 de dezembro ordenou a várias regiões fora da Ucrânia soviética que pusessem fim à ucranização, passassem as publicações em língua ucraniana para russo e preparassem as escolas para o ensino em russo até ao outono de 1933. O Kuban importa porque as comunidades ucranianas se estendiam para além da fronteira administrativa da república: uma análise confinada a essa fronteira pode perder de vista a geografia nacional da repressão.

O decreto de 14 de dezembro também ordenou a deportação dos habitantes de Poltavskaya para norte e o repovoamento da sua localidade com agricultores coletivos do Exército Vermelho, que receberiam as terras, as culturas de inverno, os edifícios, os equipamentos e o gado. Estaline defendera o esvaziamento de aldeias cossacas e o estabelecimento de chechenos no seu lugar em novembro de 1920, como punição pela alegada deslealdade na região de Terek. A remoção coletiva e a redistribuição repetem-se nestas campanhas contra populações diferentes.

O facto de **a Ucrânia ter produzido alimentos suficientes em 1932 para evitar a fome** faz da continuação da privação uma questão de escolha política. O balanço alimentar da secção 1.3 estabelece a possibilidade material da prevenção. Lido a par das apreensões punitivas, das restrições à fuga e das medidas nacionais aqui documentadas, torna a decisão da direção de persistir central para as provas de intenção.

As provas quantitativas reforçam esta ligação. Em «The Causes of Ukrainian Famine Mortality, 1932–33»[53], Markevich, Naumenko e Qian encontram um enviesamento antiucraniano na mortalidade e nas entregas obrigatórias de cereais, tanto previstas como efetivas, incluindo fora da Ucrânia soviética. A sua análise liga a composição étnica à política, para além das diferenças de produtividade alimentar. As metas de entrega, as recolhas efetivas e a retenção regional de cereais — produção menos entregas obrigatórias — são indicadores distintos; a retenção não mede diretamente os alimentos que chegam a cada família. Contudo, os seus dados sobre as metas de entrega deixam em aberto quando é que a extração discriminatória se tornou uma decisão de deixar morrer os ucranianos; não estabelecem que a fome já estivesse planeada em 1928.

Um estudo quantitativo premiado sobre o Holodomor

Andrei Markevich, Natalya Naumenko e Nancy Qian, «The Causes of Ukrainian Famine Mortality, 1932–33», *The Review of Economic Studies*, vol. 92, n.º 5 (outubro de 2025), pp. 3276–3305. Publicado em linha em 11 de setembro de 2024. DOI: 10.1093/restud/rdae091.

Vencedor do Prémio Conquest de 2025 pelo Contributo para os Estudos do Holodomor.

«Construímos um novo conjunto de dados em painel para a União Soviética do período entre as duas guerras, a fim de estudar as causas da mortalidade da fome ucraniana (Holodomor) em 1932–3, e documentamos vários factos: (1) ***a Ucrânia produziu alimentos suficientes em 1932 para evitar a fome na Ucrânia****; (2) a mortalidade em 1933 na União Soviética aumentava com a proporção da população etnicamente ucraniana anterior à fome e (3) não estava relacionada com a produtividade alimentar entre regiões; (4) este padrão existe mesmo fora da Ucrânia; (5) as restrições à migração agravaram a mortalidade; (6) as entregas obrigatórias de cereais, efetivas e previstas, aumentavam, e a retenção de cereais, efetiva e prevista (produção menos entregas obrigatórias), diminuía com a proporção de população etnicamente ucraniana entre regiões.* ***Os resultados implicam que o enviesamento antiucraniano na política soviética contribuiu para a elevada mortalidade ucraniana durante a fome e que esse enviesamento visava sistematicamente os ucranianos étnicos em toda a União Soviética.****»*

O estudo liga população, política e resultado. Uma mortalidade mais elevada, por si só, poderia admitir várias explicações. A discriminação nos próprios planos de entregas obrigatórias do Estado, lida a par das advertências, da coerção e das restrições à fuga, torna mais difícil sustentar uma explicação assente na má gestão local acidental. Também enfraquece o argumento de que a fome fora da Ucrânia refuta a existência de uma perseguição dirigida: a população em causa não estava contida numa única fronteira republicana.

[53] Markevich, Naumenko e Qian, «The Causes of Ukrainian Famine Mortality, 1932–33», §4.3, quadro 2, coluna 8. Com base em dados de mortalidade relativos a 1885–1913, os autores não encontram uma associação entre a proporção de ucranianos na população e a mortalidade durante a fome de 1891–92. Esta comparação enfraquece as explicações da distribuição da mortalidade em 1932–33 assentes em características duradouras das comunidades ucranianas ou dos locais onde viviam.

Também não é necessário excluir todas as outras vítimas para que os argumentos relativos à Ucrânia se sustentem. O Asharshylyq exige a sua própria avaliação dos meios de subsistência cazaques, da transformação nacional e da política letal. As autoridades soviéticas podiam devastar várias populações e exercer diferentes formas de repressão contra mais de um grupo nacional. A existência de outras vítimas alarga a história da responsabilidade; não elimina a necessidade de explicar as medidas dirigidas contra os ucranianos.

O campo era mais do que uma fonte de cereais. Sustentava famílias, a língua, a prática religiosa e a transmissão quotidiana da identidade ucraniana. Na sua intervenção de 1953, «Soviet Genocide in Ukraine», Raphael Lemkin entendeu os ataques ao campesinato a par da destruição da liderança intelectual, das igrejas e das instituições nacionais. A sua interpretação ligava a destruição física das pessoas ao desmantelamento da comunidade que sustentavam.

Esta combinação importa para a intenção. Um governo que procurasse obter entregas podia punir a resistência; um governo que atacasse a autonomia nacional também podia identificar essa resistência com a própria existência da nação. As medidas de dezembro mostram esses propósitos a encontrarem-se na política. O ataque às instituições ucranianas ajuda a explicar por que motivo a morte pela fome faz parte de uma história nacional mais ampla, enquanto a privação de alimentos e o impedimento da fuga estabelecem o que estava fisicamente em jogo.

A perseguição cultural e a destruição física exigem, ainda assim, uma descrição precisa. A censura, a assimilação forçada e a destruição de instituições podem revelar objetivos e ajudar a interpretar um ataque; o argumento do genocídio tem também de estabelecer os atos destrutivos especificados e a intenção. A análise mais ampla de Lemkin torna visíveis estas ligações.

2.4 Objeções, avaliação e reconhecimento

A desorganização agrícola, as perdas de gado e a crise soviética mais ampla eram reais. Também o eram as alterações das quotas, a queda das exportações e a distribuição interna de ajuda alimentar. Uma explicação da fome tem de as ter em conta. Mas uma análise de como começou uma crise não pode, por si só, explicar as decisões tomadas depois de a direção saber que as pessoas estavam a morrer de fome. Um programa agrícola destrutivo e a intensificação deliberada da privação podem constituir fases sucessivas da mesma catástrofe.

A divergência entre historiadores diz respeito a esta evolução, além da classificação. Davies e Wheatcroft[54] interpretam a fome como uma consequência indesejada do impulso de industrialização, salientando ao mesmo tempo a responsabilidade de Estaline e o seu pleno conhecimento da dimensão da catástrofe. A análise do debate por Bohdan Klid contrapõe a sua explicação aos argumentos que salientam as medidas punitivas e nacionais adicionais. São explicações concorrentes da política e da intenção. Devem ser confrontadas com a sequência

[54] R. W. Davies, Stephen G. Wheatcroft, *The Years of Hunger: Soviet Agriculture, 1931–1933* (Palgrave Macmillan, 2009), prefácio revisto, p. xv.

das decisões, em vez de se resolver a questão presumindo que ou todas as mortes da fome soviética foram intencionais desde o início, ou nenhuma poderia tornar-se intencional mais tarde.

A extensão e a coordenação das apreensões de alimentos às famílias exigem provas próprias. As penalizações documentadas, a inclusão em listas negras e as restrições à fuga não estabelecem que todas as famílias tenham sofrido uma busca idêntica ou perdido todos os alimentos.

O historial mais amplo também altera a credibilidade de uma explicação baseada num acidente inocente. O regime de Estaline usou repetidamente o assassínio em massa e o desenraizamento de comunidades nacionais como instrumentos de governo. Não se pode simplesmente presumir um compromisso com a preservação das vidas ucranianas, atribuindo a catástrofe às circunstâncias enquanto não surgir uma ordem explícita para as fazer morrer de fome. As alegações de necessidade ou impotência têm de ser confrontadas com a capacidade de confiscar alimentos, impedir a fuga e punir a resistência. Um governante disposto a sacrificar outras populações não adquire uma presunção de benevolência em relação aos ucranianos.[55]

O socorro seletivo também precisa de ser compreendido nos seus próprios termos. A existência de alguma ajuda não estabelece uma prioridade geral de preservar todas as comunidades em perigo. O seu momento, os seus destinatários e as suas condições importam a par das medidas que continuavam a ser impostas. Do mesmo modo, a continuação das exportações não pode, por si só, identificar o grupo nacional visado nem resolver a questão do propósito da direção. Os argumentos do genocídio assentam na convergência das provas: morte pela fome conhecida, extração punitiva, fuga bloqueada, política discriminatória e ataques à vida nacional ucraniana. Em conjunto, sustentam a conclusão de que a fome se tornou um instrumento de destruição nacional.

O reconhecimento posterior expressa uma avaliação desse historial. O parlamento da Ucrânia reconheceu o Holodomor como genocídio em 2006; o Parlamento Europeu fê-lo em 15 de dezembro de 2022. Essas decisões importam para a memória pública e para a responsabilidade política. Continuam a ser distintas das provas históricas em que assenta a argumentação e de uma sentença penal que determine a responsabilidade de um arguido individual.

[55] Sob Estaline, morreram mais de 1,5 milhões de presos do Gulag; o regime usou também quotas de execução e perseguiu grupos políticos e nacionais. Ver a secção 2.5.2 e Vatnik Soup, *The Gulag: Soviet-Russian concentration camps, then and now*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

2.5 Quem foi Estaline? Poder, ideologia e responsabilidade

Para compreender a responsabilidade de Estaline no Holodomor, é necessário examinar a ordem política que herdou, a forma como exerceu o poder e o tratamento que deu aos povos sob controlo soviético.[56]

2.5.1 Lenine e o Estado-partido

A ditadura de Estaline cresceu dentro de uma ordem política estabelecida sob Lenine. Depois de tomarem o poder em 1917, os bolcheviques suprimiram as organizações políticas rivais e fizeram da permanência do partido no poder a condição suprema do governo. Criaram a Cheka em dezembro de 1917, sob a direção do seu fundador e primeiro presidente, Felix Dzerzhinsky, e em janeiro de 1918 dissolveram a Assembleia Constituinte eleita. Tinham denunciado a polícia secreta czarista, a Okhrana, mas reproduziram os seus métodos de vigilância, infiltração e repressão política, desencadeando ao mesmo tempo o terror a uma escala muito maior. A polícia política e a eliminação da oposição independente ajudaram a dar ao partido o monopólio do poder público.

[56] Para análises mais desenvolvidas, ver Vatnik Soup, *The Gulag: Soviet-Russian concentration camps, then and now*, Dossiê de Memória Histórica, a publicar, e Vatnik Soup, *Molotov–Ribbentrop: The Red-Brown Alliance*, Dossiê de Memória Histórica, a publicar.



Vladimir Lenine em Gorki em 1923, com a irmã Anna e um dos seus médicos.

A Nova Política Económica de Lenine, em 1921, abriu espaço ao comércio camponês e à atividade económica privada. O mesmo congresso do partido que introduziu este recuo económico também proibiu as fações organizadas dentro do Partido Comunista. A resolução de Lenine ordenava a dissolução dos grupos formados em torno de plataformas concorrentes, sob pena de expulsão em caso de incumprimento. As concessões económicas coexistiam com a restrição da escolha política, incluindo dentro do partido governante. Em 17 de maio de 1922, deu instruções ao comissário da Justiça, Dmitry Kursky, para que os tribunais legalizassem o terror como princípio.[57]

[57] Lenine, carta a D. I. Kursky, 17 de maio de 1922, *Collected Works*, 2.ª ed. inglesa, vol. 33 (Progress Publishers, 1965), pp. 358–359: «Os tribunais não devem proibir o terror». A carta acompanhava um projeto de aditamento ao Código Penal.

Em *The Foundations of Leninism* (1924),[58] Estaline invocou explicitamente a resolução de Lenine para defender a unidade de comando do partido e rejeitar a liberdade de fações. A pretensão do partido de falar em nome dos operários e camponeses colocava a sua direção acima da contestação política independente. Estaline podia usar a autoridade e as regras do líder fundador para reforçar a sua própria posição.

A fome sob Lenine e as suas instruções, discutidas na secção 1.1.2, já tinham mostrado como a extração coerciva e o uso político da fome podiam penetrar na vida dos ucranianos. Estaline herdou instituições que subordinavam os alimentos, o trabalho e a oposição política aos propósitos do partido. Consolidou posteriormente a sua ditadura pessoal e usou essas instituições para impor a coletivização forçada e as políticas que produziram o Holodomor.[59]

Dzerjinski e a polícia política

Liderada por Felix Dzerzhinsky, seu fundador e primeiro presidente, a Cheka instalou-se no bairro de Lubyanka, em Moscovo, em 1918. Os seus sucessores permaneceram aí através de sucessivas reorganizações e mudanças de nome, incluindo a OGPU, o NKVD, o KGB e o atual FSB. O monumento a Dzerzhinsky diante da sede de Lubyanka foi retirado em agosto de 1991, quando Mikhail Gorbachev era presidente da URSS e Boris Yeltsin presidente da república russa. Sob Vladimir Putin, ele próprio antigo oficial do KGB e diretor do FSB, Sergey Naryshkin, diretor do Serviço de Informações Externas da Rússia (SVR), inaugurou uma réplica ligeiramente mais pequena na sede do serviço em Moscovo em 11 de setembro de 2023.



Felix Dzerzhinsky, 1923.

[58] José Estaline, *The Foundations of Leninism* (1924), capítulo VIII, «The Party», §5.

[59] Sobre as origens e o desenvolvimento do sistema político, ver Stéphane Courtois, *Lénine, l'inventeur du totalitarisme* (edição revista e ampliada, Perrin, 2024); Nicolas Werth, *Un État contre son peuple. De Lénine à Poutine* (Les Belles Lettres, 2025), em especial os capítulos 2–6, incluindo o capítulo 5, «De Tambov à la grande famine»; e Thierry Wolton, *Histoire mondiale du communisme*, vol. I, *Les bourreaux* (Grasset, 2015).

Dzerjinski e a polícia política (continuação)

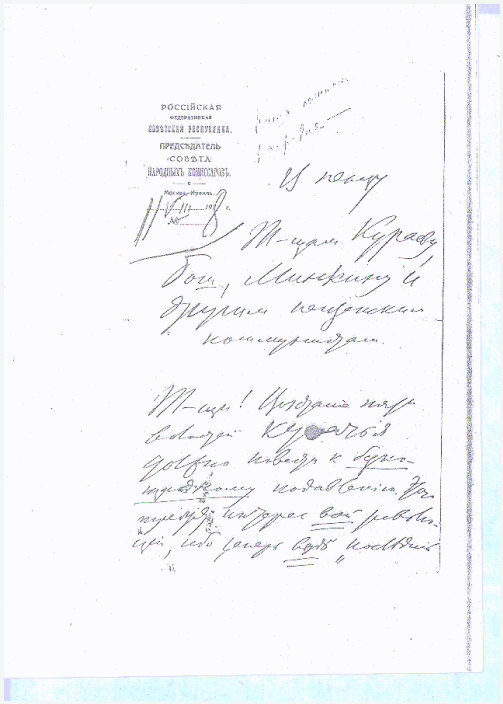


A réplica de Dzerzhinsky na sede do SVR em Yasenevo, Moscovo, durante a sua inauguração em 11 de setembro de 2023.

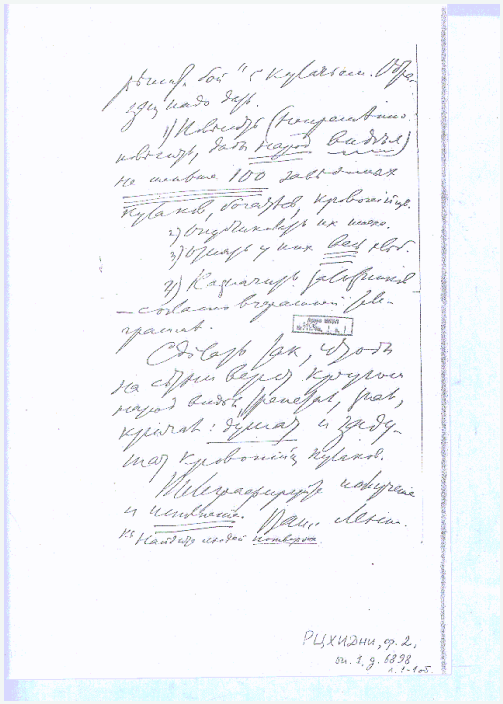
O trabalho forçado também tinha raízes institucionais anteriores à ditadura pessoal de Estaline. O telegrama de Lenine de 9 de agosto de 1918 instruía as autoridades de Penza a confinar pessoas designadas como inimigos políticos.[60]

[60] Ver Vatnik Soup, *The Gulag: Soviet-Russian concentration camps, then and now*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

A ordem de enforcamento de Lenine, 11 de agosto de 1918



Ordem original, página 1.



Ordem original, página 2.

Dois dias depois das suas instruções sobre o confinamento em Penza, Lenine ordenou aos comunistas locais que reprimissem exemplarmente uma revolta camponesa. O seu telegrama de 11 de agosto de 1918 exigia execuções públicas e confiscação:

«Têm de enforcar (enforcar sem falta, para que o público veja) pelo menos 100 kulaks notórios, os ricos e os sugadores de sangue.»

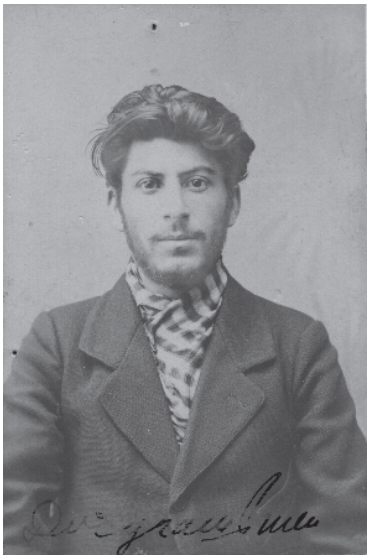
«Publiquem os seus nomes.»

«Retirem-lhes todos os cereais.»

O público visado estendia-se muito para além dos condenados: as pessoas de todo o campo circundante deviam ver a punição e ficar aterrorizadas. A morte pública e a apreensão de alimentos eram instrumentos explícitos do domínio bolchevique durante a Guerra Civil.

O Estado-partido leninista aliava a pretensão exclusiva de representar os operários e os camponeses a instituições capazes de lhes impor as suas decisões. Os seus dirigentes podiam tratar a resistência como um obstáculo aos supostos interesses históricos do povo, e não como um juízo que tivessem de aceitar. Estaline pôs essa autoridade herdada ao serviço das suas próprias decisões e ambições. Na Ucrânia, o impulso de impor a transformação comunista e a determinação em conservar o controlo a partir de Moscovo reforçavam-se mutuamente: tanto os meios de subsistência das pessoas como a independência nacional podiam ser subordinados ao projeto do partido.

2.5.2 A ditadura de Estaline: terror, trabalho forçado e repressão das nacionalidades



Estaline em 1902, com 23 anos. Fotografia policial tirada em Batum.

José Estaline (1878–1953) nasceu Ioseb Jughashvili em Gori, na Geórgia, então parte do Império Russo. Depois de estudar num seminário teológico em Tíflis (hoje Tbilisi), entrou na clandestinidade marxista, juntou-se aos bolcheviques de Lenine e passou por repetidas detenções e exílios. O seu «trabalho» incluía também a organização de «expropriações» armadas para financiar os bolcheviques de Lenine. O relato de Montefiore sobre o assalto de Tíflis de junho de 1907[61] descreve um ataque com bombas e armas de fogo a um transporte de dinheiro de um banco, planeado através da rede de Estaline e autorizado por Lenine. Era um revolucionário experiente antes de 1917. Depois da tomada do poder pelos bolcheviques nesse ano, entrou no governo de Lenine como Comissário do Povo para as Nacionalidades e ocupou altos cargos no partido e durante a Guerra Civil.

Em abril de 1922, Estaline tornou-se secretário-geral do Partido Comunista, cargo que lhe deu influência sobre as nomeações e acesso a informações em todo o Estado. A doença incapacitante de Lenine e a sua morte, em janeiro de 1924, deixaram Estaline com uma poderosa base organizativa. Através de alianças variáveis e da derrota dos rivais, incluindo Leon Trotsky, transformou essa posição em predominância pessoal. Invocava a autoridade de Lenine enquanto construía uma ditadura dentro do partido que Lenine levara ao poder.[62]

A convicção ideológica e a ambição pessoal de Estaline reforçavam-se mutuamente. Tal como explica a avaliação biográfica de Oleg Khlevniuk, adaptou a doutrina bolchevique à sua ditadura e à expansão do poder soviético. A missão histórica reivindicada pelo partido podia justificar a coerção, enquanto a resistência podia ser classificada como hostilidade ao progresso. A sinceridade da crença não oferecia proteção a quem era sacrificado a essa missão. Um governante podia acreditar no comunismo e usá-lo para autorizar a destruição de pessoas que lhe levantavam obstáculos.

No final da década de 1920, Estaline tinha concentrado o poder dentro do Partido Comunista e impulsionava uma transformação forçada da economia soviética. Os mercados limitados permitidos pela Nova Política Económica eram cada vez mais substituídos pela recolha coerciva de cereais e pela coletivização forçada. No seu discurso de 9 de julho de 1928,

[61] Simon Sebag Montefiore, *Young Stalin* (Vintage, 2008; ISBN 9781400096138), prólogo, «The Bank Robbery».

[62] Para biografias, ver Oleg V. Khlevniuk, *Stalin: New Biography of a Dictator* (2015); Stephen Kotkin, *Stalin: Paradoxes of Power, 1878–1928* (2014) e *Stalin: Waiting for Hitler, 1929–1941* (2017); e Simon Sebag Montefiore, *Stalin: The Court of the Red Tsar* (2003). Khlevniuk oferece uma biografia de arquivo concisa, Kotkin o enquadramento histórico mais amplo e a ascensão do poder de Estaline, e Montefiore o círculo íntimo do ditador. Ver também o grupo sobre Estaline nas Leituras recomendadas.

Estaline defendeu abertamente um encargo adicional sobre o campesinato, descrevendo-o como uma forma de «tributo» necessária para acelerar o desenvolvimento industrial. A agricultura devia fornecer os recursos para prioridades definidas pelo Estado.

O programa era apresentado como uma luta pela sobrevivência. Em 4 de fevereiro de 1931, Estaline exigiu que a URSS superasse décadas de atraso em dez anos ou enfrentasse a derrota. No entanto, a sua expansão industrial também dependia dos conhecimentos especializados do mundo capitalista que denunciava. A Ford e a empresa de Albert Kahn forneceram projetos de fábricas, assistência técnica e formação; a fábrica de automóveis de Nizhny Novgorod oferece um exemplo concreto. A cooperação comercial reforçou a capacidade industrial,[63] continuando a ser distinta do socorro humanitário.

A sua compreensão do perigo estendia-se para além dos inimigos armados. A análise da coletivização por Kotkin salienta que a produção camponesa independente surgia à direção como uma ameaça política, mesmo quando sustentava a recuperação económica. A carta de Estaline a Kaganovich de 11 de agosto de 1932 também ligava o receio de perder a Ucrânia às suspeitas de deslealdade dentro da sua organização partidária. A independência económica e a lealdade nacional podiam, ambas, tornar-se razões para a coerção. As alternativas discutidas na secção 2.6 importam porque expõem escolhas dentro de um programa apresentado como necessidade.

Escrevendo em 1936, Trotsky descreveu como os adversários políticos de Estaline eram privados de emprego. «Num país onde o único empregador é o Estado», escreveu em *The Revolution Betrayed*, o princípio orientador passara a ser «quem não obedece não come». Estaline mandou assassiná-lo na Cidade do México em 1940.[64]

Sob Estaline, a decisão do Politburo de junho de 1929 determinou a criação de campos em regiões remotas para explorar os recursos naturais através do trabalho dos presos; seguiu-se uma administração central dos campos da OGPU em abril de 1930. As famílias camponesas espoliadas foram também deportadas para povoamentos de residência obrigatória. Constituíam uma força de trabalho sob coerção, mas o seu exílio administrativo era uma categoria diferente da reclusão num campo de um preso condenado.

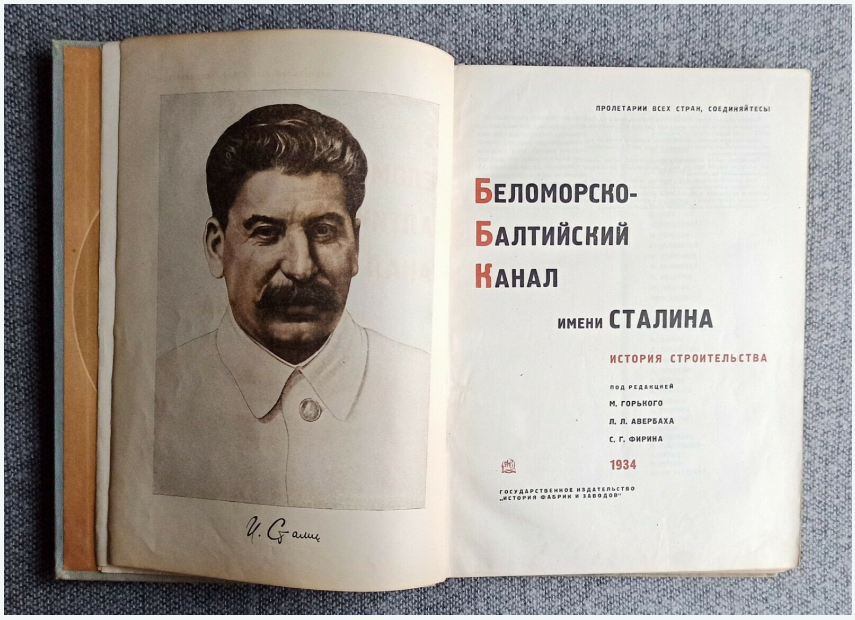
O Canal Mar Branco–Báltico, concluído em 1933, tornou visível a combinação de produção e punição. Os presos trabalhavam com equipamentos rudimentares, enquanto os incentivos e as penalizações alimentares ajudavam a impor as exigências de produção. A exaustão, a alimentação insuficiente e a aceleração da construção punham em perigo os trabalhadores. O Estado podia celebrar a obra concluída, mantendo os seus custos humanos fora do relato

[63] Sean McMeekin, *Stalin's War: A New History of World War II* (Basic Books, 2021), capítulo 2.

[64] Leon Trotsky, *The Revolution Betrayed*, capítulo XI, secção 2, trad. Max Eastman (1937; escrito em 1936). Ramón Mercader, agente espanhol da polícia secreta soviética, atacou Trotsky com um piolet na sua casa em Coyoacán em 20 de agosto de 1940; Trotsky morreu em 21 de agosto. Mercader cumpriu vinte anos numa prisão mexicana. Depois da sua libertação em 1960, a URSS distinguiu-o com o título de Herói da União Soviética. Ver o relato do International Spy Museum e a análise histórica da UNAM.

público. A capacidade de impor o trabalho também permitia que a ambição política se sobrepusesse às objeções relativas ao custo e à utilidade.[65]

Gorky e o livro de propaganda do Canal do Mar Branco



Retrato de Estaline e página de rosto da história coletiva, 1934.

Em 1934, escritores soviéticos publicaram uma história coletiva do Canal Mar Branco–Báltico, que recebera o nome de Estaline. Os seus diretores editoriais eram Maxim Gorky, Leopold Averbakh e Semyon Firin, alto funcionário dos campos da OGPU. O livro reuniu o prestígio literário e a administração dos campos numa celebração do trabalho forçado.

A sua ideia central era перековка (*perekovka*), ou «reforjamento»: os presos tornar-se-iam supostamente cidadãos soviéticos úteis através do trabalho. A lista de fontes do próprio livro identifica ordens da OGPU, jornais dos campos, relatórios e informações fornecidas por agentes de segurança. A instituição que confinava as pessoas também fornecia grande parte da narrativa apresentada como a sua redenção.

[65] A justificação económica do canal foi questionada antes da construção. Molotov expressou dúvidas, enquanto as pressões orçamentais e de prazo levaram a uma redução da profundidade prevista. Em 1940, o tráfego de mercadorias atingia apenas 44 por cento da capacidade projetada. O canal tinha também utilizações navais. A conclusão da obra, por si só, não demonstrava a sua justificação económica. Ver Morukov, «The White Sea–Baltic Canal», pp. 154–159 e 161–162. A distinção entre cumprir uma meta de construção e utilizar bem recursos escassos liga-se à discussão, na secção 2.7, do cálculo económico, do conhecimento disperso e da capacidade de agir perante informações incómodas.

Gorky e o livro de propaganda do Canal do Mar Branco

A adaptação inglesa, *Belomor* (1935),[66] levou a mensagem ao estrangeiro. A sua responsável editorial, Amabel Williams-Ellis, tratou como credíveis as acusações de sabotagem contra engenheiros presos e elogiou a história do canal. O nome de Gorky ajudou a conferir autoridade cultural a um sistema que apresentava a coerção como uma forma humanitária de reconstruir o indivíduo.[67]

Durante o regime de Estaline, cerca de 18 milhões de pessoas passaram pelas prisões e pelos campos do Gulag, e mais de 1,5 milhões de presos morreram aí. No início de 1953, cerca de 2,5 milhões de pessoas estavam detidas em campos e colónias. A fome, a doença, a exaustão e a exposição aos elementos fizeram do trabalho forçado um sistema de morte em massa, além de produção.[68]

As purgas de Estaline transformaram antigos camaradas e adversários políticos derrotados em alegados traidores. Os julgamentos-espetáculo de Moscovo de 1936–38 apresentaram bolcheviques de longa data como espiões, sabotadores e conspiradores que planeavam assassínios. Grigory Zinoviev e Lev Kamenev foram executados em 1936; Nikolai Bukharin e Alexei Rykov em 1938. Bukharin tinha sido aliado de Estaline antes de se opor à sua orientação económica; a sua alternativa é discutida na secção 2.6. Uma divergência política dentro da direção foi reformulada como participação numa conspiração criminosa.

As purgas também devastaram as forças armadas e as instituições que administravam a repressão. Durante a purga dos quadros de comando do Exército Vermelho, em 1937–38, altos oficiais foram executados, presos ou demitidos, enquanto promoções rápidas preenchiam as vagas.

O Grande Terror, 1937–38

O Grande Terror de 1937–38 foi uma campanha concentrada de detenções e execuções em massa em toda a União Soviética. Jansen e Petrov estimam cerca de 1,5 milhões de detenções e aproximadamente 700 000 execuções.

[66] Maxim Gorky, L. Averbakh, S. G. Firin (orgs.), *Belomor: An Account of the Construction of the New Canal Between the White Sea and the Baltic Sea* (H. Smith & R. Haas, 1935), adaptação inglesa de Amabel Williams-Ellis, introdução, pp. vii–ix.

[67] Os «companheiros de viagem» — aquilo a que hoje muitas vezes chamaríamos vatniks — eram simpatizantes que podiam emprestar uma autoridade cultural aparentemente independente às causas comunistas sem serem formalmente membros do partido. *Double Lives: Stalin, Willi Münzenberg, and the Seduction of the Intellectuals* (edição revista, 2004), de Stephen Koch, examina a mobilização de escritores e intelectuais em torno das causas soviéticas. A posição de Gorky dentro da vida cultural soviética diferia da dos simpatizantes estrangeiros; o paralelo diz respeito ao uso legitimador do prestígio cultural. Ver a secção 1.5 para a analogia do protovatnik e a secção 1.6 para a rede mais ampla.

[68] Ver Vatnik Soup, *The Gulag: Soviet-Russian concentration camps, then and now*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

O Grande Terror, 1937–38 (continuação)

A maioria das vítimas estava fora da elite governante. As operações secretas em massa visavam antigos «kulaks», membros do clero e outros alegados inimigos, bem como operários, engenheiros e agricultores de explorações coletivas. O terror era organizado através de decisões e instituições. Durante o Grande Terror de 1937–38, a Ordem n.º 00447 do NKVD fixou limites regionais para execuções e penas de internamento em campos;[69] os funcionários pediam aumentos e a direção de Estaline aprovava-os. Comissões de três pessoas chamadas *troikas* — em russo, тройка (*troika*), plural тройки (*troiki*) — decidiam os casos sem julgamentos ordinários.[70] O quadro inicial de quotas da ordem atribuía também 10 000 execuções a presos já detidos em campos do NKVD. Os presos eram deliberadamente fuzilados, além de morrerem de fome, doença e exaustão sob condições de reclusão letais.

A par desta operação, as «operações nacionais» do NKVD visavam pessoas através de alegadas ligações à Polónia, à Alemanha e a outros Estados estrangeiros. A origem nacional e os contactos com o estrangeiro podiam ser transformados em provas de uma conspiração imaginada.

A «operação polaca» de 1937–38 torna concreta a escala da perseguição nacional. A Ordem n.º 00485 do NKVD, emitida em 11 de agosto de 1937, transformou uma suposta espionagem polaca na base de uma campanha em massa contra cidadãos soviéticos. As contagens de arquivo registam 139 835 condenações, incluindo 111 091 penas de morte; a maioria das vítimas era polaca, mas outras nacionalidades, incluindo ucranianos, também foram apanhadas na operação. Eram categorias de alegados inimigos selecionadas pelo Estado, e não pessoas individualmente comprovadas como agentes estrangeiros.[71]



Em cima: Estaline com Nikolai Yezhov (à extrema direita), Canal Moscovo–Volga, 1937. Em baixo: a fotografia retocada, com Yezhov apagado.

Servir na polícia secreta não oferecia segurança duradoura. O aparelho que executava o terror de Estaline foi, ele próprio, submetido a purgas sucessivas. Nikolai Yezhov, que chefiou o NKVD no auge do Grande Terror, foi afastado em 1938 e preso em 1939. Foi torturado até assinar

[69] Ver Vatnik Soup, *The Gulag: Soviet-Russian concentration camps, then and now*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

[70] Surgiu um paralelo posterior na Checoslováquia comunista. Ao abrigo da Lei n.º 247/1948, § 3, comissões administrativas de três membros podiam enviar pessoas para campos de trabalho forçado por três meses a dois anos, sem um julgamento penal ordinário. Os seus poderes diziam respeito ao internamento, enquanto as troikas do NKVD soviético também impunham penas de morte. Para um tratamento mais desenvolvido, ver Vatnik Soup, *Jan Palach: Resistance to Tyranny*, Dossiê de Memória Histórica (janeiro de 2027). A publicar.

[71] Instituto da Memória Nacional, «What was the 'Polish Operation' by the NKVD?», 28 de novembro de 2017; *NKVD Order No. 00485*, 11 de agosto de 1937, catálogo bilingue de exposição documental. Os totais de arquivo distinguem todas as condenações das penas de morte; a operação dirigia-se principalmente aos polacos e apanhou também outras nacionalidades.

O Grande Terror, 1937–38 (continuação)

confissões de conspirações fabricadas. O homem que dirigira as purgas e a tortura foi, ele próprio, purgado e torturado, e depois fuzilado em 1940.

As purgas fizeram da destruição da oposição potencial um método permanente de governo. As divergências anteriores podiam ser reescritas como traição; os serviços à revolução e a obediência não ofereciam proteção segura.[72] Os julgamentos-espetáculo procuravam também fazer com que os acusados validassem a versão do regime sobre a sua própria destruição. Os sobreviventes tinham razões para demonstrar lealdade apoiando acusações e omitindo juízos incómodos. O poder de Estaline era reforçado por instituições cujos membros não se lhe podiam opor em segurança, enquanto ele conservava a autoridade para decidir quem contava como inimigo. Os grandes julgamentos e as operações em massa de 1936–38 seguiram-se ao Holodomor; a derrota anterior da oposição e as purgas partidárias ligadas às entregas obrigatórias já tinham reduzido o espaço de contestação durante a fome.

As campanhas posteriores contra as instituições judaicas e a Conspiração dos Médicos, fabricada em 1953, voltaram a fazer de um grupo alegadamente desleal o alvo da perseguição do Estado.

O antissemitismo e o antiucranianismo de Estaline: um legado soviético

As campanhas de Estaline contra as instituições judaicas e ucranianas tornaram a vida coletiva independente motivo de suspeita política. Escritores, dirigentes religiosos e organizações com contactos no estrangeiro podiam ser acusados de servir um inimigo exterior ao Estado. As aspirações nacionais ucranianas e as lealdades culturais ou comunitárias judaicas foram, umas e outras, reformuladas como fidelidades rivais que o partido se arrogava o direito de esmagar.

O Comité Judaico Antifascista, criado durante a guerra para mobilizar apoio no estrangeiro, enviou Solomon Mikhoels e Itsik Fefer ao Ocidente em 1943. Mikhoels foi assassinado por ordem de Estaline em janeiro de 1948; o comité foi encerrado em novembro desse ano, e treze arguidos do seu posterior julgamento foram executados em 12 de agosto de 1952. Os contactos estrangeiros, antes incentivados em benefício do esforço de guerra soviético, tornaram-se matéria para acusações de espionagem e de nacionalismo judaico. A antissemita Conspiração dos Médicos de 1953 alargou o ataque através de acusações fabricadas contra médicos.

[72] Até a concordância anterior com a linha do partido, e a obediência a ela, podiam ser reformuladas como traição. As entregas de armas da Checoslováquia a Israel em 1948 tinham a aprovação de Moscovo. Depois de a linha soviética mudar, a cooperação anterior com Israel foi reformulada como prova de uma conspiração «sionista» fabricada no julgamento de Praga de 1952 de Rudolf Slánský e treze outros funcionários comunistas. No enquadramento explicitamente antissemita do julgamento, os procuradores salientaram repetidamente as origens judaicas de onze dos seus catorze arguidos. Para um contexto mais desenvolvido, ver a secção 1.4, «Soviet Antisemitism», de Vatnik Soup, *Jan Palach: Resistance to Tyranny*, Dossiê de Memória Histórica (janeiro de 2027). A publicar.

O antissemitismo e o antiucranianismo de Estaline: um legado soviético (continuação)

Esta perseguição coincidiu com o reconhecimento de Israel pela URSS em maio de 1948. O apoio diplomático no estrangeiro coexistia com a destruição das instituições judaicas no interior, tal como as concessões a uma hierarquia religiosa útil coexistiam com a supressão das igrejas ucranianas.[73] O Estado reivindicava o direito de decidir que formas de vida nacional serviam os seus propósitos.

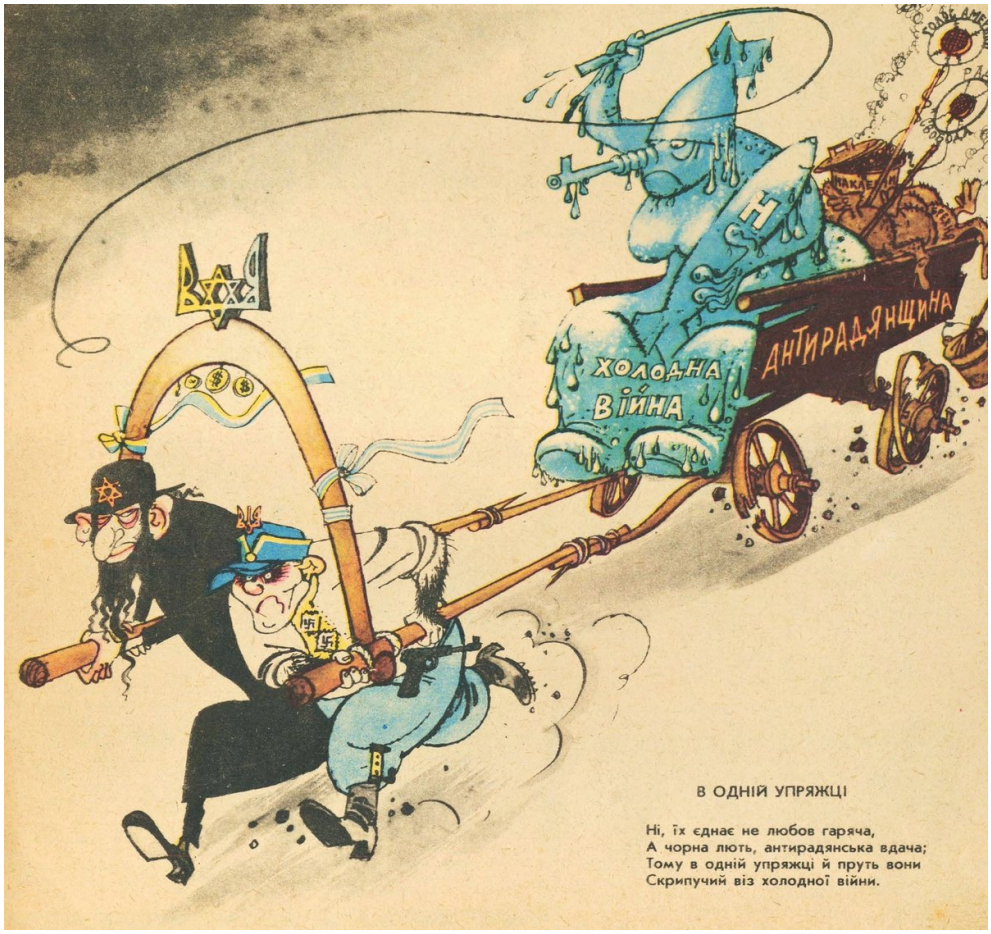
A propaganda continuou depois de Estaline. Posteriormente, caricaturas soviéticas associaram figuras estereotipadas de judeus e nacionalistas ucranianos como cúmplices do mesmo inimigo estrangeiro. Uma atrelava um «sionista» estereotipado e um nacionalista ucraniano a um carro identificado como antissovietismo; outras faziam deles animais que partilhavam a mesma causa. A fotografia mostra imagens antissemitas exibidas como anti-imperialismo. A mensagem combinada tratava a identidade judaica e a independência ucraniana como ameaças, apresentando ao mesmo tempo o Estado que as perseguia como seu libertador.



Desfile do Primeiro de Maio em Moscovo, 1972: «O sionismo é a arma do imperialismo!»

[73] Ver a secção 3.2 sobre a aproximação de Estaline à hierarquia ortodoxa russa em 1943 e a supressão e incorporação forçada da Igreja Greco-Católica Ucraniana em 1946.

O antissemitismo e o antiucranianismo de Estaline: um legado soviético (continuação)



«Na mesma atrelagem» (В одній упряжці). Uma figura judaica estereotipada e um nacionalista ucraniano puxam um carro identificado como «antissovietismo» (антирадянщина); o seu passageiro é a «Guerra Fria» (холодна війна).

Estaline morreu em 5 de março de 1953. Em 4 de abril, as autoridades soviéticas anunciaram que os médicos acusados sobreviventes tinham sido libertados e ilibados, reconhecendo que as confissões tinham sido obtidas por métodos inadmissíveis. Foi a sua morte, e não um recuo humanitário do ditador, que abriu caminho à libertação. O colapso da campanha mostra quanto a ameaça dependia do homem no topo.

O perigo estendia-se para além dos médicos presos. Uma campanha oficial que apresentava médicos judeus como agentes estrangeiros assassinos ameaçava os judeus soviéticos em geral e alimentava o receio de novas perseguições e de violência antijudaica. A morte de Estaline eliminou o governante que impulsionava essa campanha e interrompeu a sua escalada. O que se teria seguido se tivesse vivido não pode ser estabelecido com a mesma certeza: os historiadores continuam a discutir se existia um plano definido de deportação em massa.

2.5.3 Política externa e domínio imperial

Estaline podia, ainda assim, negociar, fazer concessões e cooperar com inimigos ideológicos. O pacto e o ataque à Finlândia mostram por que motivo esta flexibilidade não fornece uma garantia geral de intenções pacíficas. As preocupações de segurança, a ambição territorial e a imposição de controlo político podiam coexistir. A sua disposição para negociar sobre outras sociedades não fazia dos desejos dos seus habitantes um limite à política soviética.

Nos anos vinte, a União Soviética acolheu atividades secretas de formação militar da Reichswehr e ensaios de armamento, incluindo a escola de aviação de Lipetsk a partir de 1925. A par desta colaboração militar, as exportações de cereais ajudavam a financiar a industrialização: as exportações soviéticas para a Alemanha dos sete grupos de cereais e leguminosas identificados nos quadros aduaneiros passaram de 71 970 toneladas em 1929 para 536 664 em 1931, após um máximo de 856 218 em 1930[74]. A ata do Conselho de Ministros alemão de 2 de outubro de 1931 considerava expressamente a compra de produtos alemães a crédito ou em troca de madeira, gasolina e cereais soviéticos. Estas relações com a República de Weimar precederam os acordos distintos com Hitler examinados adiante.[75]

Na política externa, a negociação pragmática podia sobrepor-se à hostilidade ideológica. Em 23 de agosto de 1939, a União Soviética e a Alemanha nazi assinaram o Pacto Molotov–Ribbentrop, um tratado de não agressão acompanhado por um protocolo secreto que dividia esferas de influência na Europa de Leste. A Alemanha invadiu a Polónia em 1 de setembro; o Exército Vermelho invadiu pelo leste em 17 de setembro. Os territórios habitados por ucranianos no leste da Polónia foram posteriormente incorporados na Ucrânia soviética. O alargamento colocou mais ucranianos sob domínio soviético, sem lhes dar uma escolha independente sobre a ordem política que lhes era imposta.

[74] Anne Applebaum, *Red Famine: Stalin's War on Ukraine* (Toronto: Signal/McClelland & Stewart, 2017; ISBN 978-0-7710-0930-3), capítulo 7, "Collectivization Fails, 1931–2", p. 162. Nota 12, p. 386 (Serhiichuk et al., *Український хліб на експорт: 1932–1933*, pp. 5–6). A afirmação de Applebaum de que as exportações triplicaram não é sustentada pela série aduaneira verificada por anos civis. Os sete grupos enumerados de cereais e leguminosas, códigos 1–14, aumentaram cerca de 7,46 vezes entre 1929 e 1931, após um máximo em 1930. O arroz e os «outros cereais» não são identificados separadamente para a Alemanha; não é um total reconstruído de todas as categorias de cereais. O manual de 1939 confirma de forma independente as linhas mais restritas do trigo, centeio e cevada. São exportações da URSS para a Alemanha, sem prova da sua origem ucraniana. A publicação de 1933 regista o destino imediato no documento de exportação; antes de março de 1930 o peso bruto ou líquido dependia da pauta e da embalagem, passando depois a usar-se o peso líquido. A fonte secundária citada por Applebaum utiliza noutro ponto períodos não esclarecidos e remete para um manual de 1936, pp. 74–75, ainda não examinado. A causa da discrepância permanece em aberto. Fontes primárias: *Внешняя торговля Союза Советских Социалистических Республик за первую пятилетку (за период с 1928 по 1933 г.)* (Moscovo: Внешторгиздат, 1933), pp. 45, 96–97; V–VIII. S. N. Bakulin, D. D. Mishustin, *Внешняя торговля СССР за 20 лет, 1918–1937 гг.* (Moscovo: Международная книга, 1939), pp. 86, 90, 94; definições estatísticas.

[75] Para uma discussão mais desenvolvida do pacto e da cooperação soviético-alemã, ver Vatnik Soup, *Molotov–Ribbentrop: The Red-Brown Alliance*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.



José Estaline e o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão Joachim von Ribbentrop no Kremlin, Moscovo, 23 de agosto de 1939, na assinatura do Pacto Molotov–Ribbentrop.

O projeto soviético de 19 de agosto de 1939 fazia de um protocolo especial de política externa uma condição da validade do pacto. A cooperação adquiriu depois uma base material: cereais, petróleo e outras matérias-primas soviéticas eram trocados por equipamento industrial e produtos militares alemães. Um memorando alemão de 26 de fevereiro de 1940 previa explicitamente o enfraquecimento do bloqueio britânico através deste comércio. Eram acordos recíprocos entre governos que procuravam ampliar o seu próprio poder, com outras sociedades a suportar as consequências.

A Finlândia mostra como as alegações de segurança podiam acompanhar um ataque à independência política. Depois de negociações sobre alterações de fronteira e bases perto de Leninegrado, o Exército Vermelho invadiu em 30 de novembro de 1939. Moscovo reconheceu então uma administração finlandesa chefiada pelo comunista Otto Wille Kuusinen, cuja primeira tarefa declarada era derrubar o governo da Finlândia e destruir as suas forças armadas. A Sociedade das Nações expulsou a URSS em 14 de dezembro.

A destruição da independência polaca estendeu-se às pessoas que a podiam sustentar. Em 5 de março de 1940, Estaline e o Politburo aprovaram a proposta de Beria de executar prisioneiros de guerra e detidos polacos. Na primavera de 1940, o NKVD assassinou quase 22 000 cidadãos polacos na operação conhecida coletivamente como massacre de Katyń. As vítimas incluíam oficiais, polícias e presos civis; muitos oficiais da reserva eram professores, médicos, advogados e outros membros da sociedade instruída da Polónia. Katyń designa um local de

enterramento dentro de uma operação de assassínio mais ampla, que também incluiu Kharkiv, Kalinin (hoje Tver) e prisões no leste da Polónia ocupada. As autoridades soviéticas culparam a Alemanha nazi e mantiveram a mentira durante décadas, reconhecendo a responsabilidade do NKVD apenas em 1990.[76] O assassínio eliminou pessoas capazes de reconstruir um Estado independente; o negacionismo protegeu depois as instituições que as tinham matado.

Quando a Alemanha invadiu a URSS em 22 de junho de 1941, a repressão soviética deixou outro rasto de valas comuns. Durante a retirada, o NKVD assassinou milhares de presos no oeste da Ucrânia, incluindo em Lviv e Lutsk. As vítimas incluíam ucranianos, polacos e judeus detidos sob domínio soviético. A ocupação alemã trouxe depois novos crimes: a propaganda nazi e antissemitas locais exploraram a descoberta dos corpos para responsabilizar coletivamente os judeus pela repressão soviética e incitar pogroms.[77] A responsabilidade pelos assassínios nas prisões pertencia aos seus autores soviéticos; a responsabilidade pelos pogroms pertencia a quem os instigou e executou. Nenhum crime justificava outro, e as ocupações sucessivas não deram à população uma escolha livre de governo.

A Insurreição de Varsóvia, de 1 de agosto a 2 de outubro de 1944, revelou outro meio de derrotar a independência polaca. O Exército do Interior, não comunista, procurou libertar a capital da ocupação alemã e estabelecer a autoridade do governo polaco no exílio antes da imposição do controlo soviético. As forças alemãs massacraram civis, esmagaram a insurreição e destruíram sistematicamente a cidade. Estaline tratou a resistência independente como um rival político. O seu governo recusou, durante agosto, autorização para os aviões americanos de abastecimento utilizarem aeródromos soviéticos; na sua mensagem a Churchill e Roosevelt de 22 de agosto, denunciou os dirigentes da insurreição como um «grupo de criminosos».

A situação militar também importa: os contra-ataques alemães e o avanço do Exército Vermelho para além da sua capacidade de sustentação tornam pouco seguro pressupor que o socorro soviético seria fácil. Mas estas limitações não explicam a obstrução ao abastecimento aéreo aliado. Os lançamentos soviéticos limitados, uma travessia fracassada de tropas polacas alinhadas com os soviéticos e a autorização para uma missão americana de abastecimento só chegaram em setembro. A destruição da posição do Exército do Interior em Varsóvia eliminou um obstáculo organizado ao controlo de Moscovo sobre a Polónia do pós-guerra.[78] A

[76] Instituto da Memória Nacional, «The Katyn Massacre — Basic Facts», 5 de março de 2020, em especial a decisão, as vítimas e os locais de execução; Arquivos Nacionais dos EUA, «Records Relating to the Katyn Forest Massacre», sobre os assassínios e a tentativa soviética de os atribuir à Alemanha. O número de quase 22 000 refere-se à operação inteira, e não apenas ao local de enterramento de Katyń.

[77] National WWII Museum, «The 1941 NKVD Prison Massacres in Western Ukraine», 7 de junho de 2021; Center for Urban History, «'City scum', nationalists or ordinary people: interethnic violence on the streets of Lviv», em especial os assassínios nas prisões e o pogrom antijudaico. Não se atribui um único total exato à campanha inteira.

[78] Estaline a Churchill e Roosevelt, 22 de agosto de 1944, *FRUS*, 1944, vol. III, documento 1271; Harriman ao secretário de Estado, 22 de agosto de 1944, documento 1272, que relata a conversa de 17 de agosto com Molotov. Ver também National WWII Museum, «The Allied Responses to the Warsaw Uprising of 1944», 18 de janeiro de 2022; USHMM, «Warsaw Uprising»; e a confirmação de Eden da missão americana de abastecimento de 18 de setembro, *HC Deb*, 27 de setembro de 1944, vol. 403, cols. 217–220. A insurreição de 1944 em toda a cidade é distinta da insurreição do gueto de Varsóvia de 1943.

Alemanha nazi executou a matança e a destruição; a recusa de Estaline em apoiar uma força polaca independente ajudou a deixá-la exposta à derrota. Combater Hitler não significava aceitar o direito dos povos entre a Alemanha e a Rússia a governarem-se a si próprios.

A derrota da insurreição foi seguida pela eliminação dos dirigentes políticos independentes. Em 27–28 de março de 1945, as autoridades soviéticas prenderam dezasseis dirigentes do Estado Clandestino Polaco depois de os convidarem para conversações com garantias de segurança. Foram levados para Moscovo; o processo conhecido como «Julgamento dos Dezasseis» seguiu-se em junho desse ano. A derrota militar foi reforçada pela supressão dos representantes políticos que poderiam contestar o governo escolhido por Moscovo.[79] A negociação sob garantias soviéticas tornara-se outra via para a prisão.

Depois da guerra, o controlo soviético foi também imposto à Ruténia Subcarpática (hoje Zakarpattia), anteriormente parte da Checoslováquia. O tratado de 29 de junho de 1945 previa a sua transferência para a URSS e a incorporação na Ucrânia soviética. Um relatório diplomático americano de 25 de janeiro de 1945 descrevera um conselho local controlado pelos comunistas que detinha o poder executivo e representantes do governo checoslovaco impedidos de visitar os principais centros ou de contactar o seu governo. O alargamento das fronteiras da Ucrânia soviética não deu aos habitantes da região uma escolha sobre o sistema político que os iria governar.

A deportação dos tártaros da Crimeia em 1944 (ver a secção 3.2) e a destruição da independência dos países bálticos (ver a secção 3.1) mostram a mesma recusa de aceitar uma vida nacional para além do controlo de Moscovo. Alargam o historial, da eliminação de dirigentes ao desenraizamento de comunidades inteiras e à destruição de Estados independentes.

Os aliados de Estaline na guerra podiam horrorizar-se perante o seu tratamento da vida humana. No jantar de Teerão de 29 de novembro de 1943, propôs matar pelo menos 50 000 membros dos quadros de comando alemães. O diplomata americano Charles Bohlen registou a vigorosa objeção de Churchill às execuções políticas e a sua insistência em julgamentos para os criminosos de guerra. Roosevelt respondeu com uma piada sobre 49 000.

William C. Bullitt, antigo embaixador dos EUA em Moscovo, recordou ter advertido Roosevelt em 1943 sobre a expansão soviética. Atribuiu a Roosevelt a expectativa de que poderia «dar-lhe [a Estaline] tudo o que me for possível e nada lhe pedir em troca, *noblesse oblige*»: Estaline abster-se-ia então, esperava, de anexações e ajudaria a construir uma paz

[79] Museu de História da Polónia, «Sowieci walczą o rząd. Dlaczego doszło do procesu szesnastu?»; Harriman ao secretário de Estado, 18 de junho de 1945, *FRUS*, 1945, vol. V, documento 262. Foram presos dezasseis dirigentes; o caso de Antoni Pajdak foi apreciado separadamente mais tarde em 1945. O nome do processo de junho não significa que os dezasseis tenham sido julgados e condenados em conjunto.

democrática. Isto depositava fé no suposto sentido de honra do ditador e na sua obrigação de retribuir.[80]

A cooperação continuou, ainda assim. O acordo de repatriamento entre os EUA e a União Soviética, assinado em Ialta em 11 de fevereiro de 1945, previa a entrega dos cidadãos libertados às suas próprias autoridades. Na sua aplicação, uma diretiva americana emitida em dezembro de 1945 autorizou o regresso forçado de categorias definidas de cidadãos soviéticos, incluindo antigos soldados soviéticos, sob condições de cidadania e residência ligadas a 1 de setembro de 1939. A posterior Operação Keelhaul, britânica e americana, integrou esta política mais ampla de repatriamento forçado.



Churchill, Roosevelt e Estaline na Conferência de Ialta, Palácio de Livadia, Crimeia, fevereiro de 1945.

O medo do regresso era visível para quem o executava. Num relatório transmitido pelo conselheiro político americano Robert Murphy em 14 de fevereiro de 1946, a sua equipa descrevia suicídios e tentativas de suicídio durante um repatriamento forçado em Dachau no mês anterior. O relatório qualificava o incidente de chocante e registava a insatisfação de oficiais e soldados americanos por receberem ordens para forçar os homens a regressar.

As consequências não se limitaram à provação da entrega. No relato de Nicholas Bethell sobre o repatriamento para Odesa em junho de 1945, os oficiais britânicos James Martin e George Youmatoff viram 31 presos serem arrastados para um armazém e ouviram depois disparos de

[80] William C. Bullitt, «How We Won the War and Lost the Peace», *LIFE*, 30 de agosto de 1948, p. 94. Bullitt publicou a recordação depois da morte de Roosevelt. Para outra expressão americana de confiança na reconstrução social deliberada, ver a caixa sobre Arthurdale na secção 1.4, p. 34.

metralhadora. Na manhã seguinte, Youmatoff viu betão lascado e manchas escuras no interior. Concluiu que os presos tinham sido fuzilados: ouvira os disparos e inspecionara os seus vestígios, em vez de ter testemunhado os próprios assassínios.

Um relato separado surge em *Victims of Yalta* (1977), de Nikolai Tolstoy: descreve guardas americanos que viram corpos pendurados em árvores depois da entrega de fevereiro de 1946 na floresta bávara perto de Zwiesel. Jeremy Murray-Brown reproduz esta passagem no seu estudo das imagens filmadas do repatriamento de Plattling.

Estes episódios mostram os limites de avaliar Estaline pelas garantias que oferecia a parceiros úteis. A cooperação aliada podia ser necessária para derrotar Hitler e, ainda assim, deixar expostas as vítimas do poder soviético. O acesso diplomático a Estaline e a confiança num acordo eram diferentes de uma proteção efetiva para as pessoas cujo destino estava a ser decidido.

Os admiradores de Estaline hoje

A imagem de um governante que transformou um país atrasado continua a atrair admiradores. Em *I'm Not the Only One* (2004), o vatnik George Galloway usou a industrialização de Estaline como comparação favorável para Saddam Hussein: «Tal como Estaline industrializou a União Soviética, também Saddam concebeu, a uma escala diferente, o Grande Salto em Frente do próprio Iraque.»[81]



Estaline no desfile do Primeiro de Maio, Moscovo, 1946.

Em 9 de novembro de 2023, Jackson Hinkle disse a Alex Jones que era «um estalinista americano» e que os americanos tinham muito a aprender com Estaline e Xi Jinping. Apresentou a produção dirigida pelo Estado como estando ao serviço das pessoas comuns. Em 4 de novembro de 2025, Nick Fuentes chamou a Estaline o estadista mais eficaz do século XX, reconhecendo ao mesmo tempo, explicitamente, a sua brutalidade e os seus assassínios em massa.

Os seus percursos até à admiração diferem, mas a atração recorrente é o poder e as realizações. As pessoas cujas vidas sustentaram esse poder recuam para segundo plano, atrás da produção industrial, da força do Estado e da estatura do seu governante.

O Holodomor precedeu o Pacto Molotov–Ribbentrop em seis anos.[82] Os crimes de Estaline contra outras populações estabelecem a sua disposição para usar o assassínio em massa na prossecução de fins políticos. Não dão motivo para presumir intenções benevolentes em relação aos ucranianos. O seu ataque à vida nacional ucraniana tem de ser avaliado através

[81] Para uma discussão mais desenvolvida da fome de Mao, ver Vatnik Soup, *The Great Leap Backwards: China's Maoist regime, then and now*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

[82] Para uma discussão mais desenvolvida do pacto e da cooperação soviético-alemã, ver Vatnik Soup, *Molotov–Ribbentrop: The Red-Brown Alliance*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

das medidas aqui examinadas: confiscação, entregas obrigatórias punitivas, fuga bloqueada e repressão das instituições capazes de resistir à autoridade de Moscovo. Rejeitar a classificação de genocídio continuaria a deixar por explicar essas ações deliberadas; não transformaria a catástrofe num acidente inocente.

A responsabilidade pessoal de Estaline também deixa intacta a responsabilidade do sistema soviético. Como argumenta Kołakowski, condenar o ditador não explica como o Partido e as suas instituições sustentaram o seu poder ilimitado.[83] Essas instituições impuseram as suas decisões, suprimiram alternativas e impediram uma contestação eficaz. Aos ucranianos foi negada a liberdade de rejeitar esse sistema ou de determinar o seu próprio futuro nacional. As decisões do governante, o monopólio do poder pelo Partido e a dominação da Ucrânia por Moscovo reforçavam-se mutuamente.

A Ucrânia enfrentava, por isso, tanto um governante disposto a destruir a resistência como uma ordem imperial soviética determinada a conservar o controlo sobre ela. **Condenar Estaline deixa por explicar a responsabilidade das instituições que sustentaram o seu poder e executaram as suas decisões. O mesmo problema confronta qualquer análise da atual guerra da Rússia que coloque toda a responsabilidade em Putin, deixando fora da discussão as instituições do Estado e as suas pretensões imperiais.** Uma vez mais, um governante autoritário mantém o poder há décadas ao mesmo tempo que reivindica o direito de decidir o futuro da Ucrânia. Não se pode pedir aos ucranianos que confiem a sua liberdade à esperança de que o próximo governante de Moscovo seja mais benevolente.

2.6 A maldição da terra negra

A riqueza agrícola pode tornar um território valioso para um Estado que procura alimentos para as suas cidades, exportações e recursos para a indústria. Mas a fertilidade, por si só, não explica nem a fome nem o genocídio. A questão é quem controla a colheita, o que se pode retirar aos seus produtores e se esses produtores possuem o poder de resistir. A «maldição» reside nas instituições que tornam possível a extração coerciva.

[83] Para a discussão mais desenvolvida da responsabilidade pessoal e institucional, ver a secção 2.7, «Autoritarismo, socialismo e imperialismo», p. 79. Leszek Kołakowski, *Main Currents of Marxism*, trad. P. S. Falla, livro III, *The Breakdown*, cap. XIII, «Developments in Marxism Since Stalin's Death», §1, «De-Stalinization», pp. 1149–1150, 1152–1153 (edição num volume).



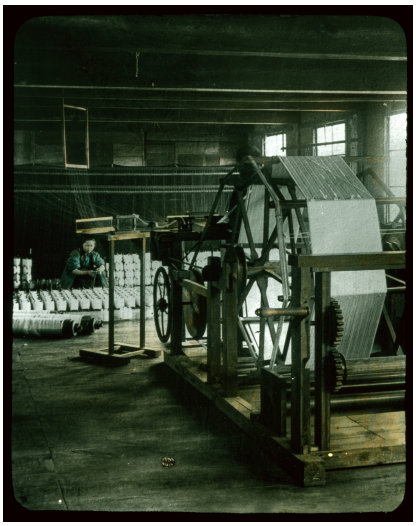
Trigo e céu nas cores nacionais da Ucrânia.

Em «Industrialisation and the Grain Problem», discurso proferido em 9 de julho de 1928, Estaline identificou os operários e os camponeses como as principais fontes de financiamento da indústria soviética. O seu argumento ligava os recursos agrícolas às prioridades industriais do Estado. A coletivização oferecia maior controlo administrativo sobre os produtores e as entregas. Contudo, obter o controlo da produção e tornar a agricultura mais produtiva eram objetivos diferentes: o Estado podia procurar uma parcela maior de uma colheita mesmo quando as suas políticas prejudicavam a capacidade de a produzir.

O controlo do mercado de cereais da Ucrânia também foi concentrado institucionalmente. Em 1928, Moscovo liquidou o Ukrkhlib, o consórcio ucraniano de recolha de cereais e moagem de farinha, cujas participações passaram para o Soiuzkhleb, de âmbito soviético. Como mostra Liudmyla Hrynevych, isto eliminou importantes instrumentos ucranianos de controlo sobre as entregas obrigatórias e o abastecimento alimentar. A planificação central operava através de uma relação desigual entre Moscovo e a república. Nas suas teses sobre a política de nacionalidades de março de 1923, o próprio Estaline condenara os esforços czaristas para fazer os territórios periféricos fornecerem matérias-primas ao centro industrial, reconhecendo ao mesmo tempo a persistência do chauvinismo grão-russo nas instituições soviéticas. A extração também podia ir além da colheita em curso: a Torgsin trocava alimentos pelos objetos de valor acumulados pelas famílias, recorrendo à riqueza familiar construída ao longo de anos.

Japão: a agricultura a financiar a industrialização

A industrialização inicial do Japão na era Meiji oferece uma comparação concreta. Os impostos fundiários pagos em dinheiro ajudaram a financiar o desenvolvimento industrial do Estado, enquanto as exportações rurais, incluindo seda e chá, geravam divisas. O cultivo continuou organizado através de explorações privadas e do arrendamento, sem coletivização obrigatória. A tributação pesada e a concentração da propriedade fundiária exerciam, ainda assim, uma forte pressão sobre as famílias rurais. A agricultura podia, portanto, fornecer recursos à indústria sob instituições fundamentalmente diferentes das explorações coletivas e estatais de Estaline: a transferência de recursos não determinava, por si só, a forma de organizar a produção.



Fiação da seda no Japão, c. 1910. Fotografia colorida à mão.

Polónia e Hungria: resistência e concessões

Polónia

A Polónia sob governo comunista demonstrou mais tarde como a resistência política podia alterar a política agrícola. A coletivização forçada de 1948–56 deparou-se com oposição persistente entre os agricultores. Depois das convulsões políticas de 1956, Władysław Gomułka permitiu a dissolução das explorações coletivas. Uma avaliação diplomática americana de 15 de novembro de 1961 indicava que 86 % das terras agrícolas polacas eram cultivadas em regime privado, 13 % pertenciam a explorações estatais e apenas 1 % a explorações coletivas. A agricultura polaca, em grande parte privada, sobreviveu, portanto, *apesar* de uma tentativa de campanha de coletivização e como parte de um compromisso político mais amplo.

Hungria

A Hungria seguiu um rumo diferente. À revolução de 1956 seguiram-se a desagregação de muitas cooperativas agrícolas e a abolição das entregas obrigatórias. O governo de János Kádár retomou depois a coletivização coerciva em 1959–61, colocando a maior parte das terras aráveis em cooperativas ou explorações estatais. Contudo, as parcelas familiares e as concessões à produção familiar[84] continuaram a ser importantes, e as reformas de 1968 deram novo apoio ao cultivo familiar. A Polónia preservou sobretudo a agricultura privada; a Hungria combinou a agricultura coletiva com incentivos mais flexíveis. Ambos os casos mostram como a resistência camponesa, a estabilidade política e o desempenho agrícola podiam limitar a política agrícola comunista.

[84] Nigel Swain, *Collective Farms Which Work?* (Cambridge University Press, 1985), capítulo 1, «'Family Labour' in the Achievement and Consolidation of Collectivised Agriculture, 1946–68», pp. 25–50.

A política soviética posterior também demonstra que uma má colheita não impunha uma única resposta. Em 1963, após uma má colheita, o governo de Khrushchev comprou cereais no estrangeiro; o acordo de setembro com o Canadá abrangia 5,3 milhões de toneladas de trigo. Plokhy contrapõe esta resposta à continuação das exportações soviéticas de cereais durante as fomes de 1932–1933 e 1946–1947. As circunstâncias financeiras e internacionais eram diferentes, mas a comparação distingue uma má colheita das decisões que regiam o abastecimento alimentar.[85]

As alternativas eram discutidas dentro da própria direção soviética. No seu ensaio sobre a economia de 1928, Nikolai Bukharin argumentava que o investimento industrial tinha de permanecer em equilíbrio com a agricultura, o consumo e as reservas. As transferências excessivas a partir do campo podiam minar a produção, os mercados e as exportações de que a indústria dependia. Apoiava a industrialização socialista e a agricultura coletiva, mas também a melhoria das explorações camponesas individuais e uma política de preços que incentivasse a oferta. A sua objeção vinha de dentro do bolchevismo: a escolha não era simplesmente entre o programa de Estaline e o abandono do socialismo soviético.

O ataque de Estaline a Bukharin, em abril de 1929, torna explícita a divergência. Rejeitou as propostas de aumentar os preços pagos nas entregas obrigatórias, argumentando que cereais mais caros aumentariam os preços do pão nas cidades, os salários e os custos industriais, e enfraqueceriam o controlo do mercado pelo Estado. Reconheceu também uma transferência a partir dos camponeses através de preços agrícolas baixos e de preços elevados dos produtos manufaturados. O encargo fazia parte do financiamento escolhido para a industrialização, e não era uma consequência que a direção não conseguisse reconhecer.

No seu relatório de abril de 1928, Estaline já reconhecera que as grandes explorações capitalistas podiam empregar maquinaria e métodos agrícolas modernos, ao mesmo tempo que excluía o apoio ao seu desenvolvimento. A sua discussão de maio de 1928 também associava vantagens de escala a grandes explorações sob diferentes formas de propriedade. Mas a dimensão das explorações, a propriedade e os incentivos dos cultivadores são questões distintas; os ganhos de escala não estabeleciam a necessidade da coletivização obrigatória. O rendimento por hectare, a produção por trabalhador, a proporção comercializada e a proporção entregue obrigatoriamente são indicadores diferentes.

A direção da causalidade também importa. As explorações privadas eficientes podiam crescer por serem produtivas, em vez de se tornarem produtivas simplesmente por serem grandes. Aumentar a área cultivada por decreto não podia, por si só, reproduzir os incentivos, a gestão e as condições de mercado em que se tinham desenvolvido.

No seu discurso de 11 de julho de 1928, Estaline citou a exploração de trigo de 95 000 acres da Campbell Farming Corporation, no Montana. Citando o agrónomo N. M. Tulaikov, descreveu

[85] Serhii Plokhy, *The Gates of Europe: A History of Ukraine* (New York: Basic Books, 2015), capítulo 24, "The Second Soviet Republic". Sobre o acordo com o Canadá: *Foreign Relations of the United States, 1961–1963*, vol. V, document 359, 1 de outubro de 1963, nota 1.

a sua mecanização e gestão, argumentando depois que as condições soviéticas ofereciam maior margem de desenvolvimento às explorações estatais gigantes. Queria a maquinaria e a escala da agricultura capitalista sem propriedade privada da terra, e argumentava que as explorações estatais podiam desenvolver-se com pouco lucro ou, temporariamente, sem nenhum. O exemplo dizia respeito às explorações estatais, ou sovkhozy; a coletivização obrigatória em kolkhozy também implicava a subordinação política dos agregados familiares camponeses.

O objetivo político ia além da obtenção de uma determinada colheita. O breve registo publicado das declarações de Estaline na Sibéria, de janeiro de 1928, apresenta a produção camponesa independente como um alicerce inseguro para o poder soviético e apela à sua substituição, enquanto fonte de cereais, pelas explorações coletivas e estatais.[86] Lido a par da disputa posterior, identifica a independência dos produtores como um problema que a direção queria ultrapassar. A existência de alternativas não estabelece que estas pudessem ter assegurado capacidade industrial e militar comparável até 1941. Impede, contudo, que a coerção daí resultante seja explicada como a única política que alguém conseguia conceber.

Na simulação de Allen para 1939,[87] o PIB atinge 348,3 mil milhões de rublos de 1937 com uma agricultura ao estilo da NEP e 364,6 mil milhões com a coletivização, cerca de 4,7 % mais. O aumento correspondente do valor acrescentado não agrícola é de cerca de 22 %, um indicador mais amplo do que apenas a produção industrial. Ambos os cenários mantêm um forte investimento industrial e restrições orçamentais pouco rígidas na indústria.

O seu cenário da NEP pressupõe uma produção agrícola e efetivos pecuários mais elevados, um sistema fiscal diferente e menor migração para as cidades. Pressupõe também que não ocorre fome; este não é um resultado estabelecido de forma independente. O equipamento militar é fixado nos valores históricos, pelo que o modelo não testa de forma independente a capacidade de defesa. A comparação depende destes pressupostos; não mede um ganho histórico observado.

Uma comparação do PIB mede o valor da produção, enquanto uma avaliação do bem-estar tem também de considerar as mortes, o sofrimento, a espoliação e a destruição de famílias e comunidades. Estas perdas importam para além dos seus efeitos na produção. Por isso, um aumento da produção medida não pode estabelecer que a coletivização melhorou a vida de quem lhe foi sujeito.

Mark Harrison questiona a combinação proposta por Allen de controlos estatais sobre a indústria e agricultura de mercado: a escassez de bens manufaturados podia desencorajar os camponeses de vender alimentos, mesmo a preços mais elevados. Manter a agricultura independente poderia, por isso, ter exigido mudanças na política industrial, além da

[86] Este registo surgiu nas suas obras completas em 1954; não é uma transcrição literal conservada de todos os discursos.

[87] Robert C. Allen, *Farm to Factory: A Reinterpretation of the Soviet Industrial Revolution* (Princeton University Press, 2003), capítulo 8, pp. 153–171; quadros 8.1 (p. 163), 8.3 (p. 164), p. 170.

propriedade agrícola. Essa objeção põe à prova uma alternativa concreta; não estabelece que a fome ou a coerção escolhida por Estaline fossem inevitáveis.

As vias prussiana e americana

A contraposição de Lenine, em 1907, entre as vias «prussiana» e «americana» oferece uma comparação reveladora. A sua via «prussiana» preservava a dominação dos proprietários fundiários através do desenvolvimento capitalista.

As grandes propriedades evoluiriam para empresas capitalistas enquanto a antiga elite fundiária conservava a sua posição de comando. Os camponeses podiam perder as suas explorações e tornar-se trabalhadores agrícolas dependentes: a modernização preservaria a hierarquia do poder.

A via «americana» previa, pelo contrário, desmantelar o antigo sistema latifundiário e permitir que a agricultura se desenvolvesse através de agricultores independentes. Lenine preferia este caminho porque esperava que a iniciativa camponesa e um mercado interno em crescimento acelerassem o desenvolvimento capitalista. Apoiava-o como etapa revolucionária rumo ao socialismo e defendia a nacionalização da terra. No seu programa, o cultivo independente não exigia, por isso, a propriedade privada do solo.

A escolha de Estaline foi a coletivização obrigatória e a expansão das explorações estatais. Em abril de 1928, reconheceu as vantagens das grandes explorações capitalistas, ao mesmo tempo que excluía o apoio a estas. A produção em grande escala seria organizada sob instituições coletivas e estatais soviéticas, com os cultivadores sujeitos às exigências de entrega do Estado.

Estaline rejeitou a agricultura capitalista, mas concentrou o comando sobre os produtores no partido-Estado. A semelhança diz respeito à extração coerciva e à dependência camponesa, enquanto os sistemas de propriedade diferiam: as explorações coletivas e as estatais tinham formas jurídicas distintas, uma distinção que Estaline ainda reconhecia em 1952. Trata-se de uma analogia institucional, e não de uma prova de que Estaline tenha seguido conscientemente a via descrita por Lenine.

Mas torna mais nítido um ponto político: abolir os proprietários fundiários privados não garantia a independência das pessoas que cultivavam a terra.

Isto ajuda a explicar um incentivo para controlar os recursos agrícolas da Ucrânia. Não explica, por si só, a perseguição nacional. O solo fértil não dá conta da perseguição aos intelectuais ucranianos, das restrições à língua e às instituições ou da associação das objeções às entregas obrigatórias à deslealdade nacional ucraniana. Também não explica por que motivo as autoridades fecharam as rotas de fuga depois de as pessoas estarem a morrer de fome. Essas medidas exigem atenção aos objetivos políticos, ao conhecimento e às escolhas deliberadas. Os habitantes da Ucrânia foram sujeitos a decisões sobre as suas vidas e a sua existência nacional; não foram condenados pelo solo sob os seus pés.

2.7 Autoritarismo, socialismo e imperialismo

Ludwig von Mises nasceu numa família judaica em 1881, em Lemberg, hoje Lviv, Ucrânia. Figura de relevo da escola austríaca de economia, construiu a sua carreira em Viena. Depois de estudar Direito, entrou para a Câmara de Comércio em 1909, lecionou na universidade e dirigiu um seminário privado frequentado por Hayek[88] e outros futuros economistas. O seu trabalho em Viena combinava investigação económica com aconselhamento prático em políticas públicas; o seu liberalismo clássico defendia a propriedade privada, a liberdade individual e os limites ao poder do Estado.

No seu ensaio de 1920 sobre o cálculo socialista,[89] Mises argumentou que abolir os mercados dos meios de produção eliminava os preços necessários para comparar utilizações concorrentes dos recursos. Desenvolveu a crítica em *Socialism* (1922)[90] e expôs os seus princípios políticos em *Liberalism* (1927),[91] anos antes da coletivização forçada de Estaline.



Placa memorial de Ludwig von Mises no n.º 13 da Rua Hnatiuka, Lviv. Fotografia datada de 2015.

Mises mudou-se para Genebra em 1934. Depois do Anschluss de 1938, os nazis fizeram uma rusga ao seu antigo apartamento em Viena e apreenderam a sua biblioteca e os seus documentos. Em 1940, ele e a mulher fugiram através de França, Espanha e Portugal para os Estados Unidos.[92] Na América, iniciou uma segunda carreira docente como professor visitante na Universidade de Nova Iorque em 1945 e publicou *Human Action* (1949).[93]

Mises considerava o socialismo integral um sistema impossível de cooperação social. O controlo central dos meios de produção eliminava os preços de mercado necessários ao cálculo económico. Em *Human Action* (1949), escreveu: «Uma sociedade que escolhe entre o

[88] Ver a caixa sobre Hayek, p. 37, na secção 1.5.

[89] Ludwig von Mises, *Economic Calculation in the Socialist Commonwealth* (1920), edição inglesa, Ludwig von Mises Institute, 1990.

[90] Ludwig von Mises, *Socialism: An Economic and Sociological Analysis* (1922), original alemão, 1922; edição inglesa, 1951.

[91] Ludwig von Mises, *Liberalism: In the Classical Tradition* (1927), original alemão.

[92] A partida de Mises sugere que a neutralidade suíça já não lhe garantia segurança. Nas suas *Memoirs* (tradução de 2009, p. 116), recorda que a Suíça considerava a sua presença «um fardo político e uma ameaça à sua segurança». Para o contexto mais amplo da guerra, ver Vatnik Soup, *Switzerland's Neutrality Initiative: Neutrality, Sovereignty and the September 2026 Vote*, NAFO Policy Papers, n.º 1 (setembro de 2026).

[93] Ludwig von Mises, *Human Action: A Treatise on Economics* (1949).

capitalismo e o socialismo não escolhe entre dois sistemas sociais; escolhe entre a cooperação social e a desintegração da sociedade. O socialismo não é uma alternativa ao capitalismo; é uma alternativa a qualquer sistema em que os homens possam viver como seres humanos».[94]

Não temos necessariamente de acompanhar Mises até esse ponto na sua dicotomia radical, mas o seu argumento tinha certamente fundamento no caso de sistemas extremamente centralizados como os de Estaline ou de Mao[95] (ou mesmo o de Hitler, neste aspeto)[96]: davam a um só ditador, apoiado pelo partido-Estado e com o controlo da produção, da distribuição alimentar e das deslocações, o poder de tomar decisões que podiam condenar milhões de pessoas a morrer à fome, quer por um erro de avaliação catastrófico, quer por extermínio intencional.

Em *Socialism*, Mises definia o objetivo do socialismo como a construção de «uma sociedade em que os meios de produção são socializados», isto é, uma sociedade em que o Estado controla inteiramente os meios de produção.[97] Em *Omnipotent Government* (1944), reconhecia que a produção burocrática soviética podia continuar a funcionar recorrendo aos preços formados nos mercados capitalistas estrangeiros e às técnicas desenvolvidas no exterior. O seu veredicto era: «Nestas circunstâncias, o socialismo não resulta num caos completo, mas apenas numa pobreza extrema». Ligou explicitamente esta crítica ao Holodomor na Ucrânia, escrevendo que «muitos milhões morreram literalmente de fome».[98]

[94] Ludwig von Mises, *Human Action: A Treatise on Economics*, primeira publicação em 1949; quarta edição inglesa revista citada, Foundation for Economic Education, 1998, capítulo XXIV, §3, "The Harmony of the 'Rightly Understood' Interests". As citações no texto são traduzidas do inglês. Original: "A society that chooses between capitalism and socialism does not choose between two social systems; it chooses between social cooperation and the disintegration of society. Socialism is not an alternative to capitalism; it is an alternative to any system under which men can live as human beings.".

[95] Para uma discussão mais desenvolvida da fome de Mao, ver Vatnik Soup, *The Great Leap Backwards: China's Maoist regime, then and now*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

[96] Ver §1.1.1, «O Holodomor, o Asharshylyq, o Plano da Fome e o Holocausto», sobre os planos nazis para desviar os alimentos da população dos territórios soviéticos ocupados e sobre a imposição deliberada da fome a civis e prisioneiros de guerra soviéticos.

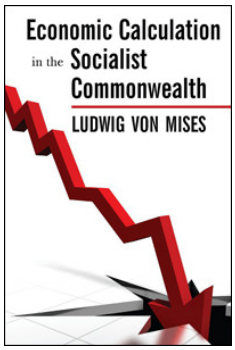
[97] Ludwig von Mises, *Socialism: An Economic and Sociological Analysis*, primeira publicação em alemão, 1922; edição inglesa citada, Liberty Fund, 1981, tradução de J. Kahane, «Preface to the Second German Edition» (Viena, janeiro de 1932). As citações no texto são traduzidas do inglês. Original: "a society in which the means of production are socialized".

[98] Ludwig von Mises, *Omnipotent Government: The Rise of the Total State and Total War*, primeira publicação pela Yale University Press, 1944; reimpressão inglesa indicada na ligação, Liberty Fund/Mises Institute, 2010, capítulo III, §§4–5, pp. 54–58, em especial pp. 56–57. As citações no texto são traduzidas do inglês. Original: "many millions literally died of starvation"; "Under these circumstances socialism results not in complete chaos but only in extreme poverty.".

O argumento de Mises abre uma questão mais ampla do que a eficiência económica. O que tornou possível o Holodomor: a dominação imperial russa e a hostilidade à existência nacional ucraniana, o controlo socialista da produção e da distribuição ou um Estado autoritário e centralizado que concentrava o poder económico e político sobre milhões de pessoas nas mesmas mãos? Estas explicações sobrepõem-se. O seu peso relativo importa, mas escolher uma não pode fazer desaparecer as outras.

O problema do cálculo diz respeito às instituições através das quais os preços surgem. A objeção de Mises era que um planificador não podia reproduzir o cálculo monetário simplesmente obtendo melhores estatísticas. Hayek abordou a coordenação através dos conhecimentos práticos dispersos pelos indivíduos. Jörg Guido Hülsmann, autor de *Mises: The Last Knight of Liberalism* (2007),[99] insiste, por sua vez, em que o conhecimento não pode ser separado da propriedade, da troca e dos juízos de pessoas capazes de agir. Estas distinções importam quando se pergunta se o desastre soviético foi uma falha de cálculo, uma supressão do conhecimento ou ambas.

O debate sobre o cálculo



Ludwig von Mises, Economic Calculation in the Socialist Commonwealth, edição de 2014.

Mises. No seu ensaio de 1920,[100] Mises argumenta que abolir a troca de meios de produção de propriedade privada impede a formação dos preços de mercado necessários ao cálculo monetário. A sua objeção diz respeito à forma como esses preços surgem, e não apenas à quantidade de informação disponível para os planificadores.

Hayek. «The Use of Knowledge in Society» (1945) salienta os conhecimentos práticos distribuídos pelas pessoas: condições locais, necessidades e oportunidades em mudança. Hayek apresenta os preços como uma forma de coordenar a sua utilização. Os seus ensaios sobre o cálculo figuram em *Individualism and Economic Order* (1948).[101]

Hayek partilhou o prémio de economia de 1974 com Gunnar Myrdal, por trabalhos sobre teoria monetária, flutuações económicas e interdependência económica, social e institucional. Na sua conferência Nobel, «The Pretence of Knowledge», de 11 de dezembro de 1974, descreve o «conhecimento de factos particulares [...] que só existe disperso por um número incontável de pessoas».

Hülsmann. «Knowledge, Judgment, and the Use of Property» (1997) clarifica a distinção entre os argumentos de Mises e de Hayek e contesta a redução da posição de Mises a um problema de recolha de informação dispersa. Coloca no centro a propriedade, a troca e o juízo empresarial: impedir as ações que geram os preços de mercado difere de não conseguir reunir informação existente.

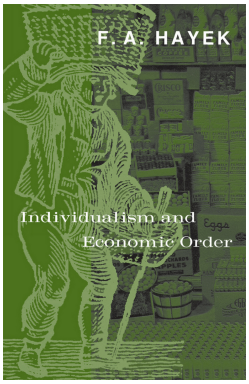
[99] Jörg Guido Hülsmann, *Mises: The Last Knight of Liberalism* (Ludwig von Mises Institute, 2007).

[100] Ludwig von Mises, *Economic Calculation in the Socialist Commonwealth* (1920), edição inglesa, Ludwig von Mises Institute, 1990.

[101] F. A. Hayek, *Individualism and Economic Order* (University of Chicago Press, 1948).

O debate sobre o cálculo (continuação)

Lange e a estátua. Em 1936, o economista polaco Oskar Lange propôs «uma estátua do professor Mises»[102] no Ministério da Socialização ou no Conselho Central de Planificação do Estado socialista. Era uma homenagem irónica ao desafio; Lange acreditava que o seu modelo lhe podia responder. Cinquenta e três anos depois, o monopólio comunista do poder na Polónia caiu em 1989, e o novo governo lançou reformas de mercado em 1 de janeiro de 1990. A ironia é marcante.



F. A. Hayek, Individualism and Economic Order, edição da University of Chicago Press.

Mas a direção soviética não sofria simplesmente de informação inadequada: suprimia ou desacreditava ativamente informações que contradiziam as suas políticas. Os agricultores e funcionários locais possuíam conhecimentos sobre as colheitas, as necessidades familiares e as consequências das requisições. Sob coerção política, relatar essas realidades podia expor quem o fazia a acusações de deslealdade. O dano era, portanto, mais do que uma falha na recolha de dados: o Estado atacava as condições em que o conhecimento incómodo podia ser expresso, confrontado e traduzido em *ação*.

A carta de Estaline a Kaganovich de 11 de agosto de 1932 torna concreto esse mecanismo. Reconhecia que numerosos comités distritais do partido ucraniano consideravam irrealista o plano de entregas obrigatórias de cereais. Tratou as suas objeções como uma quebra da disciplina partidária, ligou o problema a inimigos e advertiu que a direção soviética podia perder a Ucrânia. A informação tinha-lhe chegado. A sua resposta transformava uma contestação à política numa questão de controlo político.

É aqui que a preocupação de Hayek com o conhecimento disperso se torna especialmente pertinente. O conhecimento local perde a sua força corretiva quando as pessoas são punidas por o comunicarem ou não têm poder para mudar uma decisão. Um leitor não precisa de aceitar o argumento geral de Hayek contra a planificação abrangente para reconhecer o efeito destrutivo da censura e da coerção. Um governo pode receber advertências e, ainda assim, silenciar quem as dá; a ignorância, a ignorância fabricada e a recusa de agir perante um sofrimento conhecido são falhas diferentes.

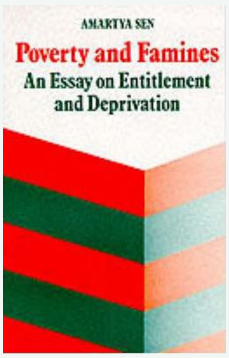
[102] Jacek Kochanowicz, «Introduction to the 1990 Edition», em Ludwig von Mises, *Economic Calculation in the Socialist Commonwealth* (Ludwig von Mises Institute, 1990).

Em *The Road to Serfdom* (1944),[103] Hayek também relaciona o controlo económico abrangente com a concentração do poder político coercivo. *The Constitution of Liberty* (1960)[104] desenvolve a questão dos limites institucionais. Para a fome, a questão prática é frontal: quem podia contestar uma quota, expor uma política letal ou obrigar os seus responsáveis a mudar de rumo?

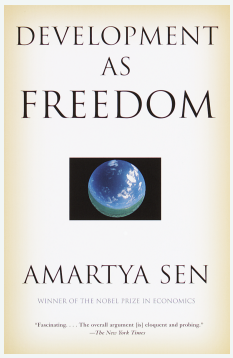
Amartya Sen — A democracia como valor universal



Amartya Sen em Colónia, 28 de novembro de 2007. Fotografia: Elke Wetzig (Elya).



Poverty and Famines. Edição inglesa, Oxford University Press.



Development as Freedom. Edição de capa mole da Vintage, 2000.

Amartya Sen, o laureado de economia de 1998, faz uma afirmação forte sobre a fome e a democracia. Em «Democracy as a Universal Value» (1999), escreve que **«nunca ocorreu uma fome de dimensão considerável» num país independente e democrático com uma imprensa pelo menos relativamente livre.** A sua explicação é institucional: o jornalismo independente, a oposição e as eleições tornam o sofrimento visível e pressionam os governos a agir.

Em *Poverty and Famines* (1981),[105] distingue também a oferta de alimentos de uma sociedade da capacidade das pessoas para os obter; podem existir alimentos enquanto determinados grupos perdem o acesso a eles. *Development as Freedom* (1999)[106] reúne a liberdade política e a proteção contra a privação.

No caso do Holodomor, isto torna mais nítida a questão de saber por que motivo as advertências e o sofrimento não obrigaram a uma mudança de rumo. A supressão da informação e a eliminação da contestação política desativaram os meios pelos quais as vítimas podiam exigir socorro ou responsabilizar os governantes. O argumento institucional de Sen continua a ser pertinente mesmo que se rejeite a teoria económica de Mises ou de Hayek: a informação tem de poder circular, e as pessoas têm de dispor de instituições através das quais possam exigir uma resposta.

[103] F. A. Hayek, *The Road to Serfdom* (1944).

[104] F. A. Hayek, *The Constitution of Liberty* (1960), edição inglesa, organizada por Ronald Hamowy, University of Chicago Press, 2011.

[105] Amartya Sen, *Poverty and Famines: An Essay on Entitlement and Deprivation* (1981), edição inglesa, Oxford University Press, 1983.

[106] Amartya Sen, *Development as Freedom* (1999).

O argumento de Sen confere todo o seu significado político à conclusão sobre a suficiência alimentar da secção 2.3. **Uma Ucrânia independente e democrática teria tido tanto os alimentos para evitar a fome como os meios políticos para exigir a sua proteção.** Os representantes eleitos poderiam contestar a extração, uma imprensa livre poderia expor a morte pela fome e os eleitores poderiam substituir um governo que se recusasse a agir. A ditadura de Moscovo, pelo contrário, controlava a colheita, censurava os relatos da fome e suprimia a organização política independente. Os ucranianos foram privados dos alimentos que tinham produzido e das instituições através das quais poderiam insistir em que fossem usados para os manter vivos.

Power Kills (1997), de R. J. Rummel,[107] relaciona a morte provocada pelo governo com um poder concentrado e sem prestação de contas. Lido a par de Sen, Rummel dirige a atenção para a questão de saber se a população em perigo possui meios eficazes de contestação. Os limites à coerção aqui pertinentes[108] dizem respeito aos direitos políticos, à organização independente e às instituições capazes de obrigar a uma resposta. Trata-se de um argumento sobre a distribuição do poder; as pessoas excluídas da participação política efetiva exigem atenção especial.

Leszek Kołakowski aborda a responsabilidade através da própria explicação de Estaline apresentada pelo sistema soviético. Ao discutir o Discurso Secreto de Khrushchev de 1956 em *Main Currents of Marxism*, expõe a insuficiência de culpar pessoalmente Estaline, tratando ao mesmo tempo o partido e as suas instituições como essencialmente sãos. O poder de Estaline tinha alicerces institucionais: o monopólio bolchevique do governo, a polícia política e a destruição da oposição independente. Um comunismo imaginário sem repressão não explica como o sistema real sustentou um governante sem freios durante décadas. A questão é saber como as instituições criadas pela revolução possibilitaram o seu domínio e protegeram as suas decisões de uma contestação eficaz.[109]

[107] R. J. Rummel, *Power Kills: Democracy as a Method of Nonviolence* (Transaction Publishers, 1997).

[108] R. J. Rummel, *Power Kills: Democracy as a Method of Nonviolence* (Transaction Publishers, 1997), capítulo 13, «Why Does Power Kill?».

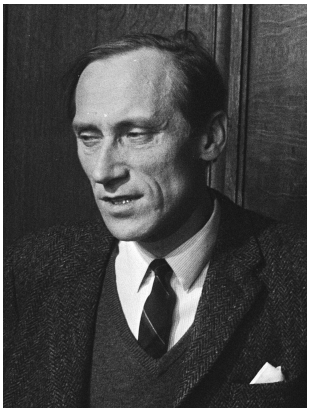
[109] Leszek Kołakowski, *Main Currents of Marxism*, trad. P. S. Falla, livro III, *The Breakdown*, cap. XIII, «Developments in Marxism Since Stalin's Death», §1, «De-Stalinization», pp. 1149–1150, 1152–1153 (edição num volume). Reconhece as libertações dos campos e a redução do terror arbitrário, distinguindo essas mudanças dos limites institucionais ao poder do partido.

Kołakowski sobre crença e provas

Leszek Kołakowski (1927–2009) foi um filósofo polaco que se tornou um dos principais críticos do comunismo. Expulso do Partido Operário Unificado Polaco em 1966, deixou a Polónia depois de perder o seu lugar na universidade em 1968.

Em *Main Currents of Marxism*, examinou o choque causado pelo discurso de Khrushchev de 1956: relatos antes rejeitados como propaganda hostil adquiriram autoridade quando Moscovo os confirmou.

«Relatos que não tinham causado qualquer abalo enquanto apareciam em livros ou jornais "burgueses" tiveram o efeito de um trovão quando confirmados pelo oráculo do Kremlin.»[110]



Leszek Kołakowski, Amesterdão, 9 de março de 1971.

O «milagre» de Ryazan: depois de Estaline, 1959–60

Estaline morreu em 1953, e Khrushchev denunciou o seu culto da personalidade em 1956. No entanto, em 1959, a região russa de Ryazan foi celebrada por ter supostamente triplicado a sua produção anual de carne. O dirigente regional do partido, Aleksei Larionov, recebeu o apoio público de Khrushchev. As investigações do outono de 1960 expuseram uma vasta falsificação por detrás da celebrada realização.

No estudo de Yoram Gorlizki, o engano atravessa o aparelho regional normal do partido. Funcionários cujas carreiras anteriores tinham sido respeitáveis colaboraram na fabricação do êxito. A pressão política e a dependência dos superiores podiam recompensar os relatórios tranquilizadores em detrimento de informações exatas; a fraude envolveu as instituições encarregadas de executar e supervisionar o plano.

A fraude consumiu também os meios da produção futura. Os funcionários enviaram para abate gado jovem e com peso insuficiente para cumprir a meta de carne em vigor. Um funcionário distrital recordou ter advertido que isso destruiria as suas reservas. A realização declarada esgotou, assim, o gado necessário à produção posterior. Tratou-se de uma falha de planificação do futuro: cumprir a obrigação presente tinha precedência sobre a manutenção dos efetivos de que dependia a produção de carne futura.

A cronologia importa: Estaline já morrera e o seu poder pessoal fora condenado, mas persistiam os incentivos para fabricar êxitos agrícolas. A sua ditadura tinha alicerces institucionais, e eliminar o ditador não eliminava automaticamente as relações políticas que recompensavam o engano. Este escândalo posterior ilustra um problema persistente de poder e responsabilização.

[110] Leszek Kołakowski, *Main Currents of Marxism*, trad. P. S. Falla, livro III, *The Breakdown*, cap. XIII, «Developments in Marxism Since Stalin's Death», §1, «De-Stalinization», p. 1150 (edição num volume).

Contudo, uma explicação institucional não tem de tornar inevitáveis as decisões individuais. Em «If Stalin Had Died…», Kotkin argumenta que a coletivização forçada generalizada não era uma condição necessária da industrialização nem uma exigência inevitável da ditadura.[111] As instituições soviéticas possibilitaram o domínio de Estaline, mas os seus compromissos ideológicos e as suas escolhas ajudaram a determinar até onde foi a coerção. Explicar o sistema não absolve o governante que escolheu persistir.

A Conspiração dos Médicos fabricada, a campanha antissemita contra médicos discutida na caixa da secção 2.5.2, oferece um exemplo concreto das consequências do poder pessoal de Estaline. À morte de Estaline, em 5 de março de 1953, seguiu-se o colapso da Conspiração dos Médicos. Um relato contemporâneo do anúncio soviético de 4 de abril regista a libertação e a ilibação dos médicos acusados sobreviventes. A sua morte trouxe uma trégua aos que continuavam presos nesta campanha antissemita; chegou vinte anos tarde de mais para desfazer a destruição infligida durante o Holodomor. A reversão ilustra o que estava em jogo no poder pessoal sem limites.

As escolhas de Estaline diziam respeito tanto ao uso da coerção como às populações contra as quais era dirigida. No caso do Holodomor, os argumentos económicos e institucionais conduzem, por isso, de volta à questão da perseguição nacional. A coletivização e a extração devastaram várias sociedades soviéticas, incluindo a população cazaque durante o Asharshylyq.[112] Ambas as fomes nasceram de políticas soviéticas coercivas. Esses mecanismos comuns, porém, não resolvem a questão da intenção genocida: determinar se cada fome constituiu também genocídio exige uma avaliação própria da intenção e da perseguição nacional. No Cazaquistão, a sedentarização e a coletivização forçadas destruíram os meios de subsistência nómadas e remodelaram violentamente a sociedade e a identidade nacional cazaques. Na Ucrânia, a política de entregas obrigatórias também se entrelaçou com um ataque à autonomia e à cultura nacionais. O decreto de 14 de dezembro de 1932 ligou as entregas obrigatórias de cereais a acusações contra nacionalistas ucranianos e a medidas de reversão da ucranização, em especial no Cáucaso do Norte. A diretiva que restringia a fuga da Ucrânia e do Cáucaso do Norte, de janeiro de 1933, fechou depois uma via de sobrevivência. Tais decisões exigem uma explicação de quem o Estado procurava controlar e das formas de vida nacional que considerava ameaçadoras.

A comparação na secção 1.1.1 torna claro o mecanismo material. Os agregados familiares rurais ucranianos dependiam fortemente dos cereais e do pão; os agregados familiares pastoris cazaques dependiam dos seus rebanhos e manadas para obter carne, leite e bens para trocar por cereais. As políticas de Moscovo privaram cada um dos meios pelos quais se alimentava. Poderiam ser necessários conhecimentos especializados pormenorizados para reformular uma economia agrícola, mas não eram necessários para saber que as pessoas privadas de alimentos morreriam de fome. As falhas técnicas da planificação não podem apagar a responsabilidade por continuar uma privação letal com esse conhecimento.

[111] Para as alternativas agrícolas e o debate sobre a coletivização e a industrialização, ver a secção 2.6, «A maldição da terra negra».

[112] Sarah Cameron, *The Hungry Steppe: Famine, Violence, and the Making of Soviet Kazakhstan* (Cornell University Press, 2018).

A Ucrânia e outras sociedades da Europa Central e de Leste conheceram a engenharia social comunista e a dominação soviética em períodos e formas diferentes. A sua experiência suscita uma questão que um argumento centrado apenas no socialismo não pode resolver: como se reforçaram mutuamente a ideologia e o poder imperial? A subordinação nacional condicionava quem podia governar, quais grupos podiam manter as suas instituições e quem podia fazer ouvir a sua versão da realidade. A experiência ucraniana exige atenção à ideologia, à dominação imperial e ao poder autoritário.

O crescimento industrial não estabelece que a coletivização forçada, as requisições punitivas ou o ritmo de extração escolhido fossem necessários. A realização prometida por uma política tem de ser ponderada face às escolhas disponíveis, às advertências recebidas e ao custo humano conscientemente imposto. A teoria de Mises não pode, por si só, provar as causas da fome ou a intenção genocida. Uma falha de planificação também não exclui a privação deliberada: um regime pode criar uma crise, explorá-la e suprimir as provas que exporiam a sua responsabilidade.

*
**

Mesmo que o Holodomor não tivesse sido genocídio, o que teria sido — democídio, um fracasso culposo da política, um acidente? Rejeitar uma classificação não responde a essa pergunta nem apaga a responsabilidade das pessoas *e* das instituições envolvidas. Não absolve nem Estaline nem o regime soviético, ambos impostos aos ucranianos. O democídio[113] dirige a atenção para a morte provocada pelo governo, incluindo condições conscientemente letais e um desprezo temerário pela vida; um apelo ao acidente ou à inadvertência continuaria a ter de explicar a confiscação, a fuga bloqueada e a supressão das advertências.

Há, contudo, uma conclusão clara: **o Holodomor não pode ser descrito de forma credível como uma catástrofe natural que ultrapassou a capacidade de resposta de um governo que fazia o seu melhor para proteger a população.** A coletivização forçada, o poder político sem limites e o ataque à existência nacional ucraniana reforçaram-se mutuamente. Debater os rótulos não pode apagar esses mecanismos — nem absolver os responsáveis.

[113] R. J. Rummel, *Death by Government* (Transaction Publishers, 1994), capítulo 2, «Definition of Democide».

3. O padrão histórico mais amplo do apagamento da Ucrânia pela Rússia

A destruição do Holodomor foi além das pessoas que matou. A fome devastou as aldeias onde se transmitiam a língua, os costumes e a memória familiar, enquanto a repressão atacava as instituições através das quais os ucranianos podiam governar-se e sustentar uma cultura pública. Estas formas de violência pertenciam a uma luta mais longa sobre se a Ucrânia poderia existir como nação com um futuro político próprio. O domínio imperial e o soviético mudaram de ideologia, de fronteiras e de métodos; ainda assim, Moscovo reivindicou repetidamente a autoridade para decidir os limites da vida nacional ucraniana. A atual guerra da Rússia confere uma importância imediata a essa história.

O genocídio diz respeito à destruição de um grupo enquanto grupo; não é simplesmente outra palavra para assassínio em massa. O assassínio em grande escala descreve o que acontece aos indivíduos. O objetivo genocida é a destruição, no todo ou numa parte substancial, de um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, e a Convenção inclui atos para além de matar. Em particular, transferir à força crianças para outro grupo pode atacar a continuidade de uma comunidade, deixando essas crianças vivas. Aqui, o grupo protegido é a nação ucraniana: o seu Estado e as suas instituições ajudam a sustentar a sua vida coletiva, em vez de constituírem uma categoria autónoma do tratado.[114]

Destruir a existência estatal ucraniana, suprimir uma língua ou impor o domínio imperial não estabelece, por si só, genocídio nos termos da Convenção. A análise mais ampla de Lemkin ajuda, ainda assim, a explicar como a destruição das instituições, da cultura e da autonomia política se pode juntar à violência física num ataque a uma nação. O apagamento cultural pode expor a finalidade nacional de um ataque, enquanto o assassínio, as condições de vida destrutivas e a transferência forçada de crianças mostram os meios pelos quais essa finalidade é prosseguida. A sobrevivência de alguns indivíduos não estabelece a sobrevivência do seu grupo.

[114] A Convenção sobre o Genocídio, artigo II, visa um grupo protegido enquanto tal, incluindo a destruição parcial e a transferência forçada de crianças. A análise judicial do recurso Krstić pelo TPIJ, de 19 de abril de 2004, distingue a destruição física ou biológica de um ataque limitado à identidade cultural ou sociológica. A análise da ONU sobre a redação da Convenção explica a exclusão do genocídio cultural como categoria autónoma e a inclusão expressa da transferência de crianças. A existência estatal e as instituições nacionais importam aqui como alicerces da vida do grupo ucraniano; a sua destruição, por si só, não é um ato autónomo do artigo II.

3.1 Existência estatal, língua e apagamento cultural

A luta em torno da vida nacional ucraniana teve uma história imperial antes de se tornar soviética. A Circular Valuev de 1863 restringiu as publicações religiosas e educativas em língua ucraniana, enquanto o Ukase de Ems de 1876, de Alexandre II, alargou as restrições às importações de livros ucranianos, às leituras públicas, ao teatro e às letras de canções impressas. A censura procurava obstruir as instituições através das quais uma língua se podia desenvolver para além da conversa privada: escolas, edição, investigação académica e espetáculo público. A luta posterior da Ucrânia pela existência estatal nasceu de uma sociedade cuja capacidade de expressar a sua própria identidade já fora sistematicamente restringida.

A luta da Ucrânia pela independência não começou em 1991. Depois do colapso do Império Russo em 1917, a Rada Central, liderada pelo historiador Mykhailo Hrushevsky, proclamou a República Popular Ucraniana em novembro de 1917. Inicialmente à procura de autonomia, proclamou a independência plena no Quarto Universal, datado de 22 de janeiro de 1918. Uma República Popular da Ucrânia Ocidental separada surgiu em antigo território austro-húngaro, e as duas proclamaram a sua unificação em 22 de janeiro de 1919, embora a continuação da guerra tenha impedido a concretização integral da união.

A luta pela independência da Ucrânia envolveu múltiplos exércitos e governos concorrentes, mas as suas forças republicanas independentes acabaram por ser derrotadas pelos bolcheviques. Grande parte da Ucrânia ficou sob a república soviética ucraniana apoiada por Moscovo, uma das repúblicas constituintes fundadoras da URSS em dezembro de 1922. Outros territórios com populações ucranianas permaneceram fora do controlo soviético, sobretudo sob a Polónia, a Roménia e a Checoslováquia. **A existência estatal ucraniana moderna já tinha, portanto, surgido e sido objeto de luta muito antes da dissolução da União Soviética em 1991.** A divisão entre as duas guerras também importa para a história da fome: as autoridades soviéticas ainda não governavam todo o território que forma a Ucrânia atual.

Dentro da Ucrânia soviética, a relação entre o controlo estatal e a cultura nacional tomou inicialmente outro rumo: a ucranização na década de 1920 expandiu o ensino, a edição e a vida cultural em ucraniano. Mas o regime de Estaline inverteu essa política e perseguiu quem ajudara a construí-la. A geração mais tarde conhecida como *Розстріляне відродження* («Renascimento Fuzilado») incluía escritores e artistas cujas obras foram proibidas e cujas vidas foram destruídas pela prisão ou pela execução. O encenador Les Kurbas, o dramaturgo Mykola Kulish e o romancista Valerian Pidmohylny contavam-se entre as figuras culturais ucranianas executadas em Sandarmokh em 1937. A repressão atacava tanto as pessoas que criavam uma cultura nacional como as instituições que a podiam transmitir a outra geração.



Escritores da VAPLITE, a Academia Livre de Literatura Proletária, Kharkiv, 1926–27. O grupo incluía Mykola Khvylovy e Mykola Kulish.

A expansão posterior da Ucrânia soviética colocou regiões ocidentais com histórias políticas e culturais diferentes sob o mesmo Estado. A Ruténia Subcarpática, também chamada Rus Subcarpática e que hoje forma, em grande parte, a região ucraniana de Zakarpattia, integrou a Checoslováquia em 1919. A sua população incluía rutenos e ucranianos, a par de húngaros, judeus e outras comunidades com identidades distintas e por vezes sobrepostas. A Hungria anexou parte da região em 1938 e ocupou o resto em março de 1939, esmagando a efémera Ucrânia dos Cárpatos independente. Depois da chegada do Exército Vermelho em 1944, as autoridades soviéticas impediram o restabelecimento do controlo checoslovaco e impuseram mudanças de cidadania. Pelo tratado de 29 de junho de 1945, Praga cedeu o território à URSS. A sua incorporação na Ucrânia soviética colocou a região sob o mesmo Estado autoritário que governava o resto da república.

Para além da Ucrânia, a expansão soviética também extinguiu a independência dos Estados bálticos. Os acordos Molotov–Ribbentrop de agosto e setembro de 1939[115] prepararam a subjugação dos Estados bálticos; a ocupação e a anexação soviéticas seguiram-se em 1940. As detenções, as execuções e as deportações de famílias em junho de 1941 atacaram as suas sociedades, além dos seus governos. Seguiu-se a ocupação nazi, mas o regresso do Exército Vermelho em 1944–45 restabeleceu a ocupação soviética, que Moscovo apresentava como libertação. Novas deportações em massa seguiram-se em março de 1949.[116] Muitos Estados ocidentais recusaram reconhecer as anexações como legais e sustentaram a continuidade jurídica dos Estados bálticos, mesmo enquanto as autoridades soviéticas exerciam o controlo no terreno.

[115] Ver 2.5.3 Política externa e domínio imperial. Para uma discussão mais desenvolvida do pacto e da cooperação soviético-alemã, ver Vatnik Soup, *Molotov–Ribbentrop: The Red-Brown Alliance*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

[116] Aproximadamente 95 000 pessoas foram deportadas dos três Estados bálticos em março de 1949. Ver a intervenção comemorativa da Embaixada da Letónia, proferida em 26 de março de 2024 e publicada em 12 de abril de 2024.

Na Polónia, na Hungria e na Checoslováquia do pós-guerra, Moscovo exercia o controlo através de Estados formalmente separados. A sua subordinação operava através das direções comunistas locais, do Cominform criado em 1947, da dependência económica e da ameaça ou do uso da força militar. Uma avaliação americana da Checoslováquia, datada de 15 de dezembro de 1949, identificava a Embaixada Soviética, um centro do Ministério do Interior soviético em Praga e os contactos entre funcionários do partido como alguns dos canais de controlo de Moscovo. A independência formal não oferecia, por isso, garantia de autodeterminação nacional. A república independente da Ucrânia já fora derrotada décadas antes, e a sua administração soviética estava diretamente integrada nas instituições da URSS. Nestes diferentes modelos políticos, o poder de definir os limites da vida nacional continuava concentrado em Moscovo e nas direções partidárias que lhe respondiam.

Depois dessa consolidação do pós-guerra, a morte de Estaline em 1953 e o Discurso Secreto de Khrushchev de 25 de fevereiro de 1956 trouxeram uma rutura real com o seu culto público. Algumas vítimas foram reabilitadas, incluindo a título póstumo. Mas Khrushchev denunciou a repressão arbitrária enquanto defendia a legitimidade leninista, a coletivização e a indústria pesada. A própria ascensão de Khrushchev através da direção do partido em Moscovo e a sua nomeação para dirigir a Ucrânia em 1938 ligavam a sua carreira ao sistema que estava a julgar. Condenar a coletivização como política poria em causa o historial do partido e os seus próprios serviços a ele prestados. A escolha política do que reconhecer importava, por isso. Como argumenta Kołakowski em *Main Currents of Marxism*, concentrar a culpa em Estaline podia proteger o partido e o sistema através dos quais governara. Podia denunciar-se o ditador sem abdicar da pretensão do partido a julgar a sua própria história.[117]

A resolução do partido soviético de junho de 1956 explicitou esse limite: insistia em que os abusos de Estaline não tinham alterado o caráter socialista do sistema. Os dirigentes comunistas franceses enfrentavam um risco semelhante: como escreveram Courtois e Lazar, «Mudar a base da sua legitimidade arriscava-se a ameaçar o seu poder.»[118]

[117] Leszek Kołakowski, *Main Currents of Marxism*, trad. P. S. Falla, livro III, *The Breakdown*, cap. XIII, «Developments in Marxism Since Stalin's Death», §1, «De-Stalinization», pp. 1149–1150 (edição num volume). Para o problema paralelo de repudiar as políticas desastrosas de Mao preservando a legitimidade histórica do Partido Comunista, ver Vatnik Soup, *The Great Leap Backwards: China's Maoist regime, then and now*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

[118] Thierry Wolton, *Une histoire mondiale du communisme*, vol. III, *Les complices* (Paris: Grasset, 2017), pp. 322–323. Stéphane Courtois e Marc Lazar, *Histoire du Parti communiste français* (2.ª ed., Paris: PUF, 2000), p. 310, tal como reproduzido em Wolton, p. 326. Original francês: « Modifier ce qui fondait leur légitimité risquait de menacer leur pouvoir. »; tradução nossa. Para as diferenças entre os partidos francês e italiano e a dissidência dentro do movimento, ver Wolton, pp. 320–325.

O Discurso Secreto de Khrushchev, 1956

Em 25 de fevereiro de 1956, numa sessão à porta fechada do 20.º Congresso do Partido, Khrushchev proferiu *On the Cult of Personality and Its Consequences*. Descreveu acusações fabricadas, tortura e a execução de comunistas leais. Depois de décadas em que o Partido exigira a adulação de Estaline, o seu dirigente expunha crimes cometidos em nome do próprio Partido. O texto publicado regista agitação e indignação na sala. Relatos contemporâneos descreveram delegados a desmaiar.

O choque espalhou-se para além do Congresso. Foram lidas cópias em reuniões do Partido e enviadas aos partidos comunistas da Europa de Leste; um texto polaco chegou ao Ocidente. O Departamento de Estado dos EUA divulgou o discurso em 4 de junho de 1956. Para os comunistas que tinham rejeitado testemunhos anteriores como propaganda hostil, a denúncia vinha agora da direção que tinham defendido.



Edição polaca para uso interno do Partido, Varsóvia, março de 1956.

Na Ucrânia, os limites dessa rutura tornaram-se claros na pressão contínua sobre a cultura nacional. No seu manuscrito de 1965 *Інтернаціоналізм чи русифікація?*, Ivan Dziuba contestou a russificação apelando aos princípios leninistas de igualdade nacional que o próprio Estado soviético professava. Contudo, mesmo esta crítica feita a partir dos ideais declarados do sistema trouxe perseguição: foi expulso da União dos Escritores e preso em 1972.[119] A questão era quem podia falar em nome da vida cultural ucraniana quando o partido reservava para si a autoridade para definir os seus limites aceitáveis.

O controlo da cultura estendia-se ao próprio registo histórico, incluindo a memória da fome e do socorro estrangeiro. O reconhecimento da ajuda da ARA pelo governo soviético em 10 de julho de 1923 existe a par da história posterior descrita pelo guia de arquivo da Hoover Institution: os trabalhadores americanos do socorro foram apresentados como espiões, enquanto a missão foi em grande parte omitida das publicações oficiais. Um salvamento reconhecido podia mais tarde ser reformulado como presença estrangeira hostil ou eliminado da história pública.

[119] A Checoslováquia de 1968 oferece um paralelo: a tentativa da Primavera de Praga de criar um «socialismo de rosto humano» foi esmagada por uma invasão liderada pela URSS em agosto. Ver o ensaio da Vatnik Soup a publicar *Jan Palach: Resistance to Tyranny*; Kyle Orton, "Socialism Could Never Have a Human Face", 21 de agosto de 2022.

O próprio Holodomor permaneceu sujeito ao silêncio oficial durante décadas depois da morte de Estaline. Stanislav Kulchytsky recordou ter integrado, em 1986, uma comissão soviética destinada a refutar os relatos da fome, acabando por encontrar provas de arquivo que minavam a explicação que fora incumbido de defender. Quando o dirigente do partido ucraniano Volodymyr Shcherbytsky reconheceu a fome em 25 de dezembro de 1987, continuou a atribuí-la à seca. Admitir que a fome ocorrera ainda não significava aceitar a responsabilidade pelas políticas que a tinham tornado letal.

As memórias familiares sobreviveram, ainda assim, e a abertura que começou sob a perestroika alargou-se depois da independência.



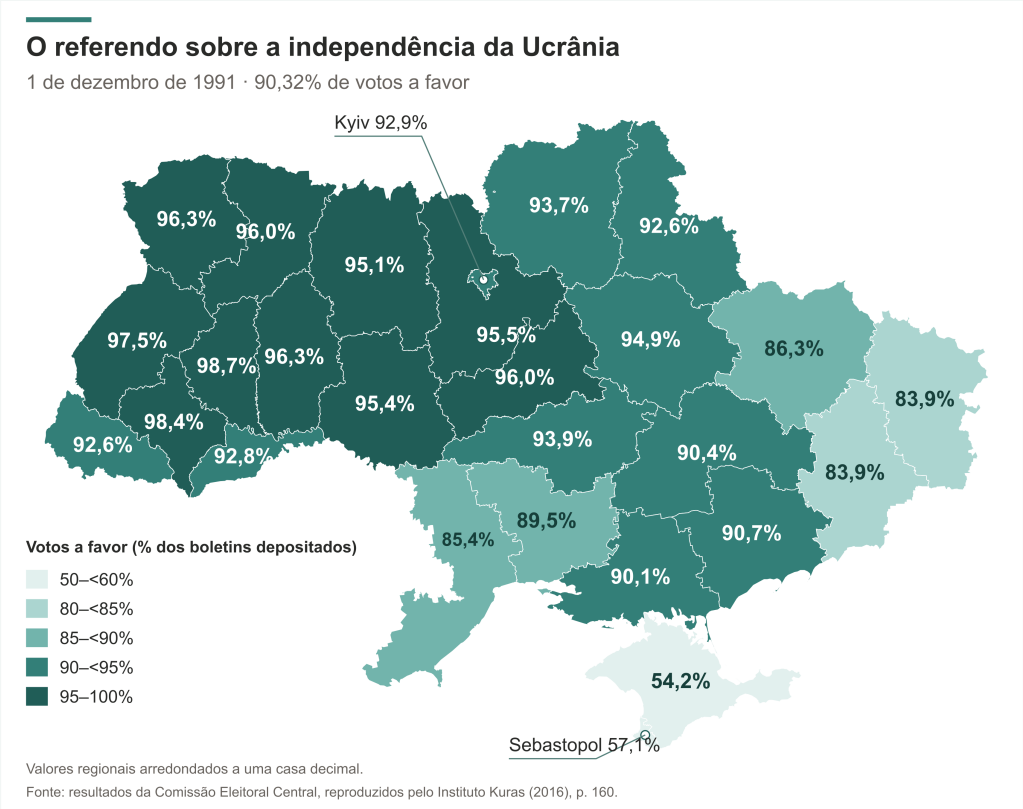
Marcha em memória do Holodomor, Winnipeg, 1983, no cinquentenário da fome. Arquivo fotográfico do Winnipeg Free Press.

Da perestroika à independência

Sob Mikhail Gorbatchov, a perestroika («reestruturação») e a glasnost («abertura») atenuaram a censura e alargaram o debate público no final dos anos oitenta. Voltou a ser possível discutir o Holodomor, cujo debate tinha sido oficialmente reprimido durante décadas.

Em 1 de dezembro de 1991, **90,32% dos boletins depositados apoiaram a declaração de independência da Ucrânia**, com uma participação de 84,18%. O sim obteve a maioria em cada uma das 27 regiões administrativas, incluindo a Crimeia (54,19%) e Sebastopol (57,07%).

Da perestroika à independência



Apoio à independência por região, 1 de dezembro de 1991. Percentagens regionais arredondadas; o resultado nacional publicado foi de 90,32%.

No Memorando de Budapeste de 5 de dezembro de 1994, a Rússia, o Reino Unido e os Estados Unidos reafirmaram o respeito pela independência, pela soberania e pelas fronteiras existentes da Ucrânia, bem como a obrigação de se absterem da ameaça ou do uso da força contra a sua integridade territorial ou independência política, no contexto da adesão ucraniana ao Tratado de Não Proliferação Nuclear como Estado sem armas nucleares. O tratado bilateral sobre a fronteira de Estado ucraniano-russa, assinado em 28 de janeiro de 2003, entrou em vigor em 23 de abril de 2004. Os ucranianos tinham escolhido a independência; Moscovo tinha-se comprometido a respeitá-la.

Kulchytsky recorda a publicação de *33-й: голод. Народна книга-меморіал*, de Volodymyr Maniak e Lidiia Kovalenko, em 1991, e das coletâneas de arquivo posteriores. Essa recuperação continua: em junho de 2025, o Museu Nacional do Holodomor-Genocídio anunciou a digitalização de 373 testemunhos de pessoas que presenciaram os acontecimentos, gravados sobretudo no início dos anos 2000. Registar estas vozes restitui vidas individuais e atos de sobrevivência a uma história que as autoridades tentaram suprimir. Recordar afirma também o direito dos ucranianos a falar em seu próprio nome.

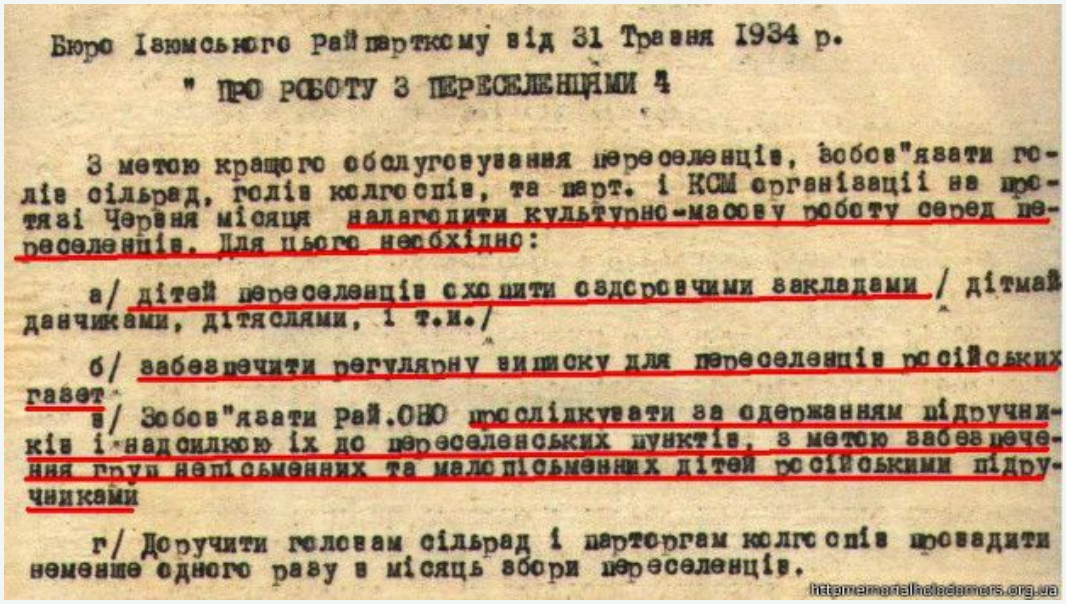
3.2 O Holodomor no ataque à existência nacional ucraniana

A Ucrânia foi sujeita a uma combinação particularmente destrutiva de subjugação nacional e engenharia social soviética. O seu Estado independente fora derrotado, as suas instituições culturais eram atacadas e a sua população rural foi exposta à morte em massa pela fome. Uma reconstituição demográfica moderna estima aproximadamente 3,9 milhões de mortes em excesso na Ucrânia soviética ao longo de 1932–34. A perda foi além das vidas individuais: as famílias, as comunidades aldeãs e a transmissão da língua e da memória foram devastadas. A particular severidade do tratamento da Ucrânia reside nesta convergência de destruição física, transformação económica coerciva e ataques às instituições da vida nacional.

A perda da independência ucraniana significou também a perda do controlo da colheita. A Ucrânia produziu alimentos suficientes em 1932 para evitar a fome, como estabelece o estudo apresentado na secção 2.3. Contudo, o sistema de entregas obrigatórias de Moscovo subordinava a colheita às prioridades centrais: abastecimento das cidades soviéticas, reservas e vendas ao estrangeiro. Estas distribuições eram impostas enquanto os camponeses ucranianos morriam de fome; os números da secção 1.3 mostram o que a extração lhes deixava. A independência nacional dizia respeito ao poder de conservar e distribuir os alimentos necessários à sobrevivência. Associada à responsabilização democrática, teria dado aos ucranianos os meios de contestar uma política que os matava, como explica a discussão de Sen na secção 2.7.

Na sua intervenção de 1953 «Soviet Genocide in Ukraine», Raphael Lemkin ligou a morte pela fome aos ataques aos intelectuais e às igrejas e às políticas que dispersavam os ucranianos e remodelavam o povoamento. Entendia o campesinato como portador da língua, da cultura e da identidade coletiva. O seu argumento explica por que motivo a destruição das instituições nacionais deve figurar a par da morte em massa numa análise do ataque a uma nação.

Repovoamento e língua de ensino, 1934



Бюро Ізюмського райпарткому від 31 Травня 1934 р.

" ПРО РОБОТУ З ПЕРЕСЕЛЕНЦЯМИ "

З метою кращого обслуговування переселенців, зобов"язати голів сільрад, голів колгоспів, та парт. і КСМ організації на протязі Червня місяця налагодити культурно-масову роботу серед переселенців. Для цього необхідно:

а/ дітей переселенців охопити оздоровчими закладами / дітмайданчиками, дітяслями, і т.п./

б/ забезпечити регулярну виписку для переселенців російських газет.

в/ Зобов"язати Рай.ОНО прослідкувати за одержанням підручників і надсилкою їх до переселенських пунктів, з метою забезпечення груп неписьменних та малописьменних дітей російськими підручниками

г/ Доручити головам сільрад і парторгам колгоспів провадити неменше одного разу в місяць збори переселенців.

holodomormuseum.org.ua

«Sobre o trabalho com colonos»: gabinete distrital do partido de Izyum, 31 de maio de 1934. Excerto de uma reprodução de museu.

A instrução de 31 de maio de 1934 apelava à organização de atividades culturais entre os colonos. Ordenava assinaturas de jornais russos e o fornecimento de manuais em russo às escolas e aos grupos de alfabetização dos colonos. Exigia também reuniões mensais com eles.

O repovoamento depois da fome envolveu, assim, decisões sobre a língua e as instituições, além da habitação e da terra. Esta instrução local mostra como o partido organizava em russo o ensino e a vida pública dos recém-chegados.

A política religiosa expõe a mesma luta em torno das instituições independentes. Depois de anos de repressão, Estaline autorizou uma aproximação à hierarquia ortodoxa russa durante a guerra. As próprias declarações do Patriarcado de Moscovo de setembro de 1943 registam o seu encontro com três metropolitas em 4 de setembro e a autorização para eleger um patriarca; os bispos elegeram Sérgio em 8 de setembro e agradeceram ao governo soviético. As mesmas declarações mobilizavam os cristãos contra Hitler. A autoridade religiosa ajudava a mobilizar apoio à guerra enquanto a hierarquia operava dentro dos limites definidos pelo Estado.

No estrangeiro, a aliança de guerra já dera a Moscovo um incentivo para exibir tolerância religiosa. Em 11 de setembro de 1941, Roosevelt pediu ao embaixador soviético Constantine Oumansky que organizasse divulgação pública da liberdade religiosa na URSS antes de o projeto de lei seguinte sobre o Lend-Lease chegar ao Congresso. O memorando do secretário de Estado Cordell Hull regista a preocupação do presidente de que a hostilidade à União Soviética obstruísse a ajuda. Contudo, em 31 de julho, o secretário de Estado interino Sumner Welles não relatara qualquer sinal de aumento da tolerância religiosa. O pedido de Roosevelt identifica um incentivo político concreto: uma imagem mais tranquilizadora da vida religiosa soviética podia tornar mais fácil defender a aliança perante o público americano. A divulgação pública e a liberdade na prática eram questões separadas.

Contudo, a Igreja Greco-Católica Ucraniana na Galícia recebeu um tratamento diferente. O seu relato da operação contra ela descreve a prisão do metropolita Josyf Slipyj e de outros bispos em 1945, seguida da organização pelos serviços de segurança de uma assembleia em Lviv em 8–10 de março de 1946. Com a hierarquia greco-católica presa, a assembleia proclamou a abolição da União de Brest e a incorporação na Igreja Ortodoxa Russa. A Igreja chama-lhe pseudoconcílio: a coerção dirigida pelo Estado foi apresentada como reunificação eclesiástica. A sua organização legal foi suprimida, enquanto os fiéis mantiveram uma igreja clandestina.

O contraste diz respeito ao poder sobre as instituições, além da doutrina. Moscovo podia acomodar uma hierarquia útil ao Estado enquanto desmantelava uma igreja ucraniana com as suas próprias lealdades, liderança e autoridade social. O ataque atingia as estruturas através das quais as comunidades formavam o clero, preservavam as tradições e organizavam uma vida para além do Estado. Também encontrou resistência: a liquidação formal não extinguiu a prática religiosa nem a identidade que a Igreja ajudava a sustentar.

A utilidade da Igreja também não se limitava ao moral em tempo de guerra. «At the Kremlin in 1943», da historiadora Kathryn David, faz remontar as raízes da política aos territórios ucranianos ocidentais anexados pela União Soviética em 1939, até então pertencentes à Polónia. Aí, as instituições religiosas podiam ajudar a apresentar a conquista territorial como reunificação. Uma hierarquia ortodoxa regulada oferecia a Moscovo um meio de alargar a influência política e cultural através das fronteiras. A sua interpretação explicita a dimensão imperial: restaurar uma igreja sob supervisão estatal podia servir a mesma expansão do poder que suprimir outra.

A deportação em massa visava também populações definidas pela nacionalidade. Alemães soviéticos, chechenos, inguches e outros povos foram deportados. Nos Estados bálticos, as deportações de 1941 e 1949 desenraizaram famílias selecionadas através de categorias políticas e sociais. As campanhas contra populações étnicas inteiras levaram mais longe a punição coletiva: a própria nacionalidade podia determinar a remoção, incluindo a de crianças e de pessoas não acusadas de qualquer infração individual.

A Crimeia e os tártaros da Crimeia

Os tártaros da Crimeia são um povo autóctone da Crimeia. A sua vida nacional abrange a língua, a religião, a memória familiar e as tradições culturais, incluindo a ornamentação Örnek, inscrita pela UNESCO em 2021. A deportação atacou as pessoas que davam continuidade a essa vida nacional e a ligação entre a sua comunidade e a sua pátria.



Mulheres tártaras da Crimeia, postal do início do século XX.



Traje tradicional tártaro da Crimeia, Ucrânia, 2021.

A ordem de Estaline de 11 de maio de 1944 instruía o NKVD a remover todos os tártaros da Crimeia e a estabelecê-los permanentemente no Usbequistão. Prescrevia também a transferência das suas casas, do seu gado e dos seus produtos para as autoridades soviéticas. Entre 18 e 20 de maio, foram deportados mais de 190 000 tártaros da Crimeia; a fome, a doença e a exaustão mataram muitos durante o transporte e o exílio. Uma acusação de traição coletiva tornou-se a justificação para desenraizar um povo, incluindo crianças e famílias, sem estabelecer a culpa individual. A operação atacava a continuidade da existência da comunidade na sua pátria, além das vidas dos seus membros. O parlamento da Ucrânia reconheceu a deportação como genocídio em 2015.

A sobrevivência e a luta pelo regresso fazem também parte desta história. As famílias preservaram os conhecimentos, a identidade e a ligação à Crimeia durante o exílio. A sua renovação cultural posterior mostra que a remoção não extinguiu o povo que visava. Mas a ligação à Ucrânia atual é também a de uma pressão renovada: o relato da ONU de 2024 sobre dez anos de ocupação russa documenta a supressão da identidade e das instituições representativas dos tártaros da Crimeia. O seu lugar na história da Ucrânia e a perseguição específica de que são alvo tornam esta experiência central para compreender o apagamento nacional.[120]

Mas a repressão também servia a extração material. Durante a Operação Oeste, em outubro de 1947, os organismos de segurança soviéticos deportaram famílias associadas à resistência nacionalista ucraniana para povoamentos especiais e locais de trabalho. A remoção de famílias atingia também as redes de parentesco e de apoio local de que a resistência dependia.

[120] Ver Vatnik Soup, *Crimea: A Ukrainian Destiny*, Dossiê de Memória Histórica. A publicar.

Dispersar as pessoas por povoamentos distantes sob supervisão estatal tornava mais difícil manter esses laços e organizar a oposição. A resolução do governo soviético de 10 de setembro de 1947 ligava explicitamente a sua remoção ao fornecimento de trabalhadores à indústria do carvão. Um relatório soviético de 27 de maio de 1948 registava 77 791 deportados, incluindo mulheres e crianças. A maioria foi destinada a empresas carboníferas no Kuzbass, nas regiões de Chelyabinsk e Molotov (hoje Perm), nos Urais, na Sibéria oriental e em Karaganda, no Cazaquistão. Outros grupos foram enviados para a região de Omsk para trabalho industrial e agrícola. Quebrar a resistência, desenraizar comunidades e explorar o seu trabalho eram propósitos interligados da mesma operação.

Entretanto, os presos políticos ucranianos foram dispersos pela rede de campos soviéticos, incluindo Gorlag, em Norilsk, Rechlag, em Vorkuta, e Steplag, perto de Zhezkazgan, no Cazaquistão. As penas de internamento em campos prisionais eram juridicamente distintas dos povoamentos especiais de residência obrigatória impostos às famílias deportadas. Ambos retiravam os ucranianos das suas comunidades e colocavam as suas vidas e o seu trabalho sob controlo soviético, longe de casa.

As minas de urânio da Checoslováquia mostram uma combinação semelhante. Os presos políticos eram obrigados a extrair urânio em redor de Jáchymov e Horní Slavkov, enquanto o minério abastecia o programa soviético de armas nucleares. Estes campos prisionais eram distintos tanto do Gulag soviético como do sistema checoslovaco de campos administrativos de trabalho forçado.[121] Ligavam, contudo, a repressão política à extração de um recurso natural finito ao serviço das prioridades estratégicas soviéticas. Tanto os corpos dos presos como a riqueza mineral do seu país eram sujeitos a uma utilização coerciva.

A deportação direta para a URSS alargou essa exploração através das fronteiras. O Instituto da Memória Nacional da Eslováquia regista civis checoslovacos enviados para trabalho forçado no Donbas e no Cáucaso, incluindo trabalho em minas, na construção e na indústria. Estas deportações de civis foram autorizadas ao mais alto nível soviético em setembro de 1944 para obter trabalhadores que substituíssem as perdas de mão de obra durante a guerra. O território industrial ucraniano podia, assim, ser também um destino de pessoas deportadas de outros lugares: as autoridades soviéticas usavam tanto as pessoas como os lugares numa maquinaria mais ampla de produção forçada.

Enviar civis checoslovacos para o Donbas e deportar famílias ucranianas para a Sibéria, os Urais e o Cazaquistão eram atos deliberados de deslocação populacional e distribuição de mão de obra. As autoridades selecionavam as pessoas a remover, organizavam o transporte e atribuíam destinos segundo as prioridades do Estado. A coerção ia, assim, além de governar um país: permitia ao Estado desenraizar os seus habitantes e redistribuir o seu trabalho por todo o sistema soviético.

Estes casos revelam mecanismos relacionados, embora os seus objetivos e consequências diferissem. As requisições de cereais podiam privar as comunidades ucranianas dos meios de sobrevivência; a deportação podia destruir a base social da resistência ao mesmo tempo que

[121] Para uma discussão mais desenvolvida da repressão e do trabalho forçado checoslovacos, ver Vatnik Soup, *Jan Palach: Resistance to Tyranny*, Dossiê de Memória Histórica (janeiro de 2027). A publicar.

fornecia mão de obra; a prisão podia transformar adversários políticos em mineiros ao serviço de um programa de armamento. O controlo do território permitia o controlo dos recursos, do trabalho e da circulação. Mas, na Ucrânia, a coerção económica também se entrelaçou com o ataque à autonomia e à cultura nacionais. Um povo privado do poder de se governar podia ser obrigado a entregar as suas colheitas, o seu trabalho e as instituições através das quais sustentava a sua identidade.

3.3 De 2014 ao presente: ocupação e alegações de genocídio

A atual guerra da Rússia contra a Ucrânia começou em 2014, com a tomada e a tentativa de anexação da Crimeia e a intervenção militar russa no Donbas. Em 27 de março, a Assembleia Geral da ONU reafirmou a integridade territorial da Ucrânia e rejeitou a validade do referendo da Crimeia como base para alterar o estatuto da península. A invasão em grande escala de 24 de fevereiro de 2022 alargou a guerra a um ataque à sobrevivência de um Estado ucraniano independente.

Moscovo apresentou a sua invasão como proteção contra um alegado genocídio no Donbas. Na sua decisão de 16 de março de 2022, o Tribunal Internacional de Justiça afirmou que não dispunha de provas que sustentassem a alegação da Rússia e ordenou à Rússia que suspendesse as operações militares iniciadas em 24 de fevereiro. Separadamente, em 14 de abril de 2022, o parlamento da Ucrânia declarou genocidas as ações da Rússia.

Bucha mostra o que a ocupação podia significar para uma comunidade ucraniana. As forças russas controlaram a cidade perto de Kyiv entre 5 e 30 de março de 2022. Após a sua retirada, encontraram-se corpos de civis nas ruas e em sepulturas improvisadas. Até 31 de outubro de 2022, os observadores de direitos humanos da ONU tinham documentado em Bucha o homicídio de 73 civis, incluindo crianças. A sua investigação sobre o norte da Ucrânia descreve controlos de segurança seguidos de execuções sumárias; as vítimas foram encontradas com as mãos atadas e ferimentos de bala na cabeça. Também foram alvejados civis que tentavam fugir ou realizar atividades quotidianas. A suspeita de ligações às forças ucranianas podia fazer de um habitante um alvo.[122]

[122] OHCHR, *Killings of Civilians: Summary Executions and Attacks on Individual Civilians in Kyiv, Chernihiv and Sumy Regions in the Context of the Russian Federation's Armed Attack against Ukraine*, 7 de dezembro de 2022, Executive Summary; Bucha.



Volodymyr Zelenskyy em Bucha, 4 de abril de 2022.

A retirada de crianças ataca também a continuidade das famílias e comunidades ucranianas. Em 17 de março de 2023, o Tribunal Penal Internacional emitiu mandados de detenção contra Vladimir Putin e Maria Lvova-Belova, relativos aos alegados crimes de guerra de deportação e transferência ilegais de crianças.

A ocupação russa sujeita a administração local, as escolas e a vida cultural ao controlo de Moscovo. Um relatório da ONU sobre direitos humanos de março de 2024 documentou a substituição dos sistemas ucranianos de governo e de ensino, a pressão para obter passaportes russos e a supressão da expressão cultural ucraniana.

A Rússia passou a tratar como «estrangeiros» os cidadãos ucranianos que permaneciam em território ucraniano ocupado. O Decreto n.º 159 de Putin, de 20 de março de 2025, dava-lhes até 10 de setembro de 2025 para obterem uma base legal de residência ao abrigo da legislação russa ou saírem. As alternativas eram a cidadania russa, outro estatuto russo de residência ou o risco de deportação das suas próprias casas. A potência ocupante fez assim depender o direito dos ucranianos a permanecerem onde viviam do seu próprio reconhecimento do respetivo estatuto.

O acesso a serviços essenciais tornou-se um instrumento de pressão sobre os habitantes para que aceitassem um passaporte russo. O secretário-geral da ONU relatou que, desde 1 de janeiro de 2025, a atribuição de pensões nos territórios ocupados exigia a cidadania russa; as medidas citadas incluem um decreto de 13 de setembro de 2024 das autoridades de ocupação de Zaporíjia. O decreto de março de 2025 também eliminou disposições anteriores sobre cuidados médicos gratuitos, enquanto a obtenção de documentos de residência para trabalhar incluía exames de língua, história e direito russos. Sem passaportes russos, os habitantes enfrentavam restrições no emprego, nos serviços bancários, nos seguros e nos direitos de propriedade, além de controlos mais severos nos postos de controlo. Aceitar a cidadania russa

podia, por sua vez, expor os homens ucranianos à conscrição no exército que combatia o seu próprio país.[123]

As igrejas, as escolas, os livros e os recursos agrícolas tornam-se objetos de controlo a par do território. Os homicídios, a retirada de crianças, a deslocação forçada e a cidadania russa imposta atingem as diferentes bases da sobrevivência de uma comunidade nacional: os seus membros, a geração seguinte e a continuidade institucional e cultural. O conflito diz, por isso, respeito tanto às fronteiras da Ucrânia como à capacidade dos ucranianos para sustentarem uma vida nacional dentro delas.

3.4 Os cereais ucranianos na atual guerra da Rússia

O controlo dos alimentos voltou a tornar-se um meio de exercer poder sobre a Ucrânia. Os mecanismos incluem a apropriação sob ocupação, os ataques a infraestruturas agrícolas e portuárias e a pressão sobre as rotas através das quais a Ucrânia vende as suas colheitas. Prejudicam os meios de subsistência dentro da Ucrânia, afetando ao mesmo tempo os países que dependem do abastecimento alimentar internacional.

A intervenção de Margarita Simonyan, diretora de informação da RT, no Fórum Económico Internacional de São Petersburgo, em 17 de junho de 2022, explicitou o uso político que se esperava fazer da fome. Dirigindo-se a Putin, apresentou uma «piada muito cínica», ou «exclamação», que disse ter ouvido a várias pessoas em Moscovo. As suas palavras originais em russo foram:

«Вся надежда на голод. Что имеется в виду? Имеется в виду, что сейчас начнётся голод, и тут-то они образумятся: и санкции снимут, и вообще будут с нами дружить, потому что осознают, что не дружить с нами невозможно.»

«Toda a nossa esperança assenta na fome. O que significa isso? Significa que a fome vai começar agora, e então eles ganharão juízo: levantarão as sanções e, em geral, serão nossos amigos, porque perceberão que é impossível não serem nossos amigos.»

A frase inicial translitera-se *Vsya nadezhda na golod*. Em russo, **голод** (*golod*) significa fome. Em ucraniano, **голод** (*holod*) tem a mesma grafia e significado, e forma o primeiro elemento de **Голодомор** (*Holodomor*). Simonyan contou a «piada» com um largo sorriso: a fome dos outros era o remate humorístico, e as concessões a Moscovo eram o resultado desejado.

[123] UN Secretary-General, A/80/315, 6 de agosto de 2025, §§ 7–10, nn. 5–8; OHCHR, *Forced Displacement from Territory of Ukraine Occupied by the Russian Federation*, 20 de março de 2026, §§ 33–38.



«Toda a nossa esperança assenta na fome», de Simonyan, 17 de junho de 2022. Fotograma de um vídeo com legendas em inglês; uma republicação datada do vídeo preserva a troca de palavras.

A mesma estação fez da privação europeia imaginada o tema de um sketch de Natal. No filme da RT divulgado em 23 de dezembro de 2022, uma rapariga recebe um hamster de estimação no Natal de 2021. Um ano depois, a sua roda de exercício alimenta as luzes da família. No Natal imaginado de 2023, a família enregelada come sopa; o pai retira da boca o laço vermelho do hamster, e a mãe manda-o calar. A mensagem final diz «Feliz Natal "antirrusso"!» e anuncia a RT através de uma VPN.[124] A sequência e a mensagem do sketch apresentam a fome e o frio como o preço de se opor à Rússia, sob a forma de humor festivo.

[124] Os serviços de VPN (rede privada virtual) permitem contornar bloqueios de acesso. A RT insta os estrangeiros a usá-los enquanto a Rússia bloqueia o Twitter/X e outras plataformas no seu território. Funcionários e propagandistas como Simonyan precisam, por isso, de uma VPN ou de outro meio de contornar os bloqueios quando publicam nessas plataformas a partir da Rússia. O porta-voz do Kremlin Dmitry Peskov reconheceu usar uma VPN em abril de 2022. O Estado também bloqueia serviços de VPN; a partir de 1 de setembro de 2025, introduziu sanções por publicitar ferramentas para contornar bloqueios e procurar deliberadamente material designado «extremista». Ver Vatnik Soup, *Censorship and VPNs*.



O «Natal de 2023» imaginado no sketch de propaganda da RT.

O pacote de sanções da UE de 24 de fevereiro de 2025 incluiu explicitamente navios que transportavam cereais ucranianos roubados. Uma investigação posterior da Bellingcat e da Lloyd's List, publicada em 12 de dezembro de 2025, seguiu o graneleiro *Krasnodar* desde o terminal cerealífero Avlita, em Sevastopol, até a portos sauditas, em duas viagens entre setembro e novembro. Imagens de satélite identificaram o navio no terminal da Crimeia ocupada durante interrupções das suas transmissões de localização. A empresa que fretava o navio, Petrokhleb-Kuban, negou exportar a partir de Avlita ou roubar cereais; os investigadores apresentaram as imagens e os dados de localização que contradiziam a sua versão sobre o local de carregamento. O caso mostra como os portos ocupados podem introduzir produtos agrícolas no comércio internacional enquanto a sua origem é contestada ou ocultada.

Contudo, tomar os produtos é apenas uma forma de controlo. Em 17 de julho de 2023, o secretário-geral da ONU anunciou a retirada da Rússia da Iniciativa dos Cereais do Mar Negro. O acordo tinha permitido a passagem de mais de 32 milhões de toneladas de produtos alimentares a partir de portos ucranianos, incluindo carregamentos do Programa Alimentar Mundial para operações humanitárias. A participação da Rússia num acordo de exportação tornara-se uma fonte de pressão sobre o acesso a esses abastecimentos.

Os ataques às infraestruturas agravaram essa pressão. Em 23 de agosto de 2023, os observadores de direitos humanos da ONU relataram catorze ataques russos desde 11 de julho, que atingiram terminais cerealíferos, armazéns, instalações portuárias e equipamentos relacionados. Documentaram vítimas civis e a perturbação das cadeias mundiais de abastecimento alimentar. Os danos num silo ou num terminal vão além dos cereais imediatamente destruídos: podem obstruir o armazenamento, o transporte e o rendimento necessário para outra colheita. A monitorização da ONU de março de 2026 continuou a registar ataques a infraestruturas portuárias.

As requisições de Estaline e o Plano da Fome nazi atribuíram à agricultura ucraniana um lugar em projetos de poder que tratavam as vidas dos seus habitantes como descartáveis. Essa

história confere à importância política dos alimentos uma ressonância particular na guerra atual. A soberania ucraniana inclui a capacidade de cultivar a terra, conservar os frutos do trabalho e chegar aos mercados de exportação sem que uma potência conquistadora decida os termos. Os alimentos e a memória encontram-se nessa questão: saber se os ucranianos podem controlar os recursos e as instituições necessários para sustentar a sua própria vida nacional.

3.5 A guerra da Rússia contra a existência nacional ucraniana hoje

Vladimir Putin já tinha enquadrado a independência ucraniana como um problema de legitimidade histórica. Em «On the Historical Unity of Russians and Ukrainians», publicado em 12 de julho de 2021, descreveu russos e ucranianos como um único povo e afirmou que «a verdadeira soberania da Ucrânia só é possível em parceria com a Rússia». Disse também que o futuro da Ucrânia cabia aos seus cidadãos decidir. Mas a condição associada à soberania minava essa garantia: as escolhas dos ucranianos só contariam como autênticas dentro de uma relação que Moscovo aceitasse. A invasão russa deu uma forma militar a essa contradição.

A linguagem da fraternidade não resolve esta negação da capacidade de decisão ucraniana. Putin falou do «povo ucraniano irmão» ao justificar a anexação da Crimeia em 2014 e invocou «irmãos e irmãs» na cerimónia de anexação de setembro de 2022.[125] Nestes usos, o parentesco não confere um direito igual de recusar o domínio de Moscovo. «Pequeno-russos», «um só povo» e a rejeição de uma «anti-Rússia» podem, todos, permitir que sobrevivam ucranianos individuais, negando ao mesmo tempo a uma nação ucraniana separada o direito a um futuro próprio. A «unidade» imperial é oferecida sob condição de os ucranianos abandonarem a independência política e nacional que Moscovo rejeita.

A negação da existência estatal ucraniana tem também uma literatura ideológica explícita. Em *Основы геополитики*[126] (1997), parte V, secções 4.4 e 5.6, Aleksandr Dugin trata uma Ucrânia soberana como ameaça ao projeto eurasiático da Rússia e apela ao seu desmantelamento geopolítico. Admite formas de autonomia cultural enquanto exige o controlo militar e político absoluto de Moscovo sobre a costa norte do Mar Negro. A especificidade ucraniana só é tolerada na condição de não comportar poder independente. Esta é a hierarquia imperial enunciada abertamente: Moscovo atribui o papel estratégico e aos ucranianos é negado o direito de escolher o seu.

Numa discussão com jornalistas ocidentais em março de 2022, Dugin explicitou a condição imperial: «Sem a Ucrânia, a Rússia não pode voltar a ser o império.» Com a Ucrânia sob controlo russo, disse, tornar-se-ia de novo um império; desvalorizou a questão como «nada de

[125] O discurso de Putin de 18 de março de 2014 invoca o «povo ucraniano irmão» enquanto justifica a anexação da Crimeia; o seu discurso de 30 de setembro de 2022 invoca os irmãos e as irmãs ucranianos enquanto proclama outras quatro regiões parte da Rússia.

[126] Александр Дугин, *Основы геополитики* (1997), parte V, secções 4.4, 5.6; pp. 347–349, 377–382.

pessoal».[127] A soberania ucraniana é tratada como um obstáculo ao estatuto imperial da Rússia.

Numa entrevista à ANNA-News de 6 de maio de 2014, ao discutir as mortes violentas e o incêndio em Odesa quatro dias antes, disse: «я думаю убивать, убивать и убивать. Больше разговоров никаких не должно быть. Как профессор я так считаю.» Em português: «Penso: matar, matar e matar. Não deve haver mais conversa nenhuma. Como professor, é essa a minha opinião.» Um excerto de vídeo preserva a declaração.

Numa publicação no VK de agosto de 2014, escreveu «Геноцид кретинов напрашивается сам собой» — «Um genocídio de cretinos sugere-se por si mesmo» — e negou que as pessoas que atacava fossem realmente ucranianas: «Я не верю, что это украинцы.» Elogiou os ucranianos como povo eslavo enquanto descrevia aqueles que rejeitava como «появившаяся из канализационных люков раса ублюдков» — «uma raça de bastardos que saiu das bocas de esgoto». A invocação do genocídio e a desumanização racial são explícitas. Lidas a par do seu programa de controlo imperial, expressam uma intenção genocida em relação aos ucranianos que exclui de uma identidade nacional aceitável.

A agência estatal RIA Novosti publicou «What Russia Should Do with Ukraine», de Timofey Sergeytsev, em 3 de abril de 2022. Apelou à liquidação da elite governante, à repressão na cultura e no ensino e à supressão da soberania durante pelo menos uma geração. «A desnazificação implicará inevitavelmente também a desucranização», escreveu. A procura da independência era apresentada como prova de nazismo; o programa visava a própria existência nacional ucraniana.

Analisámos estas inversões históricas em «May 9: Soviet-Nazi collaboration» e a sobreposição contemporânea entre a propaganda pró-Kremlin e a extrema-direita em «Degenerate Russia: Nazi vatniks».

«Anti-Rússia»: quando a independência e a soberania são reformuladas como hostilidade

Nesta retórica, «anti-Rússia» significa «não Rússia»: uma Ucrânia capaz de escolher as suas próprias instituições, alianças e futuro sem aprovação de Moscovo. O ensaio de Putin de 2021 apresenta a separação como um projeto ocidental e condiciona a soberania aceitável à parceria com a Rússia. A capacidade de decisão independente dos ucranianos desaparece dessa versão: as escolhas que Moscovo rejeita tornam-se prova de controlo estrangeiro. A «desnazificação» de Sergeytsev leva mais longe a mesma lógica, transformando a supressão da existência nacional ucraniana num suposto ato de libertação.

Pavel Gubarev, dirigente separatista pró-russo de Sievierodonetsk, no leste da Ucrânia, proclamou-se «governador do povo» de Donetsk em 2014. Apelou à intervenção militar russa e recrutou combatentes separatistas; mudou-se mais tarde para a Rússia e disse ter combatido

[127] Aleksandr Dugin, discussão com jornalistas ocidentais, março de 2022. Gravação integral em língua inglesa, datada de 5 de março de 2022 (26 min 9 s); publicação original no YouTube.

com as forças armadas russas perto de Kyiv em março de 2022. Num vídeo que circulou em outubro de 2022, enunciou a escolha com uma franqueza invulgar. Descreveu os ucranianos como russos possuídos pelo diabo, apresentou a mudança das suas convicções como uma cura e ameaçou matá-los se recusassem. A sua garantia inicial de que vinha convencer em vez de matar conduziu diretamente a ameaças de matar um milhão, cinco milhões ou todos.[128]

Pavel Gubarev: «convencer» ou matar



Pavel Gubarev, outubro de 2022. Seis fotogramas da versão com legendas em inglês da Russian Media Monitor, o projeto de Julia Davis. A passagem integral, incluindo as frases imediatamente antes e depois dos seis fotogramas, diz: «Estas pessoas são russas, possuídas pelo diabo. Vimos para as convencer, não para as matar. Mas se não quiserem que vos façamos mudar de ideias, então vamos matar-vos. Mataremos tantos de vós quantos forem necessários. Mataremos 1 milhão, ou 5 milhões, podemos exterminar-vos a todos até compreenderem que estão possuídos e têm de ser curados.»

A forma condicional é central para a ameaça. Aos ucranianos é oferecida a sobrevivência através da renúncia à identidade nacional separada que os seus conquistadores rejeitam; quem recusa enfrenta a destruição física, que pode estender-se a todos. A incorporação

[128] Contexto: Conselho da UE, entrada 82, The Moscow Times, 18 de fevereiro de 2026. Pavel Gubarev, vídeo divulgado em outubro de 2022: excerto de vídeo e notícia datada de 11 de outubro do OstroV. As seis imagens mantêm as legendas inglesas e as marcas originais da Russian Media Monitor; a legenda apresenta a passagem pertinente integral do vídeo legendado, incluindo o contexto inicial e final.

forçada e o extermínio surgem como meios interligados de eliminar a existência nacional ucraniana. **Uma ameaça de destruir as pessoas que resistem à assimilação forçada não deixa de ser genocida por se oferecer a submissão como escapatória.** As palavras de Gubarev explicitam a sua própria intenção eliminacionista.

A autoridade religiosa também forneceu uma justificação para a atual guerra da Rússia. No seu sermão de 25 de setembro de 2022, o patriarca Kirill descreveu a morte no cumprimento do dever militar como um sacrifício que apaga os pecados de uma pessoa. Embora também tenha rezado pelo fim dos combates, o argumento associava a redenção espiritual ao serviço militar na guerra. Sobre a utilização mais ampla da religião pelo Estado russo, ver «Degenerate Russia: Religious persecution».

Em 27 de março de 2024, o Conselho Mundial do Povo Russo, presidido por Kirill, adotou uma declaração que chamava à invasão russa uma «guerra santa» — «священная война» (*svyashchennaya voyna*) em russo. O texto integral exige que toda a Ucrânia moderna entre na esfera de influência exclusiva da Rússia. Apela também ao reconhecimento jurídico de um único povo russo composto por grão-russos, ucranianos descritos como «pequeno-russos» e bielorrussos. Trata-se de um programa político emitido por um fórum público liderado pelo patriarca, distinto de uma resolução do Santo Sínodo. Mas as suas pretensões são concretas: a defesa de um mundo espiritual supostamente partilhado torna-se uma justificação para negar à Ucrânia uma existência política e nacional independente.

A retórica também entrava em conflito com as garantias dadas no estrangeiro. Em 12 de abril de 2024, o Conselho Mundial de Igrejas recordou que Kirill dissera ao seu secretário-geral em maio de 2023 que as referências à guerra santa diziam respeito ao domínio metafísico, e não ao conflito armado. O CMI rejeitou a nova declaração e perguntou se expressava a posição da Igreja Ortodoxa Russa. As garantias aos interlocutores estrangeiros e a santificação da guerra no interior não podiam ser conciliadas simplesmente chamando a ambas defesa da paz.

A administração eclesiástica voltou a acompanhar a extensão do poder russo à Ucrânia. Em 7 de junho de 2022, o Santo Sínodo da Igreja Ortodoxa Russa colocou as dioceses de Dzhankoi, Simferopol e Feodosia, na Crimeia ocupada, diretamente sob o patriarca e o sínodo de Moscovo. Estas dioceses tinham pertencido à Igreja Ortodoxa Ucraniana, ela própria historicamente ligada a Moscovo. A resolução invocava apelos dos seus bispos e dificuldades de comunicação com Kyiv. O seu resultado institucional foi retirar a autoridade de Kyiv e transferir a administração diretamente para Moscovo. A expansão da jurisdição eclesiástica russa acompanhava, assim, a ocupação, mesmo dentro de uma tradição eclesial anteriormente ligada ao Patriarcado de Moscovo.

A repressão atingiu também o clero exterior a essa hierarquia. No seu relatório relativo a setembro–novembro de 2024, parágrafos 70–73, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos documentou restrições à liberdade religiosa em território ocupado e registou a libertação de dois padres greco-católicos em junho de 2024, depois de estarem detidos desde novembro de 2022. Um deles relatou tortura e maus-tratos. Ver também a

nossa sopa sobre perseguição religiosa. Estes atos diferem da maquinaria de incorporação forçada de 1946, mas a comparação identifica uma questão recorrente: quem pode manter uma instituição independente de Moscovo e o que acontece quando essa independência sobrevive à conquista territorial? Uma pretensão de proteger a religião não pode responder às provas de perseguição nem justificar a supressão da autonomia religiosa ucraniana.

Aqui, «unidade» implica uma pretensão de decidir quais as instituições ucranianas que podem existir independentemente de Moscovo. As circunstâncias históricas mudaram, mas a exigência política é reconhecível: um povo pode conservar formas aprovadas de vida religiosa enquanto perde a autoridade para organizar essa vida nos seus próprios termos.

3.6 Deportar e russificar crianças ucranianas

A remoção de crianças estende o ataque à existência nacional ucraniana à geração seguinte. Na sua investigação de março de 2026, a Comissão de Inquérito da ONU verificou casos que envolviam 1 205 crianças deportadas ou transferidas de cinco oblasts ucranianas. Por essa altura, 80 por cento das crianças dos casos documentados não tinham regressado. São casos verificados, e não uma estimativa do número total de crianças removidas. Documentou a cidadania russa, a colocação prolongada em famílias e instituições russas, bases de dados de adoção e obstáculos à reunificação familiar. Eram dispositivos de separação continuada e incorporação na vida russa. A Comissão classificou a deportação e a transferência forçada de crianças pelas autoridades russas, bem como o seu desaparecimento forçado, como crimes contra a humanidade.

Os números maiores descrevem populações diferentes. No seu relatório anual de 2024, citado pelo secretário-geral da ONU em 2025, o comissário parlamentar dos direitos humanos da Ucrânia indicou 19 546 crianças transferidas dentro da Ucrânia ocupada ou deportadas para a Rússia. Maria Lvova-Belova, comissária presidencial russa para os direitos da criança (*sic*),[129] afirmou no relatório anual de 2022 do seu gabinete que mais de 700 000 crianças tinham chegado à Rússia vindas da Ucrânia, incluindo do Donbas ocupado, a maioria com os pais ou outros familiares. Nenhum dos números é intercambiável com a contagem de casos verificados da Comissão; o total russo não é uma contagem de deportações ilegais estabelecida de forma independente.

Moscovo apresenta estes movimentos como evacuação e proteção contra a guerra — a guerra que a própria Rússia escolheu travar contra a Ucrânia. Mas a Comissão concluiu que as remoções documentadas geralmente não eram temporárias, não tinham o consentimento exigido e não eram motivadas principalmente por necessidades de saúde, tratamento médico

[129] O título é oficial. Compare-se com o Plano da Fome discutido na secção 1.1.1: Herbert Backe, um dos principais arquitetos e organizadores da política de morte pela fome de 1941, era secretário de Estado no Ministério da Alimentação e Agricultura do Reich, que mais tarde dirigiu. Uma instituição responsável pelos alimentos podia organizar a morte pela fome; um gabinete que invoca os direitos da criança pode organizar a deportação e a assimilação forçada.

ou segurança. A pretensão de dar abrigo às crianças não justifica mantê-las afastadas das suas famílias e do seu país.

As próprias declarações públicas de Lvova-Belova esclarecem a transformação pretendida. Em setembro de 2022, descreveu um grupo de crianças de Mariupol que cantavam o hino ucraniano e criticavam Putin. Apresentou a sua posterior colocação em famílias russas, incluindo a sua, como uma transformação das suas atitudes em amor pela Rússia. Durante um encontro com Putin, reconheceu também publicamente que tinha «adotado» uma criança de Mariupol. O seu relato tratava as lealdades ucranianas das crianças como um obstáculo ultrapassado através da nova educação.

Numa entrevista em vídeo de outubro de 2025 para o Empatia Manuchi, enquanto rejeitava as alegações de rapto e russificação como «mitologia», ela própria disse «Я украла мариупольского ребёнка» — «Roubei uma criança de Mariupol». Descreveu o amor do rapaz pela Ucrânia e a sua vontade de não viver na Rússia, e como lhe disse que tinha de mudar de atitude.



Maria Lvova-Belova. Fotograma de um excerto de vídeo da UNITED24 com legendas em inglês.

O Humanitarian Research Lab de Yale identificou um programa sistemático de adoção e acolhimento coercivos, iniciado por Putin e pelos seus subordinados com a intenção de russificar as crianças ucranianas. A remoção, a cidadania imposta e a substituição dos laços familiares e nacionais surgem interligadas nesta análise. A questão diz respeito à transferência deliberada das crianças para fora da comunidade através da qual, de outro modo, herdariam a língua, a memória e o sentimento de pertença.

Os processos da Comissão mostram o que isto podia significar na prática. Foram emitidos passaportes russos a três rapazes adolescentes. No caso de uma bebé deportada de Kherson, os registos de adoção e uma nova certidão de nascimento substituíram o seu nome e local de nascimento originais por um novo nome e um local de nascimento na oblast de Moscovo. A mãe, os irmãos e a pessoa responsável pela sua tutela permaneceram na Ucrânia. Alterar as origens registadas de uma criança vai além da proteção temporária.

A Igreja surge também nas infraestruturas que recebem crianças retiradas da Ucrânia. A investigação de Yale de setembro de 2025 identificou uma instalação religiosa gerida pela Igreja Ortodoxa Russa entre os 210 locais do seu estudo.

É por isso que importa o artigo II, alínea (e), da Convenção sobre o Genocídio. Inclui expressamente a transferência forçada de crianças de um grupo protegido para outro; matar as crianças não é um requisito. A separação permanente e a assimilação organizada são provas pertinentes para essa questão. Os mandados do TPI de março de 2023 contra Putin e Lvova-Belova dizem respeito aos crimes de guerra de deportação e transferência ilegais. Essa escolha de acusações não equivale a uma conclusão de que não existia intenção genocida. A Vatnik Soup examinou o programa de deportação de crianças e os seus objetivos nacionais anunciados em «Genocide in Ukraine».

Manter as crianças vivas é compatível com atacar a sobrevivência do grupo. Quando as crianças são transferidas à força para outro grupo com a intenção destrutiva exigida, substituir os seus nomes, o seu ensino e os seus laços nacionais pode cortar a continuidade da comunidade de onde foram retiradas. A russificação descreve a identidade destinada a substituir a sua pertença ucraniana.

3.7 Estaline e Lenine na política de memória de Putin

O regresso de Estaline às honras públicas altera o significado da evocação. Quando a industrialização, a vitória e o poder do Estado dominam a sua imagem pública, as pessoas mortas ou espoliadas sob o seu domínio podem tornar-se uma ressalva incómoda. Para a Ucrânia, isto tem consequências especiais: o governante responsável pela fome pode ser celebrado enquanto a memória ucraniana das suas vítimas é rejeitada como hostilidade à Rússia.[130]

[130] Uma formulação oficial anterior surge na declaração de Aleksandr Volgarev ao Conselho Permanente da OSCE, de 24 de novembro de 2022, PC.DEL/1772/22, p. 1: os acontecimentos da fome «não foram dirigidos contra nenhuma nação em particular». Tradução inglesa dos Serviços Linguísticos da OSCE, divulgada em 25 de novembro de 2022.



Publicação do Ministério dos Negócios Estrangeiros russo, 30 de novembro de 2022: Maria Zakharova nega que o Holodomor tenha visado um grupo nacional e invoca as más colheitas.

Esta reabilitação tem coexistido com a evocação oficial da repressão. Em 30 de outubro de 2017, Putin participou na inauguração do Muro da Dor, em Moscovo, e disse que o passado terrível devia permanecer na memória nacional, sem nomear Estaline. Mas em 15 de maio de 2025, um relevo reconstituído em homenagem a Estaline foi inaugurado na estação de metro de Taganskaya, em Moscovo, como parte das celebrações do nonagésimo aniversário do metro. A composição coloca-o entre trabalhadores e crianças agradecidos. A sua reconstituição devolveu essa imagem benevolente a um sistema de transportes públicos; os opositores responderam exibindo declarações anteriores de Putin e Dmitry Medvedev que condenavam a repressão. A disputa expõe um acerto de contas seletivo: o luto pelas vítimas pode coexistir com novas honras ao governante e ao Estado que comandava.



Relevo reconstituído em homenagem a Estaline na estação de metro de Taganskaya, em Moscovo, inaugurado em 15 de maio de 2025.

Ali perto, o museu privado da Guerra Fria Bunker-42 oferece outro cenário para o culto público de Estaline. Numa crónica publicada em 23 de maio de 2025, o correspondente do jornal Die Zeit em Moscovo, Michael Thumann, descreveu um filme que atribuía a Estaline a ordem para construir as bombas atómica e de hidrogénio[131] e as apresentava como garantia da invencibilidade duradoura da Rússia. Dois visitantes, diante de um painel de controlo, participaram numa simulação de ataque nuclear a São Francisco. O guia apresentou-o como retaliação e garantiu aos visitantes que a Rússia nunca atacaria primeiro. Thumann descreveu também crianças à entrada e visitas escolares regulares, um restaurante que oferecia pratos associados à direção soviética e uma loja que vendia artigos alusivos a Estaline, porta-chaves de bombas nucleares e uma caneca de Putin. O seu relato mostra como a imagem do ditador e um espetáculo de destruição em massa da população civil podiam ser apresentados em conjunto com visitas turísticas, refeições e recordações.[132]

Lenine ocupa um lugar diferente nesta seleção. No seu discurso de 21 de fevereiro de 2022, Putin apresentou a Ucrânia moderna como uma criação da Rússia bolchevique e Lenine como o seu arquiteto. À crítica da descomunização ucraniana seguiu-se uma ameaça de mostrar à

[131] Espiões atómicos soviéticos roubaram segredos fundamentais do Projeto Manhattan, liderado pelos Estados Unidos. Klaus Fuchs e Theodore Hall forneceram informações pormenorizadas sobre o modelo da bomba americana; Fuchs recorria ao agente de ligação Harry Gold. A primeira bomba atómica soviética, ensaiada em 1949, baseava-se nesse modelo americano. Ver MI5, *Klaus Fuchs*; Harvey Klehr and John Earl Haynes, *On the Trail of a Fourth Soviet Spy at Los Alamos*, *Studies in Intelligence*, 63, no. 3 (September 2019), pp. 1, 6. O urânio também era obtido através do trabalho de presos e da exploração colonial de recursos: os presos extraíam-no para a URSS em Jáchymov, na Checoslováquia sob domínio soviético (ver a secção 3.2, p. 95). A indústria do urânio do Cazaquistão expandiu-se a partir dos anos 1950, enquanto o polígono de Semipalatinsk expunha as comunidades vizinhas à precipitação radioativa.

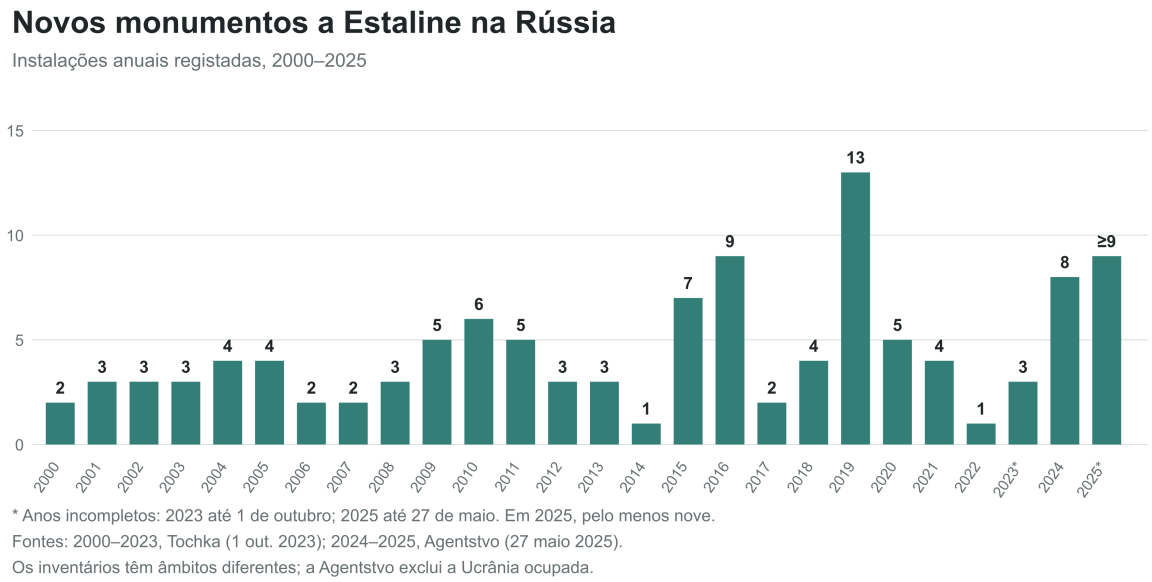
[132] Michael Thumann, *Ein Zweitschlag auf San Francisco. Danach eingelegte Gurken*, *Die Zeit*, 23 de maio de 2025. Relato de uma visita, citado pela apresentação do museu. O Bunker-42 tem uma entrada separada pela rua. Uma história do GO-42 baseada em arquivos, de 26 de outubro de 2022, atualizada em 21 de março de 2023, identifica uma instalação de comunicações e contesta as apresentações posteriores de gabinete de Estaline e sala de lançamento nuclear enquanto descrições da sua função original.

Ucrânia o que o termo realmente significava. Nesse argumento, desfazer o legado de Lenine podia significar desfazer a própria existência estatal ucraniana. Esta versão apaga o movimento republicano ucraniano e a sua luta contra a conquista bolchevique. A existência estatal ucraniana torna-se uma dádiva de Moscovo cuja legitimidade Moscovo pode retirar.[133]

A seleção organiza-se, portanto, mais consistentemente em torno da autoridade imperial do que da fidelidade à doutrina comunista. Lenine pode ser culpado por reconhecer uma entidade política ucraniana, enquanto Estaline fornece uma imagem de poder central, alcance territorial e mobilização vitoriosa. A independência da Ucrânia desafia o direito reivindicado por Moscovo de decidir que partes dessa herança os ucranianos têm de aceitar. Recordar o Holodomor afirma uma autoridade diferente: as vítimas e os seus descendentes pertencem a uma história que não é propriedade do Estado sucessor dos seus governantes.

A construção de novos monumentos a Estaline tem também uma história mensurável. A investigação da Tochka de 2023 reconstituiu as datas de instalação dos monumentos do seu inventário. Um levantamento separado da Agentstvo das inaugurações noticiadas contou oito em 2024 e pelo menos nove nos primeiros cinco meses de 2025, excluindo o território ucraniano ocupado.

[133] A transferência de 1954 deslocou a oblast da Crimeia da RSFS da Rússia para a RSS da Ucrânia através das instituições soviéticas; não criou a Ucrânia nem fez da Crimeia uma dádiva pessoal revogável. A Rússia reconheceu posteriormente as fronteiras existentes no artigo 2 do Tratado de Amizade, Cooperação e Parceria, de 31 de maio de 1997. Putin assinou o Tratado sobre a Fronteira Estatal Ucraniano-Russa em Kyiv, em 28 de janeiro de 2003, e a respetiva lei de ratificação, Lei Federal n.º 24-FZ de 22 de abril de 2004; o tratado entrou em vigor em 23 de abril de 2004 (UNTS, vol. 3161, n.º 54132). Esse tratado delimitava a fronteira terrestre; o reconhecimento anterior das fronteiras existentes da Ucrânia abrangia a Crimeia. As disputas sobre os motivos de uma transferência interna soviética não podem apagar esses compromissos posteriores entre Estados independentes. A fórmula russa «ошибка Хрущёва» — *oshibka Khrushchyova*, «o erro de Khrushchev» — enquadra a posse ucraniana como um erro russo que cabe a Moscovo reverter. O empresário sul-africano e americano Elon Musk repetiu a expressão inglesa na sua publicação de 3 de outubro de 2022, propondo que a Crimeia pertencesse formalmente à Rússia. O vatnik Roger Waters foi mais longe: na sua entrevista ao *Daily Telegraph* de 8 de fevereiro de 2023, desvalorizou o estatuto da Ucrânia como país, dizendo que «só existe desde Khrushchev, 1956». Isto confunde aparentemente a transferência da Crimeia com a criação de toda a Ucrânia e erra até o ano da transferência: 1954, e não 1956.



Instalações noticiadas de monumentos a Estaline, 2000–2025. As fontes e a cobertura são identificadas nas notas do gráfico; os asteriscos assinalam anos parciais.

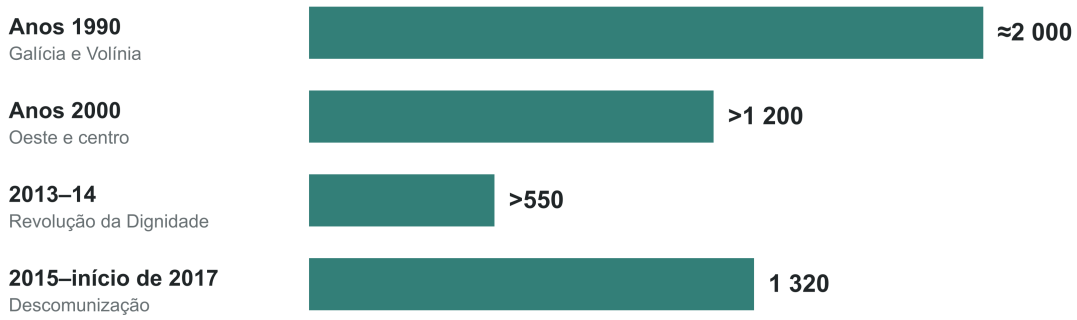
A remoção das estátuas de Lenine na Ucrânia (*Leninopad*) estendeu-se por várias décadas. O estudo histórico de Plokhy acompanha vagas anteriores no Oeste e no Centro antes dos derrubes associados à Revolução da Dignidade.[134] O Instituto Ucraniano da Memória Nacional anunciou a remoção de 1 320 monumentos a Lenine durante a descomunização. Estas remoções posteriores deram continuidade a um processo que começara por altura da independência.

Para os ucranianos, a herança política descrita na secção 2.5.1 liga estes monumentos à perda da independência, à ditadura comunista e às fomes recorrentes. Lenine e Estaline representavam fases sucessivas de uma ordem que subordinava as vidas, os alimentos e a escolha política dos ucranianos a uma autoridade centrada em Moscovo. O Leninopad podia, por isso, expressar uma rejeição conjunta da ditadura comunista e da dominação imperial russa e uma recusa de homenagear governantes associados à fome e à repressão.

[134] Ver Vatnik Soup, «Euromaidan: The Revolution of Dignity» (Sopa 123), e *Euromaidan: Revolution of Dignity*, Dossiê de Memória Histórica, a publicar.

Remoções de monumentos a Lenine na Ucrânia, anos 1990–2017

Remoções registadas de estátuas e monumentos a Lenine na Ucrânia



Cada barra abrange o período e a área indicados. Identificam-se as estimativas aproximadas e os totais registados.

Fontes: anos 1990–2014, Harvard MAPA (2017); 2015–início de 2017, UINP (relatório de 2016).

Remoções de Lenine ao longo de períodos sucessivos. As barras preservam os números aproximados, a cobertura geográfica e os totais declarados das suas fontes.

Leninopad — a queda de Lenine

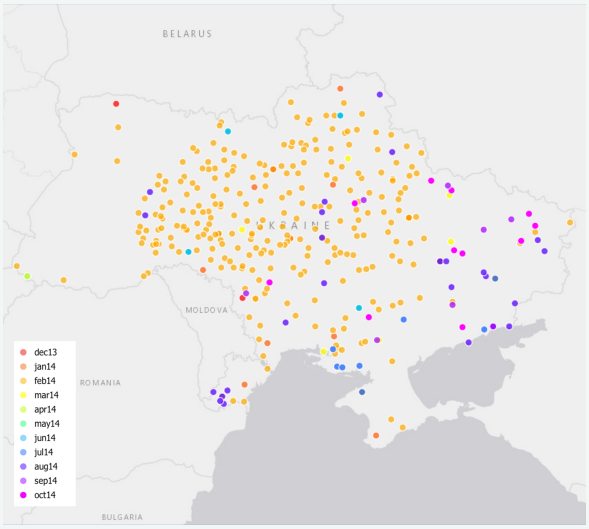
Leninopad — «a queda de Lenine» — tornou-se o nome da vaga de remoções de monumentos a Lenine associada à Revolução da Dignidade na Ucrânia. O derrube da estátua perto do Mercado Bessarábio de Kyiv, em 8 de dezembro de 2013, tornou-se a sua imagem emblemática. As remoções tinham começado por altura da independência, em particular no oeste da Ucrânia; as convulsões de 2013–14 aceleraram o processo, seguindo-se as leis de descomunização de 2015.

Durante décadas, as imagens repetidas de Lenine tinham marcado a paisagem pública com a autoridade do Estado soviético. Depois de retiradas, as estátuas adquiriram vidas muito diferentes: guardadas em caves, dispersas por jardins, partidas em fragmentos ou transformadas noutras figuras. Os seus destinos expunham a questão prática por detrás do argumento político: o que deviam fazer os ucranianos aos objetos através dos quais o poder soviético se representara?[135]

Em Odesa, Oleksandr Milov deu a um Lenine uma segunda vida particularmente inesperada, transformando-o noutro vilão imperial, desta vez fictício: Darth Vader. A figura monumental familiar permaneceu no seu pedestal, agora com o capacete e a capa de Vader. Um monumento construído para impor respeito tornara-se uma ocasião de riso.



Odesa, 21 de novembro de 2015. Uma estátua de Lenine transformada em Darth Vader por Oleksandr Milov, no pátio de uma fábrica.



Remoções registadas, dezembro de 2013–outubro de 2014. Cada ponto assinala uma estátua; as cores indicam o mês. Muitas remoções anteriores no oeste ficam fora deste período. Ver o mapa original.

[135] Niels Ackermann e Sébastien Gobert, *Looking for Lenin* (FUEL, 2017), fotografias de Ackermann e textos de Gobert. Ver o projeto fotográfico. Serhii Plokhy regista que os ativistas que danificaram o monumento a Lenine em Kyiv em 30 de junho de 2009 justificaram a sua ação citando o decreto de Yushchenko sobre a responsabilidade soviética pelo Holodomor: *Goodbye Lenin: A Memory Shift in Revolutionary Ukraine*, p. 3 do PDF, n. 3.

Monumentos, remoção e ocupação



Kyiv, 8 de dezembro de 2013. O pedestal vazio de Lenine depois de manifestantes derrubarem a estátua durante a Revolução da Dignidade.



Zaporizhzhia, 25 de novembro de 2017. Um busto destruído de Estaline foi levado ao memorial do Holodomor no Dia da Memória.



Henichesk, abril de 2022. Uma estátua de Lenine instalada sob ocupação russa encontrava-se diante do edifício da administração.



Melitopol, 8 de maio de 2025. O Partido Comunista Russo inaugurou um busto de Estaline com o acordo da administração de ocupação.

3.8 Leis da memória, reescrita e destruição de livros

A luta em torno da história tem também força jurídica. As alterações constitucionais russas de 2020 fizeram da proteção da «verdade» histórica um compromisso do Estado. Como explica a análise da legislação pela Human Rights Watch, o artigo 354.1 do Código Penal, introduzido em 2014 sob a rubrica da reabilitação do nazismo, penaliza também a divulgação pública de informações conscientemente «falsas» sobre as ações soviéticas durante a Segunda Guerra Mundial. Uma lei assinada em 1 de julho de 2021 proibiu a equiparação pública dos objetivos, das decisões ou das ações da direção e das forças armadas soviéticas durante a guerra aos da Alemanha nazi e dos seus aliados. Proibiu também a negação do papel decisivo do povo soviético na derrota da Alemanha nazi e da alegada missão humanitária da URSS na libertação da Europa. As sanções administrativas introduzidas em 2022 incluíam detenção até quinze dias.

Estas disposições têm consequências práticas. A primeira pessoa condenada ao abrigo do artigo 354.1 foi Vladimir Luzgin, mecânico de automóveis de Perm que, em 2014, partilhou um artigo sobre o Exército Insurreto Ucraniano. A republicação discutia a colaboração

soviético-alemã e a partilha da Polónia. Em 2016, o Supremo Tribunal russo confirmou uma multa de 200 000 rublos, tratando as afirmações como informações conscientemente falsas sobre as ações soviéticas na guerra e contrárias à sentença de Nuremberga. A Federação Internacional dos Direitos Humanos (FIDH) observa que Nuremberga não julgara a invasão soviética da Polónia. Em 15 de maio de 2025, o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos concluiu que existira uma violação da liberdade de expressão no caso de Luzgin, apreciado juntamente com outros pedidos em *Kashapov and Others v. Russia*.[136]

Em 2022, o político da oposição Leonid Gozman recebeu penas sucessivas de quinze dias por publicações que comparavam Estaline a Hitler e a contraespionagem soviética às SS. A proteção da narrativa da vitória atinge, assim, a discussão dos crimes soviéticos. A derrota do nazismo torna-se uma base para restringir o escrutínio histórico de outra ditadura.

O controlo começa também antes da publicação, com o acesso às provas. O relatório da FIDH de 2021 registava que uma decisão de 2014 prolongara até 2044 o segredo sobre a maioria dos documentos dos serviços de segurança soviéticos de 1917–91. Os historiadores deparavam-se também com restrições à cópia e com argumentos de privacidade pessoal usados para ocultar os nomes dos funcionários envolvidos na repressão. Mikhail Suprun foi processado por recolher informações sobre deportados para um livro memorial. Em *Suprun and Others v. Russia*, em 18 de junho de 2024, o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos concluiu que as restrições ao acesso aos arquivos e à investigação histórica violavam o artigo 10. Rejeitou a justificação para ocultar as atividades profissionais de funcionários envolvidos numa repressão ocorrida décadas antes.[137] Esses registos ligam as vítimas às instituições e aos indivíduos responsáveis; obstruir o seu exame dificulta a responsabilização.

As instituições independentes de memória também têm sido atacadas. Em 28 de dezembro de 2021, o Supremo Tribunal russo ordenou a liquidação da Memorial Internacional; no dia seguinte, o Tribunal da Cidade de Moscovo ordenou o encerramento da organização irmã Centro de Direitos Humanos Memorial. Os processos invocavam a legislação sobre agentes estrangeiros; o centro de direitos humanos enfrentava também alegações de justificar o terrorismo e o extremismo. As instituições visadas eram distintas, mas o seu trabalho ligava a documentação da repressão passada à defesa das pessoas perseguidas no presente. Os memoriais oficiais podiam permanecer enquanto as organizações independentes perdiam o espaço jurídico para contestar a versão do Estado.

As restrições atingiram também a investigação histórica internacional. Em 18 de junho de 2024, a Fundação Max Weber anunciou que a Rússia designara o Instituto Histórico Alemão em Moscovo como «organização indesejável». Depois da invasão em grande escala de 2022, o instituto já suspendera os seus programas de bolsas, a cooperação institucional com

[136] FIDH, *Russia: "Crimes Against History"*, junho de 2021, n.º 770a, §17, p. 10. Resultado atualizado: Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, *Kashapov and Others v. Russia*, 15 de maio de 2025, §§7–10 e apêndice, entrada 22 (pedido 17942/17). A Alemanha invadiu a Polónia em 1 de setembro de 1939; a União Soviética invadiu pelo leste em 17 de setembro: cronologia do USHMM.

[137] FIDH, *Russia: "Crimes Against History"*, §§50–57, pp. 18–21, e §78, p. 28. Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, *Suprun and Others v. Russia*, 18 de junho de 2024 (definitivo em 18 de setembro de 2024), em especial §§99–104 e a conclusão do dispositivo ao abrigo do artigo 10.

instituições estatais russas e os eventos, mantendo serviços como a biblioteca para preservar o contacto académico. Em 7 de novembro de 2024, o conselho de curadores da fundação decidiu encerrá-lo.[138] O encerramento restringiu ainda mais o espaço institucional para a investigação independente e o intercâmbio internacional sobre a história russa e soviética.

Em Perm-36, museu instalado num antigo campo do Gulag, o controlo estatal preservou uma instituição ao mesmo tempo que alterava a sua interpretação. A FIDH documentou a tomada de controlo pelas autoridades regionais em 2014, o afastamento da organização independente que o geria e as mudanças nas exposições que desvalorizavam os presos políticos e os dissidentes soviéticos. A organização afastada foi posteriormente designada agente estrangeiro e dissolvida em 2016.[139] Um museu pode permanecer aberto enquanto aqueles que desenvolveram a sua narrativa independente perdem a autoridade para a contar.

Os riscos pessoais são visíveis no caso de Yuri Dmitriev. O historiador da Memorial ajudou a descobrir Sandarmokh e a identificar vítimas das execuções estalinistas. Preso em 2016, foi processado por crimes sexuais e negou as acusações. A FIDH e peritos da ONU levantaram preocupações sobre a equidade e a finalidade política dos processos; a sua pena foi aumentada para quinze anos em dezembro de 2021. Entretanto, em 2018–19, a Sociedade de História Militar Russa, apoiada pelo Estado, escavou Sandarmokh enquanto promovia a alegação de que ali estavam enterrados prisioneiros de guerra soviéticos fuzilados pelas forças finlandesas. A FIDH descreveu isto como um esforço para reinterpretar um local de terror estalinista.[140] Os escritores e artistas ucranianos ali executados, discutidos acima, fazem de Sandarmokh parte da história cultural da Ucrânia, além de um lugar de memória da repressão soviética.

O controlo do ensino e da cultura pública foi estabelecido dentro da Rússia antes da invasão em grande escala. A FIDH criticou a Norma Histórica e Cultural Unificada de 2014 por datar a entrada soviética na Segunda Guerra Mundial de junho de 1941, obscurecendo a colaboração com a Alemanha nazi em 1939–41. Documentou também a pressão sobre alunos e professores que participavam no concurso de ensaios de história da Memorial. O reconhecimento académico e a exibição pública estavam sujeitos a intervenções semelhantes: as autoridades recusaram a Kirill Alexandrov o doutoramento, apesar da sua aprovação por um conselho académico, e retiraram a licença de exibição de *The Death of Stalin* em 2018.[141] O que podia ser investigado, ensinado ou mostrado ficava subordinado aos interesses políticos do Estado.

Na Ucrânia ocupada, o controlo da história entra na sala de aula. A investigação da Human Rights Watch de 2024 documentou a imposição de programas curriculares e de ensino russos,

[138] Max Weber Stiftung, *Stellungnahme der Max Weber Stiftung zur Listung des Deutschen Historischen Instituts Moskau als „unerwünschte Organisation“ in Russland*, 18 de junho de 2024; *Geschichte*, entrada relativa a 2024, que regista a decisão de encerramento de 7 de novembro de 2024. O anúncio de junho descreve as anteriores reduções de atividade do instituto durante a guerra e a manutenção dos serviços da biblioteca; a decisão de encerramento foi um acontecimento separado e posterior.

[139] FIDH, *Russia: “Crimes Against History”*, §74, p. 26.

[140] FIDH, *Russia: “Crimes Against History”*, §§80–83, pp. 29–30, e §95, pp. 34–35. Ver também a comunicação dos peritos da ONU sobre Dmitriev e Sandarmokh, 26 de janeiro de 2021. Cronologia posterior da pena: PEN International, «Yuri Alexeyevich Dmitriev», que regista o aumento para quinze anos em 27 de dezembro de 2021 e a sua confirmação em 22 de março de 2022.

[141] FIDH, *Russia: “Crimes Against History”*, §§47–49, pp. 16–18, e §§101–103, pp. 36–37.

manuais que justificam a invasão e coerção contra os professores e os pais que resistiam. O ensino ucraniano à distância podia, por si só, dar origem a punição. A educação patriótica e militar também se destina a preparar as crianças em território ocupado para o serviço nas forças armadas e nas instituições estatais russas. Um currículo imposto por uma potência ocupante ensina às crianças a que país supostamente pertencem, restringindo ao mesmo tempo o seu acesso à língua e à história da sua própria comunidade.

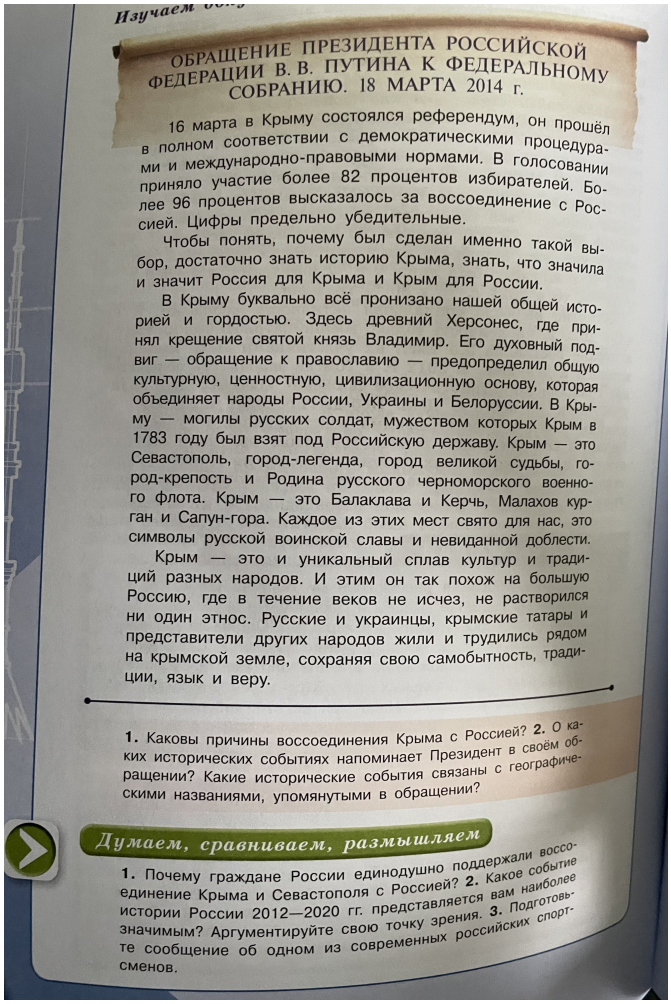
Os livros também são fisicamente retirados. Em testemunhos publicados pela East SOS em 30 de setembro de 2025, uma professora de Bilokurakyne descreveu a confiscação de livros ucranianos, tendo a literatura patriótica e sobre o Holodomor sido levada para uma cave. O seu destino posterior era desconhecido. Outras testemunhas, de Hrechyshkyne e do distrito de Starobilsk, descreveram livros queimados em salas de caldeiras ou em recintos escolares em 2022–23. A East SOS alterou ou omitiu os nomes das testemunhas por razões de segurança. A sua recolha regista também pessoas que escondiam livros das bibliotecas nas suas casas: a tentativa de eliminar uma cultura também produz esforços para a preservar.



Manuais escolares ucranianos queimados, incluindo um livro de História da Ucrânia. Fotografia atribuída à região ocupada de Luhansk e publicada em 12 de abril de 2024.



Manuais russos entregues pelas autoridades de ocupação a uma escola em Borova, na região de Kharkiv. Fotografados em novembro de 2022.



Изучаем

ОБРАЩЕНИЕ ПРЕЗИДЕНТА РОССИЙСКОЙ ФЕДЕРАЦИИ В. В. ПУТИНА К ФЕДЕРАЛЬНОМУ СОБРАНИЮ. 18 МАРТА 2014 г.

16 марта в Крыму состоялся референдум, он прошёл в полном соответствии с демократическими процедурами и международно-правовыми нормами. В голосовании приняло участие более 82 процентов избирателей. Более 96 процентов высказалось за воссоединение с Россией. Цифры предельно убедительные.

Чтобы понять, почему был сделан именно такой выбор, достаточно знать историю Крыма, знать, что значила и значит Россия для Крыма и Крым для России.

В Крыму буквально всё пронизано нашей общей историей и гордостью. Здесь древний Херсонес, где принял крещение святой князь Владимир. Его духовный подвиг — обращение к православию — предопределил общую культурную, ценностную, цивилизационную основу, которая объединяет народы России, Украины и Белоруссии. В Крыму — могилы русских солдат, мужеством которых Крым в 1783 году был взят под Российскую державу. Крым — это Севастополь, город-легенда, город великой судьбы, город-крепость и Родина русского черноморского военного флота. Крым — это Балаклава и Керчь, Малахов курган и Сапун-гора. Каждое из этих мест свято для нас, это символы русской воинской славы и невиданной доблести.

Крым — это и уникальный сплав культур и традиций разных народов. И этим он так похож на большую Россию, где в течение веков не исчез, не растворился ни один этнос. Русские и украинцы, крымские татары и представители других народов жили и трудились рядом на крымской земле, сохраняя свою самобытность, традиции, язык и веру.

1. Каковы причины воссоединения Крыма с Россией? **2.** О каких исторических событиях напоминает Президент в своём обращении? Какие исторические события связаны с географическими названиями, упомянутыми в обращении?

Думаем, сравниваем, размышляем

1. Почему граждане России единодушно поддержали воссоединение Крыма и Севастополя с Россией? **2.** Какое событие истории России 2012—2020 гг. представляется вам наиболее значимым? Аргументируйте свою точку зрения. **3.** Подготовьте сообщение об одном из современных российских спортсменов.

Um manual de história deixado numa escola em Borova, fotografado em novembro de 2022. Reproduz o discurso de Putin de 18 de março de 2014 e pergunta aos alunos por que motivo os cidadãos russos apoiaram unanimemente a «reunificação» da Crimeia e de Sebastopol com a Rússia.

Os memoriais dentro da Rússia também foram visados. Em maio de 2020, duas placas que homenageavam as vítimas do Grande Terror e do massacre de Katyń foram retiradas de um antigo edifício dos serviços de segurança soviéticos em Tver. Funcionários locais contestaram o seu fundamento histórico, apesar da aprovação oficial anterior. A FIDH registou também obstrução e vandalismo contra a Última Morada, cujas pequenas placas identificam pessoas presas e mortas pelo Estado soviético. Em 2018, Moscovo retirou brevemente a autorização para a evocação Devolução dos Nomes, da Memorial, antes de recuar após protestos públicos.[142] Retirar as marcas e obstruir as evocações enfraquece a ligação entre as vítimas individuais e os lugares do quotidiano onde viveram ou foram mortas.

A memória pública do Holodomor tem sido diretamente visada. Em 19 de outubro de 2022, o memorial às suas vítimas em Mariupol ocupada foi desmantelado. Uma representante da organização pró-russa Jovem República defendeu a remoção como destruição de um «символ политического дезинформирования» — um «símbolo de desinformação política». Em Luhansk ocupada, os monumentos às vítimas do Holodomor e às vítimas da repressão estalinista foram destruídos em 17 de julho de 2024. O negacionismo adquirira uma expressão material: os próprios lugares onde as pessoas podiam homenagear os mortos eram eliminados.

[142] FIDH, *Russia: "Crimes Against History"*, §§107–110, pp. 37–39; para a Devolução dos Nomes, §59, p. 22.

Os livros, as escolas e os memoriais ucranianos visados sob ocupação são meios pelos quais uma comunidade nacional transmite a sua própria versão de si mesma. O seu apagamento deve ser colocado a par da remoção e da russificação das crianças: ambos atacam a possibilidade de um futuro ucraniano distinto. Lidas a par do assassínio, da transferência forçada de crianças e das ameaças explícitas de extermínio, estas medidas ajudam a identificar a comunidade nacional cuja existência continuada está a ser atacada.

Suprimir os registos também ajuda o negacionismo no estrangeiro. Em março de 2026, o Ministério dos Negócios Estrangeiros russo divulgou a afirmação de Medvedev de que o Holodomor seria uma invenção. Quando as testemunhas são desacreditadas e as versões alternativas eliminadas, os observadores externos encontram uma narrativa pública já moldada pela coerção. **Regressa o perigo ilustrado por Duranty: a autoridade e as realizações do Estado podem ser levadas a pesar mais do que o testemunho das suas vítimas. A memória ucraniana resiste a essa autoridade preservando nomes, testemunhos e instituições através dos quais os ucranianos podem contar a sua própria história.**



Volodymyr e Olena Zelenskyy homenageiam as vítimas junto de Memória amarga da infância, Kyiv, 23 de novembro de 2024.

Conclusão

Milhões de pessoas morreram na Ucrânia no contexto de políticas que retiravam os alimentos às famílias e obstruíam as suas vias de sobrevivência. Para os afetados, uma quota de cereais não era uma abstração económica: podia decidir se as crianças comiam, se restavam sementes para outra colheita e se uma família se mantinha viva. Recordar o Holodomor começa por essas vidas e pelas comunidades desfeitas à sua volta.

As provas sustentam o reconhecimento do Holodomor como genocídio: a privação deliberada tornou-se um instrumento do ataque à vida nacional ucraniana. A direção sabia que as pessoas estavam a morrer de fome. Ainda assim, as apreensões punitivas e as restrições à fuga continuaram, enquanto a política de entregas obrigatórias se ligava a acusações de deslealdade ucraniana e à reversão da ucranização. A existência de outras vítimas soviéticas não sustenta o tratamento da catástrofe ucraniana como um acidente inocente. Muito pelo contrário: a disposição do regime para desenraizar ou destruir populações inteiras torna essa explicação menos credível. A destruição das comunidades rurais também devastou as famílias, a língua e as instituições através das quais uma cultura nacional perdurava. A desorganização agrícola explica parte da crise; não desculpa as escolhas que transformaram a fome num instrumento de destruição nacional.

Reconhecer esse propósito não exige escolher uma única explicação para a violência soviética. A transformação económica coerciva, o poder político sem limites e a dominação imperial reforçavam-se mutuamente. Um Estado que controlava a produção também controlava o relato público das suas consequências; as advertências podiam ser suprimidas, e as objeções reformuladas como sabotagem ou nacionalismo. As distinções entre fome, democídio e genocídio importam; contudo, a divergência sobre uma classificação não pode transformar estas decisões num acidente inocente. As realizações industriais também não podem anular a responsabilidade de quem subordinou a sobrevivência às prioridades do Estado.

A resposta internacional mostra por que motivo importa a luta em torno das provas: os que sabiam da morte em massa pela fome também enfrentavam uma escolha moral. As pessoas fora da União Soviética podiam tomar conhecimento da morte pela fome e continuar a encontrar razões para a tolerar. As reportagens de Duranty combinavam minimização com justificação: obscureciam a escala do sofrimento, apresentando ao mesmo tempo as vítimas como custo aceitável da transformação socialista. Os objetivos diplomáticos, as oportunidades comerciais e as esperanças ideológicas podiam, todos, tornar conveniente essa versão, embora envolvessem atores e motivos diferentes. O negacionismo oferecia, assim, mais do que a garantia de que não estava a ocorrer uma catástrofe.

Podia também aliviar os leitores da obrigação de se preocuparem com uma catástrofe que tinham razões para acreditar ser real. Walter Duranty, o *protovatnik* vencedor do Prémio Pulitzer, ajudou a tornar tolerável a morte dos ucranianos pela fome para os públicos estrangeiros; **os vatniks de hoje incentivam a mesma indiferença enquanto os**

ucranianos são bombardeados e torturados, as suas comunidades ocupadas e os seus filhos deportados. Através da negação, da minimização, do eufemismo, da racionalização, da culpabilização das vítimas, do desvio de atenção e da falsa equivalência, até a obrigação de se preocupar e agir pode ser anulada pela argumentação.

A apropriação das colheitas, a coerção das instituições religiosas, a supressão do ensino ucraniano e a remoção de um memorial do Holodomor conferem uma importância imediata ao conflito em torno da história. A negação oficial de que o Holodomor visou um grupo nacional acompanha novos desafios à existência independente da Ucrânia. A questão suscitada pela evocação vai, por isso, além da reputação de Estaline: quem tem a autoridade para governar a terra ucraniana, sustentar as instituições ucranianas e contar a história ucraniana?

Os ucranianos têm continuado a responder através da sobrevivência, da resistência e da preservação do testemunho. Famílias, testemunhas, investigadores e comunidades mantiveram vivos os nomes, a língua e os conhecimentos, apesar dos esforços para os silenciar. O seu trabalho restitui pessoas e experiências que as versões oficiais procuraram apagar. **Neste Dia da Memória do Holodomor, homenagear aqueles a quem a vida foi tirada afirma também o direito dos ucranianos de hoje a viver, a viver em liberdade e a determinar o seu próprio futuro.**



Velas e espigas de cereais no Dia da Memória do Holodomor, Lviv, 23 de novembro de 2013.

Referências

Leituras recomendadas

Para aprofundar o conhecimento do Holodomor, do seu contexto soviético e da sua relevância atual, recomendamos as obras seguintes. As três primeiras proporcionam a introdução mais abrangente. Os restantes títulos estão agrupados por tema, com as obras mais importantes de cada área em primeiro lugar.

Pontos de partida

1. Anne Applebaum — *Red Famine: Stalin's War on Ukraine*

A principal obra narrativa de acompanhamento sobre o Holodomor: coletivização, apreensões de alimentos, fuga impedida e o ataque à vida nacional ucraniana, com base em documentos e testemunhos pessoais.

2. Timothy Snyder — *Bloodlands: Europe Between Hitler and Stalin*

O assassínio em massa soviético e nazi na Europa de Leste. Snyder relaciona a fome, a ocupação e o Holocausto, examinando as diferentes políticas, intenções e vítimas dos dois regimes.

3. Serhii Plokhy — *The Gates of Europe: A History of Ukraine*

A história mais longa da Ucrânia, entre impérios rivais, fronteiras em mudança, língua e lutas pela independência. Uma base para compreender a vida nacional ucraniana, a sobrevivência e a capacidade de ação política.

A fome e o poder soviético

1. Bohdan Klid e Alexander J. Motyl, organizadores — *The Holodomor Reader: A Sourcebook on the Famine of 1932–1933 in Ukraine*

Documentos, correspondência, testemunhos, investigação e análises jurídicas. O melhor ponto de partida para examinar diretamente as provas, incluindo as decisões da direção e a análise de Lemkin sobre a destruição nacional.

2. R. W. Davies e Stephen G. Wheatcroft — *The Years of Hunger: Soviet Agriculture, 1931–1933*

Uma reconstrução pormenorizada das colheitas, das requisições e da política agrícola. Ler em paralelo com Applebaum para comparar explicações da crise, da responsabilidade da direção e da formação da intenção.

3. Robert Conquest — *The Harvest of Sorrow: Soviet Collectivization and the Terror-Famine*

Uma obra inicial influente sobre a coletivização e a fome de terror, incluindo a sua dimensão nacional ucraniana. Ler em conjunto com investigação arquivística e demográfica posterior para acompanhar a evolução do debate histórico.

4. Terry Martin — *The Affirmative Action Empire: Nations and Nationalism in the Soviet Union, 1923–1939*

A política soviética das nacionalidades, a ucranização e a sua reversão. Martin examina como o mesmo Estado pôde promover, controlar e, depois, atacar línguas, elites e instituições nacionais.

5. Elena Osokina — *Stalin's Quest for Gold: The Torgsin Hard-Currency Shops and Soviet Industrialization*

Como a escassez e a fome levaram os cidadãos a trocar bens de valor domésticos por alimentos e como o Estado transformou essas transações em financiamento industrial. Um estudo aprofundado da sobrevivência e da extração de riqueza.

6. Sarah Cameron — *The Hungry Steppe: Famine, Violence, and the Making of Soviet Kazakhstan*

A obra especializada de acompanhamento sobre o Asharshylyq: sedentarização forçada, destruição dos meios de subsistência pastoris, fuga e transformação violenta da sociedade cazaque. Aprofunda a comparação entre mecanismos soviéticos comuns e experiências nacionais distintas.

7. Sheila Fitzpatrick — *Stalin's Peasants: Resistance and Survival in the Russian Village after Collectivization*

Resistência rural, dependência e sobrevivência na agricultura coletiva. Esta história social complementa os estudos específicos sobre a Ucrânia; o capítulo 5, «A Second Serfdom?», desenvolve a comparação institucional.

8. Robert C. Allen — *Farm to Factory: A Reinterpretation of the Soviet Industrial Revolution*

Uma reavaliação económica da industrialização e da coletivização. Ler com a recensão de Mark Harrison, que questiona a viabilidade de combinar controlos industriais com uma agricultura de mercado.

Leninismo, poder soviético e os seus defensores

1. Stéphane Courtois — *Lénine, l'inventeur du totalitarisme*

Uma biografia política que acompanha a construção do poder bolchevique por Lenine e defende as origens leninistas do regime totalitário. A edição revista e ampliada de 2024 acompanha a discussão das instituições fundadoras que Estaline herdou e transformou.

2. Stéphane Courtois, organizador, com Nicolas Werth e outros colaboradores — *Le livre noir du communisme*

Uma história coletiva da repressão comunista. Para o caso soviético, começar pelo estudo de Nicolas Werth «Un État contre son peuple», que aborda a polícia política, o terror, a fome e os campos. O estudo histórico de Werth e a introdução de Courtois oferecem contributos distintos para a discussão da violência e da responsabilidade política.

3. Nicolas Werth — *Un État contre son peuple. De Lénine à Poutine*

A versão revista e substancialmente ampliada do contributo de Werth para Le livre noir du communisme. Começar pelos capítulos 2–6, sobre a polícia política, o Terror Vermelho, a violência da guerra civil, a resistência camponesa, a fome e a transição para o regime de Estaline. Os capítulos posteriores relacionam a coletivização, a repressão em massa e a disputa pela memória soviética.

4. Thierry Wolton — *Histoire mondiale du communisme, vol. I, Les bourreaux*

O primeiro volume examina o comunismo do ponto de vista de quem exercia o poder. Uma obra comparativa mais ampla para compreender a ideologia, as instituições partidárias e a coerção, e para analisar a forma como os governantes individuais atuavam através dos sistemas políticos.

5. Thierry Wolton — *Histoire mondiale du communisme, vol. II, Les victimes*

O segundo volume examina o regime comunista do ponto de vista dos que lhe estavam sujeitos: vigilância, coerção, trabalho forçado, deportação e fome. Complementa Les bourreaux ao dar visibilidade às consequências humanas do poder partidário, em paralelo com a discussão da sobrevivência e da repressão ucranianas neste dossiê.

6. Thierry Wolton — *Une histoire mondiale du communisme, vol. III, Les complices*

O terceiro volume examina o apoio político, intelectual e económico internacional que ajudou os regimes comunistas a perdurar. Acompanha a discussão dos companheiros de viagem, dos admiradores ocidentais, da propaganda e da defesa do regime soviético.

Estaline, ditadura e política externa

1. Oleg V. Khlevniuk — *Stalin: New Biography of a Dictator*

O ponto de partida mais conciso para a vida e o regime de Estaline, com base nos arquivos soviéticos. Relaciona as suas decisões pessoais, o círculo próximo e o recurso ao terror com as instituições que sustentavam a sua ditadura.

2. Stephen Kotkin — *Stalin: Paradoxes of Power, 1878–1928*

O primeiro volume acompanha Estaline desde a Geórgia, passando pela revolução, até à consolidação do poder partidário. Situa a sua ascensão na história mais ampla do Império Russo, do bolchevismo e da política internacional; ler antes de Waiting for Hitler para seguir toda a sequência biográfica.

3. Stephen Kotkin — *Stalin: Waiting for Hitler, 1929–1941*

A ditadura de Estaline, a transformação agrícola, o Grande Terror e o caminho para o pacto com Hitler. A escala biográfica reúne a ideologia, as instituições e as decisões individuais na mesma narrativa.

4. Simon Sebag Montefiore — *Stalin: The Court of the Red Tsar*

O círculo próximo de Estaline: clientelismo, laços familiares, medo e a intimidade do poder arbitrário. Um complemento vivo das biografias institucionais, mostrando como as relações pessoais funcionavam no seio de um Governo capaz de assassínio em massa.

5. Richard Overy — *The Dictators: Hitler's Germany and Stalin's Russia*

Uma comparação do funcionamento das duas ditaduras, da mobilização de apoio e da organização da repressão. Ajuda a distinguir as suas ideologias e instituições, examinando a interação entre governantes, elites e sociedades.

6. Roger Moorhouse — *The Devils' Alliance: Hitler's Pact with Stalin, 1939–1941*

A obra de acompanhamento específica para a discussão do pacto Molotov–Ribbentrop: negociações, cooperação soviético-alemã e ocupação da Europa de Leste. Mantém em vista as pessoas sujeitas às transações territoriais do pacto, a par da alta diplomacia.

7. Constantine Pleshakov — *Stalin's Folly: The Tragic First Ten Days of World War II on the Eastern Front*

Uma análise centrada nas decisões de Estaline e na catástrofe militar soviética de junho de 1941. O seu argumento sobre intenções ofensivas soviéticas exige comparação com investigação militar especializada; serve para examinar o discernimento do ditador, em vez de constituir uma explicação definitiva de todos os planos de guerra soviéticos.

8. Piotr R. Frankowski — *The Secret Red Alliance: How the Soviet Union Planned to Use Germany to Take Over the World*

Estudo de publicação anunciada sobre a colaboração industrial e militar soviética com a Alemanha de Weimar e a Alemanha nazi. Um possível complemento à análise do comércio soviético-alemão; a Pen & Sword anuncia a publicação para 30 de abril de 2027.

Economia e responsabilidade política

1. Amartya Sen — *Poverty and Famines: An Essay on Entitlement and Deprivation*

Explica a fome através da capacidade das pessoas para obter alimentos, bem como da oferta alimentar. Os seus casos comparativos desenvolvem as questões da propriedade, da troca, da privação e da responsabilidade.

2. R. J. Rummel — *Death by Government*

Desenvolve o democídio como enquadramento da morte causada pelo Governo para além da definição jurídica de genocídio. Ler as suas estimativas comparativas de mortalidade em paralelo com investigação histórica e demográfica especializada.

3. Ludwig von Mises — *Economic Calculation in the Socialist Commonwealth*

A formulação original e breve do argumento do cálculo: propriedade, troca e os preços usados para comparar opções de produção. Um complemento teórico dos estudos históricos da agricultura soviética.

4. F. A. Hayek — *Individualism and Economic Order*

A análise de Hayek sobre o conhecimento disperso, a concorrência e o cálculo socialista. Começar por «The Use of Knowledge in Society» e pelos ensaios sobre o cálculo socialista, que desenvolvem argumentos distintos dos de Mises.

5. F. A. Hayek — *The Road to Serfdom*

A relação entre o planeamento abrangente e o poder coercivo. Os capítulos sobre a democracia, o Estado de direito e «The End of Truth» são especialmente relevantes para o argumento institucional do dossiê.

6. Leszek Kołakowski — *Main Currents of Marxism*, sobretudo o Volume III, *The Breakdown*

A história intelectual do marxismo e as raízes institucionais do estalinismo. Ver sobretudo o capítulo XIII do Volume III, cuja discussão de Khrushchev examina os limites de culpar Estaline enquanto se protege o sistema que o sustentou.

7. Jörg Guido Hülsmann — *Mises: The Last Knight of Liberalism* (2007)

Uma biografia pormenorizada de Mises: as suas origens em Lviv, o trabalho em Viena, o debate sobre o cálculo, o exílio e a carreira americana. Situa os seus argumentos económicos na história política e intelectual do século XX.

Comparações, propaganda e memória histórica

1. Jade McGlynn — *Memory Makers: The Politics of the Past in Putin's Russia*

Como as narrativas patrióticas, a comemoração e o passado soviético ajudam a legitimar o regime de Putin e a guerra da Rússia. A obra contemporânea mais próxima da discussão da memória histórica neste dossiê.

2. Eugene Finkel — *Intent to Destroy: Russia's Two-Hundred-Year Quest to Dominate Ukraine*

Os esforços russos para dominar a Ucrânia nos períodos imperial, soviético e de Putin. Uma análise mais ampla do apagamento nacional, das políticas em mudança e da luta pela independência ucraniana.

3. Timothy Snyder — *Black Earth: The Holocaust as History and Warning*

A comparação com o Holocausto em maior profundidade: ideologia racial, alimentos e território, cidadania e destruição das proteções do Estado. Snyder examina as condições que tornaram possível o assassínio em massa.

4. Stephen Koch — *Double Lives: Stalin, Willi Münzenberg, and the Seduction of the Intellectuals*

A influência estalinista na vida intelectual ocidental através de organizações, publicações e prestígio cultural. A edição revista de 2004 desenvolve o papel dos intermediários culturais e das vozes aparentemente independentes.

5. Martin Amis — *Koba the Dread: Laughter and the Twenty Million*

Uma polémica literária sobre Estaline e a indulgência dos intelectuais ocidentais para com o comunismo, combinando história com memória pessoal e familiar. Ler em paralelo com as biografias de base arquivística: a sua força é moral e literária, sem substituir a reconstrução histórica assente em fontes.

6. Pekka Kallioniemi e Morten Hammeken — *Vatnik Soup: The Ultimate Guide to Russian Disinformation*

A desinformação russa contemporânea, os seus promotores e as redes através das quais se difunde. Acompanha a discussão deste dossiê sobre como a reputação pública, o compromisso político e as alegações de competência especializada podem conferir credibilidade à apologia da violência do Estado.

7. Bertrand M. Patenaude — *The Big Show in Bololand: The American Relief Expedition to Soviet Russia in the Famine of 1921*

A ajuda americana contra a fome em 1921–23, incluindo na Ucrânia, e os seus encontros com as autoridades bolcheviques. Uma história mais completa do acesso à ajuda, dos obstáculos e da memória posterior dessa assistência.

Catálogo de fontes

O Holodomor: enquadramento histórico

[1] **Holodomor Research and Education Consortium.** “Holodomor Basic Facts.” holodomor.ca.

[2] **Ukrainian Institute of National Memory.** ““What is Holodomor” (English information booklet, p. 2).” old.uinp.gov.ua.

[3] **Canadian Institute of Ukrainian Studies, Internet Encyclopedia of Ukraine.** “Famine-Genocide of 1932–3.” encyclopediaofukraine.com.

[4] **Український інститут національної пам’яті.** “Публікації: Бібліографія Голодоморів.” old.uinp.gov.ua.

[5] **Ярослав Грицак.** “Етимологія Голодомору.” uamoderna.com.

[6] **Ústav pro jazyk český.** “Slovník spisovného jazyka českého: hladomor.” ssjc.ujc.cas.cz.

[7] **Ottův slovník naučný.** “Hladomorna, sv. 11 (1897), s. 330.” cs.wikisource.org.

[8] **Павло Штепа.** “Знадібки до словника чужослів (Торонто, 1967), с. 26.” file.lib.in.ua.

[9] **Nataliya Kovalchuk.** “From a Person to a Genocide: The Origins of the Word Holodomor.” uamoderna.com.

[10] **Anne Applebaum.** “Red Famine (2017), chapter 7: grain exports to Germany, 1929–1931 (printed p. 162).” anneapplebaum.com.

Ordens, correspondência e documentos primários

[11] **Holodomor Research and Education Consortium.** “Key Documents.” holodomor.ca.

[12] **Bohdan Klid and Alexander J. Motyl, editors.** “The Holodomor Reader: Documents.” holodomor.ca.

[13] **Bohdan Klid and Alexander J. Motyl, editors.** “The Holodomor Reader: Legal Assessments, including Raphael Lemkin’s Soviet Genocide in Ukraine (1953).” holodomor.ca.

[14] **Harvard Ukrainian Research Institute.** “MAPA: Sowing Grain Procurement, Loans and Stocks in Ukraine, 1932–1933.” gis.huri.harvard.edu.

[15] **Feigin to Sergo Ordzhonikidze, 9 April 1932.** “Western Siberian collective farms, Library of Congress translation.” loc.gov.

[16] **V. I. Lenin.** “Secret letter via Molotov to the Politburo on church valuables, 19 March 1922, Library of Congress translation.” loc.gov.

[17] **Joseph Stalin.** “July 1928 plenum: “Industrialisation and the Grain Problem” (9 July) and “On the Bond Between the Workers and Peasants and on State Farms” (11 July), Works, volume 11.” marxists.org.

[18] **TsUNKhU of Gosplan.** “СССР в цифрах [USSR in Figures] (Moscow, 1935), pp. 574–575: principal commodity exports.” en.liberpedia.org.

[19] **Wikimedia / Russian Wikipedia.** “Export27-33.jpg, historical export-table file record.” ru.wikipedia.org.

[20] **Franklin D. Roosevelt and Maxim Litvinov.** “Memorandum of 15 November 1933, FRUS, The Soviet Union, 1933–1939, document 22, pp. 26–27.” history.state.gov.

[21] **R. Walton Moore to Francis B. Sayre.** “Memorandum of 19 July 1934, FRUS, The Soviet Union, 1933–1939, document 127, pp. 119–121.” history.state.gov.

[22] **Holodomor Education.** “Decree on Protection of Property, 7 August 1932.” holodomoreducation.org.

[23] **Joseph Stalin.** “Letter to Lazar Kaganovich on changing the Ukrainian SSR leadership, 11 August 1932, HREC Education excerpt.” education.holodomor.ca. RGASPI, fond 81, opis 3, delo 99, fols. 144–151. Published in *Сталин и Каганович. Переписка. 1931–1936 гг.* (2001), pp. 273–274.

[24] **Joseph Stalin.** ““The Tasks of Business Executives”, speech of 4 February 1931, Works, volume 13.” marxists.org.

[25] **German and Soviet governments.** “Secret Additional Protocol to the Nonaggression Treaty, 23 August 1939 (English translation).” avalon.law.yale.edu.

[26] **Friedrich-Werner von der Schulenburg.** “Telegram No. 190, 19 August 1939, transmitting the Soviet draft nonaggression pact.” avalon.law.yale.edu.

[27] **Karl Schnurre.** “German Foreign Office memorandum of 26 February 1940 on the commercial agreement of 11 February 1940.” avalon.law.yale.edu.

[28] **USSR Council of People’s Commissars and Communist Party Central Committee.** ““On the Compulsory Delivery of Grain to the State by Collective Farms and Individual Households”, decree of 19 January 1933.” istmat.org.

[29] **Italy and the USSR.** “Pact of Friendship, Non-Aggression and Neutrality, signed at Rome on 2 September 1933, League of Nations Treaty Series 148, no. 3418, pp. 319–329.” treaties.un.org.

[30] **Council of People’s Commissars of the Ukrainian SSR and CC CP(B)U.** “resolution on blacklisting villages, 6 December 1932; Library of Congress translation.” loc.gov.

[31] **Joseph Stalin.** ““To Comrade Kaganovich and the Other Members of the Political Bureau of the Central Committee, Ukraine C.P.(B.)”, letter of 26 April 1926, Works, volume 8, pp. 157–163 (Moscow, 1954).” marxists.org.

[32] **Joseph Stalin.** ““Congress of the Peoples of the Terek Region”, report and concluding remarks of 17 November 1920, Works, volume 4 (Moscow, 1953).” marxists.org.

[33] **Andrea Graziosi.** “Lettere da Kharkov. La carestia in Ucraina e nel Caucaso del Nord nei rapporti dei diplomatici italiani, 1932-33 (1991).” iris.unina.it.

[34] **СНК СССР и ЦК ВКП(б).** “«Об обязательной поставке зерна государству колхозами и единоличными хозяйствами», 19 января 1933 г.; Электронная библиотека исторических документов.” docs.historyrussia.org.

[35] **Joseph Stalin.** ““The Immediate Tasks of the Party in the National Question”, theses of 10 February 1921, Works, volume 5 (Moscow, 1954).” marxists.org.

[36] **V. I. Lenin.** “Letter to Mikhail Frunze, 18 May 1921.” marxists.org.

[37] **V. I. Lenin.** “Note to V. M. Mikhailov with a draft Politburo resolution on food work in Ukraine, 9 November 1921.” leninism.su.

[38] **Council of People’s Commissars.** “On the Surrender of Arms, 10 December 1918, Article 933 and accompanying instruction.” istmat.org.

[39] **All-Ukrainian Revolutionary Committee.** “Declaration on military policy in Ukraine, 22 January 1920, section 4.” docs.historyrussia.org.

[40] **Library of Congress.** “Lenin’s telegram ordering public hangings in Penza, 11 August 1918.” loc.gov.

[41] **Harvard Ukrainian Research Institute.** “Blacklisted Localities, MAPA Digital Atlas of Ukraine.” gis.huri.harvard.edu.

[42] **Vladimir Lenin.** “Draft resolution on party unity, Tenth Party Congress, March 1921.” marxists.org.

[43] **Joseph Stalin.** “The Foundations of Leninism (1924), chapter VIII, The Party.” marxists.org.

[44] **V. I. Lenin.** “To J. V. Stalin and all members of the Politburo, 26 August 1921; Collected Works, vol. 45, pp. 268–270.” marxists.org.

[45] **House of Lords.** “Famine in Russia, 11 August 1921; Lord Emmott’s description of the Russian public relief committee, HL Deb vol. 43, cols. 508–509.” api.parliament.uk.

[46] **V. I. Lenin.** “Letter to D. I. Kursky, 17 May 1922; Collected Works, vol. 33, pp. 358–359.” marxists.org.

[47] **Bundesarchiv.** “Lipezk: secret Reichswehr aviation school and testing site, including the agreement of 15 April 1925.” weimar.bundesarchiv.de.

[48] **German cabinet minutes, 2 October 1931.** “Soviet timber, petrol and grain against German goods or credit.” aktenreichskanzlei.bundesarchiv.de.

[49] **Stalin to Mikhail Sholokhov, 6 May 1933.** “official archival record.” docs.historyrussia.org.

[50] “Внешняя торговля Союза Советских Социалистических Республик за первую пятилетку (за период с 1928 по 1933 г.) (1933), Table Va, p. 45; year-end supplement, pp. 96–97.” istmat.org.

[51] “Внешняя торговля СССР за 20 лет, 1918–1937 гг. (1939), pp. 86, 90, 94: Germany wheat, rye and barley.” istmat.org.

[52] **Внешняя торговля СССР за 20 лет, 1918–1937 гг. (1939).** “statistical definitions.” istmat.org.

[53] **Политбюро ЦК ВКП(б).** “Директивы к переговорам с Германией о расширении советского экспорта (15 октября 1931 г.), пп. 2–4.” istmat.org.

[54] **Народный комиссариат внешней торговли СССР.** “Докладная записка «Внешне-торговая политика СССР» (12 января 1934 г.), разделы I и III (Германия).” istmat.org.

[55] **U.S. Wheel Track Layer Corporation / Amtorg Trading Corporation.** “Гусенично-колесный танк «Кристи»: договор (28 апреля 1930 г.), преамбула и §§ 1, 9–10.” t34inform.ru.

Perdas humanas e geografia

[56] **Harvard Ukrainian Research Institute.** “MAPA Great Famine Project.” gis.huri.harvard.edu.

[57] **Рудницький, Левчук, Воловина, Шевчук і Ковбасюк.** “Демографія штучно викликаної людської катастрофи: масовий голод 1932–1933 рр. в Україні (2015).” dse.org.ua.

[58] **Andrei Markevich, Natalya Naumenko and Nancy Qian.** ““The Causes of Ukrainian Famine Mortality, 1932–33”, Review of Economic Studies 92(5), October 2025, pp. 3276–3305.” academic.oup.com.

[59] **Andrei Markevich, Natalya Naumenko and Nancy Qian.** ““The Causes of Ukrainian Famine Mortality, 1932–33”, author-linked published advance-access full text, DOI 10.1093/restud/rdae091 (2024).” drive.google.com.

[60] **Andrei Markevich, Natalya Naumenko and Nancy Qian.** ““The Causes of Ukrainian Famine Mortality, 1932–33”, NBER Working Paper 29089, July 2021, revised November 2022; Yale-hosted copy.” economics.yale.edu.

[61] **Oleh Wolowyna, Nataliia Levchuk and Alla Kovbasiuk.** ""Monthly Distribution of 1933 Famine Losses in Soviet Ukraine and the Russian Soviet Republic at the Regional Level" (2020), Nationalities Papers 48(3), pp. 530–548." doi.org.

[62] **Holodomor Research and Education Consortium.** "Conquest Prize2025: Markevich, Naumenko and Qian." holodomor.ca.

[63] **Omelian Rudnytskyi, Nataliia Levchuk, Oleh Wolowyna, Pavlo Shevchuk and Alla Kovbasiuk.** "Demography of a Man-Made Human Catastrophe: The Case of Massive Famine in Ukraine 1932–1933, Canadian Studies in Population 42, nos. 1–2 (2015), pp. 53–80." history.org.ua.

[64] **Рудницький, Левчук, Воловина, Шевчук і Ковбасюк.** "Демографія штучно викликаної людської катастрофи, завершення українського перекладу, Демографія та соціальна економіка 3 (25), 2015, с. 43–63." dse.org.ua.

[65] **Harvard Ukrainian Research Institute.** "MAPA, Total Direct Famine Losses in Ukraine by Region, 1932–1934." gis.huri.harvard.edu.

[66] **Harvard Ukrainian Research Institute.** "MAPA, Demographic Research." gis.huri.harvard.edu.

[67] **Nataliia Levchuk, Oleh Wolowyna, Omelian Rudnytskyi, Alla Kovbasiuk and Natalia Kulyk.** "Regional 1932–1933 Famine Losses: A Comparative Analysis of Ukraine and Russia, Nationalities Papers (2020)." doi.org.

[68] **MAPA Digital Atlas of Ukraine.** "April1933 administrative division." gis.huri.harvard.edu.

[69] **MAPA Digital Atlas of Ukraine.** "Sowing Grain Stocks Procurement Plan Fulfillment in Ukraine,1933." gis.huri.harvard.edu.

Acontecimentos de mortalidade em massa: comparação e estimativas

[70] **R. J. Rummel.** "Death by Government, Table 1.5: Some Major Episodes and Cases of Democide." hawaii.edu.

[71] **World Peace Foundation.** "Historic Famines, 1870–2024: reference table (2025)." worldpeacefoundation.org.

[72] **World Health Organization.** "Plague: historical Black Death mortality in Europe." who.int.

[73] **Jeffery K. Taubenberger and David M. Morens / CDC.** "1918 Influenza: the Mother of All Pandemics (2006)." wwwnc.cdc.gov.

[74] **UNAIDS.** "Global HIV & AIDS statistics: 2025 data released in 2026." unaids.org.

[75] **World Health Organization.** "COVID-19-associated excess mortality in 2020 and 2021 (5 May 2022)." who.int.

[76] **United States Holocaust Memorial Museum.** "Introduction to the Holocaust." encyclopedia.ushmm.org.

[77] **Extraordinary Chambers in the Courts of Cambodia.** "Understanding the ECCC." eccc.gov.kh.

[78] **United States Holocaust Memorial Museum.** "Statement on the centenary of the Armenian genocide (2015)." ushmm.org.

[79] **United States Holocaust Memorial Museum.** "Rwanda: genocide against the Tutsi." ushmm.org.

[80] **United States Geological Survey.** "This Dynamic Planet: reported death toll of the 1556 Shaanxi earthquake." pubs.usgs.gov.

[81] **Nicolas Werth / Sciences Po.** "Mass Crimes under Stalin, 1930–1953." sciencespo.fr.

[82] **Our World in Data.** "Historical famine dataset: Great Hunger mortality in Ireland, citing Ó Gráda." ourworldindata.org.

[83] **World Peace Foundation.** "Famine Datasets Methodological Annex (May 2025)." worldpeacefoundation.org.

[84] **United States Holocaust Memorial Museum.** "How Many People did the Nazis Murder?" encyclopedia.ushmm.org.

[85] **Erik van Ree.** "Problems of Communism: Gulag Authorities and Gulag Victims (2012)." cambridge.org.

[86] **Israel Central Bureau of Statistics.** "On the Occasion of Holocaust Heroes and Remembrance Day: Jews in Israel and throughout the world (25 April 2022), release 133/2022." cbs.gov.il.

[87] **United States Holocaust Memorial Museum.** "European Jewish population distribution, circa 1933." encyclopedia.ushmm.org.

[88] **National Bureau of Statistics of China.** "Historical population series, 1949–1999." stats.gov.cn.

[89] **Ministry of Human Resources and Social Security / NBS.** "China Labour Statistical Yearbook 2003, population and composition (end of year)." mohrss.gov.cn.

[90] **H. G. W. Woodhead, editor.** "The China Year Book 1926–7, p. 3: 1923 postal estimates of provincial populations." archive.org.

[91] **A. G. Wenley and John A. Pope.** "China, Smithsonian War Background Studies 20 (1944), p. 4: provincial populations from China Handbook 1937–43." bpb-ca-c1.wpmucdn.com.

[92] **David Crockett Graham.** "Folk Religion in Southwest China, Smithsonian Miscellaneous Collections 142, no. 2 (1961), p. 15: early/mid-1930s provincial population estimates." repository.si.edu.

[93] **Angela Shpolberg.** "On the "Russo-American fever": Henry Wadsworth Longfellow Dana and the Gorki Fund, The New England Quarterly 88, no. 3 (2015), pp. 509–526." doi.org.

[94] **Tamás Krausz.** “The Characteristics of the Nazi Genocide in the Soviet Union and in Hungary: pre-invasion population of occupied territories.” russianstudies.hu.

[95] **S. N. Prokopovich.** “Народное хозяйство СССР, historical population table: pre-event Soviet-territory population in 1917.” istmat.org.

[96] **Ю. А. Поляков, editor.** “Население России в XX веке, том 2: 1940–1959 (2001), pp. 12–13: the June 1941 population reconstruction.” djvu.online.

[97] **Leo Amery.** “Population Statistics, House of Commons, 22 October 1942: Bengal’s population in the 1941 census.” hansard.parliament.uk.

[98] **Pierre van der Eng.** “Mortality from the 1944–1945 famine in Java, Indonesia, Asia-Pacific Economic History Review 64, no. 2 (2024), pp. 192–212, Table 3.” onlinelibrary.wiley.com.

[99] **International Bank for Reconstruction and Development.** “The Polish Economy Today: population immediately before the Second World War.” documents1.worldbank.org.

[100] **United Nations.** “Report of the Group of Experts for Cambodia, A/53/850–S/1999/231 (16 March 1999), paragraph 35: April 1975 population estimates.” eccc.gov.kh.

[101] “Первые зарубежные оценки динамики населения СССР между переписями 1926 и 1939 годов, Демоскоп Weekly (2025), Table 3: start-1930 population reconstructions.” db.demoscope.ru.

[102] **World Bank.** “Bangladesh: Current Economic Performance and Short-Term Prospects, report 1038-BD (22 March 1976), Table 1.1: population estimates at January 1, 1960–1980.” documents1.worldbank.org.

[103] **Anne Applebaum.** “Inside the Gulag (The New York Review of Books, 15 June 2000).” anneapplebaum.com.

[104] **Edwin Bacon.** “Glasnost’ and the Gulag: New Information on Soviet Forced Labour around World War II (Soviet Studies 44/6, 1992).” doi.org.

[105] **Страна Советов за 50 лет.** “Численность населения СССР (Статистика, Москва, 1967, p. 15).” istmat.org.

Outras fomes, o Plano da Fome e o Holocausto

[106] **Frank Dikötter.** “Mao’s Great Famine: The History of China’s Most Devastating Catastrophe, 1958–1962.” bloomsbury.com.

[107] **United States Holocaust Memorial Museum.** “The German Army and the Racial Nature of the War against the Soviet Union.” encyclopedia.ushmm.org.

[108] **United States Holocaust Memorial Museum.** “The Treatment of Soviet POWs: Starvation, Disease, and Shootings, June 1941–January 1942.” encyclopedia.ushmm.org.

[109] **Національний музей Голодомору-геноциду.** “Голодомор-геноцид та масові штучні голоди: в чому різниця?” holodomormuseum.org.ua.

[110] **Hoover Institution Library & Archives.** “American Relief Administration in Soviet Russia: Introduction & Background.” guides.hoover.org.

[111] **Bertrand M. Patenaude.** “The Big Show in Bololand: The American Relief Expedition to Soviet Russia in the Famine of 1921.” hoover.org.

[112] **John D. Hickerson / US Department of State.** “Memorandum to Robert A. Lovett, 27 May 1948: Postwar UNRRA aid (FRUS 1948, volume IV, document 589).” history.state.gov.

[113] **Danielle Healy / Hoover Institution Library & Archives.** “A Delicate Balance in Ukraine.” histories.hoover.org.

[114] **Roman Serbyn.** “The First Man-Made Famine in Soviet Ukraine, 1921–1923, The Ukrainian Weekly (6 November 1988; archived).” web.archive.org.

[115] **Andrij Makuch and Vasyl Markus.** “Famine of 1921–3, Internet Encyclopedia of Ukraine.” encyclopediaofukraine.com.

[116] **Andrij Makuch and Vasyl Markus.** “Famine of 1946–7, Internet Encyclopedia of Ukraine.” encyclopediaofukraine.com.

[117] **National Museum of the Holodomor.** “Famine of 21–23, exhibition (2018).” holodomormuseum.org.ua.

[118] **National Museum of the Holodomor.** “Documentary and Photo Exhibition: Mass Famine of 1946–1947 in Soviet Ukraine (2016).” holodomormuseum.org.ua.

[119] **Liberpedia.** “Holodomor (French research and source guide).” fr.liberpedia.org.

[120] **Liberpedia.** “Holodomor (English research and source guide).” en.liberpedia.org.

[121] **Iryna Yehorova.** “Ukraine : 1947, l’autre famine, interview with Yevhen Hryniv, Courrier international (9 November 2012).” courrierinternational.com.

[122] **Helmut Heiber, editor.** ““Der Generalplan Ost”, Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte 6(3), July 1958, pp. 281–325; including Erhard Wetzel’s memorandum of 27 April 1942 (NG-2325).” ifz-muenchen.de.

[123] **Deutsches Historisches Museum.** ““Generalplan Ost”, LeMO.” dhm.de.

[124] **Madi Kapparov.** ““Asharshylyk, Holodomor in Kazakhstan”, 48-post thread (14 October 2022), Thread Reader preservation.” threadreaderapp.com.

[125] **Z. E. Kabuldinov.** ““Голод среди казахов и массовые откочевки населения в начале 30-х годов XX века”, Qazaqstan tarihy.” e-history.kz.
[126] **Liberpedia.** “Asharshylyk.” en.liberpedia.org.
[127] **Liberpedia.** “Famine in Moldova.” en.liberpedia.org.
[128] **Stanford Global Studies.** ““The Moldavian Holodomor: The Great Famine in Soviet Moldova, 1946–1947”, event page.” sgs.stanford.edu.
[129] **International Military Tribunal.** “proceedings of 20 February 1946, presentation of the District Agricultural Leader’s File of 1 June 1941 (USSR-89).” avalon.law.yale.edu.
[130] **Hans-Joachim Riecke.** “testimony to the Ministries Case commission, 13 August 1948, transcript pp. 16025–16027.” nuremberg.law.harvard.edu.
[131] **Sarah Cameron.** ““The Hungry Steppe: Famine, Violence, and the Making of Soviet Kazakhstan”, lecture of 28 February 2019, edited transcript published 14 March 2019.” voicesoncentralasia.org.
[132] **Bundesarchiv.** “Rundschreiben der NSDAP-Partei-Kanzlei zur Versorgungslage im Herbst/Winter 1944 (document dated 14 December 1944; institutional contextual essay).” bundesarchiv.de.
[133] **Sarah Cameron.** “The Kazakh Famine of the 1930s, Library of Congress interview (24 August 2016).” blogs.loc.gov.
[134] **Iaroslav Kovalchuk / Sarah Cameron.** “Mounting Socialism on Camel’s Back: An Interview with Sarah Cameron on the Famine in Kazakhstan (Commons, 22 November 2024).” commons.com.ua.
[135] **Isabelle Ohayon.** “La famine kazakhe : à l’origine de la sédentarisation.” sciencespo.fr.
[136] **Niccolò Pianciola.** “Sacrificing the Qazaqs: The Stalinist Hierarchy of Consumption and the Great Famine of 1931–33 in Kazakhstan (2022).” research.unipd.it.
[137] **United States Holocaust Memorial Museum.** “Frequently Asked Questions about the Holocaust for Educators.” ushmm.org.
[138] **United States Holocaust Memorial Museum.** ““Final Solution”: Overview.” encyclopedia.ushmm.org.
[139] **Dan Michman.** “Why Is the Shoah Called ‘the Shoah’ or ‘the Holocaust’? (2021).” doi.org.
[140] **T4 Memorial.** “The registration form procedure.” t4-denkmal.de.
[141] **Viktor Brack.** “Affidavit of 14 October 1946, introduced at the Doctors’ Trial on 16 December 1946.” nuremberg.law.harvard.edu.
[142] **United States Holocaust Memorial Museum.** “Euthanasia Program and Aktion T4.” encyclopedia.ushmm.org.
[143] **Elena Volkava.** “The Kazakh Famine of 1930-33 and the Politics of History in the Post-Soviet Space (Sarah Cameron lecture report, Wilson Center, 2 May 2012).” wilsoncenter.org.

Genocídio, democídio e responsabilidade

[144] **R. J. Rummel.** “Death by Government (1994).” hawaii.edu.
[145] **R. J. Rummel.** “Lethal Politics: Soviet Genocide and Mass Murder Since 1917 (1990).” hawaii.edu.
[146] **R. J. Rummel.** “Statistics of Democide: Genocide and Mass Murder Since 1900 (1997).” hawaii.edu.
[147] **R. J. Rummel.** “Definition of Democide: Chapter 2 of Death by Government (1994).” hawaii.edu.
[148] **Bohdan Klid / Holodomor Research and Education Consortium.** “Was the Holodomor a Genocide?” holodomor.ca.
[149] **R. J. Rummel.** “Power Kills: Democracy as a Method of Nonviolence (Transaction Publishers, 1997).” hawaii.edu.
[150] **R. J. Rummel.** ““Why Does Power Kill?”, Power Kills, chapter 13.” hawaii.edu.
[151] **United Nations Office on Genocide Prevention.** “Definitions of Genocide and Related Crimes, including Article II of the 1948 Convention.” un.org.
[152] **Leon Trotsky.** “The Revolution Betrayed, chapter XI, section 2.” marxists.org.
[153] **Leon Trotsky.** “The Revolution Betrayed: edition information.” marxists.org.
[154] **International Spy Museum.** “Trotsky Ice Axe.” spymuseum.org.
[155] **Roberto Gutiérrez Alcalá, Gaceta UNAM.** “Hace 80 años murió asesinado León Trotski (18 August 2020).” gaceta.unam.mx.
[156] **United States Holocaust Memorial Museum.** “Coining a Word and Championing a Cause: The Story of Raphael Lemkin.” encyclopedia.ushmm.org.
[157] **House of the Wannsee Conference.** “Raphael Lemkin.” ghwk.de.
[158] **Center for Jewish History.** “Raphael Lemkin, Photograph 6, American Jewish Historical Society.” flickr.com.
[159] **Wikimedia Commons.** “Raphael Lemkin, Photograph 6.” commons.wikimedia.org.
[160] **Institute of National Remembrance.** “The Katyn Massacre: Basic Facts (5 March 2020).” eng.ipn.gov.pl.
[161] **US National Archives.** “Records Relating to the Katyn Forest Massacre.” archives.gov.
[162] **Stalin to Churchill and Roosevelt, 22 August 1944.** “FRUS 1944 III, document 1271.” history.state.gov.

[163] **Harriman to the Secretary of State, 22 August 1944.** “FRUS 1944 III, document 1272.” history.state.gov.
[164] **Jennifer Popowycz.** “The Allied Responses to the Warsaw Uprising of 1944 (National WWII Museum, 18 January 2022).” nationalww2museum.org.
[165] **USHMM.** “The Warsaw Polish Uprising.” encyclopedia.ushmm.org.
[166] **Eden.** “Russia and Poland, HC Deb 27 September 1944, vol. 403, cols. 217–220.” api.parliament.uk.
[167] **Institute of National Remembrance.** “What was the Polish Operation by the NKVD? (28 November 2017).” eng.ipn.gov.pl.
[168] **Institute of National Remembrance.** “NKVD Order No. 00485: bilingual documentary exhibition catalogue.” ipn.gov.pl.
[169] **National WWII Museum.** “The 1941 NKVD Prison Massacres in Western Ukraine (7 June 2021).” nationalww2museum.org.
[170] **Center for Urban History.** “City scum, nationalists or ordinary people: interethnic violence on the streets of Lviv.” lia.lvivcenter.org.
[171] **Polish History Museum.** “Sowieci walczą o rząd. Dlaczego doszło do procesu szesnastu?” muzhp.pl.
[172] **Harriman to the Secretary of State, 18 June 1945.** “FRUS 1945 V, document 262.” history.state.gov.
[173] **ICTY.** “Judicial Supplement49: Krstić appeal,19April2004.” icty.org.
[174] **United Nations Audiovisual Library of International Law.** “Convention on the Prevention and Punishment of the Crime of Genocide, introductory note.” legal.un.org.

Planeamento soviético e cálculo económico

[175] **Ludwig von Mises.** “Economic Calculation in the Socialist Commonwealth (1920 essay; linked English edition, 1990).” mises.org.
[176] **Ludwig von Mises.** “Socialism: An Economic and Sociological Analysis (German original, 1922; linked English edition, 1951).” mises.org.
[177] **Jörg Guido Hülsmann.** “Mises: The Last Knight of Liberalism (2007).” mises.org.
[178] **Фотографії старого Львова.** “Меморіальна дошка Людвіга фон Мізеса: photograph dated 2015.” photo-lviv.in.ua.
[179] **Center for Urban History, Lviv.** “Economics and Bureaucracy in an Open Society: 2011 conference programme.” lvivcenter.org.
[180] **Leszek Kołakowski.** “Main Currents of Marxism (especially Volume III: The Breakdown).” wwnorton.com.
[181] **Vasyl Marochko.** ““Torgsin”: The Price in Gold of the Lives of Ukrainian Peasants during the Famine Years (1932–1933), translated by Marta D. Olynyk.” holodomor.ca.
[182] **Library of Congress / Historic American Engineering Record.** “Ford Assembly Plant, Rosie the Riveter National Historical Park, HAER CA-326-H, printed p. 28.” tile.loc.gov.
[183] **F. A. Hayek.** “Individualism and Economic Order.” press.uchicago.edu.
[184] **F. A. Hayek.** “The Road to Serfdom.” press.uchicago.edu.
[185] **F. A. Hayek.** “The Constitution of Liberty.” press.uchicago.edu.
[186] **F. A. Hayek.** “The Use of Knowledge in Society, American Economic Review 35(4), September 1945, pp. 519–530.” german.yale.edu.
[187] **Jörg Guido Hülsmann.** “Knowledge, Judgment, and the Use of Property, The Review of Austrian Economics 10(1), 1997, pp. 23–48.” mises.org.
[188] **Liberpédia.** “Impossibilité du calcul économique en régime socialiste.” fr.liberpedia.org.
[189] **Liberpedia.** “Impossibility of economic calculation in the socialist commonwealth.” en.liberpedia.org.
[190] **F. A. Hayek.** “The Pretence of Knowledge, Nobel Prize lecture, 11 December 1974.” nobelprize.org.
[191] **Nobel Foundation.** “The 1974 economics prize: Gunnar Myrdal and Friedrich August von Hayek.” nobelprize.org.
[192] **Jacek Kochanowicz.** “Introduction to the 1990 edition of Mises’s Economic Calculation in the Socialist Commonwealth, reproducing Oskar Lange’s statue remark.” mises.org.
[193] **Leszek Balcerowicz.** “Poland’s Transformation, Finance & Development 37(3), September 2000.” imf.org.
[194] **Ludwig von Mises.** “Liberalism: In the Classical Tradition.” mises.org.
[195] **Ludwig von Mises.** “Human Action: A Treatise on Economics.” mises.org.
[196] **Ludwig von Mises.** “Memoirs (Arlene Oost-Zinner translation; Mises Institute, 2009; manuscript, 1940–42; first published, 1978).” mises.org.
[197] **University of Graz, Graz Schumpeter Centre.** “Ludwig Mises und das Wiener Privatarchiv.” privatarchiv-mises.uni-graz.at.
[198] **Oscar Mata.** “The Secret Passage: How Amzalak and Salazar Helped Ludwig von Mises Escape the Nazis (Mises Wire, 6 December 2024).” mises.org.

[199] **Vatnik Soup.** “Switzerland’s Neutrality Initiative: Neutrality, Sovereignty and the September 2026 Vote (NAFO Policy Papers, No. 1, September 2026).” vatniksoup.com.
[200] **Amartya Sen.** “Poverty and Famines: An Essay on Entitlement and Deprivation (1981).” academic.oup.com.
[201] **Amartya Sen.** “Development as Freedom (1999).” sen.scholars.harvard.edu.
[202] **Jean Drèze and Amartya Sen.** “Hunger and Public Action (1989).” academic.oup.com.
[203] **Amartya Sen.** “Democracy as a Universal Value, Journal of Democracy 10(3), July 1999, pp. 3–17.” journalofdemocracy.org.
[204] **Royal Swedish Academy of Sciences.** “The 1998 Prize in Economic Sciences: Amartya Sen, press release, 14 October 1998.” nobelprize.org.
[205] **R. W. Davies and Stephen G. Wheatcroft.** ““The Livestock Disaster”, The Years of Hunger, pp. 301–331.” link.springer.com.
[206] **Stephen Kotkin.** ““If Stalin Had Died…”, The New York Review of Books, 6 November 2014.” nybooks.com.
[207] **Robert C. Allen.** “Farm to Factory: A Reinterpretation of the Soviet Industrial Revolution (Princeton University Press, 2003).” jstor.org.
[208] **Yoram Gorlizki.** ““Scandal in Riazan: Networks of Trust and the Social Dynamics of Deception”, Kritika 14(2), 2013, pp. 243–278.” research.manchester.ac.uk.
[209] **F. A. Hayek.** “Why the Worst Get on Top, The Road to Serfdom, chapter X (1944; online excerpt).” mises.org.
[210] **Nikolai Bukharin.** ““Observations of an Economist: The Beginning of the New Economic Year” (International Press Correspondence, 19 October and 2 November 1928).” revolutionsnewsstand.com.
[211] **Joseph Stalin.** ““The Right Deviation in the C.P.S.U.(B.)” (April 1929), Works, volume 12, pp. 1–113 (Moscow, 1954).” marxists.org.
[212] **Joseph Stalin.** ““Grain Procurements and the Prospects for the Development of Agriculture” (brief record of Siberian statements, January 1928), Works, volume 11 (Moscow, 1954).” marxists.org.
[213] **V. I. Lenin.** “The Agrarian Programme of Social-Democracy in the First Russian Revolution, 1905–1907: Conclusion (1907).” marxists.org.
[214] **Joseph Stalin.** “Economic Problems of Socialism in the U.S.S.R. (1952), §2: Commodity Production Under Socialism.” marxists.org.
[215] **Yoram Gorlizki.** ““Scandal in Riazan: Networks of Trust and the Social Dynamics of Deception”, Kritika 14(2), 2013, pp. 243–278: opening passage reproduced on ResearchGate.” researchgate.net.
[216] **Takeshi Hayashi.** “Historical background of technology transfer, transformation, and development in Japan (1979).” d-arch.ide.go.jp.
[217] **Committee of the Tokio General Chamber of Commerce.** “Report on treaty revision, enclosed in John A. Bingham to William M. Evarts, 24 October 1879 (FRUS 1880, No. 422).” history.state.gov.
[218] **Library of Congress.** “Revelations from the Russian Archives: “Collectivization and Industrialization”.” loc.gov.
[219] **Joseph Stalin.** ““The Work of the April Joint Plenum of the Central Committee and Central Control Commission”, report of 13 April 1928.” marxists.org.
[220] **Joseph Stalin.** ““On the Grain Front”, talk of 28 May 1928, published in Pravda on 2 June 1928.” marx2mao.redspark.nu.
[221] **Elena Osokina.** ““Torgsin and Stalin’s Quest for Gold”, Cornell University Press.” cornellpress.cornell.edu.
[222] **Liudmyla Hrynevych.** ““Stalin’s Faminogenic Policies in Ukraine: The Imperial Discourse”, East/West: Journal of Ukrainian Studies 8, no. 1 (2021), pp. 99–143, translated by Andrew Sorokowski.” ewjus.com.
[223] **Mark Harrison.** “review of Robert C. Allen’s Farm to Factory: A Reinterpretation of the Soviet Industrial Revolution, 6 May 2004, pp. 1–3.” warwick.ac.uk.
[224] **Joseph Stalin.** ““National Factors in Party and State Affairs”, theses for the Twelfth Party Congress, published 24 March 1923, Works, volume 5 (Moscow, 1954).” marxists.org.
[225] **Jörg Guido Hülsmann.** ““Knowledge, Judgment, and the Use of Property”, The Review of Austrian Economics 10, no. 1 (1997), pp. 23–48; readable HTML edition.” mises.org.
[226] **Elena Osokina.** “Stalin’s Quest for Gold: The Torgsin Hard-Currency Shops and Soviet Industrialization, Cornell University Press, English digital edition (2021), JSTOR open-access edition.” jstor.org.
[227] **V. I. Lenin.** “The Tax in Kind, completed 21 April 1921.” marxists.org.
[228] **Joseph Stalin.** “The Results of the First Five-Year Plan, report of 7 January 1933.” marxists.org.
[229] **London School of Economics.** “Friedrich A. von Hayek at LSE, 26 June 2024.” blogs.lse.ac.uk.
[230] **LSE / STICERD.** “What Goes Around Comes Around: wartime evacuation and intellectual history.” sticerd.lse.ac.uk.
[231] **Bruce Caldwell.** “Introduction to The Road to Serfdom, University of Chicago Press.” press.uchicago.edu.
[232] **F. A. Hayek.** “Nobel Banquet Speech, 10 December 1974, authorised republication.” libertarianism.org.

[233] **Bogdan Sekściński.** ""Methods of Collectivization of Agriculture in the Lublin Region in the Years 1950–1951" (Studia Iuridica Lublinensia 19, 2013)." lsmll.journals.umcs.pl.
[234] **Dean Rusk.** "Memorandum to John F. Kennedy on Poland and PL 480 (15 November 1961), FRUS 1961–1963, XVI, document 47." history.state.gov.
[235] **Hungarian historical encyclopedia.** ""A mezőgazdaság helyzete és arányai a nemzetgazdaságban" (Hungary in the Twentieth Century)." mek.oszk.hu.
[236] **Hungarian National Archives.** ""A Kádár-korszak", Pest County archive dossier." mnl.gov.hu.
[237] **Nigel Swain.** "Collective Farms Which Work? (Cambridge University Press), chapter 1, "Family Labour in the Achievement and Consolidation of Collectivised Agriculture, 1946–68"." cambridge.org.
[238] **US Department of State.** "Assessment of Hungary's New Economic Mechanism and agriculture (FRUS 1981–1988, vol. X, document 330)." history.state.gov.
[239] **Paul Gregory.** ""An Introduction to the Economics of the Gulag", in The Economics of Forced Labor: The Soviet Gulag (2003)." hoover.org.
[240] **The Henry Ford.** ""Assembly Line at Ford Motor Company Moscow Plant, 1930", THF25098, object P.O.5827." thehenryford.org.
[241] **University of Victoria Libraries.** "Reeling Silk in Large Skeins, Japan c. 1910 (Wikimedia Commons image record)." commons.wikimedia.org.
[242] **Mark Harrison.** "Five-Year Plan, Encyclopedia of Modern Europe: Europe Since 1914 (2006), pp. 1097–1101." warwick.ac.uk.
[243] **Mark Harrison.** "Soviet Industrial Production, 1928 to 1955: Real Growth and Hidden Inflation, Journal of Comparative Economics 28:1 (2000), pp. 134–155." warwick.ac.uk.
[244] **Russian State Library / Wikimedia Commons.** "Кто кого? Догнать и перегнать, First AKhR Collective, poster [1929]." commons.wikimedia.org.
[245] **Mises Institute / DickClarkMises.** "Friedrich August von Hayek (undated portrait)." commons.wikimedia.org.
[246] **Yakov Guminer.** "Arithmetic of an industrial-financial counter-plan, 1931 (poster record)." commons.wikimedia.org.
[247] **P. V. Alabin Museum.** "Soviet political posters, 1917–1967; Arithmetic of the counter-plan, 1931." alabin.ru.
[248] **George Orwell.** "Nineteen Eighty-Four (1949), part III, chapter IV." orwell.ru.
[249] **Eugene Lyons.** "Assignment in Utopia (1937), "Two Plus Two Equals Five", book II, chapter XV, p. 240; selected passage reproduced by Readex." readex.com.
[250] **George Orwell.** "Review of Assignment in Utopia by Eugene Lyons, New English Weekly, 9 June 1938." garethjones.org.
[251] **George Orwell.** "Review of Bertrand Russell's Power, The Adelphi, January 1939; reprinted in Bertrand Russell Society Quarterly 130–131, pp. 38–40." bertrandrussellsociety.org.
[252] **Mises Institute.** "Economic Calculation in the Socialist Commonwealth, 2014 edition." store.mises.org.
[253] **Elke Wetzig.** "Amartya Sen in Cologne, 28 November 2007 (photograph)." commons.wikimedia.org.
[254] **Oxford University Press.** "Poverty and Famines (publisher listing and cover)." books.apple.com.
[255] **Vintage / Penguin Random House.** "Development as Freedom, 2000 paperback (cover)." penguinrandomhousehighereducation.com.
[256] **Kyle Orton.** "Socialism Could Never Have a Human Face (21 August 2022)." kyleorton.com.
[257] **Glamorgan Archives.** "Hughes's ironworks and the New Russia Company, 1868–1872." glamarchives.gov.uk.
[258] **FRUS.** "NSC discussion of Soviet wheat purchases, 1 October 1963." history.state.gov.
[259] **Ludwig von Mises.** "Omnipotent Government: The Rise of the Total State and Total War (1944)." cdn.mises.org.

Intenção genocida e reconhecimento

[260] **Nicolas Werth / Sciences Po.** "The Great Ukrainian Famine of 1932–33 (2008)." sciencespo.fr.
[261] **European Parliament.** "Resolution of 15 December 2022 recognising the Holodomor as genocide." europarl.europa.eu.
[262] **Yad Vashem, Shoah Resource Center.** "Stalin and postwar antisemitic campaigns." wwv.yadvashem.org.
[263] **Holodomor Research and Education Consortium.** "Conquest Prize for Contribution to Holodomor Studies: 2025 award to Markevich, Naumenko and Qian." holodomor.ca.
[264] **National Museum of the Holodomor-Genocide.** "The History of the Holodomor." holodomormuseum.org.ua.
[265] **Bohdan Klid and Alexander J. Motyl.** "Introduction to The Holodomor Reader (CIUS Press, 2012), publisher excerpt." holodomor.ca.
[266] **Norman M. Naimark.** ""How the Holodomor Can Be Integrated into our Understanding of Genocide", East/West: Journal of Ukrainian Studies 2, no. 1 (2015), pp. 117–131." ewjus.com.

[267] **International Criminal Tribunal for the former Yugoslavia.** “Prosecutor v. Goran Jelisić, IT-95-10-A, Appeals Chamber judgment, 5 July 2001, paragraphs 46–49.” icty.org.

[268] **Serhii Kornovenko and Oleksii Kompaniiets.** “The Policy of “Disarmament” as the Premise of Subjugation of the Ukrainian Countryside, East European Historical Bulletin 31 (2024), pp. 89–99.” eehb.dspu.edu.ua.

Testemunhos, reportagem e negação

[269] **Gareth Jones.** “Berlin press release, 29 March 1933, as reported in the New York Evening Post.” garethjones.org.

[270] **Bohdan Klid and Alexander J. Motyl, editors.** “The Holodomor Reader: Survivor Testimonies, Memoirs, Diaries and Letters.” holodomor.ca.

[271] **Russian Embassy in the United States.** “Statement of 25 November 2023, reproduced by the Baltimore Council on Foreign Affairs on 26 November.” bcfausa.org.

[272] **Alexander Wienerberger / Wikimedia Commons.** “Girl and goat in Kharkiv, 1933: photograph and reuse record.” commons.wikimedia.org.

[273] **HREC Education.** “Historical Photographs of the Holodomor: Wienerberger authentication and context.” education.holodomor.ca.

[274] **Tamara Orlova / HREC sourcebook.** “Childhood memoir, published in The Day (2010), excerpt on p. 43.” holodomor.ca.

[275] **Vasyl Lypkivsky.** “Letters during the Holodomor (1933), HREC primary-source collection.” holodomor.ca.

[276] **US Department of State.** “Foreign Relations of the United States, The Soviet Union, 1933–1939: Recognition on 16 November 1933 (documents 1–59).” history.state.gov.

[277] **HREC / Ukrainian Canadian Congress.** “85th-anniversary Holodomor educational material (29 August 2018).” education.holodomor.ca.

[278] **The Pulitzer Prizes.** “Walter Duranty, 1932 winner in Correspondence.” pulitzer.org.

[279] **The Pulitzer Prize Board.** “Statement on Walter Duranty’s 1932 Prize (21 November 2003).” pulitzer.org.

[280] **Walter Duranty.** “Russians Hungry, But Not Starving, The New York Times (31 March 1933; archived transcription).” garethjones.org.

[281] **Walter Duranty.** “Soviet Industry Shows Big Gains, The New York Times (6 April 1933; archived transcription).” garethjones.org.

[282] **Gareth Jones.** “Mr. Jones Replies, letter to The New York Times (13 May 1933; archived transcription).” garethjones.org.

[283] **Stephen Koch.** “Interview with Derek Alger, Pif Magazine (1 April 2004).” pifmagazine.com.

[284] **Sean McMeekin.** “The Red Millionaire: A Political Biography of Willi Münzenberg, Moscow’s Secret Propaganda Tsar in the West (Yale University Press, 2003).” academic.oup.com.

[285] **Marco Carynnyk.** “The New York Times and the Great Famine, The Ukrainian Weekly (11 September 1983).” subscription.ukrweekly.com.

[286] **Eugene Lyons.** “Assignment in Utopia (Harcourt, Brace, 1937): Moscow press corps and Gareth Jones.” garethjones.org.

[287] **Duchess of Atholl and others.** “Foreign Office debate, House of Commons (5 July 1933).” api.parliament.uk.

[288] **Lord Ponsonby and Earl Stanhope.** “Russia debate, House of Lords (25 July 1934).” api.parliament.uk.

[289] **US Department of State, Office of the Historian.** “Recognition of the Soviet Union, 1933.” history.state.gov.

[290] **Tatyana Smykovskaya.** “Личность и творчество Максима Горького на страницах прессы Гулага 1930-х годов [Gorky and the Gulag Press], Australian Slavonic and East European Studies 38 (2024), pp. 1–25.” arts.unimelb.edu.au.

[291] **Maxim Gorky, L. Averbakh and S. G. Firin, editors.** “Belomor: An Account of the Construction of the New Canal Between the White Sea and the Baltic Sea (English adaptation, 1935).” books.google.com.

[292] **H. R. Knickerbocker.** “Famine Grips Russia, New York Evening Post (29 March 1933): Gareth Jones’s statement.” garethjones.org.

[293] **Gareth Jones.** “Famine Rules Russia, Evening Standard (31 March 1933).” garethjones.org.

[294] **Walter Duranty.** “Portrait published in The Literary Digest History of the War (1919), Wikimedia Commons record.” commons.wikimedia.org.

[295] **S. J. Taylor.** “Stalin’s Apologist: Walter Duranty, The New York Times’s Man in Moscow (Oxford University Press, 1990), publisher preview.” api.pageplace.de.

[296] **Walter Duranty.** “Russians Hungry, But Not Starving, The New York Times (31 March 1933), p. 13.” nytimes.com.

[297] **Ray Gamache.** ““Contextualizing FDR’s Campaign to Recognize the Soviet Union, 1932–1933: Propaganda, Famine Denial, and Ukrainian Resistance”, Harvard Ukrainian Studies 37, nos. 3–4 (2020), pp. 287–321.” d3sa9iy9kp2h5k.cloudfront.net.

[298] **Time.** ““Foreign News: Stalin to Duranty” (8 January 1934).” time.com.

[299] **US National Park Service.** “Arthurdale: A New Deal Community Experiment (Teaching with Historic Places, lesson 157), especially readings 1–2.” nps.gov.

[300] **US Commission on the Ukraine Famine.** “Investigation of the Ukrainian Famine, 1932–1933: Report to Congress (22 April 1988), chapter VI, “The American Response to the Famine”, excerpt pp. 167–176.” garethjones.org.

[301] **Louis Fischer.** ““Hearst’s Russian Famine”, The Nation (13 March 1935), datelined New York, 4 March.” garethjones.org.

[302] **Stanislav Kulchytsky.** ““Why Did Stalin Exterminate the Ukrainians? Comprehending the Holodomor. The Position of Soviet Historians” (2005), reproduced in The Holodomor Reader, scholarship extract, printed pp. 26–30.” holodomor.ca.

[303] **National Museum of the Holodomor-Genocide.** ““Історія, збережена у «цифрі»”: оцифровано аудіокасети зі свідченнями про Голодомор (25 June 2025).” holodomormuseum.org.ua.

[304] **Beatrice Webb.** “typescript diary, entry of 9 April 1932, PASSFIELD/1/2/10, LSE Digital Library.” digital.library.lse.ac.uk.

[305] **Jars Balan.** ““Rhea Clyman: A Forgotten Canadian Eyewitness to the Hunger of 1932”, in Women and the Holodomor-Genocide: Victims, Survivors, Perpetrators, edited by Victoria Malko, 2019.” holodomor.ca.

[306] **Rhea G. Clyman.** ““Children Lived on Grass / Only Food in Farm Area / Grain Taken From Them”, Toronto Evening Telegram, 16 May 1933, pp. 1, 36; transcription in Jars Balan’s Ukraina Moderna documentary selection.” uamoderna.com.

[307] **David Vessey.** ““First-hand Accounts? Walter Duranty, William Henry Chamberlin and Eugene Lyons as Moscow Correspondents in the 1930s”, Journalism Studies 24, no. 2 (2023), pp. 209–225.” doi.org.

[308] **William Henry Chamberlin.** ““Famine proves potent weapon in Soviet policy”, Christian Science Monitor, 29 May 1934; reprint in The Ukrainian Weekly (1983).” subscription.ukrweekly.com.

[309] **Natalia A. Feduschak.** ““New Chapters in the Ukrainian-Jewish Relationship Explored at Canada’s Limmud FSU (Part 1) – Rhea Clyman”, Ukrainian Jewish Encounter, 19 April 2017.” ukrainianjewishencounter.org.

[310] **Jars Balan.** “2017 Toronto Annual Famine Lecture, “Tell the Kremlin we are starving; we have no bread!” Rhea Clyman’s 1932 Odyssey through the “Famine Lands” of Ukraine, 28 November 2017.” holodomor.ca.

[311] **Ukrainian Institute of National Memory.** “1915 – народився Микола Лемик, член ОУН.” uinp.gov.ua.

[312] **Volodymyr Birchak.** “Убити одного, щоб врятувати мільйони. Атентат Миколи Лемика (21 October 2018).” istpravda.com.ua.

[313] **A. Markoff.** “Famine in USSR (Paris: Russian Commercial Institute, 1933).” archive.org.

[314] **Ewald Ammende.** “Muss Russland hungern? Menschen- und Völkerschicksale in der Sowjetunion (Vienna, 1935), photographs 10 and 20.” garethjones.org.

[315] **Maxim Gorky, L. Averbakh and S. G. Firin, editors.** “Беломорско-Балтийский канал им. Сталина: История строительства (1934), Russian State Library catalogue.” search.rsl.ru.

[316] **Maxim Gorky, L. Averbakh and S. G. Firin, editors; Amabel Williams-Ellis, English editor.** “Belomor (1935), digitised English text.” redstarpublishers.org.

[317] **Vatnik Soup.** ““MICE” (Soup 183, 21 May 2023).” vatniksoup.com.

[318] **Merriam-Webster.** “Fellow traveler: definition and word history.” merriam-webster.com.

[319] **Yurko Romanovych Shvets.** “Letter to Hryhorii Petrovsky on procurement and hunger, September 1932 (Ukrainian transcription).” lib.chmnu.edu.ua.

[320] **Vatnik Soup.** “Debunk of the Day 4: Whataboutism (1 February 2026).” vatniksoup.com.

[321] **Ukrainian state archives / TsDAVO.** “Register of documentary heritage, fond 1, entry 176: letter of Yu. R. Shvets, 15 September 1932.” old.archives.gov.ua.

[322] **Aleksandr Volgarev.** “On the Holodomor in Ukraine, statement at the OSCE Permanent Council, 24 November 2022.” osce.org.

[323] **Russian Ministry of Foreign Affairs.** “Holodomor statement attributed to Maria Zakharova, 30 November 2022.” twitter.com.

[324] **British Council UK Films Database.** “Mr. Jones (2019), film credits and synopsis.” filmsandfestivals.britishcouncil.org.

[325] **WestEnd Films.** “Mr. Jones (2019), official distributor synopsis.” westendfilms.com.

[326] **Oni Press.** “In the Shadow of Stalin: The Story of Mr. Jones, by Andrea Chalupa and Ivan Rodrigues (2024).” onipress.com.

[327] **Samuel Goldwyn Films.** “Mr. Jones: official press materials and theatrical poster.” samuelgoldwynfilms.com.

O apagamento do Estado e da cultura ucranianos

[328] **Encyclopedia of Ukraine.** “Petr Valuev and the 1863 restrictions on Ukrainian publishing.” encyclopediaofukraine.com.

[329] **Encyclopedia of Ukraine.** “Ems Ukase (1876): restrictions on Ukrainian publishing, imports and public performance.” encyclopediaofukraine.com.

[330] **Human Rights Watch.** “Education under Occupation: Forced Russification of the School System in Occupied Ukrainian Territories (20 June 2024).” hrw.org.

[331] **Український інститут національної пам’яті.** “Були елітою нації: до роковин розстрілів в урочищі Сандармох.” uinp.gov.ua.

[332] **United Nations General Assembly.** “Territorial integrity of Ukraine, Resolution 68/262 (27 March 2014).” docs.un.org.

[333] **International Court of Justice.** “Ukraine v. Russian Federation, provisional-measures order (16 March 2022).” api.icj-cij.org.

[334] **Verkhovna Rada of Ukraine.** “Declaration concerning genocide committed by the Russian Federation in Ukraine, Resolution 2188-IX (14 April 2022).” zakon.rada.gov.ua.

[335] **Encyclopedia of Ukraine.** “Central Rada.” encyclopediaofukraine.com.

[336] **Encyclopedia of Ukraine.** “Ukrainian National Republic.” encyclopediaofukraine.com.

[337] “Act of Unification of the Ukrainian People’s Republics (1919).” en.wikipedia.org.

[338] **Encyclopedia of Ukraine.** “Ukrainization in the 1920s and its Stalinist reversal.” encyclopediaofukraine.com.

[339] **Radan Lášek / ÚSTR.** “Obrana Podkarpatské Rusi (Paměť a dějiny, 2009/1).” ustrcr.cz.

[340] **Jiří Plachý / Vojenský historický ústav.** “Poválečné zbavení obyvatel Podkarpatské Rusi československého státního občanství.” vhu.cz.

[341] **Czech Ministry of Foreign Affairs.** “Pozbytí území Podkarpatské Rusi.” mzv.gov.cz.

[342] **Museum of the Occupation of Latvia.** “The Three Occupations of Latvia, 1940–1991: Soviet and Nazi Take-Overs and Their Consequences (2005), chapter Soviet–Nazi Collaboration, 1939–1941.” mfa.gov.lv.

[343] “Soviet occupation and annexation of the Baltic states.” en.wikipedia.org.

[344] **Museum of the Occupation of Latvia.** “Occupation, deportation and resistance, exhibition guide.” okupacijasmuzejs.lv.

[345] **Latvian Ministry of Foreign Affairs.** “The end of the Second World War and the continued occupation of the Baltic states.” mfa.gov.lv.

[346] **Latvian Embassy in Germany.** “Ambassador Alda Vanaga on the March 1949 Baltic deportations.” www2.mfa.gov.lv.

[347] **CVCE.** “The Zhdanov Doctrine and the Cominform.” cvce.eu.

[348] **US Department of State.** “Soviet domination of Czechoslovakia, assessment of 1949.” history.state.gov.

[349] **Ukrainian Institute of National Memory.** “Акт Злуки: unification of the Ukrainian republics in 1919.” unr.uinp.gov.ua.

[350] **Encyclopedia of Ukraine.** “Ukrainian Soviet Socialist Republic: formation, Moscow control and the 1922 union.” encyclopediaofukraine.com.

[351] **Czech Ministry of Defence.** “Vzpomínka na Jáchymovské peklo potřiadvacáté (25 May 2012).” mocr.mo.gov.cz.

[352] **Czech National Heritage Institute.** “Hornický region Erzgebirge/Krušnohoří: Jáchymov and the Red Tower of Death.” npu.cz.

[353] **ÚSTR.** “Tábory nucené práce, 1948–1954: administrative forced-labour camps.” ustrcr.cz.

[354] **Ústav pamäti národa.** “Zoznam osôb odvlečených do gulagov: Czechoslovak civilians deported to Soviet forced labour.” upn.gov.sk.

[355] **Ukrainian Institute of National Memory.** “Operation West, October 1947: deportation of resistance families and labour allocation.” uinp.gov.ua.

[356] **Oleh Bazhan.** “Операція «Захід», Local History (21 October 2021).” localhistory.org.ua.

[357] **Marta Craveri / INED, European Memories of the Gulag.** “Супротив у таборах: Ukrainian prisoners and camp resistance.” gulagmemories.eu.

[358] **Moscow Patriarchate.** “Statements of September 1943, Журнал Московской Патриархии no. 1 (12 September 1943), pp. 5, 6, 11, 16; translated in Seventeen Moments in Soviet History.” seventeenmoments.web.illinois.edu.

[359] **Ukrainian Greek Catholic Church / Taras Bublyk.** ““The Lviv Pseudo-Council of 1946: The History of the Russian World’s Special Operation” (30 May 2024).” ugcc.ua.

[360] **Russian Orthodox Church.** “Journals of the Holy Synod, 7 June 2022, journal no. 59 (Department for External Church Relations).” mospat.ru.

[361] **UN Human Rights Office.** “Report on the Human Rights Situation in Ukraine, 1 September–30 November 2024 (31 December 2024), paragraphs 70–73, printed pp. 16–17.” ukraine.ohchr.org.

[362] **Cordell Hull.** “Memorandum of conversation with Franklin D. Roosevelt, Harry Hopkins and Soviet ambassador Constantine Oumansky (11 September 1941), FRUS 1941, volume I, document 778, pp. 832–834.” history.state.gov.

[363] **Sumner Welles to William Phillips.** “Telegram on religious freedom in the Soviet Union (31 July 1941), FRUS 1941, volume I, document 955.” history.state.gov.

[364] **Kathryn David.** ""At the Kremlin in 1943" / "How Stalin enlisted the Orthodox Church to help control Ukraine", Aeon (13 March 2023)." aeon.co.

[365] **Elbridge Durbrow to the Secretary of State.** "Telegram reporting Soviet recognition of Israel (18 May 1948), FRUS 1948, volume V, part 2, document 286." history.state.gov.

[366] **Joshua Rubenstein.** ""Jewish Anti-Fascist Committee", The YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe (2010)." encyclopedia.yivo.org.

[367] **Patriarch Kirill.** "Sermon after the liturgy at the Alexander Nevsky Skete (25 September 2022), official Moscow Patriarchate publication." patriarchia.ru.

[368] **World Russian People's Council.** ""The Present and Future of the Russian World": mandate of the XXV Council, approved 27 March 2024 under Patriarch Kirill, official Moscow Patriarchate publication." patriarchia.ru.

[369] **World Russian People's Council.** ""Наказ XXV Всемирного русского народного собора «Настоящее и будущее Русского мира»" (27 March 2024), full-text republication in Biblioteka Arkhivarius." biblioteka-arhivarius.ru.

[370] **World Council of Churches.** ""WCC 'cannot reconcile' World Russian People's Council decree describing Ukraine conflict as 'Holy War'" (12 April 2024)." oikoumene.org.

[371] **Liberpedia.** "Kremlinism/Genocide." en.liberpedia.org.

[372] **USSR State Defence Committee.** "Resolution No. 5859-ss, "On the Crimean Tatars" (11 May 1944)." nkvd.tomsk.ru.

[373] **Ukrainian Institute of National Memory.** ""18 травня – День пам'яті жертв депортації кримськотатарського народу" (18 May 2021)." uinp.gov.ua.

[374] **UNESCO.** "Ornek, a Crimean Tatar ornament and knowledge about it, Representative List of the Intangible Cultural Heritage of Humanity (2021)." ich.unesco.org.

[375] **Office of the UN High Commissioner for Human Rights.** "Ten Years of Occupation by the Russian Federation: Human Rights in the Autonomous Republic of Crimea and the City of Sevastopol, Ukraine (28 February 2024)." ukraine.ohchr.org.

[376] **East SOS.** ""Ukrainian Literature Banned: Evidence from the Temporarily Occupied Territories by East SOS" (30 September 2025)." east-sos.org.

[377] **International Criminal Court, Pre-Trial Chamber II.** ""Situation in Ukraine: ICC judges issue arrest warrants against Vladimir Vladimirovich Putin and Maria Alekseyevna Lvova-Belova" (17 March 2023)." icc-cpi.int.

[378] **Office of the UN High Commissioner for Human Rights.** "Human rights situation during the Russian occupation of territory of Ukraine and its aftermath, 24 February 2022 to 31 December 2023 (20 March 2024)." ukraine.ohchr.org.

[379] **Mykola Zhulynsky.** ""Дзюба Іван Михайлович", Encyclopedia of Modern Ukraine, volume 7 (2007; online revision September 2026)." esu.com.ua.

[380] **Vladimir Putin.** ""On the Historical Unity of Russians and Ukrainians" (12 July 2021), original Kremlin English URL." en.kremlin.ru.

[381] **Vladimir Putin.** ""On the Historical Unity of Russians and Ukrainians" (12 July 2021), English text reproduced by New Cold War on 19 July 2021." newcoldwar.org.

[382] **Vladimir Lenin.** "Telegram to Yevgenia Bosch, 9 August 1918." marxists.org.

[383] **Oleg Khlevnyuk.** ""The Economy of the OGPU, NKVD, and MVD of the USSR, 1930–1953", in The Economics of Forced Labor: The Soviet Gulag (2003), pp. 43–66." hoover.org.

[384] **OGPU.** "Order No. 130/63, "On the Organisation of the OGPU Camp Administration", 25 April 1930." document.wikireading.ru.

[385] **Mikhail Morukov.** ""The White Sea–Baltic Canal", in The Economics of Forced Labor: The Soviet Gulag (2003), pp. 151–162." hoover.org.

[386] **Nicolas Werth.** ""The NKVD Mass Secret Operation No. 00447, August 1937–November 1938" (24 May 2010)." sciencespo.fr.

[387] **OHCHR.** "The impact of the armed conflict and occupation on children's rights in Ukraine, 24 February 2022 — 31 December 2024 (21 March 2025)." ukraine.un.org.

[388] **Sergej Sumlenny.** "Soviet Antisemitism, thread of 16 May 2021." twitter.com.

[389] **Sergej Sumlenny.** "Thread on the Soviet antisemitic legacy, 6 October 2023." twitter.com.

[390] **Izabella Tabarovsky.** "Soviet Anti-Semitic Cartoons, Tablet, 6 June 2019." tabletmag.com.

[391] **Aleksandr Dugin.** "Основы геополитики (1997), Part V, sections 4.4 and 5.6." grachev62.narod.ru.

[392] **Тимофей Сергейцев.** "Что Россия должна сделать с Украиной (RIA Novosti, 3 April 2022)." web.archive.org.

[393] **Izyum district party bureau.** "On work with settlers, 31 May 1934 (museum reproduction)." bbc.com.

[394] **N. I. Yezhov.** "NKVD Operational Order No. 00447, 30 July 1937, with M. I. Frinovsky's covering note; published primary text." istmat.org.

[395] **Germany and the USSR.** “Treaty of Nonaggression, 23 August 1939 (Molotov–Ribbentrop Pact), Avalon Project.” avalon.law.yale.edu.

[396] **Czechoslovakia and the USSR.** “Treaty concerning the Trans-Carpathian Ukraine, 29 June 1945; UN Treaty Series, vol. 504, No. 607.” treaties.un.org.

[397] **George F. Kennan to the US Secretary of State.** “Subcarpathian Ruthenia and Communist control, 25 January 1945; FRUS 1945, vol. IV, document 506.” history.state.gov.

[398] **Roy Rosenzweig Center for History and New Media, George Mason University.** “Gulag: Many Days, Many Lives, introductory exhibition transcript.” gulaghistory.org.

[399] **Yale Humanitarian Research Lab.** “Intentional, Systematic, & Widespread: Russia’s Program of Coerced Adoption and Fostering of Ukraine’s Children (3 December 2024).” medicine.yale.edu.

[400] **Independent International Commission of Inquiry on Ukraine.** ““I am still looking for my daughter”: crimes against humanity committed by Russian authorities against children from Ukraine, A/HRC/61/CRP.8 (9 March 2026).” ohchr.org.

[401] **Meduza.** “Lvova-Belova’s statement on Mariupol children’s attitudes being transformed into “love for Russia” (28 September 2022).” meduza.io.

[402] **Vatnik Soup.** ““Patriarch Kirill” (22 November 2022).” vatniksoup.com.

[403] **Vatnik Soup.** ““Russian Orthodox Church” (6 March 2024).” vatniksoup.com.

[404] **Vatnik Soup.** ““Degenerate Russia 1: Religious persecution” (18 March 2025).” vatniksoup.com.

[405] **Vatnik Soup.** ““Genocide in Donbas” (8 January 2023).” vatniksoup.com.

[406] **Vatnik Soup.** ““Aleksandr Dugin (REBREW)” (4 April 2025).” vatniksoup.com.

[407] **Vatnik Soup.** ““Vladimir Putin” (21 June 2023).” vatniksoup.com.

[408] **Vatnik Soup.** ““Genocide in Ukraine” (7 November 2022).” vatniksoup.com.

[409] **UN Secretary-General.** “Situation of human rights in the temporarily occupied territories of Ukraine, including the Autonomous Republic of Crimea and the city of Sevastopol, A/80/315 (6 August 2025).” ukraine.ohchr.org.

[410] **Presidential Commissioner for Children’s Rights of the Russian Federation.** “annual activity report for 2022, “Помощь детям Донбасса”, p. 117.” deti.gov.ru.

[411] **Paige Farrenkopf, Caitlin N. Howarth, Nathaniel A. Raymond et al., Yale Humanitarian Research Lab.** “Ukraine’s Stolen Children: Inside Russia’s Network of Re-Education and Militarization (16 September 2025).” ysph.yale.edu.

[412] **Эмпатия Манучи.** “Мария Львова-Белова: развод, свадьба, дети, Гаага (October 2025 video interview).” rutube.ru.

[413] **Юлия Сабаева, ОстроВ.** “Уполномоченная РФ по правам ребенка Львова-Белова: «Я украла мариупольского ребенка» (21 October 2025).” ostro.org.

[414] **National Assembly of Czechoslovakia.** “Act No. 247/1948 on forced-labour camps, 25 October 1948, sections 2–3.” zakonyprolidi.cz.

[415] **Library of Congress.** “Revelations from the Russian Archives: Repression and Terror (Stalin in Control; Kirov Murder and Purges).” loc.gov.

[416] **Paul R. Gregory.** ““Martyred for Communism”, adapted from Politics, Murder, and Love in Stalin’s Kremlin: The Story of Nikolai Bukharin and Anna Larina (Hoover Press, 2010).” hoover.org.

[417] **John Barber and Mark Harrison.** ““Patriotic War, 1941 to 1945”, in The Cambridge History of Russia, vol. 3 (2006), pp. 217–242; author postprint.” warwick.ac.uk.

[418] **Hoover Institution.** ““Enemy Of The State” (3 February 2016), excerpt from One Day We Will Live Without Fear: Everyday Lives Under the Soviet Police State.” hoover.org.

[419] **Marc Jansen and Nikita Petrov.** “Stalin’s Loyal Executioner: People’s Commissar Nikolai Ezhov, 1895–1940 (Hoover Institution Press, 2002), chapter 4, “The Great Terror”, pp. 79–111.” hoover.org.

[420] **Marc Jansen and Nikita Petrov.** “Stalin’s Loyal Executioner: People’s Commissar Nikolai Ezhov, 1895–1940 (Hoover Institution Press, 2002), chapter 8, “Enemy of the People”, pp. 181–193.” hoover.org.

[421] **Gill Bennett / UK Foreign Office Historians.** “What’s the Context? 20 December 1917: formation of the Cheka, the first Soviet security and intelligence agency.” history.blog.gov.uk.

[422] **Iain Lauchlan.** “The Okhrana: security policing in late imperial Russia (author manuscript, 2005).” dspace.stir.ac.uk.

[423] **Moscow city memorial-plaques register.** “Felix Dzerzhinsky at 11 Bolshaya Lubyanka, April 1918–December 1920.” um.mos.ru.

[424] **A. I. Kokurin and N. V. Petrov.** “Лубянка. Органы ВЧК-ОГПУ-НКВД-НКГБ-МГБ-МВД-КГБ. 1917-1991 (documentary handbook, 2003).” docs.historyrussia.org.

[425] **Federal Security Service of the Russian Federation.** “official website and Bolshaya Lubyanka contact address.” fsb.ru.

[426] **Russian Historical Society.** “Sergey Naryshkin unveils a monument to Felix Dzerzhinsky, 11 September 2023.” historyrussia.org.

[427] **Vladimir Putin interviewed by Sergey Slyusarenko.** “Putin, Kommersant, 30 July 1998.” kommersant.ru.

[428] **Monument to Felix Dzerzhinsky, Moscow.** “original Lubyanka monument and the 2023 replica.” en.wikipedia.org.
[429] **Bundesarchiv, Bild 102-00032.** “Felix Dzerzhinsky, portrait, 1923.” commons.wikimedia.org.
[430] **Vladimir Lenin at Gorki, 1923.** “photograph with Anna Yelizarova-Ulyanova and one of his doctors.” commons.wikimedia.org.
[431] **The Metropolitan Museum of Art.** “Faking It: Manipulated Photography Before Photoshop, Politics and Persuasion.” metmuseum.org.
[432] **Nikolai Yezhov with Stalin, Molotov and Voroshilov, 1937.** “original photograph record.” commons.wikimedia.org.
[433] **Stalin, Molotov and Voroshilov, 1937.** “retouched photograph with Yezhov removed.” commons.wikimedia.org.
[434] **Vladimir Ivanov.** “interview on the Dzerzhinsky replica at SVR headquarters, Podyom, 11 September 2023.” pdmnews.ru.
[435] **Moskva 24.** “restoration director Sergey Balyasnikov on the Dzerzhinsky monument, 9 December 2013.” m24.ru.
[436] **Moskovsky Komsomolets.** “Neizvestnye fakty o pamyatnike Dzerzhinskomu, 24 June 2015.” mk.ru.
[437] **Gorbachev Foundation.** “Mikhail Gorbachev: biography; USSR presidency, March 1990–December 1991.” gorby.ru.
[438] **George H. W. Bush.** “Statement on the Attempted Coup in the Soviet Union, 19 August 1991 (American Presidency Project transcript).” presidency.ucsb.edu.
[439] **Liberpedia.** “Aleksandr Dugin: Russian quotations and source links.” en.liberpedia.org.
[440] **NEWSru.com.** “Calls to dismiss Aleksandr Dugin after his ANNA-News interview.” classic.newsru.com.
[441] **Aleksandr Dugin.** “ANNA-News call for killing, preserved video extract.” liberpedia.net.
[442] **Roman in Ukraine.** “Contemporary reproduction of Aleksandr Dugin’s genocide post, 25 August 2014.” romaninukraine.com.
[443] **Aleksandr Dugin.** “VK post, August 2014.” vk.com.
[444] **Aleksandr Dugin.** “Discussion with Western journalists, March 2022: preserved full English recording.” commons.wikimedia.org.
[445] **Aleksandr Dugin.** “Original publication of the March 2022 discussion.” youtube.com.
[446] **CBS News, 60 Minutes.** “Dugin’s geopolitical programme, 12 April 2022.” cbsnews.com.
[447] **United Nations.** “Commission concludes that deportation and forcible transfer of Ukrainian children and enforced disappearances amount to crimes against humanity, 12 March 2026.” ukraine.un.org.
[448] **Vladimir Putin.** “Address of18March2014 on Crimea.” en.kremlin.ru.
[449] **Vladimir Putin.** “Address at the30September2022 annexation ceremony.” en.kremlin.ru.
[450] **ОстроВ.** “Сепаратист Губарєв: Якщо українці не захочуть ставати росіянами – ми їх усіх вб’ємо,11October2022.” ostro.org.
[451] **ОстроВ.** “Сепаратист Губарев: Если украинцы не захотят становиться русскими – мы их всех убьем,11October2022.” ostro.org.
[452] **Pavel Gubarev.** “Video excerpt embedded by The Ukrainian Tribune.” youtube.com.
[453] **RTVI.** “Бывшего «народного губернатора» ДНР Павла Губарева задержали у здания суда после ареста Стрелкова.” rtvi.com.
[454] **Council of the European Union.** “Decision (CFSP) 2023/572, entry 82: Pavel Gubarev.” eur-lex.europa.eu.
[455] **The Moscow Times.** “«Основателя ДНР» обвинили в дискредитации российской армии, 18 February 2026.” ru.themoscowtimes.com.
[456] **Library of Congress.** “Soviet Independent Press, 1987–1992: glasnost and perestroika.” guides.loc.gov.
[457] **Stanislav Kulchytsky.** “The Ukrainian Holodomor against the Background of the Communist Onslaught, 1929–1938.” holodomor.ca.
[458] **Ukrainian Institute of National Memory.** “The 1 December1991 independence referendum.” uinp.gov.ua.
[459] **Viktor Kotyhorenko.** “Націотворчий потенціал суспільних криз в Україні, Наукові записки3–4(83–84),2016, p.160: official1991 regional referendum results.” ipiend.gov.ua.
[460] “Budapest Memorandum on Security Assurances,5December1994, UNTS3007,I-52241.” treaties.un.org.
[461] “WeaponizingArchitecture —1991 Ukrainian independence referendum map geometry, CC BY4.0.” commons.wikimedia.org.
[462] **OHCHR.** “Killings of Civilians: Summary Executions and Attacks on Individual Civilians in Kyiv, Chernihiv and Sumy Regions,7December2022.” ohchr.org.
[463] **OHCHR.** “Forced Displacement from Territory of Ukraine Occupied by the Russian Federation,20March2026.” ukraine.ohchr.org.
[464] “Vatnik Soup226 —2014 Odesa clashes,19September2023.” vatniksoup.com.

A fome como arma

[465] **Council of the European Union.** “Sixteenth sanctions package, including vessels transporting stolen Ukrainian grain (24 February 2025).” consilium.europa.eu.

[466] **UN Human Rights Monitoring Mission in Ukraine.** “Protection of Civilians in Armed Conflict, March 2026 (10 April 2026).” ukraine.ohchr.org.

[467] **Alex de Waal and Bridget Conley.** ““Hunger als Kriegswaffe”, Aus Politik und Zeitgeschichte / bpb (3 January 2020).” bpb.de.

[468] **Bellingcat Investigation Team and Lloyd’s List.** ““Russia’s Smuggled Grain Finds New Market in Saudi Arabia” (12 December 2025).” bellingcat.com.

[469] **United Nations.** ““Ukraine: UN Chief on Black Sea Grain Initiative — Media Stakeout” (17 July 2023), official video publication.” youtube.com.

[470] **UN Human Rights Monitoring Mission in Ukraine.** ““The UN Human Rights Office warned of the far-reaching human rights consequences of the attacks by the Russian Federation on Ukraine’s grain infrastructure” (23 August 2023).” ukraine.un.org.

[471] **United Nations.** “Operational update from the Office of the UN Coordinator for the Black Sea Grain Initiative (15 July 2023).” ungeneva.org.

[472] **OTR.** “Пленарное заседание XXV Петербургского международного экономического форума, 17 June 2022; Kremlin transcript.” otr-online.ru.

[473] **Vatnik Soup.** “Margarita Simonyan, Soup 36, 7 December 2022.” vatniksoup.com.

[474] **Minval Politika.** “dated repost of Simonyan’s famine statement, 21 June 2022.” t.me.

[475] **Halya Coynash / Kharkiv Human Rights Protection Group.** “Chief Russian propagandist: “All our hope is pinned on famine”, 24 June 2022.” khpg.org.

[476] **RT.** “РТ поздравил европейцев с Рождеством видеороликом про «сказку о хомячке», 23 December 2022.” russiatoday.ru.

[477] **Dmitry Chernobrov.** “Strategic Humor and Post-Truth Public Diplomacy, CPD Perspectives, Paper 3, November 2023.” uscpublicdiplomacy.org.

Leis russas sobre a história e política da memória

[478] **Russian Ministry of Foreign Affairs.** “Official channel post of 17 March 2026 quoting Medvedev’s article of 24 December 2025.” t.me.

[479] **Wilson Center.** “Khrushchev at his Most Khrushchevian (2011).” wilsoncenter.org.

[480] **Leszek Kołakowski.** “Main Currents of Marxism, Book Three, chapter XIII, §1: De-Stalinization (one-volume pp. 1148–1153; related digital text).” djvu.online.

[481] **Nikita Khrushchev.** “On the Cult of Personality and Its Consequences (25 February 1956; abridged English selection).” marxists.org.

[482] **Bertrand M. Patenaude / Hoover Institution Library & Archives.** “America to the Starving People of Russia.” hoover.org.

[483] **Herbert Hoover.** “On Russian Famine Relief in 1921–1923 (statement of 2 July 1959, printed pp. 64–65; includes Soviet acknowledgement of 10 July 1923).” hoover.archives.gov.

[484] **Jacob D. Beam.** “Telegram from Moscow, 4 April 1953, FRUS 1952–1954, volume VIII, document 577: collapse of the Doctors’ Plot.” history.state.gov.

[485] **Deutsche Welle.** ““Wall of Grief confronts Stalin-era crimes” (30 October 2017).” amp.dw.com.

[486] **Meduza.** ““На «Таганской» в Москве открыли горельеф со Сталиным — и тут началось” (19 May 2025).” meduza.io.

[487] **Reuters, Moscow bureau.** ““Extracts from Putin’s speech on Ukraine” (21 February 2022), syndicated by KFGO.” kfgo.com.

[488] **Human Rights Watch.** “Russia’s Legislative Minefield: Tripwires for Civil Society since 2020 (7 August 2024), section VII, Censoring Historical Debate.” hrw.org.

[489] **Russian Federation.** “Federal Law No. 278-FZ of 1 July 2021, adding Article 6.1 to the law commemorating Soviet victory, reproduced by Garant.” base.garant.ru.

[490] **Amnesty International.** ““Russia: Closure of human rights group highlights accelerating attacks on civil society” (29 December 2021).” amnesty.org.

[491] **Kommersant.** ““В Мариуполе демонтировали памятник «Жертвам голодомора»” (19 October 2022).” kommersant.ru.

[492] **Nikita Khrushchev.** “Speech to the Twentieth Congress of the CPSU, 25 February 1956 (unabridged English archive transcription).” marxists.org.

[493] **National Museum of the Holodomor-Genocide.** “A monument to the Holodomor victims was destroyed in occupied Luhansk (18 July 2024).” holodomormuseum.org.ua.

[494] **Christopher Hitchens.** “Unmitigated Galloway, contemporary reproduction of I’m Not the Only One.” washingtonexaminer.com.
[495] **Jackson Hinkle.** “Interview with Alex Jones, 9 November 2023, original video.” banned.video.
[496] **Knowledge Fight 870.** “Contemporary excerpts from the 9 November 2023 Hinkle interview.” podscripts.co.
[497] **Nick Fuentes.** “America First 1590, 4 November 2025, archived show transcript.” fight.fudgie.org.
[498] **Radio Svoboda.** “Shattered Stalin bust brought to Zaporizhzhia Holodomor memorial, 25 November 2017.” radiosvoboda.org.
[499] **Iryna Balachuk, Ukrainska Pravda.** “Lenin installed in occupied Henichesk, 18 April 2022.” pravda.com.ua.
[500] **KPRF.** “Stalin bust opened in Melitopol, 8 May 2025.” kprf.ru.
[501] **Tochka, Ivan Zheyanov.** “Restalinization, 1 October 2023.” pointmedia.io.
[502] **Agentstvo.** “Stalin monuments in Russia opened at twice the rate, 27 May 2025.” agents.media.
[503] **Serhii Plokhii.** “The Revolt of the Center, Goodbye Lenin, Harvard MAPA (2017).” gis.huri.harvard.edu.
[504] **Ukrainian Institute of National Remembrance.** “Lenin removals during decommunisation.” old.uinp.gov.ua.
[505] **Катерина Коваленко / Tribun.** “Росіяни спалюють українські книжки на окупованій Луганщині, — Східний (12 April 2024).” tribun.com.ua.
[506] **Vatnik Soup.** “May 9: Soviet-Nazi collaboration (Soup 352, 9 May 2025).” vatniksoup.com.
[507] **Vatnik Soup.** “Degenerate Russia: Nazi vatniks (Soup 395, 16 August 2026).” vatniksoup.com.
[508] **Internet Encyclopedia of Ukraine.** “Khrushchev, Nikita.” encyclopediaofukraine.com.
[509] **US Department of State, Office of Intelligence Research.** ““Khrushchev Reaches Top After Long, Steady Rise”, report 6839, 17 February 1955 (FRUS 1955–1957, volume XXIV, document 8).” history.state.gov.
[510] “Mark Kramer. “Why Did Russia Give Away Crimea Sixty Years Ago?” Wilson Center, CWIHP e-Dossier No. 47, 19 March 2014.” wilsoncenter.org.
[511] “Treaty of Friendship, Cooperation and Partnership between Ukraine and the Russian Federation, 31 May 1997, Article 2.” zakon.rada.gov.ua.
[512] “Treaty between Ukraine and the Russian Federation on the Ukrainian-Russian State Border, Kyiv, 28 January 2003.” zakon.rada.gov.ua.
[513] “Russian Federal Law No. 24-FZ of 22 April 2004, ratifying the Russian-Ukrainian State Border Treaty; signed V. Putin.” consultant.ru.
[514] “United Nations Treaty Collection. Ukraine–Russian Federation State Border Treaty, UNTS vol. 3161, No. 54132.” treaties.un.org.
[515] “Internews Ukraine. Ре-візія історії: російська історична пропаганда та Україна (2019), p. 22, note 55.” internews.ua.
[516] “Vatnik Soup No. 203. “Elon Musk (part 2)”, 29 June 2023.” vatniksoup.com.
[517] “Elon Musk. Crimea proposal using “Khrushchev’s mistake”, Twitter post, 3 October 2022, status 1576969255031296000.” twitter.com.
[518] “Vatnik Soup No. 189. “Roger Waters”, 29 May 2023.” vatniksoup.com.
[519] “Sky News. “Pink Floyd star Roger Waters addresses UN at Russia’s request after denying incendiary claims in row with ex-bandmate”, 9 February 2023.” news.sky.com.
[520] **Charles E. Bohlen.** “Minutes of the Roosevelt–Churchill–Stalin dinner, Tehran, 29 November 1943.” history.state.gov.
[521] **United States and Soviet Union.** “Agreement concerning liberated prisoners of war and civilians, Yalta, 11 February 1945.” history.state.gov.
[522] **State–War–Navy Coordinating Committee.** “Memorandum and forced-repatriation directive, 21 December 1945.” history.state.gov.
[523] **Robert Murphy and Parker W. Buhrman.** “Dachau repatriation report, 14 February 1946, enclosing report of 28 January 1946.” history.state.gov.
[524] **US District Court for the District of Columbia.** “Wolfe v. Froehlke, 358 F. Supp. 1318, 1 June 1973.” law.justia.com.
[525] **William C. Bullitt.** ““How We Won the War and Lost the Peace”, LIFE, 30 August 1948, p. 94.” books.google.com.
[526] **Laurence A. Steinhardt.** “Telegram on Stalin’s proposals to Finland, Moscow, 13 October 1939, FRUS 1939, vol. I, document 1065.” history.state.gov.
[527] **United States Military Academy, Department of Military Art and Engineering.** “The Soviet-Finnish War, 1939–1940 (1948 edition; July 1941 foreword), historical background and operations.” ibiblio.org.
[528] **Laurence A. Steinhardt.** “Telegram on Soviet recognition of Kuusinen’s Finnish government, Moscow, 2 December 1939, FRUS 1939, vol. I, document 1125.” history.state.gov.
[529] **League of Nations.** “Council resolution expelling the USSR, 14 December 1939, Official Journal 1939, p. 506; Assembly resolution p. 540.” ibiblio.org.
[530] **Oleg V. Khlevniuk.** “Stalin: New Biography of a Dictator (2015; English paperback 2017).” yalebooks.yale.edu.

[531] **Stephen Kotkin.** “Stalin: Paradoxes of Power, 1878–1928 (2014; paperback 2015).” penguin.co.uk.
[532] **Simon Sebag Montefiore.** “Stalin: The Court of the Red Tsar (2003; paperback 2021).” weidenfeldandnicolson.co.uk.
[533] **Richard Overy.** “The Dictators: Hitler’s Germany and Stalin’s Russia (2004; paperback 2005).” penguin.co.uk.
[534] **Roger Moorhouse.** “The Devils’ Alliance: Hitler’s Pact with Stalin, 1939–1941 (2014; UK paperback 2016).” penguin.co.uk.
[535] **Constantine Pleshakov.** “Stalin’s Folly, author’s published extract in Russian Life, 1 May 2005.” russianlife.com.
[536] **Martin Amis.** “Koba the Dread: Laughter and the Twenty Million (2002; paperback 2003).” penguin.co.uk.
[537] **Simon Sebag Montefiore.** “Stalin: The Court of the Red Tsar, publisher’s chapter-one extract, “The Georgian and the Schoolgirl”.” penguinrandomhousehighereducation.com.
[538] **Allan Todd.** “History for the IB Diploma Paper 3: The Soviet Union and Post-Soviet Russia, 1924–2000, Cambridge publisher extract.” assets.cambridge.org.
[539] **Hoover Institution.** “Stephen Kotkin Presents New Biography of Stalin, 29 January 2015.” hoover.org.
[540] **Stephen Kotkin.** “Why Does Joseph Stalin Matter?, Hoover Uncommon Knowledge, recorded 25 January 2018.” hoover.org.
[541] **Oleg V. Khlevniuk.** “The New Biography of a Dictator, Yale University Press extract, 16 October 2017.” yalebooks.yale.edu.
[542] **Jonathan Brent.** “Doctors’ Plot, YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe.” encyclopedia.yivo.org.
[543] **Simon Sebag Montefiore.** “Young Stalin: published author extract, The Bank Robbery.” penguinrandomhousehighereducation.com.
[544] **Nicholas Bethell.** “The Last Secret of World War II, reprinted in the Congressional Record, 20 August 1974, pp. 29460–29462.” congress.gov.
[545] **Jeremy Murray-Brown.** “A footnote to Yalta, The New Criterion, October 1992.” bu.edu.
[546] **Stalin, Batum police photograph, 1902.** “original Wikimedia Commons reproduction.” commons.wikimedia.org.
[547] **Churchill, Roosevelt and Stalin at the Yalta Conference.** “U.S. Army photograph, NARA 531340.” commons.wikimedia.org.
[548] **Serhii Plokhii.** “Lenin Falls, Goodbye Lenin, Harvard MAPA (2017).” gis.huri.harvard.edu.
[549] **Niels Ackermann and Sébastien Gobert.** “Looking for Lenin (FUEL, 2017).” fuel-design.com.
[550] **Niels Ackermann.** “Looking for Lenin, with Sébastien Gobert (official photographic project).” nack.ch.
[551] **Fisheye Magazine.** “Niels Ackermann: Looking for Lenin, 4 July 2017.” fisheyemagazine.fr.
[552] **Harvard Mapping Cultural Space Across Eurasia.** “Raining Lenins, map of dated removals, December 2013–October 2014.” eurasia.omeka.fas.harvard.edu.
[553] **OONI / Roskomsvoboda.** “How Internet censorship changed in Russia during the 1st year of military conflict in Ukraine, 24 February 2023.” ooni.org.
[554] **РБК.** “Песков признался в использовании VPN, 2 April 2022.” rbc.ru.
[555] **Прокуратура Санкт-Петербурга.** “Новое в законе: борьба с кибермошенничеством, контроль над финансовыми операциями и персональными данными, 17 September 2025.” epp.genproc.gov.ru.
[556] **Manchester Guardian.** “Report, 17 March 1956.” theguardian.com.
[557] **Hoover Institution.** “The Speech That Shook the World (2006).” hoover.org.
[558] **US Department of State.** “Release of Khrushchev’s Secret Speech, 4 June 1956 (FRUS 1955–1957, volume IX, document 199).” history.state.gov.
[559] **Wikiwlh.** “Polish edition of Khrushchev’s Secret Speech, Warsaw, March 1956 (photograph, 2017).” commons.wikimedia.org.
[560] **Serhii Plokhii.** “Goodbye Lenin: A Memory Shift in Revolutionary Ukraine, Harvard MAPA, full paper.” gis.huri.harvard.edu.
[561] **Vatnik Soup.** “Censorship and VPNs.” vatniksoup.com.
[562] **Stéphane Courtois and Marc Lazar.** “Histoire du Parti communiste français (2nd ed., 2000).” search.worldcat.org.
[563] **Library of Congress.** “Leszek Kołakowski: Kluge Prize biography.” loc.gov.
[564] **Bert Verhoeff / Anefo.** “Leszek Kołakowski, Amsterdam, 9 March 1971 (portrait crop).” commons.wikimedia.org.
[565] **Grigory Goldstein.** “Lenin addressing troops in Moscow, 5 May 1920 (photograph record).” commons.wikimedia.org.
[566] **Marxists Internet Archive.** “Lenin making a speech in Sverdlov Square, 5 May 1920.” marxists.org.
[567] **Arlen Blum.** “«Путешествие» Оруэлла в страну большевиков: documentary chronicle (2003).” orwell.ru.
[568] **David Remnick.** “Soviets Will Publish 1984 (The Washington Post, 13 May 1988).” washingtonpost.com.

[569] **George Orwell.** “Избранное (Mir, Moscow, 1989): edition and colophon record.” orwell.ru.
[570] **Bundesarchiv, Bild183-H27337.** “Stalin und Ribbentrop im Kreml,23August1939.” commons.wikimedia.org.
[571] **Embassy of Israel in the Czech Republic.** “Bilateral Relations.” embassies.gov.il.
[572] **ČT24, Historie.cs.** “Přítel Izrael.” ct24.ceskatelevize.cz.
[573] **National Archives of the Czech Republic.** “Slánský.” na.gov.cz.
[574] **Michal Frankl, YIVO Encyclopedia.** “Slánský Trial.” encyclopedia.yivo.org.
[575] **Vatnik Soup.** “Euromaidan: The Revolution of Dignity (Soup 123, 13 March 2023).” vatniksoup.com.
[576] **Vatnik Suppe.** “Maidan-Revolution (Suppe 123, German translation).” vatniksoup.com.
[577] **Vatnik Soup.** “Euromaidan: Revolution of Dignity (Historical Memory Dossier, forthcoming).” vatniksoup.com.
[578] **FIDH.** “Russia: “Crimes Against History” (June 2021), no. 770a.” fidh.org.
[579] **FIDH.** “Russie : « Crimes contre l’histoire » (juin 2021), no 770f.” fidh.org.
[580] **European Court of Human Rights.** “Kashapov and Others v. Russia (15 May 2025), application 17942/17, Luzgin, appendix entry 22.” hudoc.echr.coe.int.
[581] **European Court of Human Rights.** “Suprun and Others v. Russia (18 June 2024; final 18 September 2024).” hudoc.echr.coe.int.
[582] **PEN International.** “Yuri Alexeyevich Dmitriev: case record.” pen-international.org.
[583] **UN Special Procedures.** “Communication AL RUS 10/2020 concerning Yuri Dmitriev and Sandarmokh (26 January 2021).” spcommreports.ohchr.org.
[584] **United States Holocaust Memorial Museum.** “World War II: Key Dates.” encyclopedia.ushmm.org.
[585] **Michael Thumann.** “Ein Zweitschlag auf San Francisco. Danach eingelegte Gurken (Die Zeit,23 May2025).” zeit.de.
[586] **Bunker-42.** “Contacts / separate visitor entrance.” bunker42.com.
[587] **Бункеры Москвы.** “Бункер-42 на Таганке. Достоверная история спецобъекта.” bunkermoscow.ru.
[588] **Max Weber Stiftung.** “Stellungnahme der Max Weber Stiftung zur Listung des Deutschen Historischen Instituts Moskau als „unerwünschte Organisation“ in Russland.” maxweberstiftung.de.
[589] **Max Weber Stiftung.** “Geschichte,2024entry: closure decision for DHI Moscow.” maxweberstiftung.de.
[590] **MI5.** “Klaus Fuchs.” mi5.gov.uk.
[591] **Harvey Klehr and John Earl Haynes.** “On the Trail of a Fourth Soviet Spy at Los Alamos (Studies in Intelligence63/3, September2019).” cia.gov.
[592] **SÚRAO.** “Bratrství repository: forced labour at the former Jáchymov uranium mine.” surao.gov.cz.
[593] **Volkovgeology JSC.** “Company history: the1948 expedition and the Kurday uranium deposit.” vg.kz.
[594] **International Agency for Research on Cancer.** “SEMI-NUC: About SEMI-NUC.” semi-nuc.iarc.fr.

Livros

[595] **Anne Applebaum.** “Red Famine: Stalin’s War on Ukraine.” anneapplebaum.com.
[596] **Timothy Snyder.** “Bloodlands: Europe Between Hitler and Stalin.” hachettebookgroup.com.
[597] **Serhii Plokhy.** “The Gates of Europe: A History of Ukraine.” hachettebookgroup.com.
[598] **Timothy Snyder.** “Black Earth: The Holocaust as History and Warning.” penguinrandomhouse.com.
[599] **Eugene Finkel.** “Intent to Destroy: Russia’s Two-Hundred-Year Quest to Dominate Ukraine.” hachettebookgroup.com.
[600] **Serhii Plokhy.** “The Russo-Ukrainian War.” penguin.co.uk.
[601] **Robert Conquest.** “The Harvest of Sorrow: Soviet Collectivization and the Terror-Famine.” global.oup.com.
[602] **Stephen Kotkin.** “Stalin: Waiting for Hitler, 1929–1941.” penguinrandomhouse.com.
[603] **Yaroslav Hrytsak.** “Ukraine: The Forging of a Nation.” hachette.co.uk.
[604] **Jade McGlynn.** “Memory Makers: The Politics of the Past in Putin’s Russia.” bloomsbury.com.
[605] **Timothy Snyder.** “The Road to Unfreedom: Russia, Europe, America.” penguinrandomhouse.com.
[606] **Anne Applebaum.** “Gulag: A History.” anneapplebaum.com.
[607] **Richard Pipes.** “Russia Under the Bolshevik Regime.” penguinrandomhouse.com.
[608] **R. W. Davies and Stephen G. Wheatcroft.** “The Years of Hunger: Soviet Agriculture, 1931–1933.” link.springer.com.
[609] **Sarah Cameron.** “The Hungry Steppe: Famine, Violence, and the Making of Soviet Kazakhstan.” academic.oup.com.
[610] **Terry Martin.** “The Affirmative Action Empire: Nations and Nationalism in the Soviet Union, 1923–1939.” jstor.org.
[611] **Bohdan Klid and Alexander J. Motyl, editors.** “The Holodomor Reader: A Sourcebook on the Famine of 1932–1933 in Ukraine.” holodomor.ca.

[612] **Ian Ona Johnson.** “Faustian Bargain: The Soviet–German Partnership and the Origins of the Second World War.” amazon.co.uk.
[613] **Sean McMeekin.** “Stalin’s War: A New History of World War II.” hachettebookgroup.com.
[614] **Roger Moorhouse.** “The Devils’ Alliance: Hitler’s Pact with Stalin, 1939–1941.” hachettebookgroup.com.
[615] **Stephen Koch.** “Double Lives: Stalin, Willi Münzenberg, and the Seduction of the Intellectuals (revised and updated edition, 2004).” books.google.com.
[616] **Sheila Fitzpatrick.** “Stalin’s Peasants: Resistance and Survival in the Russian Village after Collectivization.” academic.oup.com.
[617] **Pekka Kallioniemi and Morten Hammeken.** “Vatnik Soup: The Ultimate Guide to Russian Disinformation.” vatniksoup.com.
[618] **Stéphane Courtois.** “Lénine, l’inventeur du totalitarisme (2024).” lisez.com.
[619] **Stéphane Courtois, editor, with Nicolas Werth and other contributors.** “Le livre noir du communisme (1997).” bnfa.fr.
[620] **Nicolas Werth.** “Un État contre son peuple. De Lénine à Poutine (2025).” lesbelleslettres.com.
[621] **Thierry Wolton.** “Histoire mondiale du communisme, vol. I, Les bourreaux (2015).” grasset.fr.
[622] **Thierry Wolton.** “Une histoire mondiale du communisme, vol. III, Les complices (2017).” grasset.fr.
[623] **Thierry Wolton.** “Histoire mondiale du communisme, vol. II, Les victimes (Grasset, 2015).” grasset.fr.
[624] **Piotr R. Frankowski.** “The Secret Red Alliance: How the Soviet Union Planned to Use Germany to Take Over the World (forthcoming, Pen & Sword Military).” pen-and-sword.co.uk.

Memória e memoriais do Holodomor

[625] **Office of the President of Ukraine.** “Holodomor Remembrance Day 2019 in Kyiv: Bitter Memory of Childhood.” commons.wikimedia.org.
[626] **Office of the President of Ukraine.** “Holodomor Remembrance Day 2020 in Kyiv: offerings at the memorial.” commons.wikimedia.org.
[627] **DixonD.** “Holodomor Remembrance Day 2013 in Lviv: candles and ears of grain.” commons.wikimedia.org.
[628] **DixonD.** “Holodomor Remembrance Day 2013 in Lviv: candlelight detail.” commons.wikimedia.org.
[629] **National Museum of the Holodomor-Genocide.** “Restored and Intact: Statue of Girl with Ears of Grain Is Back.” holodomormuseum.org.ua.
[630] **TSN.** “Коли життя дешевше хліба: Україна вшановує пам’ять жертв Голодомору, 26 November 2011.” tsn.ua.
[631] **Президент України.** “Указ № 1310/98, 26 листопада 1998 року.” zakon.rada.gov.ua.
[632] **Holodomor Museum Fund.** “Project history.” holodomor-museum-fund.org.

Créditos das imagens

p. 1 — Memória amarga da infância: gravura da capa. Gravura da capa: «Memória amarga da infância». Fotografias de referência: President.gov.ua, 23 de novembro de 2019 e 28 de novembro de 2020, CC BY 4.0. Capa: interpretação em gravura com assistência de IA, convertida para uma escala de cinzentos neutra.
pp. 2, 153 — Tropas russas a sair de Lviv com os despojos, 22 de junho de 1915. Tropas russas a sair de Lviv com os despojos, 22 de junho de 1915, postal austro-húngaro, artista desconhecido, imagem editada.
p. 5 — Memória amarga da infância, Kyiv, 23 de novembro de 2019. President.gov.ua. Fotografia de referência, CC BY 4.0; fotografia sem alterações.
p. 10 — Refugiados cazaques a regressar à região de Pavlodar, 1932. Dmitry Bagaev, «The Return», 1932, PKM 651. Casa-Museu de D. P. Bagaev / Museu Regional de Pavlodar. Fonte e identificação arquivística. Imagem integral preservada.
p. 11 — Marco memorial, Almaty, 30 de junho de 2009. Ds02006, ALAGolod.jpg, 30 de junho de 2009. Colocada no domínio público pelo fotógrafo. Fotografia sem alterações.
p. 14 — Lenine na Praça Sverdlov, Moscovo, 5 de maio de 1920. Grigory Goldstein, 5 de maio de 1920. Identificação da fotografia e registo de domínio público; legenda datada da fotografia. Reprodução sem alterações.
p. 16 — Yakov Guminer, Aritmética do contraplano, 1931. Yakov Guminer, 1931; IZOGIZ, Moscovo–Leninegrado. Cartaz e registo de domínio público; catálogo do Museu Alabin, КП-17673/81/27. Reprodução sem alterações.
p. 17 — Carro de cereais com a faixa «O primeiro pão para o Estado». Fotografia histórica; fotógrafo não identificado. Faixa em ucraniano: «ПЕРШИЙ ХЛІБ ДЕРЖАВІ».
p. 18 — Efetivos pecuários soviéticos antes e depois da coletivização. Gráfico redesenhado por Vatnik Soup a partir dos totais arredondados da União Soviética citados por Stephen Kotkin, «If Stalin Had Died…», 6 de novembro de 2014. A comparação entre o antes e o depois segue a sua descrição da transformação de 1928–33; as datas das séries individuais podem variar.
p. 19 — Camponês! Entrega as tuas armas ao soldado do Exército Vermelho, 1919. Vasily N. Kostyanitsyn (1881–1940), 1919. Litografia a cores, Moscovo, Departamento de Literatura e Edição da Administração Política do Conselho Militar Revolucionário. Biblioteca Estatal Russa, 01006567374; Wikimedia Commons, reprodução de obra de arte em domínio público. Original integral de 3 977 × 6 022.
p. 20 — Explorações agrícolas estatais e empresas colocadas na lista negra, 1932–1933. Instituto de Investigação Ucraniana da Universidade de Harvard, MAPA Digital Atlas of Ukraine. Mapa selecionado integralmente preservado.
p. 21 — A fome obriga os camponeses a migrar, 1933. Alexander Wienerberger, 1933; estampa 10 em Ewald Ammende, Muss Russland hungern? (1935). Digitalização: Nigel Colley; registo na Wikimedia Commons.
p. 23 — Vítimas da fome, Kharkiv, 1933, Álbum Innitzer. Alexander Wienerberger, primavera–verão de 1933. Álbum Innitzer (1934), p. 9, PD 10, Arquivo Diocesano de Viena. HREC Holodomor Photo Directory. Folha integral do álbum preservada a partir da digitalização de 8 703 × 6 242 píxeis.
p. 23 — Oleksandra Radchenko. Retrato reproduzido pelo Instituto Ucraniano da Memória Nacional e por Istorychna Pravda; fotógrafo não identificado.
p. 24 — Estimativa de mortes em excesso na Ucrânia soviética por ano, 1932–34. Vatnik Soup. Gráfico redesenhado a partir de Omelian Rudnytskyi, Nataliia Levchuk, Oleh Wolowyna, Pavlo Shevchuk e Alla Kovbasiuk, Demography of a Man-Made Human Catastrophe (2015), Quadro 6, p. 65. Mortes anuais em excesso; exclui nascimentos perdidos.
p. 25 — Excesso de mortalidade por região na Ucrânia soviética, 1932–1934. Redesenhado para Vatnik Soup. MAPA Digital Atlas of Ukraine, Ukrainian Research Institute, Harvard University. © 2018 The President and Fellows of Harvard College. Dados: Oleh Wolowyna, Omelian Rudnytskyi, Nataliia Levchuk, Pavlo Shevchuk, Alla Kovbasiuk.
p. 25 — O cemitério coletivo — um mar de dunas, 1933. Alexander Wienerberger, 1933; estampa 20 em Ewald Ammende, Muss Russland hungern? (1935). Digitalização: Nigel Colley; registo na Wikimedia Commons.
p. 26 — Rapariga e cabra, Kharkiv, 1933. Fotografia de Kharkiv, 1933: Alexander Wienerberger, rapariga e cabra; Coleção Innitzer, Arquivo Diocesano de Viena. Registo de domínio público na Wikimedia Commons; imagem integral preservada.
p. 27 — Ucrânia, 1932: cereais suficientes para evitar a fome. Vatnik Soup. Gráfico original a partir de Markevich, Naumenko e Qian, The Causes of Ukrainian Famine Mortality, 1932–33 (2024/2025), Quadro 1 e secção 3. Produção de cereais e requisições estatais; bases populacionais diferentes para os equivalentes diários. A quantidade retida não corresponde ao consumo medido.
p. 28 — Exportações soviéticas de cereais, 1929–1933. Gráfico de dispersão de Vatnik Soup a partir da linha «Хлебные культуры» em TsUNKhU do Gosplan, *СССР в цифрах*, Moscovo, 1935, pp. 574–575, tabela 5. Digitalização da fonte. Totais da URSS em toneladas; cinco pontos anuais unidos por segmentos retos.
p. 28 — Exportações soviéticas dos principais produtos, 1926/27–1933. TsUNKhU do Gosplan, *СССР в цифрах* (*USSR in Figures*), Moscovo, 1935, pp. 574–575. Digitalização alojada pela Liberpedia; registo do ficheiro original. Imagem integral de duas páginas preservada sem alterações.
p. 30 — Mykola Lemyk. Mykola Lemyk, fotógrafo e data não identificados. Retrato reproduzido no artigo de Volodymyr Birchak «Убити одного, щоб врятувати мільйони. Атентат Миколи Лемика», 21 de outubro de 2018.
p. 31 — Famine en U.R.S.S., 1933. Russian Economic Bulletin; mapa que acompanha A. Markoff, Famine in USSR (Paris, 1933). Reprodução integral na Wikimedia Commons.
p. 32 — New York Evening Post, excerto da primeira página, 29 de março de 1933. H. R. Knickerbocker, *New York Evening Post*, 29 de março de 1933. Excerto original da primeira página fornecido pelo arquivo da família de Gareth Jones; reproduzido sem alterações.
p. 33 — Linha de montagem da fábrica da Ford em Moscovo, 6 de novembro de 1930. Das coleções de The Henry Ford. Donativo da Ford Motor Company. «Assembly Line at Ford Motor Company Moscow Plant, 1930», data do tema representado: 6 de novembro de 1930; THF25098, objeto P.O.5827. Imagem disponibilizada pelo museu integral.
p. 34 — Casas em Arthurdale, junho de 1935. Walker Evans, «Homes. Arthurdale project. Reedsville, West Virginia», junho de 1935. Biblioteca do Congresso, Divisão de Gravuras e Fotografias, LC-DIG-fsa-8c52916; LC-USF342-000840-A. Registo do objeto, coleção FSA/OWI, sem restrições conhecidas.
p. 35 — Quem vencerá quem? Alcançar e ultrapassar, cartaz soviético, 1929. Primeiro Coletivo da Associação dos Artistas da Revolução (AKhR); artista individual não identificado. Cartaz preparado a partir de material do Gosplan sob a direção editorial do Glavpolitprosvet, [1929]. Biblioteca Estatal Russa, 01008529874; registo na Wikimedia Commons, assinalado como domínio público. Reprodução integral sem alterações.
p. 36 — Walter Duranty, retrato publicado em 1919. Retrato publicado em *The Literary Digest History of the War*, 1919, p. x; Funk & Wagnalls, compilação de Francis Whiting Halsey. Fotógrafo não identificado. Registo do ficheiro na Wikimedia Commons, domínio público nos Estados Unidos; imagem sem alterações.
p. 37 — Friedrich August von Hayek, retrato não datado. Retrato disponibilizado pelo Mises Institute (DickClarkMises), via Wikimedia Commons, CC BY-SA 3.0; imagem sem alterações.
p. 39 — Walter Duranty, Russians Hungry, But Not Starving, 31 de março de 1933. Walter Duranty, «Russians Hungry, But Not Starving», *The New York Times*, 31 de março de 1933, p. 13. Recorte de jornal reproduzido sem alterações. Artigo original, The New York Times; transcrição arquivada.
p. 41 — Gareth Jones, Famine Rules Russia, Evening Standard, 31 de março de 1933. Gareth Jones, «Famine Rules Russia», *Evening Standard*, 31 de março de 1933. Recorte original fornecido pelo arquivo da família de Gareth Jones; imagem integral reproduzida sem alterações. Autor da fotografia inserida não identificado.
p. 42 — Mr. Jones: cartaz oficial do filme (2019). Cartaz oficial de *Mr. Jones* (2019), realizado por Agnieszka Holland. Imagem: materiais de imprensa da Samuel Goldwyn Films.
p. 42 — In the Shadow of Stalin: The Story of Mr. Jones: capa (2024). Capa de *In the Shadow of Stalin: The Story of Mr. Jones* (Oni Press, 2024), de Andrea Chalupa, ilustrado por Ivan Rodrigues. Imagem: Oni Press.
p. 46 — Raphael Lemkin (1900–1959). Fotografia não datada. American Jewish Historical Society, Raphael Lemkin Collection, P-154, Box 1, Folder 15, Photograph 6. Imagem digital: Center for Jewish History, via Wikimedia Commons. Fotografia não datada; fotógrafo não identificado. Declaração institucional de direitos no Flickr Commons: sem restrições de direitos de autor conhecidas. Imagem integral preservada.
p. 55 — Vladimir Lenine em Gorki, 1923. Vladimir Lenine em Gorki, 1923. Fotografia atribuída a Maria Ulyanova no registo do ficheiro na Wikimedia Commons; domínio público. Reprodução sem alterações.
p. 56 — Felix Dzerzhinsky, 1923. Felix Dzerzhinsky, 1923: Bundesarchiv, Bild 102-00032; fotógrafo não identificado. Wikimedia Commons, CC BY-SA 3.0 Alemanha; imagem recortada.
p. 57 — Réplica de Dzerzhinsky na sede do SVR, 2023. Fotografia da inauguração na sede do SVR, Yasenevo, Moscovo, 11 de setembro de 2023; fotógrafo não identificado. Registo da cerimónia, Sociedade Histórica Russa. Fotografia reproduzida na íntegra sem alterações.
p. 58 — Ordem de enforcamento de Lenine, 11 de agosto de 1918: ambas as páginas do manuscrito original. V. I. Lenine. Biblioteca do Congresso, Revelations from the Russian Archives: página 1, página 2. Reproduções arquivísticas integrais, sem alterações.

p. 59 — Estaline, fotografia policial de Batum, 1902. Administração da Gendarmaria de Batum, fotografia policial, 1 de abril de 1902; fotógrafo não identificado. Arquivo II da Academia do Ministério da Administração Interna da Geórgia (antigo IMEL), conforme identificado no registo da Wikimedia Commons; aí reproduzida a partir de Ronald Grigor Suny, Stalin: Passage to Revolution (2020), estampa 18. Reprodução em domínio público; recortada para remover o suporte da fotografia.
p. 61 — Retrato de Estaline e página de rosto do livro sobre o Canal do Mar Branco–Báltico, 1934. Fotógrafo não identificado. A página de rosto de 1934 representada indica Maxim Gorky, L. L. Averbakh e S. G. Firin como organizadores. Fotografia integral, sem alterações.
p. 63 — Yezhov removido da fotografia do Canal Moscovo–Volga. Versões original e retocada da fotografia do Canal Moscovo–Volga, 1937; fotógrafo não identificado. Provas relacionadas: David King Collection, registo da exposição do Metropolitan Museum. Original e versão retocada, registos de domínio público na Wikimedia Commons. Comparação reproduzida na íntegra sem alterações adicionais.
p. 65 — Imagens antissemitas no desfile do Primeiro de Maio em Moscovo, 1 de maio de 1972. © Vladimir Sichov. Moscovo, 1 de maio de 1972. Fotografia identificada pela legenda e pela atribuição direta ao fotógrafo em Izabella Tabarovsky, «Soviet Anti-Semitic Cartoons», Figura 1. Original preservado.
p. 66 — «Na mesma atrelagem»: caricatura soviética antissemita e antiucraniana. Caricatura soviética ucraniana, «В одній упряжці» («Na mesma atrelagem»). Artista e data da publicação original não identificados. Reproduzida na publicação de Sergej Sumlenny de 6 de outubro de 2023, preservada por Thread Reader, publicação 9. Imagem de origem integral.
p. 68 — Estaline e Ribbentrop no Kremlin, Moscovo, 23 de agosto de 1939. Bundesarchiv, Bild 183-H27337; fotógrafo não identificado. Registo da fotografia de arquivo, CC BY-SA 3.0 Alemanha. Reprodução preservada sem alterações adicionais.
p. 71 — Churchill, Roosevelt e Estaline em Ialta, fevereiro de 1945. Corpo de Transmissões do Exército dos EUA. Churchill, Roosevelt e Estaline na Conferência de Ialta, Palácio de Livadia, fevereiro de 1945. National Archives, 531340, 111-SC-260486; reprodução na Wikimedia Commons. Fotografia do Governo federal dos EUA em domínio público; imagem integral sem alterações.
p. 72 — Estaline a sorrir e a acenar, Moscovo, 1 de maio de 1946. Keystone. Praça Vermelha, 1 de maio de 1946. Reprodução fotográfica limpa publicada por Watson. Imagem original descarregada preservada.
p. 74 — Trigo e céu nas cores nacionais da Ucrânia. Ilustração de trigo e céu; autor não identificado.
p. 75 — Enrolamento de seda no Japão, c. 1910. Bibliotecas da Universidade de Victoria. «Reeling Silk in Large Skeins», Japão, c. 1910; diapositivo fotográfico em chapa de vidro, colorido à mão. Fotógrafo não identificado. Reprodução na Wikimedia Commons, com a indicação sem restrições de direitos de autor conhecidas; imagem integral sem alterações.
p. 79 — Placa em memória de Ludwig von Mises, Lviv. Placa em memória de Mises, Lviv, fotografia datada de 2015: Фотографії старого Львова. Fotógrafo não identificado.
p. 81 — Ludwig von Mises, Economic Calculation in the Socialist Commonwealth, edição de 2014. Mises Institute. Capa do editor.
p. 82 — F. A. Hayek, Individualism and Economic Order, edição da University of Chicago Press. University of Chicago Press. Capa do editor.
p. 83 — Amartya Sen em Colónia, 28 de novembro de 2007. Amartya Sen em Colónia, 28 de novembro de 2007. Fotografia: Elke Wetzig (Elya). Wikimedia Commons, CC BY-SA 3.0.
p. 83 — Amartya Sen, Poverty and Famines. Amartya Sen, *Poverty and Famines*. Edição inglesa, Oxford University Press. Oxford University Press / Apple Books.
p. 83 — Amartya Sen, Development as Freedom. Amartya Sen, *Development as Freedom*. Edição de capa mole da Vintage, 2000. Penguin Random House.
p. 85 — Leszek Kołakowski, Amesterdão, 9 de março de 1971. Bert Verhoeff / Anefo, Nationaal Archief, 924-3417, 9 de março de 1971. Retrato recortado via Wikimedia Commons, CC BY-SA 3.0 Países Baixos. Recorte existente reproduzido sem alterações adicionais.
p. 90 — Escritores da VAPLITE, Kharkiv, 1926–1927. Fotógrafo desconhecido. Fotografia de grupo da VAPLITE, Wikimedia Commons.
p. 92 — Edição polaca do discurso secreto de Khrushchev, Varsóvia, março de 1956. Fotografia de Wikiwlh, 25 de fevereiro de 2017, Wikimedia Commons, CC BY-SA 4.0. Impressão polaca para uso interno do Partido, Varsóvia, março de 1956. Fotografia original integral sem alterações.
p. 93 — Marcha em memória do Holodomor, Winnipeg, 1983. Arquivo fotográfico do Winnipeg Free Press, registo 48934.
p. 94 — Da perestroika à independência — 1991. WeaponizingArchitecture, CC BY 4.0. Apoio à independência por região, 1 de dezembro de 1991. Percentagens regionais arredondadas; o resultado nacional publicado foi de 90,32%. Central Electoral Commission / Kuras Institute, p. 160. Vatnik Soup: novas cores, legendas e título.
p. 96 — Instrução do secretariado do partido do distrito de Izyum, 31 de maio de 1934. Reprodução do Museu do Holodomor, publicada com a reportagem da BBC Ukrainian de 2 de junho de 2015; os sublinhados a vermelho são uma anotação editorial posterior.
p. 98 — Mulheres tártaras da Crimeia, postal do início do século XX. Postal publicado por Granbergs Konstindustri Aktiebolags Förlag, Estocolmo; fotógrafo não identificado. Registo do ficheiro na Wikimedia Commons, fotografia de domínio público; imagem original integral preservada sem alterações.
p. 98 — Traje tradicional tártaro da Crimeia, Ucrânia, 2021. Beyé Shevkiyeva, fotografia de traje tradicional tártaro da Crimeia, CC BY-SA 4.0; fotografia original sem alterações.
p. 101 — Volodymyr Zelenskyy, Bucha, 4 de abril de 2022. Ronaldo Schemidt / AFP via Getty Images, imagem 1239740939, 4 de abril de 2022. Original de maiores dimensões reproduzido por The Kyiv Independent; 6 340 × 3 972 píxeis, preservado sem alterações.
p. 103 — Margarita Simonyan sobre a fome como «toda a nossa esperança», 17 de junho de 2022. Fórum Económico Internacional de São Petersburgo, 17 de junho de 2022. Fotograma com a marca UkraineWorld e legendas em inglês, reproduzido sem alterações adicionais. Transcrição russa, OTR/Kremlin; republicação datada do vídeo.
p. 104 — O «Natal de 2023» imaginado no sketch de propaganda da RT. RT. Fotograma do sketch de Natal citado no texto, com o logótipo da RT e o texto original no ecrã em inglês e russo. Captura integral reproduzida sem alterações adicionais.
p. 107 — Pavel Gubarev: seis fotogramas, outubro de 2022. Seis fotogramas integrais de um vídeo com a marca Russian Media Monitor, com legendas em inglês e a marca original Военкор Котенок Z. Orador: Pavel Gubarev. Fotogramas originais reproduzidos sem recortes nem alterações; a citação completa encontra-se transcrita na legenda adjacente. Notícia contemporânea datada; vídeo.
p. 110 — Maria Lvova-Belova. Fotograma de um excerto de vídeo da UNITED24 com legendas em inglês. Fotograma com a marca UNITED24, rótulos e legendas em inglês. O excerto atribui as imagens de base a «russian media». Captura integral reproduzida sem alterações adicionais.
p. 112 — Negação do Holodomor pelo MNE russo, 30 de novembro de 2022. Ministério dos Negócios Estrangeiros da Rússia, @mfa_russia, 30 de novembro de 2022. Captura de ecrã.
p. 113 — Recriação do relevo em homenagem a Estaline na estação de metro Taganskaya, em Moscovo, inaugurada a 15 de maio de 2025. Evgenia Novozhenina / Reuters. Fotografia integral reproduzida sem alterações.
p. 115 — Contagem de novos monumentos a Estaline. Gráfico de Vatnik Soup a partir de Tochka e Agentstvo.
p. 116 — Vagas de remoção de monumentos a Lenine. Gráfico de Vatnik Soup a partir de Harvard MAPA e do Instituto Ucraniano da Memória Nacional.
p. 117 — Lenine transformado em Darth Vader, Odesa, 21 de novembro de 2015. © Niels Ackermann / Lundi13, Odesa, 21 de novembro de 2015, de *Looking for Lenin*, com Sébastien Gobert. Fotografia publicada e legenda; fotografia sem alterações.
p. 117 — Remoções registadas de estátuas de Lenine, dezembro de 2013–outubro de 2014. «Raining Lenins», Mapping Cultural Space Across Eurasia, Universidade de Harvard, «Mapa da Ucrânia com as datas e os locais de todas as estátuas de Lenine derrubadas desde 2013». Mapa existente reproduzido na íntegra; a legenda original abrange dezembro de 2013 a outubro de 2014.
p. 118 — O pedestal vazio de Lenine, Kyiv, 8 de dezembro de 2013. Pohorynsky, Good Bye, Lenin! (01).JPG, 8 de dezembro de 2013, CC BY-SA 3.0. Fotografia integral preservada.
p. 118 — Busto de Estaline destruído, Zaporizhzhia, 25 de novembro de 2017. Mykyta Dolinnikov / Facebook, reproduzida por UNIAN, 25 de novembro de 2017. Fotografia preservada sem alterações.
p. 118 — Lenine instalado sob ocupação, Henichesk, abril de 2022. Hennadiy Maliukov / Facebook, reproduzida por Ukrainska Pravda, 18 de abril de 2022. Imagem integral preservada.
p. 118 — Busto de Estaline inaugurado sob ocupação, Melitopol, 8 de maio de 2025. Serviço de imprensa do KPRF. Relato do organizador, 8 de maio de 2025; fotografia reproduzida por Ukrainska Pravda. Fotografia integral do busto preservada.
p. 121 — Manuais escolares ucranianos queimados, segundo relatos da região ocupada de Luhansk. Fotografia publicada pelo canal de Telegram Skhidnyi (@samotniyskhid), reproduzida em Tribun, 12 de abril de 2024.
p. 122 — Manuais russos e narrativa da anexação numa escola em Borova, novembro de 2022. © 2022 Human Rights Watch. Fotografias tiradas em Borova, região de Kharkiv, em novembro de 2022; Education under Occupation, 20 de junho de 2024. A página de história fotografada reproduz o discurso de Putin de 18 de março de 2014. CC BY-NC-ND 3.0 US.
p. 124 — Volodymyr e Olena Zelenskyy junto ao memorial, 23 de novembro de 2024. Presidente da Ucrânia, homenagem às vítimas do Holodomor, 23 de novembro de 2024, fotografia 460849. Imagem original de 1 280 × 853, sem alterações. Aviso do sítio: CC BY-NC-ND 4.0.
p. 126 — Velas em memória do Holodomor, Lviv. Velas de homenagem, Lviv, 23 de novembro de 2013: DixonD, Wikimedia Commons, CC BY-SA 3.0; fotografia sem alterações.

VATNIK SOUP / DOSSIÊ DE MEMÓRIA HISTÓRICA

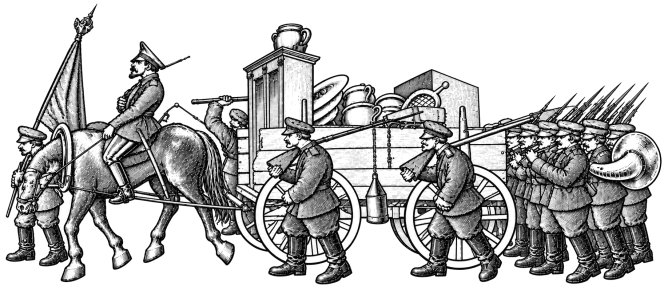
N.º 1

O genocídio do Holodomor

Dossiê de Memória Histórica da Vatnik Soup

Novembro de 2026

A verdade importa. A história importa. A memória importa. Na Vatnik Soup, realizamos investigação rigorosa e desmascaramos a propaganda do Kremlin usada para justificar a agressão e a ocupação, recorrendo também a exemplos da história para combater o revisionismo vatnik.



Tropas russas a sair de Lviv com o saque, 22 de junho de 1915.



Vatnik SOUP

www.vatniksoup.com

Porque fazemos sopa

Sobre a Vatnik Soup

Apoie o nosso trabalho

Todos os Dossiês de Memória Histórica